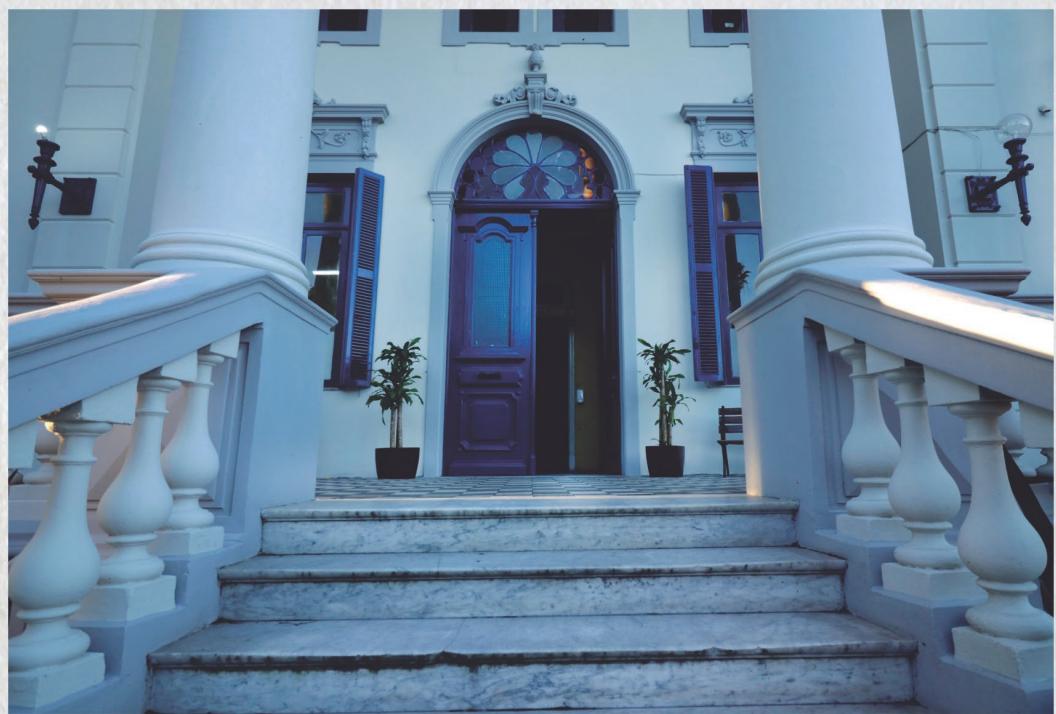


# UMA CASA CHAMADA LEIGA

OS 60 ANOS DA MEDICINA - UFPel



Lorena Almeida Gill



#### **Reitoria**

Reitora: *Isabela Fernandes Andrade*  
Vice-Reitora: *Ursula Rosa da Silva*  
Chefe de Gabinete: *Aline Ribeiro Paliga*  
Pró-Reitora de Ensino: *Maria de Fátima Cossio*  
Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação: *Flávio Fernando Demarco*  
Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Eraldo dos Santos Pinheiro*  
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: *Paulo Roberto Ferreira Júnior*  
Pró-Reitor Administrativo: *Ricardo Hartlebem Peter*  
Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação: *Julio Carlos Balzano de Mattos*  
Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Rosane Maria dos Santos Brandão*  
Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

---

#### **Conselho Editorial**

Presidente do Conselho Editorial: *Ana da Rosa Bandeira*  
Representantes das Ciências Agrárias: *Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner* (TITULAR)  
Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: *Eder João Lenardão* (TITULAR), *Daniela Hartwig de Oliveira* e *Aline Joana Rolim Wohlmuth Alves dos Santos*  
Representantes da Área das Ciências Biológicas: *Rosangela Ferreira Rodrigues* (TITULAR), *Francieli Moro Stefanello* e *Marli Piumbini Rocha*  
Representantes da Área das Engenharias: *Reginaldo da Nóbrega Tavares* (TITULAR), *Cláudio Martin Pereira de Pereira* e *Jairo Valões de Alencar Ramalho*  
Representantes da Área das Ciências da Saúde: *Fernanda Capella Rugno* (TITULAR), *Jucimara Baldissarelli* e *Zayanna Christina Lopes Lindôso*  
Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: *Daniel Lena Marchiori Neto* (TITULAR), *Bruno Rotta Almeida* e *Marislei da Silveira Ribeiro*  
Representantes da Área das Ciências Humanas: *Charles Pereira Pennaforte* (TITULAR), *Silvana Schimanski* e *William Daldegan de Freitas*  
Representantes da Área das Linguagens e Artes: *Chris de Azevedo Ramil* (TITULAR), *Daniel Soares Duarte* e *Luís Fernando Hering Coelho*

---

Lorena Almeida Gill

# UMA CASA CHAMADA LEIGA

OS 60 ANOS DA MEDICINA - UFPEL

PELOTAS, RS | 2023



Filiada à ABEU

Rua Benjamin Constant, 1071 - Porto  
Pelotas, RS - Brasil  
Fone +55 (53)3284 1684  
editora.ufpel@gmail.com

**Seção de Pré-Produção**

*Isabel Cochrane*  
Administrativo  
*Suelen Aires Böttge*  
Administrativo

**Seção de Produção**

*Preparação de originais*  
*Eliana Peter Braz*  
Administrativo

*Catalogação*

*Madelon Schimmelpfennig Lopes*  
Administrativo

*Projeto gráfico e diagramação*  
*Fernanda Figueiredo Alves*  
*Carolina Abukawa (Bolsista)*

*Revisão textual*

*Anelise Heidrich*  
Assistente de Revisão  
*Suelen Aires Böttge*  
Administrativo

**Seção de Pós-Produção**

*Marisa Helena Gonsalves de Moura*  
Administrativo  
*Eliana Peter Braz*  
Administrativo

**Projeto Gráfico & Capa**

*Valder Valeirão*

*Design assistente e diagramação*  
*Kim Valeirão*

*Imagen da capa*  
*Valder Valeirão*

*Imagen da quarta capa*  
*Acervo NDH-UFPel*

*Revisão textual*  
*Fabiola Weykamp*

G475c Gill, Lorena Almeida  
Uma casa chamada Leiga [recurso eletrônico]: os 60 anos da  
Medicina - UFPel / Lorena Almeida Gill – Pelotas: Ed. UFPel, 2023.  
267p.: il.; E-Book (PDF); 19,5MB

ISBN: 978-65-86625-76-9

1. Faculdade de Medicina. 2. Leiga. 3.UFPel. 4.História. I. Título.

CDD 610.981657

Catalogação na Publicação  
Elionara Giovana Rech CRB 10/1693

“Se todas as personagens não cessam de contar histórias, é que esse ato recebeu uma suprema consagração: contar é igual a viver.”

Tzvetan Todorov

Dedico este livro a todos  
os egressos e egressas da Leiga,  
que fizeram deste lugar uma casa.

<b>Prefácio.....</b>	8
----------------------	---

<b>A História do Livro.....</b>	11
---------------------------------	----

### **Capítulo 1 – A construção da Faculdade Leiga em Pelotas, RS**

- As primeiras discussões sobre o Projeto.....	18
- Faculdade Leiga e Faculdade Católica.....	22
- A constituição da FAMED-Leiga.....	25
- O contexto do Brasil à época.....	29
- O processo de autorização do funcionamento e a luta pelo reconhecimento do curso.....	36
- A Federalização.....	41

### **Capítulo 2 – Os primeiros tempos**

- Os formandos de 1968 e o que veio com a experiência relacionada à turma pioneira.....	59
- A importância da Psicologia Médica na formação dos graduados.....	66
- A chegada de alguns novos professores.....	70
- As primeiras médicas da FAMED-Leiga.....	74
- Sociabilidades.....	94

### **Capítulo 3 – A política de Cotas no Brasil e na Medicina - UFPel**

- Primeiros exemplos de curadores negros e indígenas .....	109
- Os médicos negros pioneiros com formação acadêmica no RS.....	112
- O ingresso por cotas na Leiga e a questão da permanência.....	114
- As trajetórias de Daniel e Leonardo.....	115
- Considerações sobre o processo seletivo especial.....	127

## **Capítulo 4 – A Faculdade de Medicina de hoje e sua relação com a comunidade**

- A criação dos ambulatórios e o atendimento à população.....	132
- Hospital Escola.....	139
- Cursos de graduação e de pós-graduação.....	143
- Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar (PIDI) e o Centro Regional de Cuidados Paliativos (CUIDATIVA).....	147
<b>Considerações finais.....</b>	<b>152</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>155</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>163</b>
<b>A Faculdade de Medicina da UFPel.....</b>	<b>164</b>
<b>Cartas à Leiga.....</b>	<b>175</b>
<b>Notas.....</b>	<b>200</b>
<b>Siglas.....</b>	<b>211</b>
<b>Listas dos egressos e egressas.....</b>	<b>213</b>
<b>Nome dos doadores de recursos para a reforma da Leiga.....</b>	<b>258</b>

## PREFÁCIO

Assumi a direção da FAMED em junho de 2021, em mandato eletivo de quatro anos. Em meio às demandas do cotidiano e de um planejamento futuro, nossa equipe diretiva, com colegas docentes, técnicos e discentes da unidade, começou a pensar e organizar as comemorações dos 60 anos da nossa faculdade, que teve autorização de funcionamento pelo MEC em 1963. Nessa perspectiva, uma série de ideias e propostas foram sendo construídas ao longo do tempo e, uma delas, foi justamente organizar um vasto acervo de documentos encontrados em más condições de conservação, já que estavam acondicionados em salas úmidas e insalubres.

Para a salvaguarda desse material, foi feito contato com o Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner (NDH-UFPel) cujos pesquisadores possuem conhecimento técnico sobre como proceder para que os documentos não fossem perdidos e pudessem ser publicizados aos interessados, através da digitalização dos originais. Foi dessa maneira, portanto, que surgiu a ideia da construção de um livro cuja pretensão foi a de abordar vários aspectos de nossa história.

Em decorrência deste movimento de reconstruir as origens do curso de Medicina, se começou a mobilizar a comunidade de egressos e, também, de atuais alunos, professores e técnicos administrativos para que contassem suas trajetórias e se engajassem em uma mobilização para qualificar os espaços físicos e as áreas externas para o melhor convívio da comunidade. A partir de um almoço comemorativo no Diretório Acadêmico Naum Keiserman (DANK), o qual reuniu mais de 150 pessoas de diferentes regiões do Brasil, em junho de 2022, surgiram ideias no sentido de angariar recursos para a pintura da fachada externa do prédio histórico, o qual representa a Leiga desde os primeiros tempos. Capitaneada e organizada

por colega egresso, ocorreu uma grandiosa campanha de engajamento solidário que contou com 810 pessoas doadoras, garantindo todo o valor necessário para a benfeitoria, que foi realizada em cerca de 4 meses e que resultou em uma pintura nova de paredes, janelas e portas de um patrimônio que não era pintado desde o ano de 1992.

Em abril de 2023, mês do aniversário e ponto alto dos festejos, tivemos a honra de receber, em evento institucional no dia 3 de abril, a comunidade interna e externa à UPFEL e muitas autoridades no nosso auditório FAMED. Também em abril, colegas egressos, doadores e doadoras, vieram pessoalmente “cortar” a fita e entregar o prédio histórico revitalizado. Nesse mesmo dia, contamos com a presença de muitos discentes que assistiram e vivenciaram momentos importantes de compartilhamentos de gerações relacionados à Leiga. Vivemos e confraternizamos, ainda no ponto alto, em abril, um jantar-baile, também organizado por egressos, que congregou pessoas que não se viam há bastante tempo e que se reencontraram para compartilhar suas lembranças e vivências na Leiga. Cabe destacar as presenças de colegas queridos da ATM 1968, primeira turma FAMED.

A organização dos egressos não foi feita apenas no sentido de celebrar uma data importante, como a das seis décadas, mas para construir e manter um grupo que continuará a se organizar não só para eventuais doações, mas para enaltecer a identidade que possuem com a Faculdade. Recentemente, foi criada oficialmente a E-Leiga, Associação de Egressos Leiga, que conta com diretoria e várias comissões importantes para seguir construindo eventos e benfeitorias, articulados com a direção e comunidade atual da FAMED.

Não é de se estranhar que o material que agora cada um de vocês recebe tenha o título de “Uma casa chamada Leiga”, uma vez que o sentimento que a maioria dos envolvidos revela quando conversa sobre a nossa faculdade é de como ela é pensada como um lar, como um lugar de afetos, de trocas e compartilhamentos, além de um local de produção de conhecimentos.

O livro procurou abranger desde os tempos remotos, vinculados a debates efetuados na década de 1950 para a construção de um curso de Medicina na cidade de Pelotas, até o momento atual em que a Faculdade abriga mais dois cursos de graduação, o de Psicologia e o de Terapia Ocupacional.

A obra, que traz quarenta e oito narrativas construídas entre os meses de setembro de 2022 e maio de 2023, além de vários outros documentos e notícias de jornais, procurou abranger diferentes pontos de vista sobre a

construção de um curso que não é só importante para a Universidade, mas, especialmente, para a população da cidade de Pelotas e região que desde o ano de 1963 conta com serviços de saúde pensados de uma maneira integral, na Atenção Primária, Secundária e Terciária.

O lançamento do material serve para dar uma espécie de fechamento a esta data comemorativa aos nossos 60 anos e, também, tem a intenção de continuar nos inspirando a efetivar as mudanças necessárias para que a Medicina UFPel continue sendo um curso de excelência em ensino, pesquisa e extensão, na graduação e pós-graduação, vinculado às necessidades daqueles que mais precisam dos nossos serviços e cuidados em saúde.

Leiga Minha Vida  
Leiga Minha História  
Leiga Meu Amor

Uma boa leitura.

**Julieta Carriconde Fripp**

Diretora da FAMED  
(Gestão 2021-2025)

## A HISTÓRIA DO LIVRO

Durante a pandemia de covid-19, em pleno período de isolamento social, o Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, do Instituto de Ciências Humanas da UFPel (ICH), sob minha coordenação, foi chamado pela direção da FAMED para verificar a situação de alguns documentos que existiam desde a fundação e que estavam em mau estado de acondicionamento e conservação.

Os documentos encontrados, que se relacionavam às décadas de 1950 e 1960, foram recolhidos, higienizados e digitalizados e, hoje, alguns deles já estão disponíveis no *site* do NDH-UFPel (<https://wp.ufpel.edu.br/ndh/famed-ufpel/>) para que todas as pessoas interessadas possam acessá-los. Tendo em vista esse contato inicial surgiu o convite para a feitura do livro dos 60 anos.

A obra, que foi construída nos últimos meses, é composta por quatro capítulos: **a construção da Faculdade Leiga em Pelotas, RS**, que envolve o marco temporal entre os anos de 1953, momento em que houve os primeiros debates sobre a necessidade de um curso de Medicina na cidade e 1978, quando deu-se a federalização da Leiga; **os primeiros tempos**, que se relacionam com uma discussão sobre a trajetória da turma de 1963, dando ênfase às vivências das quatro médicas pioneiras formadas; **a política de cotas no Brasil e na Medicina UFPel**, em que se debate ações de inclusão e a trajetória do primeiro quilombola e indígena formados como médicos na Leiga; **a Faculdade de Medicina de hoje e sua relação com a comunidade**, que discute o que acontece no presente e as projeções para o futuro, em termos de projetos. Há ainda quatro anexos, **um texto de Naum Keiserman**, no qual ele conta a história da constituição da Leiga; as **Cartas à Leiga**, que foi um convite feito para os egressos e egressas escreverem sobre suas trajetórias associadas ao curso de Medicina; **uma listagem dos egressos e egressas** da Faculdade de Medicina, elaborada

pelas médicas: Celene Maria Longo da Silva e Ana Carolina Issler Ferreira Kessler e, por fim, uma **lista dos doadores para a reforma do prédio principal da Leiga**, organizada pelos médicos Samuel Antônio Neugebauer, Eduardo Coelho Machado e Beatriz Franck Tavares.

É importante frisar que as cartas escritas e publicadas expressam a visão dos seus respectivos autores, assim como as narrativas constantes no livro se vinculam à perspectiva defendida pelos entrevistados não representando, necessariamente, a opinião da autora deste livro. Já as listas elaboradas e publicadas nos anexos são de responsabilidade dos médicos que coletaram as informações.

A principal fonte da obra se constituiu nas quarenta e oito entrevistas feitas com alguns dos professores fundadores e atuais; com todos os diretores e diretoras, que estavam vivos; com alguns dos primeiros formados, dentre eles as quatro médicas pioneiras, quatro servidores técnico-administrativos e alguns alunos, especialmente o primeiro quilombola e o primeiro indígena formados.

A metodologia utilizada no trabalho é a História Oral em sua vertente temática, ou seja, a partir de um assunto específico, a constituição e organização da faculdade, foram construídos roteiros básicos de perguntas, de forma individualizada, para cada um dos entrevistados, de modo que se construisse uma narrativa baseada na memória. A perspectiva foi a de entrevistar diferentes pessoas para estabelecer uma espécie de confronto de versões sobre o passado, visando construir uma narrativa que fosse a mais plural possível. Utiliza-se a perspectiva empregada por Portelli (1997, p. 16) para a metodologia: “[...] a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos [...]”.

Uma parte considerável das entrevistas foi feita de modo on-line, pois vários dos egressos e egressas não moram mais em Pelotas. A partir da pandemia de covid-19 e, tendo em vista a necessidade de distanciamento, novas ferramentas e práticas mostraram como narrativas construídas a distância também permitem bons diálogos, trocas e aprendizados.

O material coletado, através de fontes orais, é muito rico e é utilizado para esta obra nos limites impostos pelo tempo e especificidades de um livro comemorativo aos 60 anos. A totalidade das 48 entrevistas – feitas em 63 sessões diferentes – precisará, no futuro, passar por uma transcrição e edição cuidadosas, quando poderá ser usada para a feitura de novos trabalhos acadêmicos.

O livro tinha a urgência de ser lançado em 2023, ano comemorativo às seis décadas da Leiga e, nesse sentido, procurou-se usar o máximo de informações disponíveis para compor uma história que refletisse o percurso construído e que as pessoas gostassem de ler. Portanto não é um livro acadêmico, com uma absoluta preocupação teórica e metodológica, embora tenha se trabalhado com os cuidados necessários para se fazer uma obra de História.

Durante a escrita procurou-se tratar um volume documental vasto, que incluiu atas do Conselho Universitário (CONSUN), do Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (COCEPE) e de alguns dos departamentos da Faculdade, além de documentos pessoais, arquivados durante anos por egressos e egressas. Conforme Cellard (2008, p. 295): “O documento permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social”.

Foram observadas, também, notícias da época publicadas em jornais locais, especialmente o Diário Popular, periódico existente desde o ano de 1890. Através dos periódicos, é possível se ver a conjuntura de uma época e os debates que mobilizavam as pessoas no período. Segundo De Luca: “[...] ao lado da imprensa e por meio da imprensa o jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica” (2005, p. 118).

Gostaria de ressaltar que não foi um livro fácil de ser escrito, especialmente por se tratar de um material comemorativo, em que se espera apenas uma história bonita e sem atritos. Lembro-me bem de quando, em uma das primeiras reuniões que tive com um grupo de egressos, uma pessoa me procurou e perguntou se eu poderia escrever um livro sem muitas “tretas”. Ocorre que eu sou uma pesquisadora da área de História e meu trabalho se baseia em fontes, as quais são várias e mostram diferentes pontos de vista, os quais busquei enfocar no livro. De outro modo, na história há embates a partir da apresentação de ideias diversas que costumam fazer com que a situação se modifique, como foi retratado no livro.

Com certeza se teria mais pessoas que deveriam ser entrevistadas; outros aspectos das narrativas poderiam ser incorporados ao texto; fontes jornalísticas e documentais não abordadas seriam capazes de fazer parte da escrita, mas havia pouco tempo para a conclusão do projeto. Tenho a convicção, no entanto, de que procurei contar a história da Leiga de uma maneira séria e comprometida com o que representou não só para os diretamente envolvidos com a instituição, alunos atuais, egressos, professores, servidores técnicos-administrativos, mas também para a cidade.

É preciso dizer, antes de finalizar, que contei com o apoio de várias pessoas que ou leram os manuscritos iniciais, ou buscaram informações ou indicaram entrevistados, embora a escrita seja responsabilidade minha. Cito dois

nomes especiais: Elisiane Medeiros Chaves, a qual realizou a maior parte das entrevistas, e Paulo Koschier, que auxiliou no que foi necessário, principalmente na pesquisa de documentos, na leitura e comentários sobre o texto ao longo da escrita. Agradeço também à Ariane Regina Bueno da Cunha, Lua Gill da Cruz, Alessandra Gasparotto, Margarete Oleiro Marques, Rejane Bachini Jougland e Julieta Carriconde Fripp, pela ajuda.

Espero que gostem do livro, no qual se procurou contar um pouco do que viveram nesta casa, considerada uma espécie de lar para muitos de vocês.

**Lorena Almeida Gill**

Primavera de 2023



## CAPÍTULO 1

# A CONSTRUÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA LEIGA EM PELOTAS, RS

No ano de 2023, a Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Pelotas, conhecida como Leiga<sup>1</sup>, comemora 60 anos<sup>2</sup>, como já anuncia este livro desde o seu título. E, apesar de alguns saberem, no geral, como essa importante instituição se constituiu, o objetivo deste capítulo é justamente reconstruir sua trajetória histórica. Para isso serão utilizados, especialmente notícias de jornais da época; documentos da Instituição Pró-Ensino Superior no Sul do Estado (IPESSE); atas do CONSUN e do COCEPE da UFPel, mas, sobretudo narrativas construídas com alguns dos primeiros professores e alunos, bem como textos, já publicados, por aquele que é considerado o fundador da Leiga, Dr. Naum Keiserman.

A grande matéria-prima para a escrita deste livro se constituiu na memória e por isso foram entrevistadas várias pessoas que compuseram e compõem a trajetória da Faculdade Leiga de Medicina. Para Candau (2005, p. 51): “O ato memorial tem uma dimensão teleológica. Lembrar-nos consiste, podíamos dizê-lo, em configurar presentemente um acontecimento passado no quadro de uma estratégia para o futuro, quer esse futuro seja imediato ou mais longínquo”.

Os narradores buscaram lembranças no passado, a partir do presente em que vivem, e sempre projetando para novas dimensões do que esperam para a Faculdade no futuro.

A memória evocada, que também é feita de esquecimentos, se vinculou ao que o mesmo autor (CANDAU, 2011) chama de propriamente dita ou de alto nível, ou seja, é aquela relacionada aos saberes e fazeres dos entrevistados, que entrelaçam lembranças de formação e vivências profissionais.

De outra maneira, é fundamental se pensar sobre o conceito de identidade para a escrita do livro.

De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. (CANDAU, 2011, p. 19)

As narrativas construídas, muitas vezes, se vinculam a um direito à memória, na perspectiva de que era necessário contar para que o que viveram não fosse esquecido e para que se pudesse fazer planos para o futuro.

## AS PRIMEIRAS DISCUSSÕES SOBRE O PROJETO

Segundo Naum Keiserman, em algumas narrativas<sup>3</sup> quando discorreu sobre a construção de uma faculdade de Medicina em Pelotas, os primeiros debates efetivados sobre o tema aconteceram durante o ano de 1953, em reuniões ordinárias da Sociedade de Medicina de Pelotas<sup>4</sup>. A entidade, hoje denominada de Associação Médica de Pelotas (AMP), foi fundada em 7 de novembro de 1940, tendo como seu primeiro presidente Franklin Olivé Leite, justamente aquele que aparece como o articulador pioneiro de um curso universitário para a formação de médicos em Pelotas.

As primeiras notícias publicadas em jornais são do ano de 1954 quando o assunto toma conta da cidade, e o que era uma ideia inicial de alguns poucos médicos sonhadores vai se articulando como algo concreto.

No dia 2 de abril de 1954, na página 6 do Diário Popular (D. P.), por exemplo, sob o título: “Reencetada a campanha pela fundação da Faculdade de Medicina de Pelotas”, é abordado que no dia anterior, na Câmara de Vereadores, havia ocorrido uma reunião com o objetivo de fundar um curso de Medicina na cidade. Participaram várias autoridades como o prefeito municipal, Mário Meneghetti<sup>5</sup>, o vice-prefeito, Oscar da Cunha Echenique<sup>6</sup>, o Dr. Franklin Olivé Leite, além de diretores de cursos universitários já existentes e de escolas de ensino médio. Quatro dias após (6 de abril de 1954, pelas páginas do mesmo jornal), o título da matéria anunciava que tomava vulto a campanha em prol da criação de uma Faculdade de Medicina em Pelotas.

As discussões se sucedem no mesmo mês, como a publicada no D. P. do dia 11 de abril, p. 10, em que é usado o exemplo da cidade de Santa Maria, que recentemente havia fundado um curso de Medicina anexo à Faculdade de Farmácia (Universidade do Rio Grande do Sul)<sup>7</sup>. O objetivo da notícia era reafirmar a necessidade da construção de graduação similar em Pelotas. Na matéria, embora exista a ideia de que a organização em Pelotas se dê junto ao prédio do antigo Instituto de Higiene, é dito que seria bom permanecer relacionado à já existente



Dr. Naum Keiserman

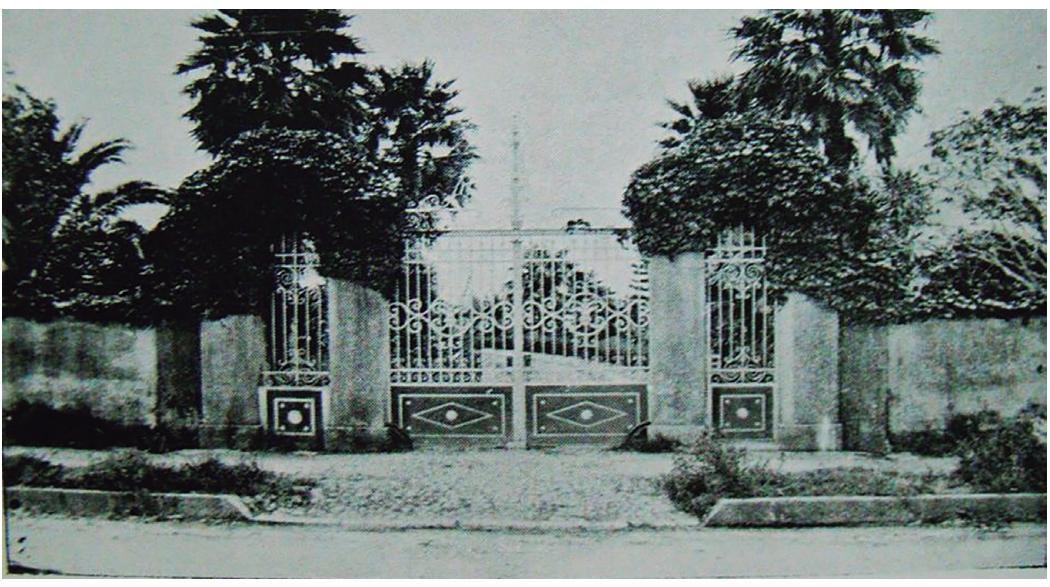
Fonte: Quadro de formatura da primeira turma  
de médicos formados pela Leiga (1968).

Acervo da FAMED.



Na imagem, da esquerda para a direita, o Prof. Gilberto Garcias, o então presidente do DANK (Gestão 2011), Renato Badia da Cruz, o Dr. Naum Keiserman e o Dr. Farid Nader.

Acervo do DANK.



Vista parcial da entrada da Villa Augusta, prédio construído por Carlos Ritter para a sua esposa. Atual prédio da FAMED.

Fonte: Imagem da internet. Página “Olhares sobre Pelotas” no Facebook.

Faculdade de Odontologia<sup>8</sup>, uma vez que, inclusive, existiam afinidades entre as disciplinas de primeiro ano das duas faculdades.

Sete dias após (D. P. 18/4/1954, p. 2), a manchete apontava para o fato de que enquanto crescia a população, diminuía o número de médicos no Estado. A notícia enfatizava a fala do Dr. Franklin Olivé Leite, apresentado como diretor do sanatório Henrique Roxo<sup>9</sup> e inspetor federal do ensino superior, para quem:

É necessário que o Ensino Superior, que está confinado dentro das grandes cidades, transponha essas muralhas e proporcione esse privilégio também às pequenas cidades, cidades do interior, que oferecem condições de bom estudo, sem as seduções e encantamentos dos grandes centros.

Na narrativa, carregada inclusive de um tom moral sobre as capitais, aparecem números para dizer sobre a necessidade dessa fundação, já que, segundo o médico, o Estado, naquele momento, só tinha uma Faculdade de Medicina enquanto o Rio de Janeiro e São Paulo, cada um, possuíam quatro; Minas Gerais, três e Bahia, duas. Sobre o Rio Grande do Sul, Franklin enfatiza a necessidade de mais profissionais, relacionando o número de médicos formados no Estado, segundo ele insuficiente, em relação ao número de habitantes: “[...] Quatro e meio milhões de habitantes<sup>10</sup> com uma só Faculdade de Medicina com capacidade apenas para cem alunos”.

As próximas notícias, publicadas no mesmo ano, abordam as movimentações realizadas em cidades vizinhas como Canguçu e Rio Grande, no sentido de apoiar a ideia da fundação da Faculdade de Medicina em Pelotas e reafirmar o *status* de Pelotas como um polo regional de saúde. Há, também, um artigo de opinião assinado por Antonio Rego Magalhães, um cirurgião dentista, enaltecedo as condições infraestruturais existentes na cidade para o recebimento de um curso daquele porte (D. P., 27 de abril de 1954, p. 6).

Mas é uma entrevista com o reitor da Universidade do Rio Grande do Sul, Elyseu Paglioli<sup>11</sup>, publicada no dia 6 de maio de 1954, p. 8, que chama a atenção para um tema que será bastante importante na década de 1970 e se relacionava à federalização da Leiga. Sob o título de: “A ‘IPES’ deve”, o reitor comentou as movimentações que se tinham na cidade para a criação desse bacharelado, e quando perguntado sobre se não seria possível criar o curso de Medicina junto à Faculdade de Odontologia, que fazia parte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)<sup>12</sup>, assim responde: “Creio que não. E devemos evitar o que ocorreu em Santa Maria onde forçados pelas circunstâncias, criamos um curso idêntico ao que os senhores pretendem sem que houvesse condição para tal”. Ele afirma que o melhor caminho seria fundar uma faculdade particular e depois, então, se buscar a sua federalização, justamente o caminho que foi seguido.

O fato é que no dia 8 de maio de 1954, em reunião realizada na Biblioteca Pública Pelotense, com a presidência do Prefeito Municipal, Mário Meneghetti, e

tendo como primeiro orador o Dr. Franklin Olivé Leite, houve um encontro para a constituição de comissão que deveria elaborar os estatutos do que viria a se chamar Instituição Pró-Ensino Superior no Sul do Estado (IPESSE), a qual tinha como objetivo principal fundar a pretendida Faculdade.

No ano seguinte, no dia 30 de dezembro de 1955, através da Lei Municipal n. 620, houve a doação de um prédio à IPESSE, pelo médico e prefeito à época, Mário Meneghetti, o qual continua sendo a sede da Faculdade de Medicina até hoje. O interessante é que nova lei surge com o mesmo fim, em 16 de dezembro de 1958, agora assinada pelo prefeito, à época, Adolfo Fetter. No texto, que apresenta a normativa n. 845, é feita a doação do mesmo prédio à IPESSE, talvez em decorrência do tempo que havia passado desde a primeira lei e da necessidade de repactuar o que havia sido combinado anteriormente.

O prédio em questão é um local histórico para a cidade, pois abrigou a casa construída por Carlos Ritter para a sua esposa, Auguste Jeanete Kessler, a Villa Augusta, que, posteriormente, com a morte do proprietário, em 1926, foi vendida ao município vindo a ser a nova sede do Instituto de Higiene do Estado Borges de Medeiros (1928)<sup>13</sup>, o qual desenvolvia pesquisas na área da saúde e da defesa sanitária.

Houve um maior impulso à ideia da criação de um curso de Medicina quando assumiu a presidência da IPESSE, o médico Oscar da Cunha Echenique, em novembro de 1958. Como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul não demonstrava interesse na criação, conforme já descrito pelas notícias de jornal, Oscar buscou ampliar a rede de contatos, visando angariar apoios, sobretudo de governantes e legisladores, que tinham a possibilidade de obterem dotações orçamentárias para o curso.

## FACULDADE LEIGA E FACULDADE CATÓLICA

Nas notícias presentes, especialmente no ano de 1954, pelas páginas do Diário Popular, o nome do Dr. Naum Keiserman<sup>14</sup> não aparece. Ele já estava na zona sul após se graduar na Faculdade de Medicina de Porto Alegre (que compõe a atual UFRGS) em 1939 e começar a atuar na área da Tisiologia, tendo em vista a aprovação em um concurso no Departamento Estadual de Saúde, a partir de 1941, primeiro na cidade de Rio Grande e depois em Pelotas. Sua atuação se dava no campo do cuidado da tuberculose pulmonar<sup>15</sup> no Centro de Saúde e, também, na Beneficência Portuguesa<sup>16</sup>.

Será justamente no ano de 1958 que Naum se aproxima mais do campo acadêmico ao começar a reger a disciplina de Biofísica na Faculdade de Odontologia, conforme demonstra um atestado<sup>17</sup> protocolado quando se inscreve para o edital de seleção de professores da Faculdade de Medicina. Nesse mesmo ano começou

a exercer o cargo de secretário da Sociedade de Medicina, que passou a se ocupar dessa discussão, especialmente quando D. Antônio Zattera, Bispo de Pelotas, procurou a entidade classista para solicitar apoio à criação de uma faculdade católica de medicina na cidade.

Os debates sobre o tema Faculdade Católica *versus* Faculdade Leiga começaram a se intensificar a partir desse período, mas parece ser no ano de 1963, quando as duas turmas iniciam, que a disputa se acirrou. No mesmo dia (D. P., 6 de janeiro de 1963, p. 1) em que é publicado o edital referente ao concurso de classificação para 50 vagas de estudantes para a Faculdade Católica de Medicina, assinado pelo Diretor Franklin Olivé Leite, é divulgada, na mesma página do jornal, nota da Sociedade de Medicina na qual o conselho deliberativo da entidade se posicionava contrário ao funcionamento da instituição católica.

A Sociedade de Medicina, a partir de um documento emitido pelo Conselho Federal de Educação, que considerou não haver as condições adequadas para o início do curso da Católica, tanto no que dizia respeito ao patrimônio apresentado quanto às condições infraestruturais e corpo docente, se dizia contrária à iniciativa.

O fato é que as duas faculdades começaram a funcionar praticamente juntas. O curso de Medicina vinculado à Universidade Católica foi anunciado, segundo um aluno da primeira turma, na noite de Natal de 1962<sup>18</sup>. Já o curso laico foi divulgado desde o ano de 1959 e passou a funcionar a partir de março de 1963, como o da Católica. As duas primeiras turmas foram, portanto, de 1963, com conclusão no ano de 1968.

É preciso considerar que, embora os dois cursos demonstrassem proximidades como é de se esperar de uma graduação similar, havia um ponto de diferença importante. Dom Antônio Zattera, Bispo da Igreja Católica, pretendia criar uma graduação relacionada à concepção religiosa da instituição que surgira, a partir de 1953, com a graduação de Filosofia<sup>19</sup>. Naum Keiserman, judeu, enfatizava a necessidade de que o ensino fosse laico, bandeira defendida historicamente pela Maçonaria. Em um texto de sua autoria assim ele reflete sobre o assunto:

[...] D. Antônio fez publicar uma nota exprimindo que eram contra a faculdade católica 'os inimigos milenares de sangue e os desavisados'. Logo, manifestavam apoio a Sociedade de Medicina as associações de classe e sindicatos. Comovemos, um sábado à tarde quando, no consultório do Dr. Amaral Silva, recebemos a visita de um grupo de 10 a 15 pessoas que vieram trazer a solidariedade da maçonaria local (2018, p. 19, grifos do autor).

O corpo docente da Faculdade Leiga que se criava demonstrava vínculo com a comunidade judaica, especialmente de Pelotas. Leo Zilberknop, que fez sua graduação em Medicina na Faculdade de Ciências Médicas de Buenos Aires, entre 1955

e 1961 e revalidou seu diploma no Brasil em 1962, contou que logo no início do curso foi convidado para ser professor. Ele conhecia o Dr. Naum, pois ambos faziam parte da comunidade judaica. Mas havia outros nomes importantes, desde a fundação, vinculados ao mesmo grupo de famílias de imigrantes da cidade como Guilherme Procianoy e Isaac e Miguel Piltcher, por exemplo, e, durante os anos iniciais, novos sobrenomes judaicos se juntarão aos pioneiros como: Chatkin, Kauffman, Halpern, Katz, Scaletski. O fato é que, embora os judeus estivessem em um número pequeno em Pelotas naquele período (GILL, 2001), tendo em vista muitos terem se deslocado para Porto Alegre, especialmente a partir da década de 1940, dentre eles o número de médicos era significativo (GILL; SCHEER, 2016).

Desde a República Velha<sup>20</sup>, no Brasil, a Maçonaria passou a defender o ensino laico (COLUSSI, 2000) e, em Pelotas, um número expressivo de judeus faziam parte das lojas maçônicas (GILL, 2001). Na cidade, por exemplo, foi a Maçonaria que fundou o Ginásio Pelotense (atual Colégio Municipal Pelotense) em 1902, o qual, a partir de 1911, comportou também cursos superiores como a Odontologia e a Farmácia e, depois, o Direito. Apenas em 1917, tendo em vista dificuldades existentes, é que o Ginásio Pelotense passou a ser municipal (SCHEER, 2017, p. 86).

É importante lembrar que será essa mesma Faculdade de Odontologia, que surgiu vinculada à Maçonaria, que proverá a Medicina, nos anos iniciais, com profissionais que lecionavam disciplinas básicas para a área da saúde.

Franklin Olivé Leite que, segundo o próprio Naum, iniciou os debates sobre a necessidade de criação de uma Faculdade de Medicina em Pelotas, acabou por implementar o projeto com a Universidade Católica e Naum Keiserman tornou-se o primeiro diretor da Faculdade Leiga.

As discussões sobre a importância de cada um dos cursos não cessaram mesmo quando a constituição das graduações se efetivou. Entre os anos de 1963 e 1968 apareceram pela imprensa notícias sobre a necessidade de fusão das duas escolas ou, ainda, cartas assinadas por eventuais alunos em que havia o enaltecimento de um curso em detrimento do outro.

No acervo particular de Gleide Bertinetti Bandeira<sup>21</sup> podem ser encontradas notícias sobre conversas relacionadas à fusão das duas faculdades, especialmente no ano de 1964. Em uma delas, por exemplo, é dito que o secretário de saúde, à época, Herbert dos Santos, por incumbência do governador Ildo Meneghetti<sup>22</sup>, tinha estado em Pelotas para conversar com as direções dos cursos visando encontrar caminhos para que as graduações se unissem, o que, como se sabe, não ocorreu.

O certo é que as duas instituições seguiram, algumas vezes, caminhos distintos, mas acabaram por consolidar suas trajetórias no decorrer dos anos – como se pode ver, pela situação atual dos dois cursos, formadores de bons profissionais, que atuam em várias regiões do Brasil e do mundo.

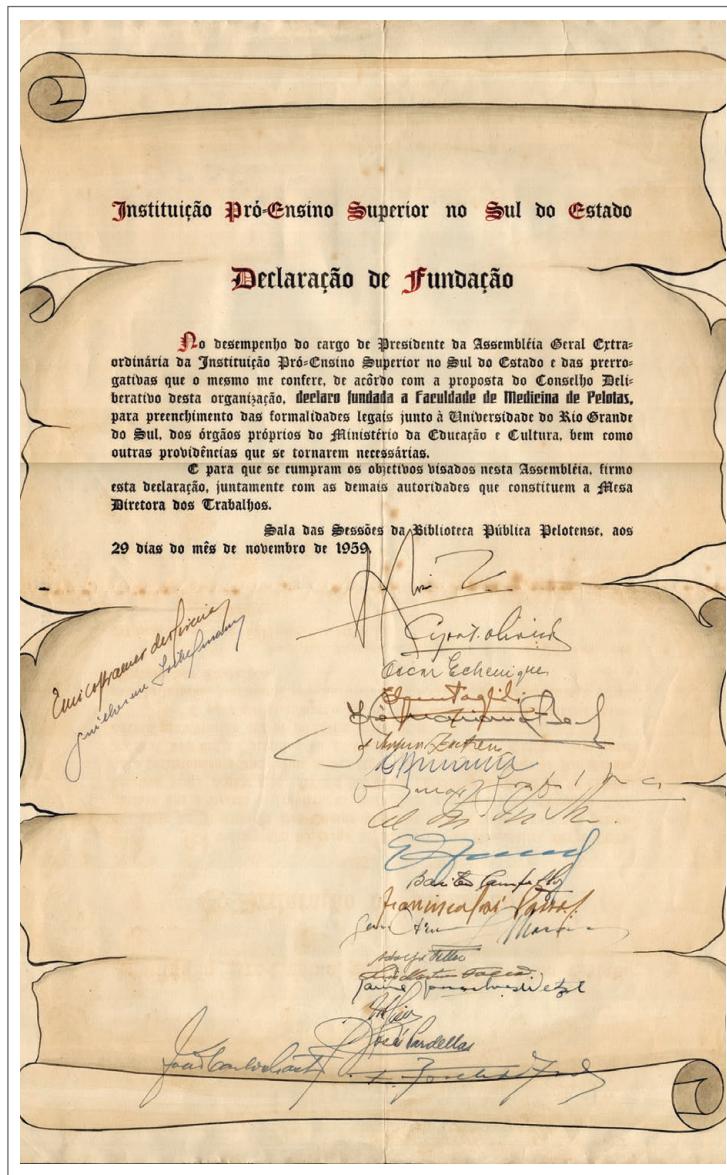
## A CONSTITUIÇÃO DA FAMED-LEIGA

“Tudo pronto para a fundação da Faculdade de Medicina de Pelotas”. Esta é a notícia publicada no jornal Diário Popular, de 8 de outubro de 1959, nas páginas 1, 6 e 8. No texto é dito que só faltam a comunicação do governador do Estado, Leonel Brizola<sup>23</sup>, e de outras autoridades vinculadas ao ensino superior para que o ato formal de instalação fosse agendado. Na matéria são dadas informações pelo presidente da IPESSE, Dr. Oscar Echenique, as quais evidenciam a importante contribuição do município de Pelotas para a efetivação do curso, a partir de duas normas: Lei Municipal n. 841, de 15 de dezembro de 1958 – pela qual foi concedido, durante quatro anos, o montante de dois milhões em 1959; três milhões em 1960, quatro milhões em 1961 e cinco milhões em 1962 –, e a promulgação da Lei n. 845, de 16 de dezembro de 1958, do governo do município – que autorizou a IPESSE a tomar posse do imóvel situado à Avenida Duque de Caxias, n. 250, “independente de sua desocupação pelo Departamento Estadual de Saúde”.

Cerca de dois meses depois (D. P. de 2 de dezembro de 1959, p. 1 e 2) foi divulgada a solenidade de fundação oficial da Faculdade Leiga de Medicina. Em um ato realizado nos salões da Biblioteca Pública Pelotense, no dia 29 de novembro de 1959, estiveram presentes o governador do Estado, Leonel Brizola, o reitor da UFRGS, Elyceu Paglioli, o prefeito municipal, Adolfo Fetter, Dom Antônio Zattera, Bispo diocesano, além de várias outras autoridades<sup>24</sup>.

Em maio de 1960, foi publicado, pelas páginas do D. P., edital de seleção de professores, o qual apresentava vinte e duas vagas: Anatomia Humana; Histologia e Embriologia; Biofísica; Bioquímica; Fisiologia; Parasitologia; Ginecologia e Obstetrícia; Microbiologia e Imunologia; Farmacologia; Anatomia e Fisiologia Patológica; Clínica Médica; Clínica Cirurgia; Pediatria e Puericultura; Dermatologia; Neurologia; Psicologia Médica e Psiquiatria; Otorrinolaringologia; Oftalmologia; Ortopedia; Clínica de doenças infecciosas e parasitárias; Higiene e Medicina Preventiva; Medicina Legal e Deontologia. A seleção se deu basicamente através de títulos, mediante a avaliação dos “méritos técnicos dos candidatos”, conforme foi descrito no edital.

Foram escolhidos os seguintes professores que tomaram posse em 9 de abril de 1962, em uma das salas da Faculdade de Odontologia: Naum Keiserman (Biofísica); Marcondes Dias Ribeiro (Fisiologia); Manoel Alberto Gomes Maia (Parasitologia); Dyrio Gorgot (Microbiologia e Imunologia); Amílcar Goyheneix Gigante (Clínica Médica); José Amaral Braga Filho (Clínica Cirúrgica); Guilherme Procianoy (Pediatria e Puericultura); Paulo Crespo Ribeiro (Ginecologia e Obstetrícia); José Domingues Assis (Dermatologia); Mário Ferreira Coutinho (Neurologia); Joaquim da Silva Nunes (Psicologia Médica e Psiquiatria); Isaac Levin Piltcher (Oftalmologia); Miguel Levin Piltcher (Ortopedia); Vinícius Belchior Salengue (Clínica das Doenças Infecciosas e Parasitárias); Ernani Saldanha de Camargo (Higiene e Medicina Preventiva) e José Ludovico Maffei (Medicina Legal e Deontologia).



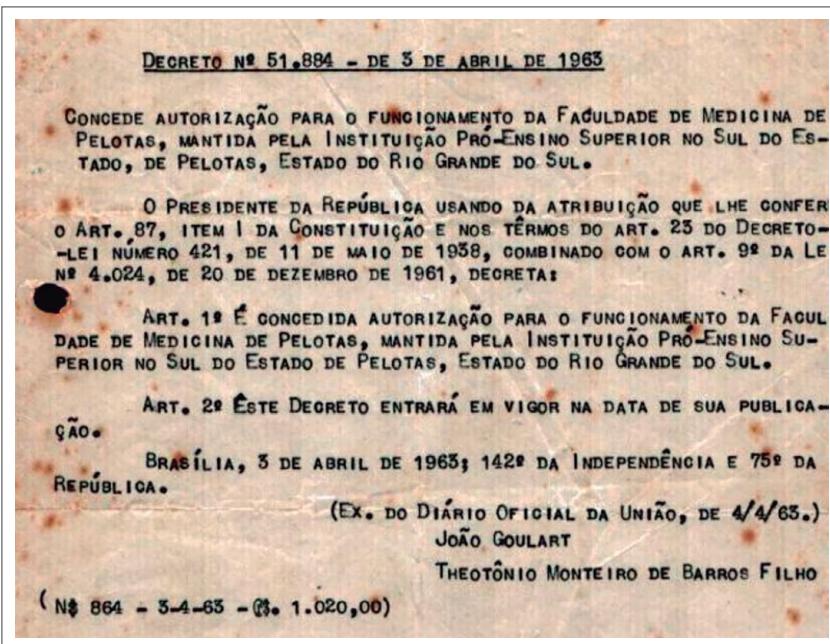
Reprodução da Declaração de Fundação da Faculdade de Medicina de Pelotas por parte da IPESSE, em 29 de novembro de 1959.

Fonte: Acervo do NDH-UFPel.



Governador do Estado, Sr. Leonel de Moura Brizola, na solenidade de Fundação  
da Faculdade de Medicina de Pelotas, em 29 de novembro de 1959.

Fonte: Acervo do NDH-UFPel.



Cópia do Decreto nº 51.884, de 3 de abril de 1963, autorizando o funcionamento da Faculdade de Medicina de Pelotas.

Fonte: Acervo do NDH-UFPel.

Sabia-se que haveria dificuldades para o preenchimento de todas as vagas, uma vez que era uma faculdade que recém estava se constituindo. O fato é que com o passar do tempo, à medida que o curso ia se desenvolvendo foram sendo incorporados vários outros professores, tanto assim que durante as aulas da primeira turma, segundo Edson Holthausen<sup>25</sup>, atuaram quarenta e cinco professores.

Retomando a reunião de 9 de abril de 1962, na Faculdade de Odontologia, nesse dia foi constituída a lista tríplice para o cargo de Diretor, que ficou assim definida: Naum Keiserman, Paulo Crespo Ribeiro e Manoel Maia. Logo em seguida, no dia 15 do mesmo mês, foi publicada portaria com a nomeação de Naum.

No ano seguinte, justamente quando o curso começaria com a sua primeira turma, o jornal Diário Popular (10 de fevereiro de 1963, p. 1) anunciou que havia sido aprovado pelo Ministério da Educação o funcionamento da Faculdade Leiga de Medicina. O decreto de autorização de funcionamento, assinado pelo Presidente da República, João Goulart, data de 3 de abril de 1963 (Decreto n. 51.844). O edital de chamamento de alunos logo foi divulgado (D. P., 9 de abril de 1963, p. 1), constando cinquenta vagas. Através de notícia publicada no mesmo jornal, sabe-se que os inscritos (no total) foram 150<sup>26</sup> e que não haveria segunda chamada.

Uma das primeiras técnico-administrativas que atuou na Leiga foi Ignez Therezinha Schiavo Zuchelo. Ela tinha formação como contabilista e foi convidada pelo Dr. Naum para secretariar o curso, iniciando a tarefa em abril de 1964

e chegando a ir ao Rio de Janeiro com a intenção de ver a tramitação sobre o reconhecimento do curso. Um outro nome que aparece no início das atividades é o de José Lucas Ribeiro Leal, que exercia as atividades no Instituto Anatômico, auxiliando as dissecações. Para Rosa (2018a, p. 57), de tanto acompanhar esse procedimento ele era considerado “quase professor de Anatomia”. Foi entrevistado Renato Luís Tavares, que começou a atuar na IPESSE aos 18 anos quando era estudante de Contabilidade, passando a ser contador posteriormente. Ele esteve vinculado ao curso de Medicina entre 1966 e 1974 quando foi transferido para a Reitoria da UFPel. Um outro nome que aparece em função específica é Altair Delfino da Rocha Faes, com formação em Física, que com o tempo e a partir de mudança de legislação, passou a atuar como físico-médico desenvolvendo suas atividades no serviço de radioterapia, ao planejar, com o médico, o tratamento dos adoentados. Altair começou em 1989 na Leiga, mas antes esteve ligado ao hospital Santa Rita, vinculado à Santa Casa, em Porto Alegre. Uma servidora técnica-administrativa entrevistada que continua trabalhando ainda hoje na Leiga é Nilza Maria Lopes, que ingressou, mais recentemente, em 1994. Durante alguns anos atuou, concomitantemente como técnica de enfermagem, em ambientes hospitalares. Ela é uma das servidoras mais homenageadas pelos alunos, por sua simpatia, conhecimento e disponibilidade.

## O CONTEXTO DO BRASIL À ÉPOCA

No dia 31 de março de 1964 se iniciou uma ditadura civil-militar no Brasil que trouxe inúmeros impactos sob vários aspectos sociais, inclusive na área da educação. A Universidade Federal de Pelotas foi fundada no ano de 1969 dentro desse contexto repressivo que se instalara no país a partir dos chamados Atos Institucionais, os quais legitimavam a violência do Estado.

Ainda que o processo de federalização da Leiga tenha se constituído anos mais tarde, como se verá adiante através dos documentos e das narrativas construídas, percebe-se o quanto o regime de exceção influenciou o novo curso que se organizava, tanto no período em que era privado quanto no momento que passou a fazer parte da UFPel. Para Motta (2008, p. 32): “No seu eixo conservador, a política do regime militar para as Universidades implicou o combate e a censura às ideias de esquerda e tudo o mais considerado perigoso e desviante – e, naturalmente, reprimiu e afastou dos meios acadêmicos os seus defensores [...]”.

No ano de 1969, foi publicado o Decreto número 477<sup>27</sup>, que definia infrações disciplinares a alunos, professores, funcionários e empregados em instituições de ensino públicas e particulares e suas penalidades. Por infrações eram consideradas, por exemplo, paralisação de atividades, organização de movimentos, impressão ou distribuição do que era chamado de material subversivo. O decreto anunciava, ainda, as penalidades que podiam chegar à demissão de professores

e funcionários e o desligamento de alunos ou perda da bolsa de estudo, quando fosse o caso. A apuração se daria através de rito sumário, em um prazo improrrogável de vinte dias.

Edson Holthausen (ATM<sup>28</sup> 1968), que depois veio a ser o primeiro presidente da Associação dos Docentes da UFPel (ADUFPel)<sup>29</sup>, conta sobre o momento a partir do qual houve a proibição à existência dos diretórios acadêmicos e a perseguição a alguns alunos que tinham participação política em órgãos e instituições. “Nós tivemos colega que se formou na Rússia. Nós tivemos colega que esteve preso no Nordeste”, diz ele.

Um outro nome que apresenta um pouco desse período é o de Farid Nader, formado na Leiga (ATM 1969), depois professor (entre 1971 e 2013) e diretor, por dois mandatos (2005-2008 e 2009-2013). Em entrevista ao jornal Sinapse<sup>30</sup>, de janeiro de 2014 (p. 6), ele assim diz sobre o período inicial de sua graduação e sua trajetória profissional:

Nós tivemos 20 e poucos dias de trote e depois foi tudo cancelado. Na época da ditadura a desconfiança era geral, pois medidas eram tomadas sem consultar ninguém ao livre arbítrio pelas pessoas que estavam no comando, havia uma desconfiança por ter pessoas infiltradas nas salas de aula que denunciavam as atitudes e atividades, éramos muito vigiados. Fui cassado, alguns diziam que era uma honra, pra mim não, foi um cerceamento de liberdade, amigos e professores meus da faculdade de medicina foram torturados.

Farid segue a narrativa comentando sobre a sua formatura:

Para vocês terem uma ideia, minha turma que foi a segunda a se formar, e não tivemos formatura, foi a única turma de mais de 70 turmas que já se formaram, que não teve a oportunidade de colar grau solenemente, pois o paraninfo era cassado – o professor Amílcar Gigante escolhido no 5º ano – e após a escolha veio a determinação de que ele não poderia participar de nenhuma solenidade pública, a nossa turma então rachou, alguns quiseram trocar de paraninfo para ter a solenidade e outra parte queria manter, evidente que pela grande amizade que tinha com o Amílcar Gigante optei por manter, votamos pela troca ou não de paraninfo com a presença do exército em sala de aula e ganhamos a votação por dois votos de diferença, mantivemos o paraninfo e não colamos grau no Guarany, recebemos o nosso certificado das mãos do Dr. Naum Keiserman no DANK<sup>31</sup>, mas depois fizemos uma bela duma festa num clube e daí o Amílcar foi.

Para ele, um dos grandes presentes que Amílcar ofereceu aos formandos foi a chamada “Última aula aos doutorandos de 1969 da Faculdade de Medicina de Pelotas”,

a qual ele qualifica como uma preciosidade. No texto, Amílcar fala sobre a importância da Medicina e revela as dificuldades do fazer médico. Segundo o paraninfo:

A inexorabilidade da morte já de início marca o limite para nossas ambições, para os desejos máximos de nossos semelhantes. Esperam que sejamos onipotentes, sentimos o desejo de ser onipotentes e, a menos que sejamos totalmente irresponsáveis, temos sempre, a cada instante, a plena convicção das limitações de nossa capacidade. A certeza de não ser contrapondo-se à intensidade da expectativa de que fôssemos e do nosso desejo de ser.

Perguntado em entrevista realizada no dia 6 de outubro de 2022 sobre o professor que mais o havia marcado no período da graduação, Farid não titubeou ao dizer Amílcar. Questionado sobre o que ele tinha de tão especial respondeu: “Tudo. Era gente e gostava de gente. Para trabalhar com gente precisa gostar e ele gostava da profissão e repassou isso para todos nós”.

Petrucci (2018, p. 111) comenta a mesma situação vivenciada pela ATM 1969 ao relembrar os debates sobre se manteriam ou não o paraninfo Amílcar Gigante. Segundo ele: “[...] A turma a favor da escolha de outro paraninfo era forte, muitos não gostavam do Gigante por causa de suas posições políticas, e muitos tinham outras razões perfeitamente aceitáveis”. Para ele, no entanto, era fundamental mantê-lo, pois tratava-se de “um homem que não vendeu sua alma” (p. 112)

No ano seguinte (ATM 1970), situação parecida vivenciada por Farid e Petrucci aconteceu também no momento da formatura. Para Zulce Motta, primeira mulher oradora da FAMED, em entrevista ao jornal Sinapse, de novembro de 2011, p. 11, o ato foi conturbado:

Nossa formatura ocorreu em plena fase da ditadura militar e havia seus representantes no ato, inclusive compondo a mesa da solenidade. Na plateia, encontrava-se nosso Homenageado de Honra, Dr. Amílcar Gigante, impedido de subir ao palco por ser “cassado político”. No discurso de oradora, usei uma frase de Voltaire que, subliminarmente, engrandecia e os militares sentiram-se atingidos. Quando findou o ato de formatura havia um camburão do DOPS para levar-me para prestar depoimento. Felizmente, meu marido (na época, namorado), que já tinha passagem por aquele Departamento, ajeitou as coisas e pudemos desfrutar do meu baile com alegria e tranquilidade.

O trecho, a que refere Zulce, foi publicado pela mesma edição do jornal e rende homenagens de admiração a Amílcar Gigante, que não pôde estar no palco para a solenidade.

[...] Procuraremos ter presente, a todo momento, vossos ensinamentos e, mais do que isso, vosso exemplo de dignidade humana, de profissional correto, de homem de ciência e de professor emérito. Vós soubestes enfrentar as situações difíceis, sem perder nunca a altivez e a hombridade. E mantendo sempre a serenidade, destes, quiçá sem o saber, vossa mais brilhante aula. Para vós, deixamos nossa homenagem, fazendo nossas, as palavras do grande filósofo: 'Os homens que considero grandes', dizia ele, 'são aqueles que se distinguiram como seres úteis e construtores; os outros – que pilharam e conquistaram províncias, eu os trato, apenas de heróis'.

Nas narrativas de Farid, Petrucci e Zulce se percebe a presença constante do aparelho repressor no cotidiano da faculdade. Farid chama a atenção para isso quando revela que, no momento que discutiam se manteriam ou não o paraninfo, o exército observava a deliberação dentro da sala de aula. Petrucci conta um episódio sobre ele próprio ter sido conduzido ao quartel, tendo em vista sua participação em movimentos estudantis; já Zulce enfatiza o fato de que o exército compunha, inclusive, a mesa de honra, como convidado no ato solene da formatura.

Farid também comenta, em entrevista realizada no dia 6 de outubro de 2022, que um colega seu, da primeira turma, Heitor Bandeira de Paola, perdeu um ano da faculdade por ter participado de um Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE)<sup>32</sup> à época. Segundo Farid, ele foi cassado e esteve preso, se formando posteriormente.

O próprio Farid foi vítima da ditadura quando ocupava um cargo na Fundação Universidade de Rio Grande (FURG)<sup>33</sup>, uma vez que no dia 31 de maio de 1974 ele foi sumariamente afastado de suas funções de professor. Segundo ele: "Por ter um contato próximo aos alunos de certa forma fui discriminado e, inclusive, perdi o emprego lá, mas depois fui anistiado, na época do Presidente Sarney".

Relacionado a esse período, dois nomes aparecem de forma reiterada nas narrativas: Amílcar e Kurt. Amílcar Goyhenex Gigante nasceu no dia 3 de junho de 1929 e faleceu em 18 de outubro de 1998, justamente na data em que é comemorado o Dia do Médico. Graduou-se no ano de 1952 pela Universidade Federal do Paraná e foi nesse lugar que iniciou sua trajetória acadêmica como professor de clínica médica e, depois, diretor do Hospital de Clínicas. No ano de 1964, a partir do Decreto de 8 de junho foi expurgado e proibido de lecionar. A perseguição se deu por ser membro do Partido Comunista. Segundo o jornal da Associação de Professores da Universidade Federal do Paraná (2010, s.p.), o ato foi uma perseguição já que "os professores José Rodrigues Vieira Neto, Amílcar Gigante e Reginis Prochmann são aposentados compulsoriamente pelo regime militar".

O nome do professor Amílcar aparece desde o ano de 1965 como docente da Leiga. Sem ter mais como atuar no Paraná ele retornou a Pelotas, sua cidade natal e logo foi convidado por Naum Keiserman para fazer parte do curso que estava se constituindo. Amílcar podia dar aulas na FAMED, em seu início, pois tratava-se



Dr. Amílcar Gigante.

Fonte: Quadro oficial da galeria de ex-Reitores da  
UFPel. Acervo UFPel.

N.º de inscrição ..... <u>159</u>	CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA ESTADO DO PARANÁ	
Data da inscrição ..... <u>29.7.58</u>	Data da foto. <u>1957</u>	
Nome ..... <u>Dr. AMÍLCAR GORHENEX GIGANTE</u>	Último sobrenome ..... <u>GIGANTE</u>	
Filiação ..... <u>ANTONIO GIGANTE E ANTONETTA G. GIGANTE</u>	Estado civil ..... <u>CASADO</u>	
Data de nascimento ..... <u>3 - 6 - 1929</u>	Cor ..... <u>BRANCA</u>	Nacionalidade ..... <u>BRASILEIRA</u>
Natural de ..... <u>Pelotas - R.G. do Sul</u>	Residência ..... <u>NAMES MACHADO 266 Ap. 1</u>	
Diploma ..... <u>expedido em 10/52</u>	CIDADE ..... <u>do Medicina do Paraná</u>	ESTADO ..... <u>SC</u>
revalidado ..... <u>DATA</u>	Carteira identidade ..... <u>Museu Gueto 6907-0102</u>	
Título ..... <u>Médico</u>	Local onde exerce a profissão ..... <u>Curitiba - Paraná</u>	
Local onde exerce a profissão ..... <u>Curitiba - Paraná</u>	Mudanças de residência	
<u>transf C.R.M. RG sul</u> <u>em 19-2-65 - 10/1/65</u>		
	Polegar-direito	

Ficha de inscrição do Dr. Amílcar Gigante no CRM do Estado do Paraná.

Fonte: Acervo do Conselho Regional de Medicina do Estado do Paraná.

de uma instituição particular. Sua situação muda a partir do Ato Institucional número 5 de 1968, quando há um endurecimento na Ditadura Militar e ele é impedido de lecionar. Luciana Gigante, sua filha, formada na UFPel (ATM 1980), que não pôde ter aulas com Amílcar, reflete sobre este período assim dizendo: “O pai sempre trabalhou. Ele só perdeu o emprego na Universidade. Ele tinha consultório, tinha INSS<sup>34</sup>, então ele nunca perdeu renda e a mãe com cinco filhos, ela não tinha como trabalhar”.

Já no ano de 1979, tendo em vista a Lei da Anistia, que construiu o caminho para o fim da ditadura, pôde retornar à sua função como docente, agora na Universidade Federal de Pelotas, pois a Faculdade de Medicina tinha sido federalizada em 1978.

O interessante é que Amílcar, numa espécie de “retratação histórica”, chegou ao cargo máximo que um professor pode ocupar em uma Universidade, o de Reitor em 1989, ao liderar um grupo intitulado Construção, o qual venceu um pleito bastante disputado, a partir do voto paritário de toda a comunidade acadêmica.

Luís Benvegnú, formado na Leiga (ATM 1989), relembra um pouco desse contexto ao assim comentar:

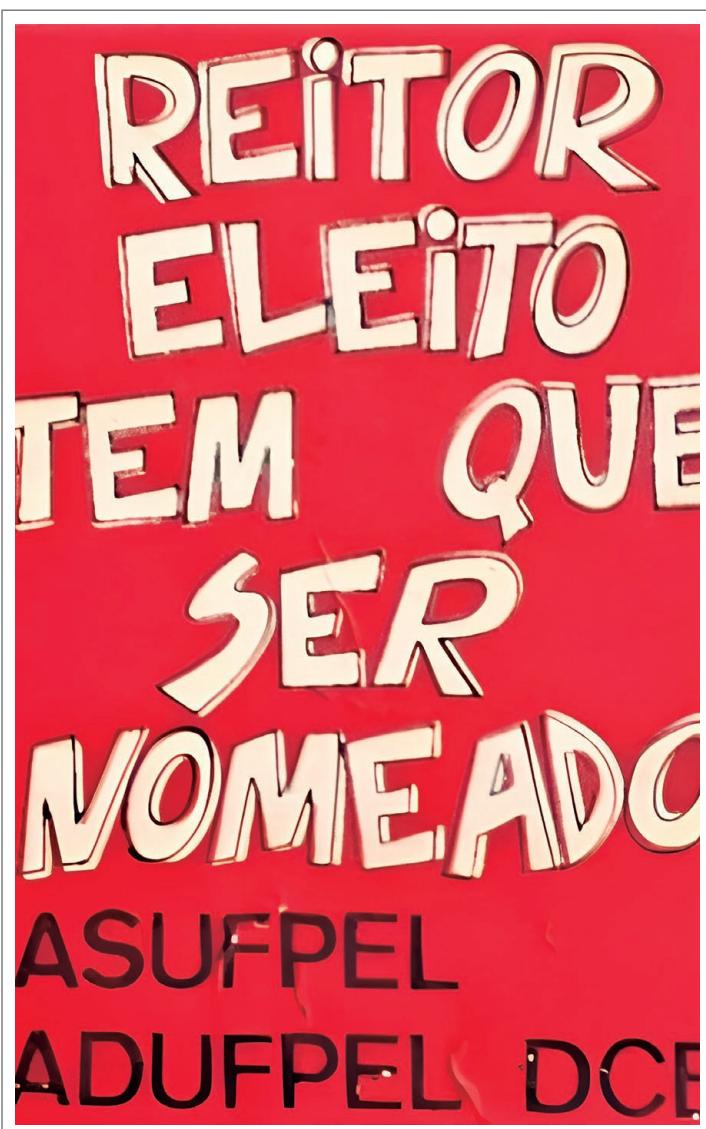
A gente tinha muito presente esta questão da democracia, pelo contexto do que vivíamos na Universidade e no país, da redemocratização [...]. Então a gente via a possibilidade de eleger um reitor como uma coisa fundamental [...]. A comunidade universitária, que era dividida nos três segmentos de estudantes, servidores e professores esteve envolvida nisso. Eu, nesse cenário, era tesoureiro do Diretório Central de Estudantes e participava ativamente [...]. O presidente da Associação dos Professores era o Facchini<sup>35</sup>, que era da Medicina [...].

Benvegnú segue sua fala enaltecendo a importância que foi escolher Amílcar Gigante como candidato, naquele contexto, já que era “uma pessoa que tinha uma visão de sociedade muito ampla, que tinha uma visão da Medicina muito social”.

De todo modo, para ele, que era estudante à época, o processo eleitoral transcorreu bem, mas houve dificuldades para que Gigante fosse nomeado pelo MEC, tanto assim que foi preciso um movimento para que isso acontecesse, que se intitulou: “Reitor eleito tem que ser nomeado”.

Nesta gestão da Reitoria, a parceria entre Amílcar e Naum também se fez presente, já que o antigo diretor da Leiga foi assessor especial do reitor Amílcar durante o período em que esteve à frente da UFPel.

Amílcar foi citado por vários entrevistados, conforme se verá pelas páginas deste livro. César Victora, formado na UFRGS (ATM 1976), assim diz sobre o colega em sua narrativa: “O Gigante era um orador brilhante. Ele era um professor que dava



Cartaz da campanha “Reitor eleito tem que ser nomeado”.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

uma aula que terminava e a gente ficava babando. Eu nunca fui aluno dele, porque não estudei aqui, mas assisti algumas aulas dele, algumas conferências e ele era muito culto, ela falava muito bem. Era um clínico maravilhoso". Renato Barbosa Xavier, formado na Leiga, na ATM 1971 e professor na cadeira de Ortopedia, a partir de 1974, também elogia o professor (e depois colega) ao dizer: "Amílcar era muito inteligente, o QI dele era fora do normal".

Kurt Kloetzel<sup>36</sup>, por sua vez, aparece também em várias narrativas, algumas vezes como um visionário, em outras como uma pessoa difícil de lidar. Ele tem uma trajetória próxima a de Amílcar no que se refere à perseguição política durante a ditadura civil-militar. Nascido no ano de 1923, em Hamburgo, Alemanha, faleceu em Pelotas, em 2007. Ele era formado em Engenharia e, depois, graduou-se em Medicina na USP, em 1955, mesma instituição que o acolheu como docente anos mais tarde. Bastante inquieto atuou em diferentes áreas e em várias regiões do Brasil e do mundo, sendo consultor da Organização Mundial da Saúde na década de 1960.

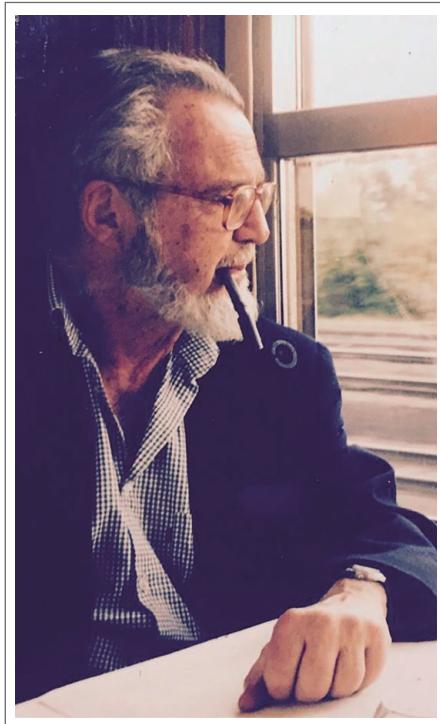
Sobre inspirações que teve em sua carreira, César Victora comenta no Jornal Sinapse (2016, edição 17, p. 6): '[...] Vim para Pelotas por causa do Kurt Kloetzel, um médico e cientista extremamente inovador que criou o Departamento de Medicina Social, o qual mais tarde originou o Centro de Pesquisas Epidemiológicas"<sup>37</sup>.

Retomando o período ditatorial, Hochmann (2014) abordou as perseguições ocorridas na USP após o Golpe de 1964. Segundo o autor, um grupo de acadêmicos denunciou aqueles professores que seriam comunistas na Universidade, solicitando "ações urgentes e eficazes para acabar com o 'poderoso núcleo sino-bolchévico'"<sup>38</sup> (grifo no original) que teria se instalado naquela instituição (p. 26). O maior número de professores perseguidos estava na Faculdade de Medicina, e dentre os nomes denunciados, constavam os de Kurt e de sua esposa, à época, Judith<sup>39</sup>.

Tendo em vista o golpe e a cassação de direitos de diversos cientistas, Kurt pediu demissão da USP e se mudou para os Estados Unidos, permanecendo naquele país por pouco tempo. Ao retornar ao Brasil, em seguida começou a atuar em Mogi das Cruzes, local em que foi professor e, logo esteve em Londrina, para ali também exercer o magistério. No ano de 1976, foi convidado por Naum para se fixar em Pelotas, o que fez, compondo o grupo de professores da FAMED. Ele foi o fundador do Departamento de Medicina Social, no ano de 1977<sup>40</sup>, conforme já dito, e influenciou gerações de médicos com seus livros e a defesa do que só viria a se constituir apenas no futuro, a saber, o Sistema Único de Saúde (SUS) e a Estratégia de Saúde da Família (ESF).

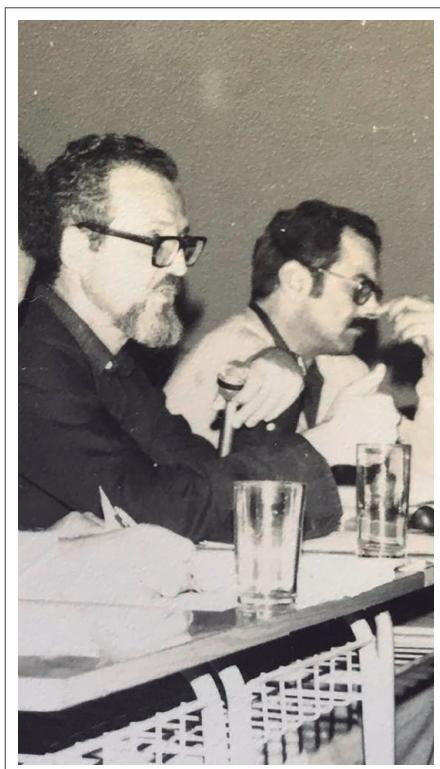
## O PROCESSO DE AUTORIZAÇÃO DO FUNCIONAMENTO E A LUTA PELO RECONHECIMENTO DO CURSO

A autorização do funcionamento da Faculdade Leiga deu-se no dia 3 de abril de 1963 (Decreto n. 51.884)<sup>41</sup>, mas para isso foi necessário o envio de uma série



Dr. Kurt Kloetzel.

Fonte: Acervo do Departamento de Medicina Social / FAMED-UFPel.



Dr. Kurt Kloetzel e Dr. Amílcar Gigante.

Fonte: Acervo do Departamento de Medicina Social / FAMED-UFPel.

de documentos no ano anterior. O primeiro<sup>42</sup> deles apresentava um preâmbulo com a história da IPESSE, além da identificação de seis pontos: comprovação de existência legal e de uma satisfatória capacidade financeira, a partir da qual era anexado o ato de fundação da IPESSE e fotografias sobre o evento, além da certidão do registro de imóveis; certidão de dotação orçamentária implementada pelo governo municipal e comprovantes de depósitos bancários. O segundo item fazia uma descrição das instalações físicas, bem como dos hospitais existentes para a atuação. Nesse tópico é evidenciado que com o prédio principal havia um grande terreno disponível, o qual poderia abrigar várias construções em futuro próximo.

Já na lista de hospitais, embora se saiba, pelos relatos orais, que no início não foi possível utilizar a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas<sup>43</sup>, tendo em vista uma greve de médicos que criou tensões na categoria, o hospital é listado assim como a Sociedade Portuguesa de Beneficência, Sanatório São Miguel Ltda. (moléstias mentais), Sanatório Espírita (moléstias mentais) e Sanatório Veloso.

Sobre este movimento relacionado à Santa Casa, o Dr. Carlos Karam, em sua narrativa, comenta o seguinte: “Em 1960, na transição para o ano novo, o grupo que trabalhava no Pronto Socorro da Santa Casa se rebelou contra a direção e, no momento, achou por bem se demitir. Então saímos em grupo, comprehende? Faltou diálogo”. Karam aborda que o serviço era bastante obsoleto e que não foi uma greve, mas um rompimento de relações trabalhistas, tendo em vista as condições de trabalho. Segundo ele, houve, inclusive, apoio das associações médicas de Pelotas e do Estado do RS, o que fica evidenciado por notícia publicada no jornal D.P., de 13 de janeiro de 1961, p. 1, na qual foi dito que a carta com o pedido de desligamento de trinta e dois médicos teria sido entregue pelos médicos Salvador Ferreira e Naum Keiserman, que representavam a Associação Médica do RS. De todo o modo, tal situação trouxe problemas para que a Leiga, nos seus anos iniciais, conseguisse espaços hospitalares necessários para a formação de seus médicos.

O terceiro item envolvia a organização administrativa e didática e procurava enfatizar a formação técnica relacionada, especialmente ao corpo docente. A administração da Faculdade seria feita por cinco pessoas, a saber: diretor Dr. Naum Keiserman; secretário: Francisco José Passos; tesoureiro: Dr. Guilherme Soibelman; contador: Dr. José Silva de Araujo e auxiliar: José Luís de Mascarenhas Muccillo. Foi ressaltado que a Faculdade se organizaria por departamentos e a partir de vinte e duas cátedras. Segundo o documento, nos cinco anos iniciais aconteceriam as disciplinas e, no último ano, haveria a prática em regime de internato. Para comprovar a formação técnica dos professores foi anexado o currículo de cada um deles, um atestado de idoneidade moral, comprovante de residência, além do compromisso de assumir a vaga pleiteada através de seleção pública. Em algumas situações havia outros atestados, como aqueles que vinculavam o médico a algum hospital; a colaboração em periódicos científicos e cargos representativos ocupados pelos docentes.

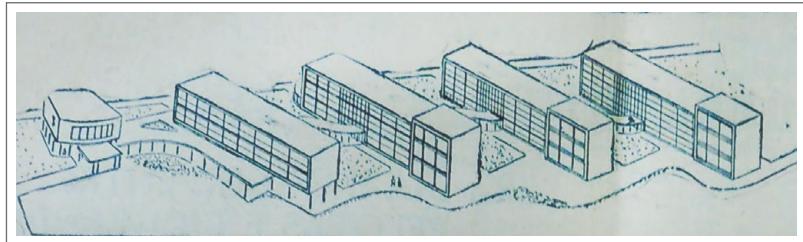
O quarto item apresentava o currículo segundo os “modernos preceitos do ensino médico” e listava os nomes dos médicos já apresentados no texto. Era enfatizado que nem todas as vagas foram ocupadas para docentes, mas que haveria auxílio de “técnicos ligados a diversas faculdades oficiais, de indiscutível competência”.

O quinto item explicava por que motivo foi fixado o número de cinquenta vagas para a primeira seleção de estudantes. No texto era dito que, apesar da ampla área disponível para a nova faculdade, foi limitado o ingresso a essas vagas, pois “é preciso levar em conta que o ensino das ciências médicas é individual, aluno por aluno, devendo-se, pois evitar excessivo número de estudantes que tornariam o ensino mais deficiente”. O documento segue assim dizendo: “A crescente-se o fato que uma escola em início não poderá dispor de equipamento e pessoal em grande abundância e, nestas condições, julgamos que o número fixado permitirá um aprendizado altamente satisfatório”.

Já no sexto item constavam as prerrogativas culturais que fariam com que Pelotas devesse abrigar uma Faculdade de Medicina, além de aspectos geográficos, econômicos e educacionais que precisavam ser ressaltados para que fosse concedida a autorização de funcionamento. O texto chama a atenção para a importância do município já que era, naquele momento, o segundo do Estado, sendo um polo regional de saúde para várias cidades próximas da região sul. Do ponto de vista econômico, possuía um sólido parque industrial e um comércio forte, além de um setor de serviços expressivo. Mas é no aspecto educacional e cultural que o texto é mais enfático, pois ressalta o papel de alguns cursos universitários antigos como Agronomia, Odontologia e Direito. O afluxo de estudantes de várias cidades favorecia a construção de um ambiente cultural diverso, que poderia muito bem acolher outra Faculdade, também na área da saúde. E, assim, o texto da IPESSE procura finalizar o pedido de funcionamento:

É, pois, Pelotas, um centro universitário de maior importância no Rio Grande do Sul quer no número de suas instituições de ensino superior, quer pela eficiência com que as mesmas vêm cumprindo a sua missão, desde épocas passadas cheias de imensas dificuldades, cuja superação atesta o espírito das gerações pelotenses.

Após o início do funcionamento de uma graduação, é fundamental que esse curso seja reconhecido pelo Ministério da Educação, de modo que os diplomas concedidos aos formados tenham validade em todo o território nacional. Edson Holthausen (ATM 1968), por exemplo, diz em sua entrevista que havia um receio durante os anos iniciais de que a faculdade fechasse a cada final de ano. Tal fato se vinculava à fundação de duas faculdades ao mesmo tempo, em uma cidade



Perspectiva do que deveria ser a FAMED, a partir de estudos e projetos a serem implementados no terreno da Av. Duque de Caxias, 250.

Fonte: Jornal Diário Popular, 1 de dezembro de 1960.

Acervo da Biblioteca Pública Pelotense.

## SANTA CASA CONCEDIU DEMISSÃO AOS TRINTA E DOIS MÉDICOS DISSIDENTES

Consumou-se, ontem, a demissão de trinta e dois médicos que exerciam idades ou estavam, de uma ou outra forma, vinculados à Santa Casa Misericórdia de Pelotas, e cuja nota publicamos na última edição. Pela manhã, conforme antecipamos, o dr. Salvador Ferreira, vice-presidente em exercício, e o dr. Naum Serman, secretário, da Sociedade de Medicina de Pelotas, por delegação da Sociação Médica do Rio Grande do Sul, fizeram entrega à Mesa Administrativa provisória do hospital, de documento assinado por aqueles facultas dissidentes, contendo o pedido de demissão.

O ato teve lugar no salão de honra daquela instituição, sendo os representantes da SMP recebidos pela Mesa Administrativa provisória, tendo à frente o provedor, dr. Eugênio Martins Peixoto.

À tarde, em reunião para tomar conhecimento de pedido, a Mesa Administrativa — segundo a reportagem em fonte extra-oficial, mas muito bem informada — decidiu considerar a demissão solicitada.

Assim, consoante também informamos, permaneceram em ação no hospital os drs. Darcy Xan (nome que, involuntariamente, omitimos no último noticiário sobre o suunto), Félix Caputo, João Feliciano Xavier, José Domingues de Assis, Vicente Martins Real, José Passos, Antônio Campelo Duarte, Plotino Duarte Neto, Augusto Guimarães Duarte, Ivo Rabélo da Silva, José Dagoberto Moura e Samuel Duval da Silva.

Podemos, ainda extra-oficialmente, informar que a Santa Casa, como é óbvio, continua desenvolvendo suas atividades, no sentido que não sofrerá redução de continuidade o atendimento dos serviços hospitalares.

### PRONTO SOCORRO

Por outro lado, continuam funcionando normalmente os serviços de Pronto Socorro, atendidos pelos srs. João Xavier, José Domingues de Assis, José Dagoberto de Moura e Vicente Martins Real.

Notícia sobre a demissão dos médicos por parte da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

Fonte: Jornal Diário Popular, 13 de janeiro de 1961.

Acervo da Biblioteca Pública Pelotense.

considerada pequena, como Pelotas. Carmen Maria Duarte (ATM 1968) também aborda a mesma temática, assim a descrevendo: “Existia uma certa competição, pois foram criadas duas faculdades com fontes diferentes e isso foi muito falado. Depois aconteceu que foram criadas ao mesmo tempo. Isso fatalmente criaria dificuldades de professores e hospitais”.

De todo modo, o reconhecimento da Leiga deu-se no dia 12 de outubro de 1966, através do Decreto nº. 59.381, publicado no Diário Oficial da União, bem antes, portanto, da formatura da primeira turma ocorrida no ano de 1968, conforme já dito.

Nas narrativas, fica claro todo o esforço feito pelos professores e estudantes no sentido de que houvesse o reconhecimento. Tal fato se expressa pelo não recebimento de salários de docentes nos primeiros anos do curso; a doação de livros e equipamentos pela comunidade; a realização de várias atividades com o intuito de arrecadação de fundos, como rifas e encontros artísticos e culturais, além das ações de integração como a que consta na notícia publicada pelo jornal Diário Popular de 5 de novembro de 1964, p. 2, que tem como título “Consultas e medicamentos gratuitos na Faculdade de Medicina da IPESSE”. O texto aborda o papel de benemerência social desenvolvido pela Leiga com a fundação de um consultório que funcionava nos dois turnos, no qual o paciente não tinha nenhuma despesa nem mesmo com os medicamentos e exames clínicos. Segundo a matéria: “os médicos encarregados das consultas não recebem nenhuma remuneração pelo trabalho. A farmácia, por sua vez, é suprida através de coleta feita pelos universitários junto aos laboratórios e clínicas médicas”. A intenção era de que a faculdade estivesse a cada dia mais inserida na comunidade local, ao compreender suas necessidades e propor alternativas de cuidado no campo da saúde.

## A FEDERALIZAÇÃO

Conforme já abordado, o tema da federalização esteve presente nos primeiros debates sobre a organização da Leiga. Ocorre que alguns anos antes de 1963 havia se constituído um curso de Medicina em Santa Maria, que surgiu relacionando à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e que foi considerado à época, pelo reitor, Elyseu Paglioli, como um erro por não possuir as condições ideais de funcionamento. Para ele, em declarações feitas à imprensa, o melhor seria fundar um curso particular e buscar depois a federalização.

O caminho tomado pela IPESSE foi esse, ou seja, o curso de Medicina iniciou como particular e pago, sendo que as mensalidades dos alunos financiavam parte da estrutura necessária para que se tivesse uma boa formação. Em um documento constante do acervo da Dra. Gleide é dito assim sobre o item mensalidades: “O pagamento é feito à base de 7 salários-mínimos da região<sup>44</sup>, incluído matrícula, taxas etc., sendo que, por ocasião da matrícula, será cobrada a primeira mensalidade”. Havia, também, verbas federais e municipais, mas que não conseguiam suprir todas as demandas.

Nas narrativas de entrevistados e ainda na imprensa, era destacado que vários médicos atuavam em sala de aula sem nada receberem nos dois anos iniciais, e os que passaram a ter rendimentos, recebiam salários simbólicos. Apenas os catedráticos tinham proventos de cerca de 250 cruzeiros novos por mês<sup>45</sup>.

Mas havia professores de fora como de Porto Alegre, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro que precisavam ter algum rendimento. Junto-se a isso a necessidade de laboratórios e seus insumos e o estabelecimento de convênios com hospitais e vê-se como eram indispensáveis recursos, que só aumentavam com o passar do tempo. Apenas como exemplo, pode-se citar o caso dos professores. Se no início eram vinte e dois os docentes, no ano de 1968, quando se formou a primeira turma, já eram setenta e cinco aqueles que atuavam. O tema da federalização, portanto, nunca deixou de estar na pauta, especialmente depois do ano de 1969 quando houve a fundação da UFPel.

Segundo Loner (2017, p. 280), a UFPel “foi oficialmente criada pelo decreto-lei nº. 750, de 8 de agosto de 1969, como parte do plano de expansão e interiorização do ensino superior elaborado pelos governos militares. Entretanto, suas origens se mesclam com a história da cidade de Pelotas [...].” A autora afirma que os primórdios da Universidade se vincularam a estruturas como a do Lyceu de Agronomia, Artes e Ofícios, fundado no século XIX, o qual permitiu a organização da Agronomia e da Veterinária, além de graduações como Ciências Domésticas, Odontologia, Direito, Escola de Belas Artes, Conservatório de Música e Faculdade de Medicina.

Naum (KEISERMAN, 2018, p. 35 e 36) revela que já em 8 de agosto de 1969, quando foi fundada a UFPel, constava em seu Estatuto de criação a agregação da FAMED.

A agregação tem um significado de associação cultural, inclusiva com assento do diretor no Conselho Universitário. Não tem, porém, qualquer vinculação didática ou financeira. O Reitor da Universidade, Prof. Delfim Mendes Silveira, porém, em seu espírito universitário, tratou logo de proporcionar facilidades à escola agregada. O serviço de engenharia da Universidade assumiu por inteiro a supervisão de obras da Faculdade, desde os projetos até a construção, passando pelas concorrências, sem qualquer ônus para a IPESSE. Paulatinamente, professores da área básica foram sendo contratados para os Institutos da Universidade e designados para lecionar na medicina, desobrigando-a do pagamento dos vencimentos. A Faculdade continuava particular e como tal, recebendo anuidade dos alunos, o que aliviava os problemas financeiros e facilitava a aquisição do material.

Retomando o tema da federalização, há versões diversas sobre como se deu. Enquanto alguns professores entrevistados ressaltam que toda a comunidade tinha interesse no processo por vários motivos – dentre eles o não pagamento das mensalidades; a incorporação dos docentes e técnicos como servidores públicos;

a manutenção e construção de novos prédios e a aquisição de equipamentos fundamentais para a profissão –, a alavanca detonadora do processo aparece distinta em algumas narrativas, especialmente de alunos.

Para discutir as versões apresentadas pelos discentes foram entrevistados quatro médicos formados pela UFPel que vivenciaram bastante de perto o processo da federalização: André Hypólito, Lucio Castagno, Ricardo Nogueira<sup>46</sup> e José Milton Mirenda. A narrativa dos discentes, à época, evidencia a importância que teve o movimento estudantil.

Em 1974 aconteceram eleições gerais no Brasil, durante o governo Ernesto Geisel, com uma expressiva votação no Movimento Democrático Brasileiro (MDB), o qual representava a oposição<sup>47</sup>. Tal fato criou condições para a reivindicação de uma abertura política, a partir de uma organização da sociedade civil. Embora novas legislações tenham sido construídas com o intuito de perpetuar o regime por mais onze anos, criou-se uma espécie de rasgo que permitiu que grupos políticos se mobilizassem, como os estudantes, por exemplo.

André Hypólito (ATM 1981) conta sobre esse novo momento no país e na faculdade:

Já quando entramos começou um movimento muito grande pela federalização, porque havia vários alunos que não podiam pagar e se não pagasse não podiam fazer prova e nem a nota tua, se fizesse, não recebiais. Então era terrível. Tinha uma inadimplência enorme. No início era mais a elite de Pelotas que estudava ali, mas depois começou a vir estudantes de fora e até estrangeiros e tinha muita gente que não era rica e era difícil de pagar. Então começou um movimento de aceleração pela federalização da faculdade por necessidade econômica e houve uma conjunção com o movimento político [...] era um período de regime militar. E eclodiu o movimento estudantil naquele período dentro da Faculdade de Medicina junto com outros cursos e a luta pela federalização foi a luta pela democracia dentro da faculdade. Isso ficou marcado. Tanto é que a nossa chapa, que ganhou o diretório acadêmico era “quem vota na chapa 2 da oposição, vota pela federalização”. Esse era o nosso lema. Daí ganhamos o diretório acadêmico e o Ricardo era o nosso presidente.

André também se refere a um acontecimento nacional que fez com que o movimento estudantil se fortalecesse no período, que foi justamente a expulsão de dezenas de alunos da UnB, muitos deles estudantes de Medicina, no ano de 1977<sup>48</sup>, por participarem de atos que culminaram em uma greve contra a ditadura militar. Depois da expulsão ou suspensão dos estudantes, foram feitas mobilizações em todo o Brasil.

Algumas situações propícias à mobilização foram trazidas na entrevista de Ricardo Nogueira (ATM 1983), que foi presidente do DANK. Ele conta que na sua

Instituição Pró-Esino Superior no Sul do Estado

Faculdade de Medicina de Pelotas

Pelotas - Rio Grande do Sul - Brasil

Eu, Dr. Naum Reiserman, diretor da Faculdade de Medicina de Pelotas da  
Instituição Pró-Esino Superior no Sul do Estado, confiro o Título de Médico à Senhora

Tania Labes Barcellos

filha de José Antonieti Barcellos e Ema Labes Barcellos, nascida a 15 de março de 1942,  
na cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, por ter completado o curso de  
Medicina pela colação de grau a 13 de dezembro de 1968.

E, para que goze dos direitos e prerrogativas inerentes à sua profissão,  
mandei passar-lhe o presente Diploma de Médico.

Pelotas, 20 de dezembro de 1968.

*Naum Reiserman*  
Diretor

*J. P. Barcellos*  
Inspektor Federal

*Tania Labes Barcellos*  
Titulado

*F. Miguel Vanzetti*  
Secretário

Diploma do ano de 1968, expedido pela IPESSE.

Fonte: Acervo pessoal da Dra. Tania Labes Barcellos.

República Federativa do Brasil  
FACULDADE DE MEDICINA DE PELOTAS  
INSTITUIÇÃO PRÓ-ENSINO SUPERIOR NO SUL DO ESTADO  
Agregada à Universidade Federal de Pelotas  
Pelotas - Estado do Rio Grande do Sul

Eu, Dr. Naum Reiserman, Diretor da Faculdade de Medicina de Pelotas da  
Instituição Pró-Esino Superior no Sul do Estado, tendo presente o termo  
de colação de grau de Médico conferido a

**Farid Butros Juman Nader**

natural de Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, filho de Butros  
Juman Nader e Celina Butros Juman Nader, nascido a 6 de agosto de  
1941, e usando da autoridade que me confere o Regimento desta Faculda-  
de, mandei passar-lhe o presente

**DIPLOMA DE MÉDICO**

para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas concedidos a este tí-  
tulo pelas leis do Brasil.

Pelotas, 19 de dezembro de 1969

*Naum Reiserman* *J. P. Barcellos* *T. Labes* *F. Miguel Vanzetti*  
Diretor Inspektor Federal Titulado Secretário

Diploma do ano de 1969, expedido pela IPESSE. Faculdade de Medicina

aparece como "agregada à UFPel".

Fonte: Acervo pessoal do Dr. Farid Nader.



Diploma do ano de 1979, expedido pela UFPel, um ano após a federalização.

Fonte: Acervo pessoal da Dra. Beatriz Pinheiro Franck.



Foto da campanha para o DANK “quem vota na chapa 2 da oposição,  
vota pela federalização”.

Fonte: Imagem da internet. Página “Leiga - Medicina UFPel” no Facebook.

turma, por exemplo, tinham vários alunos do Paraná e que “por coincidência naquela época o ministro da Educação era o Nei Braga, que tinha sido governador do Paraná e o diretor de ensino superior era o professor Edson Machado de Souza, que era de Ponta Grossa”. Como alguns alunos conheciam os dois professores eles foram a Brasília fazer mobilizações com a intenção de acelerar os debates sobre a federalização em Pelotas, uma vez que a Medicina constava como agregada da UFPel. Para Ricardo, a federalização só foi possível pela mobilização dos alunos e, segundo ele, teria havido um fato detonador na FAMED, que foi a inadimplência de uma boa parte da turma de Anatomia que, ao não conseguir pagar, não teria recebido a nota e não poderia fazer a rematrícula.

José Milton Mirenda (ATM 1980), que, com o tempo, acessou a faculdade através de um crédito educativo<sup>49</sup>, foi secretário do DANK e revela que ficou inadimplente e passou por constrangimentos. Ele enfatiza a importância das movimentações dos alunos para mudar aquela situação.

Lucio Castagno (ATM 1982), filho de um dos professores fundadores do curso, Sidney Castagno<sup>50</sup>, também reflete sobre o tema das mobilizações em sua narrativa, afirmando que o Diretório acadêmico teve um papel muito importante naquele conjuntura. Para ele, as ações estavam relacionadas com as lutas contra a ditadura militar, conforme também foi dito por André. Como o DANK tinha recursos, advindos, sobretudo da boate que promovia festas lotadas, foi possível ir algumas vezes a Brasília e à Assembleia Legislativa do RS buscando realizar articulações políticas, além de se realizar shows e palestras com sociólogos, que debatiam questões vinculadas à universidade pública e às lutas pela democracia no Brasil.

Já a partir da documentação oficial da UFPel se pode compreender como o Conselho Universitário, órgão máximo da instituição, debateu a temática, cerca de dois anos antes dela efetivamente ser concretizada. Na reunião do CONSUN<sup>51</sup>, do dia 8 de junho de 1976, às 9 horas, o reitor Delfim Mendes da Silveira faz uma espécie de retrospecto do assunto, que já vinha sendo debatido em algumas instâncias da UFPel e assim consta na ata:

[...] a título de informações complementares, queria historiar todos os fatos que antecederam o processo, desde a contratação para a área básica, colocados à disposição da Faculdade de Medicina como uma forma de auxílio da Universidade, até o pedido de recursos adicionais ao MEC para atender as necessidades daquela Faculdade agregada. Discorreu longamente sobre o assunto esclarecendo, inclusive, as gestões que inúmeras vezes foram feitas junto ao MEC para a incorporação daquela Unidade à UFPel, e a tramitação de um processo que está no ministério desde quase a fundação da Universidade.

Já no dia 21 de junho do mesmo mês e ano, também pela manhã, o tema voltou a ser debatido. Naum e Leo estavam presentes à reunião do CONSUN e, quando

questionados se queriam a incorporação da Leiga pela UFPel, ambos responderam afirmativamente (p.11)<sup>52</sup>.

Por fim, em reunião do dia 24 de agosto de 1976<sup>53</sup>, às 14 horas, o conselho, presidido por Delfim Mendes da Silveira e Alexandre Valério da Cunha (vice-reitor) e tendo a presença de Naum Keiserman, abordou novamente o assunto federalização, visando construir um desfecho para o tema. Para isso, o professor Alberto Sousa, que havia ficado de elaborar um parecer conclusivo, o apresentou durante o encontro.

O relator, professor Alberto, já no início de seu discurso, afirmou que a plena integração da Faculdade em caráter permanente é “medida imperativa, urgente e do mais alto interesse para as duas entidades” (p. 98), IPESSE e UFPel. Foi ressaltado o trabalho efetivado pela IPESSE, destacando-se todo o mérito que havia naquilo que tinha sido concebido e executado ao longo dos anos. Na explanação do relator, foi dito que [...] “é agora chegada uma nova etapa em que a expansão obtida pela Faculdade de Medicina e a necessidade de, no futuro, ainda mais incrementar esse crescimento, estão a exigir sua definitiva incorporação à universidade” (p. 99). Sobre os procedimentos de incorporação, verificou-se que o melhor seria a extinção da IPESSE, realizada através de assembleia, e a incorporação de todo o patrimônio à UFPel. O chamamento para a assembleia geral extraordinária feito pelo secretário da entidade, Miguel Barcellos, aconteceu no dia 3 de setembro de 1976, pelas páginas do jornal D. P. e teve apenas dois itens para a ordem do dia: incorporação da Faculdade de Medicina de Pelotas à Universidade Federal de Pelotas e extinção da Instituição Pró-Ensino Superior no Sul do Estado.

No que diz respeito aos docentes e técnico-administrativos, eles deveriam ser recebidos pela Universidade, percebendo os mesmos salários e funções do quadro permanente da instituição. O maior debate deu-se com relação aos direitos dos docentes que precisavam, segundo o professor Naum, ser transferidos nas classes em que constavam na IPESSE e não em carreiras iniciais. Alguns conselheiros demonstravam preocupação se isso não diminuiria o quantitativo de docentes que caberia à UFPel, naquele momento. Um outro ponto, relacionado aos docentes, era o fato de que alguns professores da Medicina não eram concursados, mas tal situação também existia na UFPel, pois a maior parte dos ingressos, naquele momento, tinha se dado por convite. A reunião foi encerrada e reaberta no dia 26 de agosto de 1976, às 14 horas, e o ponto da federalização voltou em um longo debate que não teve encerramento, já que novo encontro foi chamado para o dia 30 de agosto de 1976, quando finalmente foi aprovada a incorporação da Medicina à UFPel. Depois de dirimidos os pontos de dúvida e se estabelecido um acerto para as tratativas com o MEC, o Dr. Naum Keiserman afirmou “sentir-se neste momento, como também se sentia o Conselho Universitário, um vitorioso. [...] Disse que ao início da árdua luta para criação da Faculdade de Medicina, a meta era chegar ao ponto em que hoje se está chegando. Que a escola pudesse um dia ser uma Universidade Federal” (p.118).

Notícia publicada no jornal Diário Popular de 21 de novembro de 1976 afirmou que já se encontrava no Conselho Federal de Educação (CFE) o processo de transferência da FAMED à UFPel e a expectativa era de que o ato acontecesse em seguida. Tendo em vista todos os trâmites necessários, o termo de incorporação somente foi assinado no dia 7 de novembro de 1977 e o ato formal de federalização se deu no dia 30 de abril de 1978, conforme se pode ver pelas documentações existentes<sup>54</sup>.

O aluno à época e hoje professor Lucio Almeida Castagno conta que no primeiro ano do seu curso, 1977, a instituição funcionava como uma universidade privada com o processo de federalização correndo em paralelo, embora o vestibular que ele tenha feito já tivesse ocorrido na UFPel. Tal situação se confirma tendo em vista que o primeiro ano ainda foi pago e, somente, com a federalização, as mensalidades cessaram.

Mas em matéria publicada no jornal Diário Popular de 31 de agosto de 1976, na qual se informa que a Medicina Leiga já fazia parte da UFPel, mesmo antes da federalização, é revelada a cobrança de uma pequena taxa por disciplinas ao listar as vantagens desse processo para os estudantes:

Entre as muitas consequências positivas, ressalta-se a de tornar o curso de Medicina acessível à faixa de estudantes mais carentes, uma vez que, atualmente, a mensalidade anda em torno de CR\$ 900,00. Incorporando-se à UFPel, os estudantes passarão a pagar a mesma quantia paga pelos universitários da UFPel que neste semestre ficou a CR\$ 30,00<sup>55</sup> por disciplina.

O mesmo assunto foi abordado no jornal D. P. de 7 de setembro de 1976 quando anunciou que as vagas para Medicina seriam disputadas no vestibular da UFPel e analisou as novas condições do curso: “Assim, os seus estudantes serão equiparados, para todos os efeitos, inclusive quanto a taxas de matrícula, aos demais alunos da Universidade, o que tornará o Curso de Medicina mais acessível a todas as classes sociais, independente de condições financeiras”.

Retomando o processo da federalização pelas atas do CONSUN se percebe uma plena vontade do Dr. Naum de que isso ocorresse, uma vez que nos inúmeros debates efetivados ele sempre propunha soluções para os problemas apresentados, os quais eram vários e diversos, tendo em vista ser necessários requisitos legais para um curso particular passar a federal. Ainda, desde o ano de 1969, quando a UFPel foi fundada, a Leiga já era agregada à instituição, inclusive com o assento do diretor no CONSUN, órgão máximo da Universidade. A fala de Naum, no entanto, evidenciava a preocupação que ele tinha com as pessoas que haviam contribuído com a Leiga ao longo do tempo. Ele foi uma voz firme na defesa de que os trabalhadores que tinham o acompanhado nos anos difíceis permanecessem com os seus direitos garantidos.

Leo Zilberknop, que depois veio a ser diretor da FAMED (1982-1985), aborda o assunto em sua entrevista e assim diz: “Olha que eu fui vice-diretor do Naum por muitos anos, compartilhava com ele todas as ideias que ele tinha a respeito do futuro da Faculdade. [...] A ideia sempre foi federalizar. Federalizar como? Através da UFPel”.

O próprio Naum fala explicitamente sobre o tema federalização em um depoimento que escreveu para um livro comemorativo aos 30 anos da UFPel.

Nós, médicos, sabendo das dificuldades financeiras para manter uma faculdade, entendemos que devíamos criá-la leiga, para que um dia pudesse ser federal; senão teríamos que andar a vida inteira de pires na mão, pedindo auxílio para mantê-la. (KEISERMAN, 1999, p. 52)

Talvez a relutância que alguns entrevistados apontem para o processo, em relação à postura de Naum Keiserman, se vincule ao fato de que ele não possuía garantias de que seria nomeado Diretor após a incorporação definitiva à UFPel. A hipótese do receio de Naum não ser escolhido diretor pós-federalização é observada na fala de Lucio Castagno, que assim disse:

Num certo momento, eu acho que o Dr. Naum não era muito pró-federalização, porque, de certa forma, envolvia perder a administração da coisa que ele criou. Impressão minha, posso estar cometendo injustiça, mas acho que a realidade das necessidades da faculdade e do curso e tudo o mais, convergiu para que a Universidade encampasse mesmo a Faculdade. A Faculdade de Medicina custava muito caro. Manter uma faculdade de Medicina só com as mensalidades dos alunos é difícil.

Ricardo Nogueira, que atribuiu um peso decisivo à mobilização dos estudantes no processo de federalização, também refletiu sobre essa perda de poder, assim dizendo: “O Dr. Naum era o dono da faculdade de Medicina. Então ele era o dono... A partir do momento que federaliza ele perde poder, não é?” José Mirenda também abordou o assunto, afirmando que: “[...] Sempre que tu vais ter um processo tu vais ceder coisas, tu vais perder poder”.

O receio se efetivou, pois o seu nome, mesmo constando em primeiro lugar na lista sétupla<sup>56</sup>, não foi o indicado, mas sim o de seu colega, quarto da lista, que havia sido convidado por ele e pelo Dr. Amílcar a ministrar aulas na IPESSE<sup>57</sup>, o Dr. Cláudio Borba Gomes – um cardiologista conhecido na cidade. Em várias narrativas aparece que o critério utilizado para a escolha foi eminentemente político e que a nomeação esperada era a do nome daquele que havia se empenhado para que a Faculdade se tornasse concreta, ao longo de vários anos.

De todo modo, Naum parece ter pensado em um objetivo maior que tinha marcado intensamente a sua vida e que envolvia ter uma faculdade de Medicina de boa

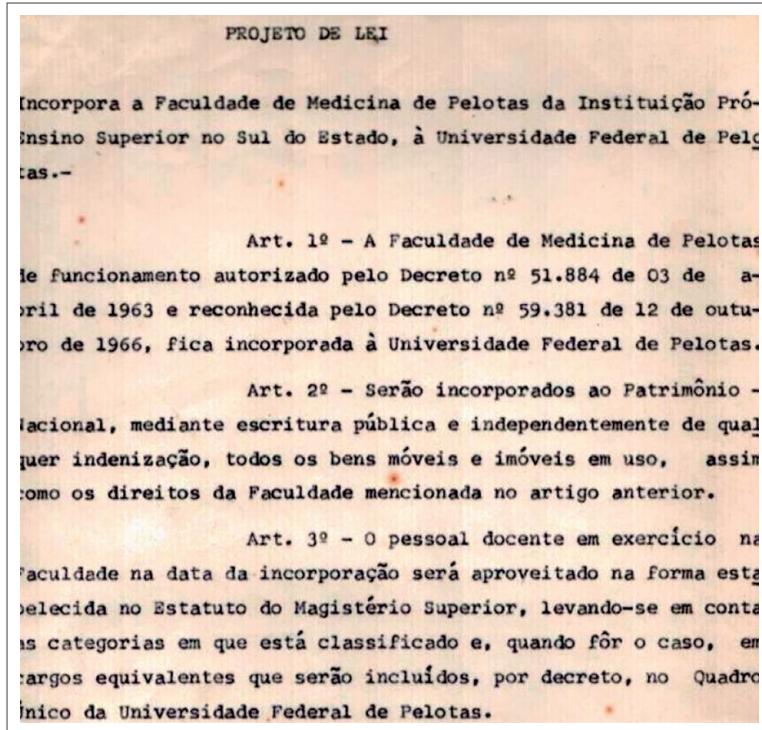
qualidade e que formasse profissionais cidadãos. O vínculo com a Faculdade foi tão forte que Naum vendeu a sua clínica de radiologia para se dedicar integralmente ao curso e apenas se aposentou quando foi preciso, através da compulsória, aos 70 anos de idade.

São várias as memórias sobre ele e o quanto era excepcional, como disse o professor Antonio César Borges, em sua entrevista. Mas algumas das falas mais carregadas de afeto vieram do professor Edson Holthausen, que atuou com ele na Faculdade, durante anos, realizando exames de raio X para o diagnóstico de tuberculose pulmonar e de outras doenças. Embora aborde sobre a rigidez de algumas posturas, aponta a sua tenacidade quando diz: “O Dr. Naum fazia milagres. [...] Ele saía no domingo daqui. Naquele tempo as viagens eram escassas e às vezes ele saía domingo à noite de Pelotas e quarta-feira estava de volta e já tinha conseguido um convênio, umas coisas assim”.

Sobre o método que utilizava para obter recursos, sorri ao lembrar: “Ele levava sempre passa de pêssego e, em vez de ir ao Ministério da Educação conversar com o Ministro, ele ia no segundo escalão ver o orçamento e ali ele descobria umas verbas”.

A passa de pêssego fazia todo o sentido para enaltecer a cidade em que estava inserida a Leiga. Pelotas é conhecida nacional e internacionalmente como a cidade do doce e o pêssego representa essa tradição doceira, atualmente declarada como Patrimônio Imaterial Brasileiro<sup>58</sup>.

Hoje, o escopo da Faculdade de Medicina é mais amplo e abarca não só o curso sonhado e criado por Naum, mas duas outras graduações: Psicologia e Terapia Ocupacional, as quais conseguem ter um maior alcance na perspectiva de construir uma saúde integral, que observe não apenas o físico, mas aspectos relacionados à mente e ao estar em sociedade, compartilhando um mundo que deve ser usufruído por todos e todas.



Extrato do projeto de lei sobre a federalização da FAMED.

Fonte: Acervo do NDH-UFPel.



Passas de Pêssego, doce tradicional de Pelotas feito a partir  
de pêssegos desidratados.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

## **Fontes Documentais:**

- Clipping da Coordenadoria de Comissão Social da UFPel, do ano de 1976.
- Documentos pessoais da Dra. Gleide Bandeira Rosinha.
- Documentos da FAMED constantes no site do NDH/UFPel.
- Livro de atas do Conselho Universitário da UFPel (1973-1979).
- Notícias de jornais.

## **Fontes Orais:**

- Entrevista presencial realizada com Edson Tadeu Holthausen, no dia 20 de setembro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiâne Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Farid Butros Iúnan Nader no dia 6 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiâne Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Renato Luís Tavares Oliveira, no dia 7 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiâne Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Carmen Maria Duarte, no dia 12 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiâne Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Antônio César Gonçalves Borges, no dia 14 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiâne Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Altair Delfino da Rocha Faes, no dia 19 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiâne Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Ignez Therezinha Schiavo Zuchelo, no dia 5 de novembro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiâne Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Lucio Almeida Castagno, no dia 9 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiâne Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Ricardo Campos Nogueira, no dia 10 de novembro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiâne Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Carlos Karam, no dia 14 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiâne Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Nilza Maria Lopes, no dia 16 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiâne Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Beatriz Franck Tavares, no dia 17 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiâne Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Luís Antônio Benvegnú, no dia 2 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiâne Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Leo Zilberknop, no dia 7 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiâne Medeiros Chaves.

- Entrevista presencial realizada com Renato Barbosa Xavier, no dia 14 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com André Luís Moreira Hypólito no dia 29 de dezembro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Ricardo Sanches Pereira, no dia 2 de janeiro de 2023. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Luciana Gigante, no dia 12 de janeiro de 2023. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com César Victora, no dia 19 de janeiro de 2023. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com José Milton Cunha Mirenda, em 2 de maio de 2023. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.



## CAPÍTULO 2

# OS PRIMEIROS TEMPOS

No dia 13 de dezembro de 1968, quando houve a formatura da primeira turma de Medicina da Leiga, foi publicada uma matéria no jornal Diário Popular fazendo uma espécie de retrato do que havia se passado naqueles últimos seis anos.

No texto, é dito que trinta e oito médicos e médicas estavam se formando em um ato no Teatro Guarany. Para a solenidade, o orador Gley Silva Pacheco Costa reconheceu, em seu discurso, especialmente a trajetória de oito professores: Amílcar Gigante, Abram Scaletsky, Breno Antônio Nunes<sup>59</sup>, Darcy Abuchaim, José Amaral Braga Filho<sup>60</sup>, Salvador Porres Ferreira<sup>61</sup>, Dyrio Gorgot<sup>62</sup> e Naum Keiserman, o paraninfo. No que diz respeito a Naum, a fala expressa que: “Mais do que justificada é a posição de paraninfo que hoje ocupa. Uma escolha unânime que brotou do reconhecimento da turma de formandos, os quais, ao prestarem a ele essa homenagem, aliam-se aos sonhos e aos anseios da classe médica de Pelotas de criar uma faculdade de Medicina” (COSTA, 2018, p. 65).

Na matéria do jornal consta a informação de que os custos da Leiga, vinculada à IPESSE, eram provenientes de três fontes principais: anuidade, verbas federais e verbas municipais, sendo que o valor destas últimas era quase simbólico, uma vez que enquanto a prefeitura repassava 5 milhões de cruzeiros antigos ao ano, a folha mensal de pagamento era da ordem de 25 milhões de cruzeiros antigos.

Alguns dados demonstram um grande crescimento da faculdade ao longo dos primeiros anos de funcionamento. Para isso pode-se comparar, por exemplo, o quantitativo de professores no início (22) com o do ano de 1968 (75). Com relação aos docentes, era ressaltado o desprendimento que possuíam, uma vez que os médicos provenientes de Pelotas não receberam nada por seu trabalho durante os dois anos iniciais do curso e os que tinham rendimentos, os catedráticos, percebiam valores simbólicos para o cargo que ocupavam, ou seja, 250 cruzeiros novos ao mês

(como visto anteriormente, pouco mais de R\$ 3.800,00, em valores corrigidos para maio de 2023). Na notícia, era reafirmada a meta da administração do curso de, ao longo do tempo, aumentar o número de professores em tempo integral.

No tocante aos prédios, era informado que havia três, naquele momento, que se prestavam para as atividades cotidianas: o antigo prédio do Instituto de Higiene, sede da Faculdade; um outro construído em frente, que levava o nome de Instituto Anatômico<sup>63</sup> e, desde 1966, o curso contava com um hospital escola que funcionava na Beneficência Portuguesa e tinha, segundo o jornal, 50 leitos, sempre ocupados. O prédio foi construído pela IPESSE e depois de dez anos seria transferido para o patrimônio da Beneficência.

Keiserman (2018, p. 31-32) comenta sobre a união de esforços para a aquisição dessa ala do hospital:

Recursos para a construção não havia. Lançamos o ‘Livro Ouro’ que pouco rendeu. A solução encontrada foi a rifa de um automóvel, devidamente autorizada pelo Ministério da Fazenda. Passamos a vender as cartelas. Para os professores, a aquisição era obrigatória, inclusive com desconto em folha daqueles que já percebiam algum vencimento. Na data fixada, o número sorteado não fora vendido. Repetimos o sorteio. Novos bilhetes foram vendidos e, mais uma vez o número não fora vendido. Vendemos então o automóvel a um colega, o Dr. Nilo Conceição.

Leo Zilberknop, em sua narrativa, também aborda sobre os recursos iniciais e enfatiza a importância que teve o governador do Estado, Leonel Brizola, naquele contexto. Segundo ele, Brizola teria lançado “umas brizoletas, que era um papel, uma promissória, não sei em quantas vezes, para serem pagas pelo Estado e com aquilo começamos a trabalhar, com esse capital, além da contribuição de todos os médicos professores, que não receberam nada pelo trabalho deles nos dois anos iniciais”.

Retomando a notícia do jornal D. P., por fim, era ressaltado que no primeiro ano tinham sido abertas 50 vagas para estudantes<sup>64</sup>, mas que o número havia crescido com o passar do tempo tendo em vista a demanda. Tal aumento pode ser percebido porque entre 1964 e 1966 foram abertas 70 vagas anuais e, a partir do ano de 1967, as vagas foram ampliadas para 90, conforme se vê por documento<sup>65</sup> da própria faculdade.

Nesse mesmo material, chama a atenção a contínua ampliação de receitas, uma vez que enquanto no ano de 1965 o valor recebido pela instituição foi de 73.915.80, no ano de 1972 tem-se 1.139.766,00; em 1974, 2.188.183,00 e em 1977, quando cessaram os recursos, em face do início do processo de federalização, o montante alcançou 4.231.755,37<sup>66</sup>.



Vestíbulo do Teatro Guarani. Álbum de Pelotas de 1922.

Fonte: Acervo do NDH-UFPel. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/album/>



Prédio da Faculdade de Medicina onde funcionou o Instituto de Anatomia.

Fonte: Acervo NDH-UFPel.

## **OS FORMANDOS DE 1968 E O QUE VEIO COM A EXPERIÊNCIA RELACIONADA À TURMA PIONEIRA**

Conforme já abordado, trinta e oito pessoas se formaram em uma noite festiva de dezembro de 1968: Antônio Carlos Appel, Breno Lobato Lannes, Carmen Maria Duarte, Cláudio Yurgel Medvedovski, Cláudio Breitman, Dalton Bortoluzzi, Dari Ângelo Bertoldo, Doraci Amboni, Edemar Costa Pereira, Edi José Ribeiro Nascente, Edson Holthausen, Eurico Treptow, Gervásio Salengue, Getuinar D'Ávila do Nascimento, Gleide Bandeira Rosinha<sup>67</sup>, Gley Pacheco Costa, Israel Golbert, João Osório dos Reis, Jorge Azambuja Santos, José Francisco Pereira da Silva, Laura Ward da Rosa Brião, Luís Carlos Zanetti, Luiz Roberto Paganini Harton, Paulo Alberto Boeira, Paulo Antônio Uebel, Paulo Gilberto Motta, Paulo Miller Centeno, Raul Rego Lau, Renato Rodrigues Marasco, Roger Pereyron Mocellin, Rogério Aloísio Kleinübing, Rogério Farid Beylouni, Rubens Ardenghi, Sérgio Cavalheiro Conceição, Sérgio Notari, Tania Labes Barcellos, Uassú Luiz Ungethuem e Vítor Hugo Hammes.

Embora em algumas narrativas apareça a situação de que dos 50 alunos que ingressaram em 1963 vários deles eram de fora do Estado, através do livro de registros de diplomas vê-se que, dentre os 38 formados, a maioria era de outras cidades do RS, (vinte e três) onze eram provenientes de Pelotas e quatro de Santa Catarina.

É a partir da entrevista com alguns deles que se pode narrar sobre esses primeiros tempos de um curso que estava sendo organizado dia a dia. Para reconstruir algumas memórias dos alunos pioneiros foram entrevistados: Edi José Ribeiro Nascente, o qual assinou o diploma número um; Edson Holthausen, que atuou com Naum na radiologia e, em seguida, passou a ser professor da casa; Gley Silva de Pacheco Costa, o orador da turma e as quatro mulheres precursoras: Gleide Bandeira Rosinha, Carmen Maria Duarte, Tania Labes Barcellos e Laura Ward da Rosa, a qual organizou um livro comemorativo aos 50 anos de formatura (ATM 1968), que foi importante para a feitura desta obra.

Sobre as entrevistas de Edi, Edson e Gley serão abordados alguns aspectos gerais da narrativa; e no caso das primeiras médicas, suas histórias serão contadas de forma mais individualizada, pelo pioneirismo de se formarem em Medicina naquele momento.

Edi José Nascente conta que desde a década de 1950 já se comentava que sairia um curso de Medicina na cidade e que como não tinha condições financeiras de estudar em Porto Alegre, resolveu aguardar. Ele terminou o científico em 1961, serviu ao exército em 1962 e, no próximo ano, começou a graduação de Medicina, em Pelotas, na Leiga. Suas memórias são bastante precisas, pois recorda de datas específicas, como a do vestibular, que teria sido, segundo ele, em 26 e 27 de abril de 1963. Conta, também, sobre os valores cobrados pela faculdade que seriam de 5 salários-mínimos para a primeira turma e de 7 para a segunda.

Ele atuou com clínica médica durante toda a sua vida e continua atendendo até hoje no consultório, sendo bastante conhecido na cidade, inclusive, por ser um médico espírita e ter feito trabalho voluntário, durante anos, na Associação de Médicos Espíritas (AME) e na Sociedade União e Instrução Espírita, fundada no ano de 1901 e considerada uma das mais antigas em funcionamento no Brasil (GILL; GIL, 2017).

Edson Tadeu Holthausen, egresso da primeira turma, cuja trajetória também será apresentada como um dos primeiros professores do curso, conta que ficou sabendo do início da Medicina em Pelotas por acaso. Como era de Lauro Müller, Santa Catarina, estudava no estado próximo, Paraná, na capital Curitiba, e havia feito o vestibular na Universidade Federal do Paraná, não obtendo aprovação. De volta a Curitiba, um amigo com quem morava recebeu um telegrama da namorada avisando que havia aberto um curso novo em Pelotas. Chegaram em Pelotas em um grupo de 10 ou 15, mas somente ele, com 17 anos, foi aprovado. A notícia da aprovação veio de um conhecido do pai dele que havia visto a listagem publicada no jornal O Correio do Povo e comunicou à família.

Já a entrevista de Gley, o orador da turma, cujo discurso foi aprovado sem leitura prévia<sup>68</sup>, é também muito interessante, pois ele reflete fortemente sobre os primeiros tempos abordando que havia uma apreensão sobre o que aconteceria com a faculdade, já que algumas etapas necessitavam ser cumpridas antes do reconhecimento do curso. Ainda que enfatize uma certa improvisação existente no cotidiano da faculdade, aponta para dois aspectos que essa sensação gerou: um, o receio pelo futuro incerto e o outro, segundo ele, de deixar mais próximos da faculdade, pois sabiam das dificuldades e do que era feito para saná-las. “A gente acompanhou isso muito de perto e isso contribuiu para que se criasse um sentimento de pertencimento da faculdade, de fazer realmente parte [...]”.

Esse sentimento fica muito presente nas comemorações dos 60 anos, quando se vê a identidade que as pessoas que se formaram há várias décadas possuem com a história da Leiga, com o antigo prédio que consideram uma casa e com os seus colegas, mesmo que, algumas vezes, não se revejam durante anos.

Dos entrevistados, Gley foi um dos poucos que trabalhou durante a faculdade em “várias pequenas coisas”, por exemplo, como ajudante de revisor de jornal, cuja tarefa cumpria à noite, e corretor de imóveis, vendendo terrenos na periferia da cidade nos intervalos do meio-dia. Um outro nome que apareceu também trabalhando, durante o primeiro ano em que fez Medicina, foi o de Samuel Neugebauer, que entrou pós-federalização, em 1979, e é da ATM 1985. Ele atuou como atendente de enfermagem, em plantões noturnos, na Santa Casa em São Lourenço do Sul.

Retomando a trajetória de Gley ele conta, também, uma história que se vincula a sua família. Em 1964, tendo em vista o golpe militar, seus pais<sup>69</sup> tiveram de deixar o país, tornando-se refugiados políticos. Como perderam os ganhos que obtinham com o trabalho, não conseguiram continuar pagando as mensalidades da faculdade.

Gley foi chamado pelo Dr. Naum que, sabendo da situação familiar, o isentou de pagar o curso até o final. Ainda, vinculado à Leiga, Gley conseguiu um emprego no Hospital Espírita, a partir do terceiro ano e meio, e mais ao final do curso passou a morar naquele lugar, em uma perspectiva de se manter na cidade. Ele foi contratado por Darcy Abuchaim e recebia um salário-mínimo pela função de atender na emergência. Gley afirma que a experiência obtida durante esse tempo pautou a sua vida no futuro, uma vez que hoje trabalha com psiquiatria e psicanálise.

Na narrativa dos formados, logo no início de suas entrevistas, chama a atenção a maneira como a maioria ficou sabendo do resultado do vestibular, ou seja, pelo rádio. Era comum que fosse comunicada uma data provável para a divulgação do chamado “listão” e nesse dia, a família costumava ficar com o rádio ligado o dia todo, de modo a escutar o resultado tão logo fosse publicizado. Edi Nascente lembra, inclusive, do dia em que o rádio apresentou os nomes dos aprovados, 6 de maio de 1963. Segundo Moreira (2019, p. 117): “[...] a cobertura dos vestibulares era uma importante tradição da Rádio, tendo em vista que, na época, os jornais impressos davam o resultado apenas no dia seguinte à divulgação, o que resultava em uma grande audiência por ser muito esperada pelos estudantes”.

Para compor este capítulo, será utilizado também uma espécie de diário sobre cada um dos anos do curso, organizado por uma das formandas da primeira turma, Gleide Bertinetti Bandeira (ATM 1968), o qual já foi citado e alberga notícias de jornal e pequenas anotações feitas à época do curso. Há alguma dificuldade na compreensão do material já que, na maior parte das vezes, não consta a data nem o meio de divulgação em que houve a publicação. De toda maneira, as informações serão utilizadas quando possível e os documentos poderão ser acessados na página do NDH-UFPel.

No que diz respeito ao diário, um dos últimos documentos que o compõem se intitula “Uma receita de ensino” e aborda diferentes aspectos da instituição. Embora não conste a data da notícia do jornal Atuação, sabe-se que é do ano de 1968, pois o diário segue uma lógica temporal finalizando, justamente, quando próximo da formatura de Gleide.

No texto, foi enfatizado que uma novidade do vestibular, naquele momento, seria a incorporação de textos que deveriam ser traduzidos para o inglês, tendo em vista a necessidade de que os futuros médicos acessassem literatura técnica internacional. Pelas narrativas de alguns médicos, sabe-se que com o passar do tempo foram feitas também provas para o vestibular em Porto Alegre, em uma espécie de seleção única para os cursos de Medicina do Estado, em que se poderia ter desde a primeira até a terceira opção de cidade, de modo a agregar mais candidatos. Para o ano de 1963, a aula inaugural, realizada no dia 11 de maio, teve como ministrante Clóvis Salgado da Gama, um médico, professor e político que, em uma época, por ser ministro da educação<sup>70</sup>, teria contribuído para que o curso se efetivasse.



Celebração do cinquentenário da formatura da primeira turma de médicos da IPESSE.

Fonte: Coleção CCS/Fototeca Memória da UFPel.



Hospital Beneficência Portuguesa de Pelotas.

Fonte: Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.

Retomando a matéria jornalística, nela foram abordados três pontos principais: 1) hospital escola; 2) ambulatórios e 3) vestibular e anuidades. No tópico hospital escola, aparece que o prédio foi erguido junto à Beneficência Portuguesa constando quatro enfermarias com trinta leitos<sup>71</sup>. Faziam parte do espaço laboratórios de análises, salas de aula e um recinto para pequenas cirurgias. Segundo a notícia: “Dentro desse conjunto austero há um recanto de poesia e beleza, uma enfermaria de cores claras e alegres destinada às crianças, não faltando a graça infantil do Pato Donald e Zé Carioca por entre os mini-leitos”.

No hospital desde o terceiro ano, os alunos aplicavam seus conhecimentos a partir da observação de um professor. Próximo aos leitos, em casarão específico, havia vinte e sete saletas, que serviam como consultórios, nos quais cerca de 50 pessoas eram atendidas diariamente. “Alguns leitos são mantidos pelo próprio IPESSE e os pagos equivalem a diária de NCR\$3.00<sup>72</sup>. Quase um preço simbólico tendo em vista que toda a medicação é fornecida pelo hospital, que conta com auxílio volumoso de amostras grátis fornecidas por diversos laboratórios [...].”

Caso houvesse a necessidade de cirurgias de maior porte havia o deslocamento para o centro cirúrgico da Beneficência sendo que, para o procedimento, sempre dois alunos participavam como assistentes junto a um professor.

Já no prédio principal da FAMED funcionavam a administração, biblioteca, diretório acadêmico, bar, sala de aula teórica, laboratórios de anatomia patológica, microbiologia e histologia. Edson Holthausen diz que, durante um tempo, a própria boate da Leiga era no prédio principal, no lugar que antes, durante a existência do Instituto de Higiene, funcionava o chamado serpentário.

O problema do espaço físico era frequente e apresentado em vários textos tanto de jornais da cidade quanto internos à Faculdade. Em matéria publicada no dia 18 de outubro de 1980, Dia do Médico, no Diário Popular<sup>73</sup>, assinada pelo diretor da Unidade à época, Cláudio Gomes faz um retrospecto dessas dificuldades e das soluções encontradas. Ele avalia que foi fundamental ter tido a acolhida da Beneficência Portuguesa e do Hospital Espírita nos primeiros tempos, além do desenvolvimento do ensino em nível ambulatorial para a conformação de um bom curso de Medicina. Nos anos de 1980, essa rede já havia sido ampliada e consolidada com os dois hospitais pioneiros, já citados, além do Hospital Miguel Piltcher, os hospitais de Morro Redondo e de Canguçu, nos quais atuavam não só os estudantes de Medicina, mas também os de Nutrição e Enfermagem que faziam parte da Faculdade naquele momento. Gomes ainda apresenta alguns números com a finalidade de comprovar a importância da Faculdade de Medicina para Pelotas. Segundo ele, até aquele ano, tinham sido formados 744 médicos e médicas e os atendimentos ambulatoriais eram da ordem de 28 mil no Fragata, 3.500 para os moradores da Vila Municipal e mais de 2.000 aos moradores do Areal e regiões circunvizinhas, números que pretendiam ser ampliados.

O tema, formação hospitalar e sua deficiência na década de 1960, nos anos iniciais do curso, foi tratado por várias pessoas, dentre eles Rosa (2018a, p. 58), que assim disse: “[...] o ônus de sermos pioneiros exigiu de nós estágios em outros locais, em hospitais conveniados em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, para onde nos deslocávamos nas férias em busca de aprimoramento teórico e técnico”. Carmen Duarte, em sua entrevista, também abordou o assunto ao revelar as dificuldades que tiveram no tocante à formação em ambientes hospitalares, embora reflita de forma positiva sobre o assunto: “No final do curso a faculdade fez convênios com grandes hospitais do país e a gente precisou sair e saímos e foi muito bom”.

Retomando a matéria “Uma receita de ensino”, do jornal Atuação de 1968, o texto ainda enfatizava o preço das mensalidades, que ficaria torno de sete salários-mínimos regionais, valor também trazido pelo egresso Edi Nascente, a partir da segunda turma. Sobre a possibilidade de alunos mais vulneráveis socialmente<sup>74</sup> realizarem o curso, nas falas é ressaltado o fato de que a Faculdade era cara, como costuma ser ainda hoje uma graduação de Medicina, mas Gleide, em sua entrevista, traz a existência de bolsas que foram obtidas via governo do Estado. Segundo ela, vários colegas acessaram esse auxílio, que não era muito expressivo, mas ajudou bastante. Já Leo Zilberknop, professor de Anatomia desde o início do curso, também evidenciou a existência de bolsas, em uma outra perspectiva. Segundo ele, o aluno da Faculdade poderia apresentar documentos que provassem ter poucos recursos e estes seriam analisados e julgados por uma comissão da IPESSE, que poderia dar isenção parcial ou total das mensalidades. Por sua vez, José Granzotto<sup>75</sup>, formado na UFPel (ATM 1974), relatou que alunos monitores de disciplinas teriam desconto na mensalidade e Gley disse ter ficado isento do pagamento das mensalidades, por todo o curso, tendo em vista sua situação familiar, conforme já dito.

Outro ponto evidenciado no texto e em várias narrativas era a total abnegação dos professores que, nos anos iniciais, além de não receberem salários ainda contribuíam de diferentes formas, inclusive a monetária. A notícia é concluída da seguinte forma: “[...] E isso é uma parte do imenso todo de idealismo e tenacidade que, no ano de 1963, fez nascer a Instituição Pró-Ensino Superior do Sul do Brasil, entidade *mater* da Faculdade de Medicina [...]”.

No que diz respeito à formação, os professores da FAMED, desde seu início, faziam estágios e especializações em diferentes lugares do Brasil e do exterior, como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Porto Alegre, Holanda, México, Inglaterra e Alemanha. O objetivo era ter uma maior capacitação do corpo docente, o que logo foi obtido, seja pela realização de cursos de especialização ou residência ou, ainda, através do convite para atuação na FAMED de novos professores de outras cidades do Brasil.

## A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA MÉDICA NA FORMAÇÃO DOS GRADUANDOS

Através de relatos memoriais de grande parte dos entrevistados, especialmente de alunos e de professores, foi enfatizada a importância da disciplina de Psicologia Médica na trajetória dos graduandos, tendo em vista uma formação mais humanística que tinham recebido. Wanderlei Rospide da Motta (ATM 1973), que depois foi professor da Leiga e Diretor da Unidade (1989-1993), afirma que veio para a Leiga, como aluno, ser cirurgião geral, mas que gostou muito de Psicologia Médica, e antes de terminar o sexto ano já sabia que faria Psiquiatra. Wanderlei fez a residência em Psiquiatria a partir de 1971. Segundo ele, este foi o primeiro curso na Leiga, em nível de pós-graduação.

Já Kelbert (ATM 1973) assim diz:

No ano de 1968, criaram-se, na Faculdade, a Psicologia Médica e os grupos de integração com os professores. Uma vez por semana, tínhamos reunião com o objetivo de falar sobre a profissão, sobre a vida do médico e de poder observar em nossas atividades o ser humano em distintas fases da vida. Comecei a observar idosos no Asilo de Mendigos, vendo a vida no estágio final, com suas tristezas e ver como o ser humano é só, e precisa saber ser só, num ato de renúncia à autossuficiência que alimenta as ilusões oferecidas pelo narcisismo, estrutura psicológica forte que se encontra em formas benignas e malignas nos médicos, muitas vezes vítimas deste mal incurável. Tivemos a sorte de fazer parte de uma inovação que gerou uma fama dos oriundos da Leiga serem quase psiquiatras pela forma empática de tratar com pessoas. (KELBERT in: ROSA, 2018, p. 127)

Beatriz Franck Tavares (ATM 1979)<sup>76</sup>, que ingressou no serviço público em 1992 na área da saúde mental, também enfatiza essa formação mais humanista como marca da Leiga. Para ela, os médicos formados na casa, ao longo dos anos, procuram ver o paciente para além da doença e não têm como foco apenas construir um diagnóstico e ministrar uma medicação, mas compreender o que sentem.

Relacionado às disciplinas de Psicologia e Psiquiatria um nome aparece, logo de início, de forma reiterada nas entrevistas: Darcy Abuchaim. Embora fosse considerado bastante rígido, suas aulas teriam feito uma grande diferença na vida dos graduandos, segundo alertam várias pessoas, como o próprio Paulo Kelbert (ATM 1973), que enfatiza que ele teria mudado o tratamento médico na Leiga, e Lucio Castagno (ATM 1982), o qual afirma que Abuchaim fez um grande diferencial na formação dos estudantes.

José Mirenda (ATM 1980), que diz que se considerava “peixinho do Darcy” pela proximidade que tinha com o professor, reflete sobre a sua formação: “O Darcy, não só o Darcy, mas ele como líder de um grupo nos fazia corrigir o tempo inteiro a vaidade,

não sei se a palavra é a vaidade, mas a soberba e a onipotência de ser médico, que o jovem médico tem. Ele nos trazia para a realidade, ele nos ensinava que o trabalho, que o amor, que o carinho, que o cuidado, faziam parte da Medicina e da vida”.

Outra pessoa muito próxima de Darcy era Carlos Alberto Purper Bandeira, formado na Leiga (ATM 1975), que foi, inclusive, indicado por ele para ser também docente na mesma instituição (a partir de 1976). Bandeira assim diz: “Eu sempre quis Psiquiatria. Fui monitor de Psiquiatria, fui interno e plantonista do Hospital Espírita [...].

Em texto publicado no ano de 1980, na Revista Brasileira de Educação Médica, Abuchaim reflete sobre o fato de que os médicos são incumbidos da saúde da comunidade nos seus aspectos físicos, mentais e sociais e se pergunta se estão preparados para a tarefa. Indaga-se ele: “Não serão, atualmente, os cursos de Medicina um simples agrupamento de matérias divididas, isoladas, afastadas do seu espírito primeiro, de seu objetivo principal, que é o homem em sua totalidade?” (p. 12).

O artigo é interessante, pois Darcy aborda que o estudante chega cheio de desejos de fazer a diferença na vida das pessoas e o primeiro encontro que tem é com um cadáver, em uma aula de Anatomia. “Então o paciente não tem sentimentos nem afetos: não ama, não chora, não sofre” (p. 12). Tendo em vista esse quadro, ressalta que foi projetado um curso alicerçado em um pensamento: “ensinar é realmente modificar alguma coisa dentro da pessoa” (p. 12) e para isso a graduação de Medicina, Leiga, foi estruturada tendo a presença das disciplinas de Psicologia Médica I, II, III e IV nos primeiros quatro anos e, no quinto, uma clínica psiquiátrica. No texto, são descritos em detalhes os conteúdos programáticos de cada disciplina, assim como o momento em que os estudantes passavam a ter contato com aqueles que acompanharam, a partir de suas demandas.

Mais recentemente, o método utilizado pelo professor Abuchaim foi discutido por Bertoldi (2011), em sua dissertação de Mestrado cujo título é “Contribuição do Discurso Psicanalítico para a formação médica: um estudo de caso na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas”. Segundo a autora, a metodologia de ensino de Psicologia Médica implantada por Abuchaim “propõe o acompanhamento longitudinal do aluno durante o curso, estimula seu contato com as pessoas e com situações comuns de vida, instigando questões provocadas pelas vicissitudes do inconsciente e seu debate” (p. 6). A autora, utilizando o marco temporal de 1968, como o início do método e o final como o ano de defesa de sua dissertação, 2011, afirma que essa formação diferenciada já havia sido obtida por cerca de quatro mil médicos da FAMED/UFPel.

O foco, segundo ela, era o atendimento integral do paciente. Para que os alunos aprendessem como ter uma visão mais holística, deveriam se inserir em atividades práticas, a partir da observação das pessoas em comunidade. Para Bertoldi (2011, p. 17), a atuação envolveria “mulheres grávidas, crianças, adolescentes, velhos, pessoas enlutadas, pessoas morrendo”. Os problemas que traziam eram discutidos em grupo, de modo que também se construísse uma possível solução de forma conjunta.



Dr. Darcy Abuchaim.  
Fonte: Quadro de formatura. Acervo da FAMED.

## “Há 20 anos morria Darcy Abuchaim, meu pai”

Meu pensamento e minha lembrança de suas palavras e afetos são diários. Aprendi que era a vida trinta cor, odor, intensidade e amor. Chego à idade da maturidade sentindo haver passado por muitas coisas. E, diante da experiência vivida, comprehendo a profundidade das suas palavras e do jeito que levavas a vida.

Para ti, prevaleciam o afeto, a integridade e comprometimento, sempre com a coragem e convicção de agir e proceder em sincronia perfeita com tuas crenças e certezas; certeza da distância do inconsciente e das consequências que dele adviriam. Aprendi contigo que devia sempre questionar-me qual teria sido minha participação para colher determinados resultados.

Como uma forma de diminuir um pouco a saudade, de sentir-me próximo de ti e de ser generoso como tu, pensei ser interessante relembrar alguns dos teus ensinamentos.

Antes, porém, não posso deixar de afirmar, eras como dizia o ditado predileto de teu pai, invor de copa frondosa que dá sombra a seu brinco e aos troncos vizinhos”.

Idealizaste e introduziste, juntamente com amigo David Zinnermann, uma nova forma de ensino médico mais humana, priorizando a relação médico-paciente. Assim, formando jovens médicos, diferenciados e muito mais humanos no trato e atendimento de seus pacientes.



Arquivo - DP

“Não esqueçam de juntar a inteligência com o afeto.”

Darcy Abuchaim,  
médico, ao aconselhar  
as pessoas

Nada mais parecido contigo do que a citação de Vigil, com a qual iniciavas teu discurso de paramilitado da turma de 1978: “Feliz o que se sente um pouco filho de cada mulher, um pouco pai de cada criança. Tal homem vive imenso número de vidas, anda todos os caminhos, em todas as casas possui algo seu e em todos os saraços se sente viver. Seu destino não se distingue da imortalidade, nem o seu dia do infinito”.

Encontrou muito de ti, também nas palavras de Menninger, citadas no início de teu discurso na turma de 1970: “Para aqueles que querem empregar a inteligência na batalha contra a morte, a fim de fortalecer a vontade de viver com o desejo de morrer e substituir, por amor, a orgulhosa compulsão de oferecer reféns ao ódio comum da vida”.

Minha-nada me aproxima mais de ti do que tuas próprias palavras.

“Não esqueçam de juntar a inteligência com o afeto, sempre que forem executar suas tarefas, cultivando a ternura e a perseverança.”

“O viver acentua e precisa as íntimas tendências do espírito e conhecer é vencer degraus, é subir. Devemos entregar-nos à vida sem concessões, tendo arrojos de tudo alcançar, porque os limites virão por si mesmos.”

“A bondade enérgica é a reconstrutora do mundo. Somente ela, aliada à ciência, poderá guiar o promiscuo e diversificado rebanho da humanidade.”

“O contínuo aparar de nossas asas fará com que, amemos mais e sinceramente os restos aceitáveis dos nossos ideais.”

“Será então, com a primeira morte em que vocês entenderão o amor, após muitas solidões. E, das tristezas todas, do saber da fome e da injustiça, do abandono e da ira, fabricarão seu próprio conceito.”

“Como pai e amigo direi que, só o verdadeiro trabalho dá a verdadeira alegria, concreta, fecunda, palpável e que, somos nós em todos os tempos, postos diante da possibilidade de atravessarmos nossas fronteiras. E, o amanhã virá para os ideais fortificados.”

“Nada mais promissor, saber que todas as reformas, os conceitos e o progresso de uma nova medicina, não embotarão, no seu todo dia, a premissa de que o universo ainda é o homem, carente, afilhado, enfermo, porém, nosso igual.”

“Não temeis ver vosso próprio rosto no espelho do rosto de vosso paciente.”

“O homem cria seu mundo e não espera o porvir, avança para ele. E o que quer que façam, façam de todo o coração, porque somos ainda mais altos, quando vivemos tudo o que somos.”

Por fim, percebo que me sinto enriquecido pela lembrança do afeto e amor que dividiste comigo. Muito obrigado por tudo. Com saudade, Eduardo.

Dr Darcy Abuchaim.

Fonte: Matéria publicada no Diário Popular de 11 de novembro de 2009, assinada por seu filho Eduardo. Acervo do NDH-UFPel..

Segundo Abuchaim (1980, p. 13), ao defender sua proposta: “O aluno tem de adquirir experiências e habilidade de falar com pessoas, de ouvir histórias e de acelerar, através de vivências diversas, seu desenvolvimento emocional”.

Cristiane Hallal da Silva (ATM 1999)<sup>77</sup>, que em 2014 se tornou professora efetiva da UFPel na área de pediatria, embora tenha obtido uma formação mais atual, reflete sobre esse modelo, adquirido na faculdade, muito relacionado à saúde mental, segundo ela. Cristiane afirma que a formação do aluno da casa é diferente, pois “a Leiga prepara a gente para o paciente e não para a doença”. Ela comenta, inclusive, que como atuou em hospitais maiores, especialmente em Porto Alegre, via-se outros profissionais da saúde comentarem que se tinha um paciente terminal ou chorando, deveria se chamar alguém da Leiga para conversar, pois poderiam ser mais sensíveis à situação de sofrimento, especialmente pelo treinamento que tinham recebido na faculdade.

No mesmo sentido, Julieta Carriconde Fripp<sup>78</sup>, graduada na UFPel (ATM 1994), também revelou como esse modelo de aprendizado chamou a atenção em sua chegada à Leiga. O fato de observarem o ser humano desde o nascimento até a morte propiciou que ela tenha lembranças positivas daquele início de sua formação como médica.

Em algumas narrativas, no entanto, aparece também uma crítica a esse foco que o curso teria na Saúde Mental, em detrimento de outras áreas, como a Cirurgia e a Medicina Social, por exemplo. Samuel Neugebauer (ATM 1985) diz não ser contra a esta primazia da Psicologia Médica na Leiga, mas se ressente de uma formação mais específica na área cirúrgica. Segundo ele, houve uma atrofia de outras áreas no currículo, de tal forma que não eram estimulados a trilhar outros caminhos.

Já César Victora comenta, em sua entrevista, que Darcy tinha um poder muito grande no curso, fato também abordado por José Mirenda, que pensa sobre a importância de duas áreas, Psiquiatria e Medicina Social, para a formação de um médico.

Para Mirenda, cuja proximidade com Darcy era bastante impactante, a chegada de Kurt Kloetzel na Leiga fez com que ele repensasse, inclusive, a área em que queria se especializar. A partir do ingresso do professor, segundo ele, a Medicina Social começou a agregar também jovens professores de outros lugares do Brasil, representando uma outra possibilidade de aprimoramento dos alunos.

## A CHEGADA DE ALGUNS NOVOS PROFESSORES

Ao longo do processo de escrita do livro foram feitas várias entrevistas, principalmente com professores que começaram a atuar nos primeiros anos, visando suprir necessidades em disciplinas que passaram a ser desenvolvidas durante o curso.

Um desses docentes foi Simon Halpern, que se formou na UFRGS no ano de 1961. Ele conta que, ao retornar para Pelotas, o começo de seu trabalho foi em um

Posto de Puericultura Estadual recém-inaugurado na cidade. Em 1964, segundo ano da Leiga, passou a dar aulas de doenças infecciosas e parasitárias no curso, pois o quadro de professores continuava insuficiente. De todo modo, como sentia que precisava melhorar como docente, logo se deslocou para Ribeirão Preto para realizar uma especialização.

Um outro médico que esteve no início da Leiga foi Carlos Karam, formado pela UFRGS em 1952. Quando se formou, trabalhou em cidades do interior e em 1955 veio para Pelotas para atuar tanto na Santa Casa quanto na Beneficência. Contudo, tendo em vista uma mobilização que culminou com um protesto contra a chefia do Pronto Socorro da primeira instituição, ficou somente na Beneficência. Segundo Karam, ele não pretendia se dedicar ao Magistério, mas havia poucos médicos na cidade e acabou por aceitar o convite feito por Amílcar Gigante para dar aulas na clínica médica, embora, tempo depois, tenha sido oficializado como assistente na cadeira de cirurgia cujo titular era o Dr. José Braga Filho.

Edson Tadeu Holthausen, egresso de 1968, conforme já dito, no ano seguinte permaneceu em Pelotas e começou a atuar em plantões médicos de vinte e quatro horas na Beneficência, criados por Naum. Em 1970 foi convocado ao exército, mas nos finais de semana seguia trabalhando em Pelotas. Foi nesse momento que foi convidado por Amílcar Gigante para atuar com o Naum na área de radiologia, já que ele estava muito assoberbado, especialmente com as funções vinculadas à Faculdade. Edson fez uma especialização em São Paulo e depois uma residência em radiologia, passando a atuar no serviço existente na cidade e, em seguida, na Leiga como professor.

Antonio César Gonçalves Borges, por seu turno, que durante a sua trajetória chegou a ser diretor da Faculdade (1985-1989) e Reitor da UFPel, por três mandatos (1993-1997, 2005-2008 e 2009-2012) é reconhecido, nas narrativas, como um grande professor da área de Neurologia. Ele contou como ingressou na Leiga, em uma entrevista feita no dia 14 de outubro de 2022. Segundo ele, durante a graduação de Medicina na UFRGS (ATM 1971), a partir do terceiro ano, esteve vinculado ao trabalho realizado pelo neurocirurgião Mário Coutinho. Depois de formado, César fez especialização em Londres por três anos e, em seguida, foi convidado por Naum Keiserman para se juntar à equipe da FAMED, em 1974.

O Dr. Mário Ferreira Coutinho<sup>79</sup>, a quem César sempre esteve muito ligado, foi um nome relacionado à faculdade que se criava desde o seu início, ou seja, em 1963, sendo responsável pela disciplina de Neurologia. Ele atuou no Rio de Janeiro, Porto Alegre e Pelotas, tanto na área da docência como na implantação de serviços de neurologia e neurocirurgia em hospitais e em residências médicas. Ele era pelotense e só se aposentou da UFPel no ano de 1990.

Já Wanderlei Rospide da Motta (ATM 1973) assim conta sobre o seu ingresso: “Em fins de 1974, já terminando o primeiro ano da residência eu fui contratado como

professor auxiliar de ensino pela antiga Faculdade Leiga de Medicina [...]. E daí fui para o México fazer um curso de quatro meses de demografia, já contratado como professor e, depois, retornei”.

Décio José Zerwes que havia se formado na Católica, na primeira turma (ATM 1968) e, depois foi diretor da Leiga (1993-1996), conta que após a formatura fez residência no Instituto Nacional do Câncer, no Rio de Janeiro, e que foi convidado para permanecer na cidade, mas, como já era casado, sua esposa quis retornar a Pelotas. A ideia inicial de Décio era criar um serviço de radioterapia na Santa Casa, pois havia atuado como estudante naquele local, contudo não teve apoio para a ideia. Como Naum soube dessa situação, o chamou e o convidou, em 1976, para colocar em funcionamento um equipamento de radioterapia na Leiga. Naum contratou uma equipe para fazer o projeto, comprou uma bomba de Cobalto<sup>80</sup> e o serviço iniciou em 1978. Nas palavras de Naum: “Conseguimos instalar, e vem funcionando, o serviço de Radioterapia. A bomba de cobalto foi adquirida pela IPESSE para pagamento parcelado. Incorporada à faculdade, coube à UFPel efetuar os pagamentos subsequentes. Para instalação da bomba, conseguimos do Governador Sinval Guazzelli a quantia de 250.000,00 cruzeiros” (KEISERMAN, 1992, p. 21-22).

No mesmo ano, ou seja, em 1976, Carlos Alberto Purper Bandeira foi contratado na Leiga. Ele diz que tinham, seu colega já falecido Fábio Braga<sup>81</sup> e ele, iniciando a residência em Psiquiatria, mas pretendiam ir à Inglaterra cursar Psiquiatria Infantil. Darcy Abuchaim teria conversado com o Dr. Naum para que ambos fossem contratados pela Leiga, o que foi feito. Eles acabaram não indo para o exterior naquele momento e continuaram com as atividades da residência e docência.

José Justino Faleiros havia sido aluno de Kurt Kloetzel em Medicina, em Mogi das Cruzes (ATM 1973) e conta sobre o encontro de Naum e Kurt em um evento da Associação de Ensino Médico. Segundo ele, Kurt foi convidado para vir a Pelotas e ele acabou vindo junto, em 1976. Justino relata que por influência de Kurt foi para a Inglaterra, pós-formado, para realizar um curso de Medicina Tropical. Na Leiga, Justino trabalhava com a disciplina de Medicina Comunitária.

José Aparecido Granzotto<sup>82</sup>, que se graduou na Leiga, em 1974, conforme já dito, em seguida fez residência em Pediatria, no Paraná (1975-1976) e começou a dar aula na UFPel em 1977, vinculado à Faculdade de Enfermagem, fundada no ano anterior. Segundo sua narrativa, foi a maneira mais fácil de ingressar, pois a Faculdade de Enfermagem, desde o seu início, já fazia parte da Universidade, enquanto a Leiga só foi federalizada, formalmente, no ano de 1978. Tratava-se, justamente, de uma época de transição em que já se discutia como os professores e técnicos-administrativos da Leiga passariam a fazer parte do corpo de trabalhadores da Universidade. De todo modo, ele começou a dar aulas imediatamente na Medicina, pois havia sido convidado por antigos professores a fazer parte do corpo docente da Leiga. Granzotto cita os nomes de Acy Bertoni, Guilherme Procianoy e David

Kauffman. Dentre as funções que exerceu, constam Diretor do Hospital Escola (1992-1995) e Diretor da FAMED por duas gestões (1996-2001 e 2001-2005).

Um outro professor que entrou próximo a esta época foi Roberto Xavier Piccini. Formado em Rio Grande (ATM 1977), veio a Pelotas após convite dos professores Naum Keiserman e Cláudio Gomes, no ano de 1980. Ele passou a integrar o Departamento de Medicina Social.

De todos os docentes enunciados por Edson Holthausen como professores da primeira turma, só constava o nome de duas mulheres: Sally Cabral Machado, da Fisiologia, e Lourdes Devildos, da Farmacologia. Na longa lista dos professores que apresentaram os currículos iniciais para o funcionamento do curso e/ou passaram a atuar, ao longo dos anos, alguns deles eram da Faculdade de Odontologia (um exemplo, Marcondes Dias Ribeiro, professor de Fisiologia) e outros de Universidades e regiões diversas (Lauro Beltrão, do Paraná, e Washington Luís Tafuri, de Minas Gerais). A maioria dos de fora de Pelotas, no entanto, era de Porto Alegre (como Alaor Teixeira, Izaias Naiditch e José Luiz Alimena).

Nessa época, grande parte dos professores dedicava algumas horas à Universidade e possuía outras atividades ou diretamente no seu campo profissional, ou ainda contribuindo com outros cursos, como aqueles que se formavam em novas faculdades. Havia uma certa liberalidade sobre como seria o regime de trabalho nas mãos de cada Reitoria. Será em 1987, com a aprovação do Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos (PUCRCE), que o regime de Dedicação Exclusiva se consolida como marca das Universidades públicas brasileiras, de tal modo que o regime de 20 horas passa a ser admitido apenas para algumas áreas e 40 horas se torna excepcional.

César Victora (2018, p. 177) também comenta sobre como passou a atuar na UFPel, um pouco antes de acontecer o ato formal de federalização da Leiga, em julho de 1977. Ele foi contratado ainda pela IPESSE e, em seguida, passou a fazer parte da Universidade.

Em busca de profissionais para compor o novo departamento (fundado oficialmente em 1977), Kurt procurou indicações entre os preceptores da Residência em Saúde Comunitária da UFRGS. Eu já era um admirador do Kurt através da leitura de seus livros, dos quais o mais inovador tinha como título *O Raciocínio Clínico* e fiquei entusiasmado com a proposta. Foi assim que, antes mesmo de completar a minha especialização, mudei-me para Pelotas e passei a integrar o grupo liderado por Kurt na UFPel.

Luiz Augusto Facchini, formado em Santa Maria (ATM 1979), que começou a atuar em 1980 no Departamento de Medicina Social segue a mesma linha de narrativa de Victora, ou seja, comenta sobre o papel que os professores Kurt Kloetzel e José Justino Faleiros tiveram em atrair jovens de fora, que demonstrassem interesse

em se dedicarem exclusivamente à docência. Nessa perspectiva, foram chamados César Victora, Jorge Béria<sup>83</sup>, Iná da Silva do Santos<sup>84</sup>, Luís Henrique Farias<sup>85</sup>, Roberto Piccini e ele próprio.

No que diz respeito aos convites para compor o quadro docente, nos primeiros tempos, as figuras de Naum Keiserman, Amílcar Gigante e Kurt Kloetzel aparecem como protagonistas. Naum parecia absolutamente atento ao que seria necessário no futuro, com relação a todas as demandas, mas especialmente em termos de professores e, com o auxílio de Amílcar e Kurt, se antecipava ao procurar profissionais capacitados e fazer contatos com diferentes médicos, visando construir o melhor curso possível dentro daquele contexto de dificuldades.

## AS PRIMEIRAS MÉDICAS DA FAMED – LEIGA

O conhecido historiador Mario Osorio Magalhães (1993) sempre buscava enaltecer o espírito pioneiro de algum pelotense em seus escritos. Foi assim quando escreveu sobre diversos assuntos, dentre eles o debate sobre quem seria a primeira médica formada<sup>86</sup> no Brasil. Para ele, a discussão estava entre Antonieta Cesar Dias ou Rita Lobato Velho Lopes. Antonieta era pelotense e Rita rio-grandina, mas Mario ressaltou que ela havia morado grande parte de sua vida em Pelotas e que ambas, em 1887, estavam aptas a defender suas teses, respectivamente, no Rio de Janeiro e em Salvador. A tese de Rita tinha como título “Paralelo entre os métodos preconizados na operação cesariana” e sua opção pela obstetrícia estava vinculada à perda de sua mãe no parto de um dos seus irmãos. Já o trabalho de Antonieta versou sobre Hemorragia Puerperal.

Embora Mario reivindicasse esse protagonismo para Pelotas, a rio-grandina Rita Lobato Velho é considerada a primeira médica formada no Brasil e os caminhos que seguiu só foram possíveis a partir do Decreto número 7.247 de 1879<sup>87</sup>, o qual considerou “ser livre o acesso aos cursos primário, secundário e superior em todo o Império”, permitindo que mulheres entrassem nas universidades, ainda que a matrícula devesse ser feita por seus pais ou pelos maridos. Rezende (2009, p. 133), ao abordar a norma, diz que: “Apesar das autorizações legais, a tradição cultural e os preconceitos sociais continuavam a opor-se à presença das mulheres na profissão médica”.

Antes de médicas formadas no país tem-se o nome de Maria Augusta Generoso Estrela, que fez seu curso de Medicina nos Estados Unidos, tendo em vista a proibição já citada que existia no Brasil de mulheres frequentarem cursos superiores antes de 1879. Ela embarcou com 15 anos para os Estados Unidos, em 1875, e se formou em 1881. A médica, no entanto, antes de exercer sua profissão precisou revalidar o diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (RAGO, 2000).

Rezende (2009, p. 134) também disserta sobre o protagonismo das mulheres na Medicina e identifica que as três primeiras médicas do Brasil foram gaúchas, ain-

da que as datas de formatura sejam diversas daquelas colocadas por Magalhães (1993). Para ele, Rita Lobato, rio-grandina, teria concluído o curso em Salvador, em 1887; Ermelinda Lopes de Vasconcelos<sup>88</sup>, porto-alegrense, se formou em 1888 e Antonieta Cesar Dias, pelotense, teria se formado no ano de 1889. As duas últimas fizeram suas formações no Rio de Janeiro (RJ).

Segundo Rezende (2009), Ermelinda atuou no RJ e, no momento de sua formatura, Sílvio Romero, conhecido como crítico literário, professor e político escreveu uma crônica dirigida a ela que tinha como título: Machona, “que continha as seguintes palavras: ‘Esteja certa a doutora que os seus pés de machona não pisarão o meu lar’. Tempos depois Ermelinda foi chamada para fazer o parto da mulher de Sílvio Romero” (2009, p. 134).

Rago (2000, p. 217), ao dissertar sobre a situação vivida por Ermelinda, afirma que após o atendimento a sua esposa: “Sílvio Romero, completamente esquecido do que havia escrito pediu-lhe um desconto e permissão para pagar-lhe à prestação. Contrariando conhecidos estereótipos de feminilidade, a doutora não perdeu a chance de lhe responder: O senhor me pagará caro e de uma vez! entregando-lhe um envelope contendo o referido artigo”.

Atualmente na Medicina, os homens constituem o contingente mais expressivo em atividade<sup>89</sup>, mas o percentual vem caindo com o passar do tempo. “Em 2020, os homens representavam 53.4% da população de médicos e as mulheres, 46.6%. Há cinco anos, na pesquisa de 2015, médicos somavam 57.5 do total, e as médicas, 42.5%. Trinta anos atrás, em 1990, as mulheres eram 30,8%” (SCHEFFER *et al.*, 2020, p. 41).

No livro organizado por Scheffer, a Demografia Médica no Brasil (2020), é apontada uma crescente feminização da carreira médica, a partir de dados das últimas décadas, já que “em 2019, as mulheres representavam 60% das concluintes, percentual que aumentou nos últimos anos (2020, p. 115)”. De todo modo, no final do século XIX e início no XX, a trajetória de mulheres na Medicina era bastante difícil, pois a única profissão respeitável para as mulheres de elite<sup>90</sup> era o magistério (MOTT, 2000).

Embora hoje não se questione o acesso de mulheres às Universidades, sabe-se que nesse ambiente elas têm sofrido assédios, moral e sexual, especialmente em cursos que possuem uma maioria de homens como as Engenharias, por exemplo (GILL; SANTOS, 2023). Ainda, para formações mais “permitidas” atualmente, como a própria Medicina, é como se a elas coubessem algumas especialidades determinadas como ginecologia, obstetrícia, pediatria, atuações mais relacionadas ao cuidado, que tem sido historicamente uma marca das mulheres; ou, ainda, áreas que podem ter vínculos com a estética, como a dermatologia, por exemplo. Scheffer *et al.* (2020, p. 69) afirmam que, atualmente, a especialidade com maior número de mulheres é a Dermatologia, com 77.9%, mas há outras áreas em que aparecem de forma expressiva, como Pediatria (74.44%), Endocrinologia e Metabologia (70.6%) e Alergia e Imunologia (67.4%). Para os mesmos autores: “O aumento da

presença feminina é notável em quatro especialidades: em Pediatria, elas são três quartos dos profissionais; em Medicina de Família e Comunidade, são 58.7%; em Ginecologia e Obstetrícia já somam 57.7%, e em Clínica Médica, 53%<sup>91</sup>.

Mas como foi a situação vivenciada pelas quatro primeiras mulheres que adentraram na Leiga na turma de 1963? Nesta parte do livro, usar-se-á o que na metodologia de História Oral se convencionou chamar de **transcrição**, ou seja, a partir da narrativa das médicas, se construirá um texto em primeira pessoa de modo que elas mesmas possam se apresentar. Quando a narrativa se basear estritamente no que as médicas dizem será utilizado o *italico* e, para comentários da autora, fonte normal.

### **Laura**

*O meu nome é Laura Ward da Rosa<sup>92</sup>. Eu terminei o científico no Pelotense, fiz vestibular, passei e ingressei na Faculdade que estava sendo fundada. O nosso curso começou em junho, pois a seleção de alunos foi em maio. Nós fizemos o vestibular na Faculdade de Odontologia, já que não havia ainda um lugar adequado vinculado ao IPESSE e o diretor Eurico de Oliveira<sup>93</sup> ofereceu aquele espaço, uma vez que o movimento de criação da Leiga não envolveu apenas os médicos, mas outros profissionais da área da saúde.*

Sobre o início do curso, como as narrativas se baseiam na memória, percebe-se diferenças quanto ao mês em que as aulas teriam efetivamente iniciado. Alguns indicam que o início se deu ainda em abril, outros falam em maio e algumas pessoas apontam junho como o começo das atividades. Por outro lado, o nome do professor Eurico de Oliveira, docente da Odontologia, vinculado ao primeiro vestibular da IPESSE, faz com que se perceba a grande importância que essa graduação teve no surgimento da Leiga.

*O meu tio, Dirceu Almeida da Rosa, era médico e estava trabalhando para a fundação da Faculdade, assim eu tinha informações sobre como o curso estava se organizando. Eu, antes, fazia Odontologia, já que sabia que havia disciplinas que costumavam ser idênticas nos dois cursos. Quando fui aprovada na Medicina mudei de curso e os professores eram os mesmos, nos anos iniciais.*

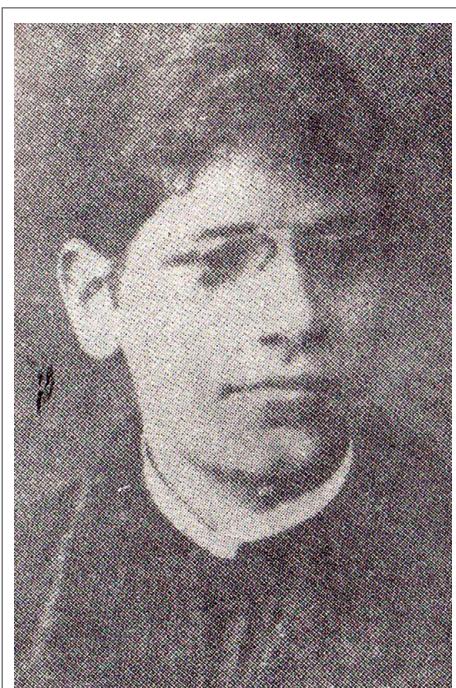
Laura organizou e publicou um livro em 2018, em comemoração ao jubileu de ouro da primeira turma da Leiga e, dentre outras fontes, constou a lista de todos os professores que deram aula durante os seis anos da sua graduação, a partir da memória de Edson Holthausen. A obra traz vários depoimentos e é muito bem documentada, sendo usada, portanto, em várias citações do material que aqui se apresenta.

*A nossa turma sempre foi muito unida, pois tivemos que abraçar uma batalha, uma vez que não se tinha nada: não tinha laboratório, microscópio, sala. Tinha que se instalar tudo e a cada ano isso era feito novamente, a partir das necessidades. No terceiro ano precisávamos entrar na clínica e não havia ambulatório e nem hospital. Tudo era*



Dra. Antonieta Cesar Dias. Uma das mulheres pioneiras na medicina brasileira.

Fonte: Acervo do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.



Dra. Ermelinda Lopes de Vasconcelos. Uma das mulheres pioneiras na medicina brasileira.

Fonte: Acervo do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.



Dra. Rita Lobato Velho Lopes. Uma das mulheres pioneiras na medicina brasileira.  
Fonte: Acervo do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.

*fundado na hora que precisava acontecer. Logo, alguns de nós começamos a sair de Pelotas, em julho, para fazer estágios em outros lugares. O Dr. Naum também fazia convênios com clínicas e hospitais para que pudéssemos atuar. Mesmo com todas as dificuldades os professores eram muito dedicados.*

*Eu era obstetra na ocasião em que me formei e estive dois anos na Maternidade Leonor Mendes de Barros, em São Paulo, lugar que havia um bom movimento de pacientes. Eles nos recebiam muito bem e ficávamos alojados no Hospital. A formação foi a partir de muito pioneirismo e esforço.*

Para os anos iniciais é reforçada a ideia de empenho, não só dos professores que não recebiam salários ou que precisavam contribuir comprando números de rifas para alguma melhoria, mas também dos alunos que percebiam essa postura dos docentes e os apoiavam no que era preciso.

*Eram anos difíceis, de ditadura. A nossa formatura foi no dia que assinaram o AI-5 e nós estávamos no Guarani e o nosso homenageado era o Dr. Gigante. Ele havia sido cassado como professor de Clínica Médica em Curitiba e veio para Pelotas. Gigante era um professor maravilhoso.*

No livro que Laura Ward da Rosa (2018b, p. 169) organizou, há o detalhamento desse momento dizendo que Amílcar não compareceu à formatura por ter sido detido naquele dia: “[...] sentimos muito sua ausência. Com ele adquirimos conhecimentos sólidos da clínica, do processo do adoecer; a semiologia era exigida à risca, exames clínicos precisos, nos bons tempos em que os médicos examinavam os pacientes em vez de olhar para o computador”.

Apesar de na entrevista ter abordado que à época eram ingênuos, a narrativa de Laura é muito potente. Ela usa, por exemplo, a palavra ditadura para um momento político que deve ser qualificado como autoritário, ao contrário de vários entrevistados que preferiram falar em revolução para os anos pós-1964. Ainda, cita casos de colegas que tiveram de abandonar o curso pelo contexto político da época.

Na entrevista de Laura, também se percebe uma necessidade de atuação médica mais humanizada, em que os profissionais da saúde se preocupam em ouvir e conhecer os pacientes para saber do que padecem. Laura, assim como outros colegas, foram contratados por Naum para serem professores assistentes, tão logo se formaram na faculdade.

*Atuar na Obstetrícia era difícil, pois te exigia tempo integral. Não se podia planejar férias, pois sempre havia algum parto para ser feito. Não se trabalhava em equipe como hoje, o que tornava o trabalho ainda mais estafante. No hospital, cada médico atuava apenas com as parteiras<sup>94</sup>, a Maria Coral, a dona Nair, a dona Maria. Para o parto, havia toda uma preparação não de forma individual, mas com o marido, que acompanhava todas as etapas da gestação, a partir de reuniões semanais familiares.*



Dra. Laura Ward da Rosa. Médica formada na primeira turma da Leiga.  
Fonte: Acervo Pessoal da Dra. Laura Ward da Rosa.

A fala de Laura aponta fortemente ao que mais recentemente tem sido preconizado, ou seja, a ideia de um parto humanizado em oposição ao parto medicalizado. O momento do nascimento deveria tratar-se de um processo ético e solidário, que envolve não só a mulher e o bebê, mas também a sua família (POSSATI *et al.*, 2017).

*O diretório acadêmico teve como primeiro presidente o Rubens Ardenghi. Naquele espaço nós não participávamos muito. Eles nos chamavam de “as meninas” e não nos convidavam, as reuniões eram com eles. Logo depois foi fundada a boate, que era um “point”, mas não íamos também.*

Perguntada se havia machismo no comportamento dos homens que eram a maioria da turma, Laura não titubeou ao dizer que sim. Embora use, algumas vezes, palavras para atenuar certos comportamentos, como o fato de os homens fazerem “brincadeiras” com as mulheres, é bastante assertiva ao comentar que homens costumavam ser mais convidados para certas práticas clínicas, como as cirúrgicas, por exemplo, tendo algumas prerrogativas que as mulheres não tinham. Comenta, ainda, que a aula sobre aparelho genital masculino e feminino, na disciplina de Anatomia, foi dada separadamente para o grupo.

*Sobre a minha trajetória profissional atual, eu estou vinculada à Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e, além das aulas, participo de seminários como palestrante e comunicadora, e organizo eventos internacionais. Atualmente sou diretora do curso.*

No decorrer do tempo, Laura migrou para a área da Psiquiatria e Psicanálise após fazer uma Especialização na área e iniciar uma formação na Associação Psicanalítica da Argentina. Sua fala não é destoante de uma parte considerável dos entrevistados, que trabalha, ainda, mesmo com idades mais avançadas.

*Embora tenhamos evoluído muito na parte tecnológica, com exames cada vez mais precisos, como a ressonância, por exemplo, que permite ver metástases, penso que na parte humana a Medicina está perdendo, pois não se ouve tanto o paciente, não se prioriza o diálogo. Houve um aprimoramento das ciências, mas na relação humana regredimos um pouco.*

Laura faz uma crítica contundente à maneira como a existência de dinheiro, algumas vezes, estabelece quem pode ser tratado ou não. Debate a situação da saúde pública no momento e se mostra bastante consciente do que seria necessário para mudar a conjuntura atual.

## Carmen

*O meu nome é Carmen Maria Duarte. Eu estudei em Pelotas a partir do segundo grau e sou de Canguçu. Eu ingressei na Medicina com 18 anos, e o curso sempre foi a minha primeira opção, mas não era fácil, pois, naquela época, as meninas não saíam de sua cidade natal para estudar.*

Canguçu é uma cidade pequena do interior do RS, com cerca de 54 mil habitantes atualmente. Nos anos de 1960, a população era de 56.923<sup>95</sup>, um pouco maior, portanto, do que nos dias atuais. Naquela época, no entanto, não era comum que pessoas do interior fossem estudar em cidades maiores, ainda mais se eram mulheres. Carmem deixou sua cidade natal com apenas 15 anos, o que mostra o seu pioneirismo.

*Todo mundo falava sobre as faculdades, era notícia de jornal, de crônicas sociais e era notícia total entre os jovens que estavam interessados no assunto.*

Conforme já visto no primeiro capítulo, especialmente a partir do ano de 1954, várias matérias de jornais abordavam o interesse que não só a cidade de Pelotas possuía na criação do curso de Medicina, como as cidades circunvizinhas. Isso porque Pelotas já era, naquela época, um polo regional de educação e de saúde, assim como ainda o é.

*A diferença de concorrência para as vagas de vestibular era muito diferente do que é agora, mas havia candidatos não só da cidade e arredores, como de fora do Estado.*

Em praticamente todas as Universidades do Brasil, o curso de Medicina é aquele que tem o maior número de concorrentes nos processos seletivos para ingresso. Tanto assim que é comum que jovens estudem vários anos até que consigam entrar em uma universidade pública. Para o primeiro vestibular da IPESSE vê-se que, embora houvesse concorrência, ela era bem menor do que os números atuais.

*Comparando os valores das duas faculdades, o preço da Leiga era menor e a um certo tempo eu consegui uma bolsa e depois não paguei mais a faculdade. Eu não lembro mais quem foi que arrumou essa bolsa, mas acho que foi alguém que a obteve em Brasília. Eu não lembro bem em que época veio a bolsa, talvez a bolsa tenha sido até parcial.*

Embora Carmen não saiba precisar de qual órgão era a bolsa que conseguiu acessar para ver sua mensalidade diminuída, sabe-se, pelas narrativas, que houve a concessão de auxílios a alunos e, inclusive, a isenção de pagamento de mensalidades de todo o curso, conforme já dito.

*À época, se dizia que uma faculdade tinha os melhores hospitais e a outra os melhores professores. De todo modo, a nossa prática de hospital era muito pequena. O que vivíamos em hospital era no anexo da Beneficência Portuguesa. Com o pouco que tinha ali eles nos ensinavam muito. Até hoje eu lembro de coisas que eles ensinaram naquele lugar. Nós tínhamos professores excelentes como o Amílcar Gigante, que era da Clínica Médica.*

*Antes do sexto ano nós que acreditávamos que precisávamos ter uma maior vivência em hospital procuramos outros lugares para atuar. A faculdade havia feito convênio com vários lugares: Porto Alegre, Rio de Janeiro e Brasília. Eu escolhi Brasília e acho que foi uma boa escolha, pois ali, seis de nós, fomos muito bem recebidos, com respeito e consideração. Foi naquele ambiente, no hospital distrital, que eu mudei a especialidade que eu pretendia realizar, que seria ginecologia, passando para cardiologia. Tal fato teve relação com a experiência que tive na Cardiologia de lá.*



Festa na Boate da Leiga em fins dos anos 1970.

Fonte: Acervo NDH-UFPel.

É preciso ressaltar que Brasília havia sido fundada no dia 21 de abril de 1960. Segundo Alves (2005, p. 125), “[...] seu planejamento foi fruto de um projeto nacionalista e modernista, características presentes tanto na planificação do terreno e projeto urbanístico quanto na expressão arquitetônica da cidade. Essa perspectiva modernista é exatamente uma das referências na busca da identidade nacional que marca a história do pensamento brasileiro do século XX”. Como uma cidade planejada, recebeu pessoas de vários lugares do país que viam naquele espaço um campo novo de possibilidades, especialmente no mundo do trabalho.

*Sobre a saudade e o contato com a minha família, para mandar notícias eu precisava de que alguém me levasse de carro até o centro telefônico para pedir à telefonista de Canguçu, que se chamava Zila Baltriner, que passasse informações para a minha família sobre como eu estava. Uma outra possibilidade era a carta, que demorava muito tempo para chegar.*

Na década de 1960, a comunicação entre as pessoas era bem mais difícil, de tal forma que um jovem de hoje teria dificuldade de imaginar sua vida sem a internet e o acesso rápido às informações como através do Google e do Whatsapp, por exemplo. Ligações via telefonista, cartas e telegramas faziam parte do cotidiano daqueles que queriam ter notícias de familiares que moravam longe.

*Voltamos todos para a formatura, pois havíamos terminado o internato e daí retornei a Brasília para fazer a residência, que durou dois anos e, nesse período, eu já trabalhava.*

*Eu lembro bastante de alguns professores que eram excelentes. O Nova Cruz, que era dentista; tinha também o Pedro Raso, o Dyrio Gorgot. Já a clínica médica marcou muito e acho que para todos. O professor era o Amílcar Gigante e as aulas eram especiais, pois além da clínica se falava da vida em geral. Lembro-me também das aulas do professor Paulo, ginecologista, pois como pretendia seguir nessa especialidade, ele me dava muita atenção. Eles tinham o objetivo maior de fazer a escola funcionar.*

Carmen ressalta o nome de alguns professores que foram também abordados em outras narrativas, especialmente o Dr. Amílcar Gigante. Sobre o primeiro que faz referência, José Luís Sacco da Nova Cruz, ele era oriundo da Odontologia, sendo um dos docentes de Fisiologia e vice-diretor da Leiga nos primeiros tempos. Nova Cruz, como era chamado, gostava muito de arte e promovia apresentações teatrais na Universidade. Nascido em 1930, faleceu em 1986. Nas narrativas, suas aulas aparecem como maravilhosas, especialmente pela didática utilizada para compartilhar os conhecimentos.

*No que diz respeito a sermos mulheres, eu sentia que nos tratavam de forma diferente. Era mais uma brincadeira, não existia malícia assim de achar que a gente não era capaz. Vou citar um exemplo: eu entro em uma prova de Psiquiatria dizendo que não sei nada e tiro 10 e eles dizem que era por causa da saia. Naquele contexto da sociedade, se sabia*



Dra. Carmen Maria Duarte. Médica formada na primeira turma da Leiga.

Fonte: Acervo Pessoal da Dra. Carmen Maria Duarte.

*que se estava enfrentando algo novo, pois existia essa pergunta de que por sermos mulheres será que daria certo. Eu sentia mais que era uma brincadeira do que uma agressão.*

Ainda que reflita sobre a maneira como eram tratadas pelos colegas em tom de “brincadeira”, sabe-se que as mulheres têm, no decorrer dos tempos, normalizado o modo como costumam ser abordadas, especialmente pelos homens, que têm o hábito de constrangê-las nos mais diferentes espaços.

### **Gleide**

*Meu nome é Gleide Bandeira Rosinha, nasci em Pelotas e saí da cidade após a formatura. A Medicina era a minha primeira opção, mas como não tinha faculdade em Pelotas e eu não possuía recursos para me deslocar a Porto Alegre, ingressei no curso de Letras Anglo-germânicas, da Católica, esperando que abrisse a Medicina aqui e o início foi meio de surpresa, pois se imaginava que seria em 1964, mas aconteceu antes.*

*No que diz respeito às notícias sobre a criação da Leiga, havia muitas publicações que indicavam que, enquanto o bispo queria abrir a católica, a sociedade de Medicina pretendia criar um outro curso. Houve uma disputa grande inicial e depois surgiu a ideia de se unir as duas faculdades e fazer uma só, mas não se teve acordo.*

Gleide se mostra bastante informada sobre os debates que aconteceram ainda na década de 1950, em Pelotas, no tocante à necessidade de se abrir uma graduação de Medicina. Acerca da discussão sobre a fusão, embora tenha existido, conforme já visto, não era algo que parecia conseguir ser concretizado, tendo em vista até mesmo a existência de prédios destinados aos novos cursos e de verbas, municipais e estaduais, já empenhadas.

*Os valores da mensalidade eram altos, e com o tempo foram obtidas bolsas através do governador Brizola, mas não eram bolsas que cobrissem toda a mensalidade; mas ajudaram bastante. As bolsas foram úteis, já que eram muitos os que precisavam desse auxílio. Não somente eu.*

Novamente o assunto das bolsas aparece na narrativa. O interessante é que no decorrer das entrevistas se viu que teriam existido auxílios de três tipos: estaduais, nacionais e com o financiamento da própria IPESSE.

*As aulas no início eram boas e se via que os professores queriam muito fazer com que tudo funcionasse bem. Não tínhamos grandes recursos de infraestrutura, mas os docentes fizeram muito nos primeiros anos e depois também.*

*As mulheres eram muito respeitadas, mas havia algumas brincadeiras, ou seja, já existia bullying à época. Nada que chamasse a atenção, mas brincadeiras e apelidos, por exemplo. Nós, as quatro, andávamos muito juntas sempre. Sentávamos juntas e, algumas vezes, nós mesmas nos isolávamos.*

A ideia de uma normalização do comportamento masculino algumas vezes mais jocoso, em outras mais agressivo, aparece novamente na fala de Gleide. O fato de andarem sempre juntas, inclusive nos deslocamentos até a Leiga, demonstra uma espécie de proteção que queriam efetivar.

*Eu comecei a minha vida profissional em Passo Fundo, uma cidade de cerca de 80 mil habitantes, à época, que possuía somente 33 médicos e os pediatras eram apenas dois. De início, eu abri o consultório e comecei a atuar no que depois se constituiu no INAMPS. Eu tinha 24 anos e os meus colegas já eram idosos. Eu era a única mulher que atuava como médica pediatra e havia uma ginecologista que em seguida foi embora. A gente era meio discriminada, não sei se por ser mulher ou por ser nova. Com o tempo, chegaram médicos novos e a situação mudou.*

*Até mesmo alguns pacientes comentavam que preferiam médicos do sexo masculino. Tal situação se dava até mesmo no campo da Pediatria, no qual eu atuava. Naquela época, ou a mulher fazia curso normal para ser professora ou ficava dentro de casa. Com o tempo isso mudou. Hoje em dia tem mais mulheres na Medicina do que homens, né?*

Nesse trecho da entrevista, Gleide aborda a dificuldade de se colocar em um mercado de trabalho que, à época, tinha maioria de homens. Nota-se que ela sentia adversidades até mesmo no campo da Pediatria que, tradicionalmente, era e ainda é ocupado em maior número pelas mulheres. De todo modo, ela reflete sobre essa feminização crescente da Medicina como algo que tem mudado a perspectiva da profissão.

*Na década de 1970, entre os anos de 1973 e 1976, também dei aula na Pediatria na Universidade de Passo Fundo. Tive que me afastar da docência, pois meu marido foi transferido para Brasília e quando retornoi para a cidade reabri o consultório, seguindo o que eu fazia antes. Em 1984 fomos para Barcelona, onde por mais de dois anos estive como assistente no Hospital Infantil “Juan de Dios”, no serviço de neonatologia. Posso dizer que fazer saúde pública foi a atividade que mais me fez sentir útil e gratificada.*

A trajetória de Gleide se deu em diversas áreas, tanto na clínica quanto na docência, mas em sua narrativa fica evidente o quanto o trabalho com saúde pública fez diferença na sua experiência como médica.

*No início, eu estava em dúvida sobre se faria oftalmologia ou pediatria, mas daí comecei a atuar em ambulatórios, nas vilas, sobretudo nas férias e passei a me interessar mais por pediatria. Via-se os problemas de ignorância com relação a vacinas, então, comecei a orientar e me entusiasmar pela área. Naquela época, tinha muita criança que morria por desidratação, por diarreia e aí se passou a usar o soro e, em seguida, o soro caseiro e eu fiquei trabalhando nisso. O índice de mortalidade infantil era muito alto e o uso do soro passou a ser prescrito a partir de 1964.*



Dra. Gleide Bandeira Rosinha - Médica formada na primeira turma da Leiga.

Fonte: Acervo Pessoal da Dra. Gleide Bandeira Rosinha.

Gleide aborda um tema interessante que era o da ignorância da população com relação à importância da imunização. Embora o tempo tenha passado, em notícia publicada pelo Conselho Federal de Enfermagem, no ano de 2022<sup>96</sup>, sabe-se que a taxa de vacinação tem caído tanto no Brasil que voltou ao patamar de 1987, e isso se deve a dois fatores principais: as chamadas *Fake News* e verbas menores para a implementação de políticas públicas, tão importantes para a eliminação de uma série de doenças, algumas delas que não se tinha notícia há muito tempo – como a poliomielite que, embora tivesse desaparecido no ano de 1989, voltou a reaparecer no Brasil recentemente, em um caso no Pará<sup>97</sup>.

No que diz respeito à diarreia, segundo Victora (2009, p. 3), entre 1985 e 1987, esta ocasionou 17.3% de todos os óbitos infantis no Brasil. Já para o começo do século XXI, a partir do incremento de políticas públicas e de ações integradas das equipes de saúde, os números de óbitos decorrentes desta moléstia são expressivamente menores (entre 2003 e 2005, por exemplo, segundo explica o autor, 4,2% de todos os óbitos ocorreram devido à diarreia).

O médico austríaco Norbert Hirschhorn foi um dos precursores no debate sobre o uso do soro. Ele se envolveu em pesquisas relacionadas à reidratação oral em 1964 e, em seguida, foi mandado a uma missão em Bangladesh, lugar que estava passando por uma epidemia de cólera, que causava diarreia grave. À época, a reidratação era feita por via intravenosa, sendo bastante cara. O hoje chamado soro caseiro foi o responsável por salvar milhões de vidas, a partir da mistura de glicose e sódio na mesma proporção em meio aquoso<sup>98</sup>.

*Na Medicina as mulheres, em geral, ou faziam ginecologia e obstetrícia ou pediatria. Depois começaram a aparecer as dermatologistas.*

Gleide aponta para as especialidades que costumavam ser mais acessadas pelas mulheres no início de suas formações como médicas, ao mesmo tempo em que pensa no presente, no qual as mulheres representam 77.9% das dermatologistas no Brasil (SCHEFFER *et al.*, 2020).

*No período da ditadura houve dois colegas que sumiram, não se ouviu mais falar sobre eles, um foi um boliviano e outro não me recordo. O nosso guru, o professor de clínica, considerado como um mentor, Dr. Amílcar, era contra a ditadura e foi o homenageado de honra da nossa turma, não podendo comparecer à formatura, pois naquele dia saiu o AI-5 e ele foi cassado. De todo modo, a gente não ficava sabendo muita coisa...*

Ainda que apareça a mesma história contada por vários dos entrevistados sobre o Dr. Amílcar Gigante, Gleide traz a questão do silêncio sobre a história do Brasil no período, vinculada ao fato de pouco saberem sobre o que acontecia naquela conjuntura. Segundo Starling (2015, p. 37), alguns silêncios se vinculavam à ditadura no Brasil:

O primeiro silêncio recai sobre o apoio da própria sociedade e, em especial, sobre o papel dos empresários dispostos a partici-

par na gênese da ditadura e na sustentação e financiamento de uma estrutura repressiva muito ampla que materializou, sob a forma de política de Estado, atos de tortura, assassinatos, desaparecimentos e sequestros. O segundo silêncio incide sobre as práticas de violência cometidas pelo Estado contra a população e direcionadas para grupos e comunidades específicos [...]

*O centro acadêmico foi criado no primeiro ano do curso. Nós não tínhamos semana acadêmica, mas eram feitas atividades vinculadas aos alunos. Eu, inclusive, fui da primeira diretoria, eu era diretora de patrimônio. Nós conseguimos uma sala no prédio antigo, no Instituto de Higiene, um espaço meio improvisado e fizemos uma reunião dançante de inauguração do centro acadêmico. Em seguida, foi construída uma sala nova para abrigar o centro acadêmico.*

Nos relatos dos entrevistados, não aparece uma semana acadêmica específica já com esse nome na década de 1960, mas há narrativas sobre encontros científicos promovidos tanto por alunos quanto por professores. José Milton Mirenda cedeu o folder do que foi intitulada como a primeira semana acadêmica de Medicina - UFPel, promovida pelo Diretório Acadêmico Naum Keiserman, em colaboração com a Secretaria de Saúde do RS. O encontro deu-se entre 18 e 22 de outubro de 1977 e discutiu vários assuntos vinculados à área médica.

Ainda na narrativa de Gleide, chama a atenção o fato de que ela revelou ter participado do DANK, como diretora de patrimônio, já na primeira gestão, o que não era muito comum no período, já que no início aquele era um espaço mais masculino.

*O período de reconhecimento do curso foi bem angustiante, pois o Dr. Naum ia a Brasília, em todos os lugares possíveis, pedir ajuda e era difícil. Eu, inclusive, fiz parte de uma comissão que procurou o João Goulart quando ele esteve em Pelotas, na Escola Técnica<sup>99</sup> e o procuramos, eu, o Rubens Ardenghi e o João Osório dos Reyes para conversar. Foi recebido apenas o Rubens e pedimos o reconhecimento.*

Novamente aqui, fica explicitado o protagonismo de Gleide que participou, inclusive, de uma comissão que pretendia falar com João Goulart, presidente do Brasil, entre os anos de 1961 e 1964.

### **Tania**

*Meu nome é Tania Barcellos Chaves e quando eu me formei me chamava Tania Labes Barcellos. Eu sou de Pelotas e ingressei na Medicina com 20/21 anos. O curso sempre foi a minha primeira opção, pois desde pequena eu dizia que seria doutora das crianças. Fiz dois vestibulares difíceis: um para o Colégio Municipal Pelotense e outro para o curso de Medicina. O interessante é que na graduação convivi com vários colegas do Pelotense.*

À época, o Colégio Municipal Pelotense era muito prestigiado com relação à formação de estudantes visando uma preparação mais integral como cidadãos. Seus vestibulares costumavam ter apenas questões dissertativas, o que era bastante difícil para os alunos. Conhecido por ter em seu quadro profissionais com uma excelente instrução, costumava ser uma aspiração dos estudantes que procuravam cursos mais concorridos, como a Medicina, por exemplo. Segundo Scheer (2017, p. 85): “O Pelotense, como hoje é denominado, surgiu na cidade como uma nova opção de ensino primário e secundário de qualidade, oferecendo educação laica, assegurando liberdade de consciência, formando cidadãos aptos para a democracia e para alcançar o tão almejado progresso”.

*Caso eu voltasse no tempo faria tudo novamente, e tanto é verdade que estou trabalhando até hoje, com 80 anos. Sobre os problemas existentes no curso, havia uma preocupação constante se seria reconhecido, tendo existido, inclusive momentos de tensão, que foram dissipados com o tempo, pois quando nos formamos já havia acontecido o reconhecimento.*

Conforme se pode ver na documentação existente no site do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, o reconhecimento do curso deu-se através do decreto 59.381 de 12 de outubro de 1966<sup>100</sup>, bastante tempo antes da formatura da primeira turma, que ocorreu no dia 13 de dezembro de 1968.

*A turma era dividida em quatro grupos, que representavam equipes diversas e havia uma mulher em cada uma delas. A aula teórica era com todos juntos, mas as aulas práticas eram mais individualizadas, ou seja, na Anatomia cada um dos quatro grupos trabalhava, por exemplo, com um cadáver específico.*

*Tinha gente que dizia que não acreditava em médica, mas como eu fazia Pediatria, era algo mais maternal. De todo modo, eu nunca tive problemas em exercer minha profissão.*

Alguns trabalhos eram vistos como mais femininos como aqueles vinculados ao cuidado, à paciência, à minúcia, à perseverança, “[...] enquanto força muscular, velocidade e habilidade significavam masculinidade” (SCOTT, 1991, p. 18).

Para Perrot<sup>101</sup> (2005, p. 251, grifos da autora):

As mulheres sempre trabalharam. Elas nem sempre exerceram “profissões” [...] As “profissões de mulheres”, aquelas que se afirma serem “boas para uma mulher”, obedecem a certo número de critérios que também determinam limites. Consideradas como pouco mobilizadoras, elas devem permitir que uma mulher realize bem a sua tarefa profissional (menor) e doméstica (primordial).

Ainda que Tania promovesse a atenção às crianças, com a Pediatria, a Medicina como um todo não era pensada como o melhor lugar para as mulheres na década de 1960, conforme já dito.

*A turma era muito unida e continua sendo, pois nos encontramos a cada cinco anos, desde a formatura. Tão unida que quando saiu uma seleção para o INAMPS, os meus amigos da turma apresentaram todos os meus papeis para a seleção e eu só tive que assinar e começar o trabalho. Não tinha uma competição entre nós.*

*No início, vinham muitos professores de fora e era bem difícil a avaliação, talvez por sermos a primeira turma. Veio um professor de fora, de Belo Horizonte, Pedro Raso, de Patologia e alguns colegas disseram para o professor que as meninas só decoravam, que não entendiam a matéria. Daí o professor conversou conosco e disse que se não entendéssemos não adiantava, mas estudamos muito e tiramos uma nota boa.*

Tania também considera o ato dos demais colegas como “brincadeira”, mas o fato relatado aconteceu apenas vinculado a elas, em uma perspectiva de desqualificação intelectual das mulheres, o que continua acontecendo em dias atuais. A própria Tania refletiu sobre a situação de que mulheres na Medicina, naquela época, ainda era um tabu.

*Quando nos formamos não lembro de muitas mulheres na Medicina em Pelotas, só da Cecé, Maria da Conceição, que era ginecologista. Não lembro de outras mulheres médicas... Depois sim, quando nos formamos, éramos quatro na Leiga e quatro na Católica.*

Nesse trecho da entrevista aparece o nome da professora Maria da Conceição de Oliveira Fernandes, conhecida como Cecé. Ela se formou na UFRGS e, em seguida, começou a dar aula na Leiga. Recebeu o título de especialista em Ginecologia, pela Associação Médica Brasileira, no ano de 1963.

Ainda que recorde de mulheres na Medicina nos anos de 1960, em Pelotas, os números eram tão poucos que ela consegue citar os nomes, bem diferente da época atual quando se percebe que a profissão está cada vez mais feminina e jovem, no Brasil como um todo (SCHEFFER et al., 2020).

*No sexto ano eu fiz a parte de Ginecologia e Obstetrícia, no Hospital Darci Vargas, em São Paulo; e, relacionado à Pediatria, eu atuei no Morumbi, um hospital maravilhoso. Meu pai e minha mãe deixaram que eu fosse para uma cidade grande, pois eram pessoas diferenciadas para a época. A minha irmã fez Agronomia e eu Medicina. De todo modo, meu pai pensava que mulher era para cozinhar e cuidar da casa, mas minha mãe tinha tido uma educação europeia. Na família dela, havia pessoas com outra cabeça e a minha mãe achava que a gente tinha que estudar, que não podia depender de marido. Já o pai, nunca deixou a minha mãe trabalhar fora. Ela arrumou emprego, mas ele nunca a deixou atuar.*

Nessa parte da entrevista se percebe uma contradição, pois ainda que no início da narrativa tenha sido abordado que os pais tinham uma outra visão de mundo, tal situação se colocava, claramente, para a mãe, que incentivou as filhas a estudarem e a se profissionalizarem.

*A formatura foi uma festa muito bonita. Antes teve uma missa na capela da Beneficência, com a nossa presença e de nossas famílias; de noite teve o ato solene e no outro dia o baile, que foi no Brilhante. Foi uma festa na cidade.*

*Sobre a minha atuação, eu sempre trabalhei muito e se voltasse no tempo faria novamente Medicina. Trabalhava no INAMPS, tinha consultório, dei aulas na Universidade onde fui professora na primeira turma de Nutrição, em materno-infantil e atuava nas Ciências Domésticas<sup>102</sup>, na disciplina de Enfermagem do Lar e Puericultura. Eu me aposentei e continuo no consultório até hoje.*

*Por fim, lembro que teve uma epidemia de meningite em Pelotas, nos anos de 1970, momento em que morreu muita gente, crianças e adultos. Naquela época se atendia muito em casa. A gente atendia e não tinha máscara, não tinha nada.*

A servidora técnico-administrativa da Leiga, Nilza Maria Lopes, também lembra desse surto de meningite na cidade quando trabalhava na Santa Casa, em 1971, já que será justamente neste ano que apareceram os primeiros casos de meningite no Brasil cujo ápice deu-se em 1974 (SCHNEIDER *et al.*, 2015). A professora Rita Barata, que escreveu um livro sobre o assunto, “Meningite: uma doença sob censura?”, diz que o fato de o governo ditatorial brasileiro ter tentado omitir os casos e os números, fez com que a população não soubesse como agir. Para proibir a divulgação de notícias, era utilizado o Decreto Lei número 1.077, de 26 de janeiro de 1970<sup>103</sup>, o qual estabelecia censura-prévia aos meios de comunicação. Apenas no ano de 1975, aconteceu uma campanha nacional de vacinação, momento em que além da população mais pobre ser fortemente atingida, começaram os casos dentre as classes favorecidas.

### **“No teatro da memória elas são uma leve sombra”<sup>104</sup>**

A história das quatro primeiras mulheres da Leiga é muito bonita e mostra um grande protagonismo. Elas foram pioneiras, pois em um momento em que a sociedade esperava que como moças de classe média e da elite<sup>105</sup> tivessem uma educação adequada para serem boas esposas e mães, elas preferiram ocupar espaços que antes eram, eminentemente, masculinos. Dessa forma, passaram por dificuldades certamente maiores do que as dos homens, mas driblaram os problemas e escolheram o que queriam ser.

Suas memórias tiveram um destaque neste capítulo, tendo em vista uma colocação de Michelle Perrot que ainda faz todo o sentido, ou seja, a afirmação de

que a história das mulheres precisa sair do silêncio e suas trajetórias devem ser contadas com a singularidade com que são feitas. Segundo a historiadora (1995, p. 8): “Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas [...]”.

A visibilidade, portanto, que se pretendeu dar ao contar de forma mais individual as trajetórias de Laura, Carmen, Gleide e Tania foi na perspectiva de trazer inspiração a outras mulheres, nos dias de hoje, que ainda convivem em um mundo machista e misógino, que ou mata, ou assedia, ou impede, ou obstrui os caminhos de mais da metade da população mundial.

## SOCIABILIDADES

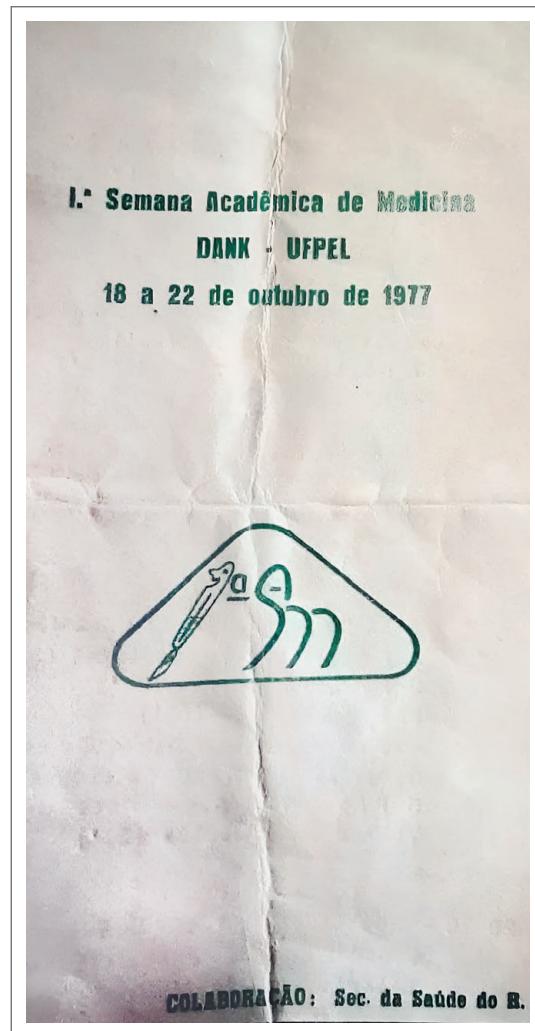
O curso de Medicina é considerado bastante estressante por alguns motivos, dentre eles, a ampla carga horária da graduação e, também, por lidar com situações traumáticas que se relacionam diretamente à finitude da vida. Embora a morte seja certa, há dificuldades, da maioria das pessoas, em lidar com a perda daqueles que lhe são queridos. “Considerada por um lado um fracasso ou uma parada provisória da luta médica, subtraída por outro lado à experiência comum, chegando, portanto, ao limite do poder científico e escapando às práticas familiares, a morte é o outro lugar” (CERTEAU, 2011, p. 266).

Tendo em vista essa conjuntura e o fato de que os alunos eram, em sua maioria jovens, alguns deles de outras cidades do Estado e do Brasil, uma das preocupações da Faculdade era a de criar espaços de sociabilidade em que pudessem construir vínculos, até mesmo tendo uma perspectiva de continuar em Pelotas.

Sociabilidade é pensada neste texto relacionada principalmente ao lazer, ou seja, se vincula a usar o tempo livre para, como diz Corbin (2001), construir distrações, na perspectiva de se ter um período vazio de fazeres, mas pleno de felicidade.

Pelotas possuía uma população expressiva na década de 1960, 176.575 pessoas (BEM, 2017) e era considerada uma das mais importantes cidades do Estado, do ponto de vista econômico, político e cultural. Tal situação proporcionava vários espaços de sociabilidades, como a existência de clubes sociais, parques ao ar livre, cinemas, praças, além do Laranjal, que fazia pouco tempo estava disponível para uma parcela mais ampla da população.

Nas entrevistas, percebe-se que várias atividades foram pensadas no sentido de uma maior socialização entre a comunidade da FAMED e, também, na construção de espaços dentro da cidade. Edson Holthausen fala sobre as passeatas universi-



Detalhe do folder da primeira semana  
acadêmica de Medicina da UFPel.  
Fonte: Acervo NDH-UFPel.



Dra. Tania Barcellos Chaves - Médica formada na primeira turma da Leiga.  
Fonte: Acervo Pessoal da Dra. Tania Barcellos Chaves.

tárias existentes antes de 1964. Como entrou nesse período, marcado pelo golpe, participou de uma caminhada, a qual fazia críticas sociais. Segundo ele, um homem, com um travesseiro na barriga, desfilava com a seguinte frase: “Não dou à luz senão o Brizola me encampa”, isso porque o político havia encampado a Light em Porto Alegre<sup>106</sup>. Em um outro momento, ele conta uma história de modo risível e se diverte com a lembrança. Um aluno da Agronomia carregava um cartaz referindo-se aos estudantes de Medicina, que assim dizia: “O nosso erro a terra mostra. O erro deles a terra esconde”.

Havia, também, atividades destinadas a todos os graduandos de Medicina de Pelotas. Uma delas é citada pelo mesmo Edson e se vincula a um torneio de futebol de salão intitulado Intermed, que existia e ainda existe, em todo o Brasil. À época, embora fosse uma atividade pensada como de lazer, o torneio era marcado pelo confronto entre as duas faculdades de Medicina de Pelotas e, segundo Edson, “acontecia de tudo durante a competição, até mesmo piquinhas sobre a importância de um ou de outro curso”.

A Leiga promoveu um dos Intermed no ano de 1974, entre 21 e 28 de julho, na gestão de Bernardo Scarsinski, à frente do DANK. Segundo aqueles que participaram, o evento foi muito bom, pois teve o comparecimento de metade dos cursos de Medicina de todo o Brasil.

O certo é que o esporte sempre esteve presente nas Universidades, algumas vezes, tendo em vista competições esporádicas, relacionadas ao futebol, vôlei, basquete. A partir das narrativas se percebe, no entanto, um crescimento das chamadas atléticas, principalmente a partir dos anos de 2010. Ainda que o foco seja o jogo, muitas vezes, a entidade amplia a pauta com a intenção de mobilizar os estudantes para alguma demanda ou para promover uma maior identidade dos alunos com a escola, que pode ser, inclusive através da música, com a organização de bandas, por exemplo. Thiago Gaspar (ATM 2016) diz que a atlética na Leiga surgiu como uma espécie de braço do DANK e sua sala recebeu o nome do diretor à época, Farid Nader, em homenagem a ajuda que receberam em sua constituição. Farid também nomeia uma copa, que começou como uma competição anual de Futsal entre as turmas, tendo, inclusive, um time de professores. Com o tempo, a copa “Faridão”, como é chamada, passou a incluir outros esportes.

Sobre as atléticas, Thiago avalia que o crescimento foi tão grande na UFPel que foi construído a chamada Inter atléticas, organizado pela própria Universidade, com vários cursos competindo entre eles, em diferentes modalidades de esportes. Vinculado à atlética da Leiga há a bateria, que reúne mais de trinta pessoas – que tocam diferentes instrumentos e animam as competições.

Retomando o passado, como outras formas de encontro entre os estudantes, foram citadas as reuniões dançantes, que depois deram origem à boate da Leiga,



Colégio Municipal Pelotense. Referência em educação no município de Pelotas.

Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas.

considerada um dos principais espaços de sociabilidade da época para a cidade; os churrascos de turma; a quadra de esportes, o próprio espaço do DANK, lugar em que se encontravam em qualquer intervalo de aula para conversar, comer e tomar café, além de jogar sinuca e ping-pong.

Um dos entrevistados, Luís Antônio Benvegnú (ATM 1989), aborda a existência de um grupo de teatro na Faculdade, coordenado pelo professor Nova Cruz. O grupo foi criado no ano de 1982 e encenava diferentes textos<sup>107</sup>. Ele relata que durante o segundo grau, hoje ensino médio, tinha essa motivação para atuar, o que continuou fazendo na Faculdade. Uma das peças encenadas levava o nome de Ecos e as apresentações, realizadas no auditório, costumavam acontecer no Dia do Médico. Normalmente, os papéis principais eram do grupo que ensaiava cotidianamente e os secundários ficavam com alunos cujas participações eram esporádicas.

Carlos Alberto Bandeira (ATM 1975) fala sobre o coral da Faculdade. Segundo ele, os integrantes participavam, inclusive, de concursos de coros em Porto Alegre e as passagens, para os deslocamentos, eram pagas pelo Dr. Naum. O maestro era Romeu Tagnin, italiano e um dos compositores do Hino de Pelotas. Bandeira diz que um dos incentivadores dessa atividade era o professor José Nova Cruz, um entusiasta da arte nos ambientes acadêmicos.

Havia também os trotes, realizados por veteranos aos calouros. Wanderlei Rospide da Motta conta que eram raspados os cabelos dos meninos, mas que aquilo era motivo de orgulho, pois saíam pela cidade com a palavra “bixo” escrita na testa e com um chapéu verde, constando em branco a inscrição “Med”. Ele afirma que não tinha vontade nem de tirar o chapéu, que só era abandonado após um baile feito no Diamantinos, para este fim. Já Carlos Alberto Bandeira conta que o trote poderia ser violento, pois teve um colega seu que foi pintado com tinta esmalte e sofreu uma infecção séria e um outro cuja cabeça foi colocada em uma latrina. Ele também recorda o baile de retirada do chapéu que, segundo ele, aglutinava os estudantes das duas faculdades de Medicina da cidade.

Ainda, os discentes citam a ida a sessões cinematográficas, especialmente aos domingos. Havia vários cinemas de calçada, como eram chamados. Dentre eles pode-se citar o Capitólio, o Tabajara, o Pelotense, o Rei, frequentado, algumas vezes, em mais de uma sessão por dia, ou seja, se ia ao cinema às 14 horas e só se voltava para casa às 20 horas, depois de três filmes vistos em um único dia. Em espaços da Universidade, como a sala 54 da Odontologia, havia também cineclubes, que promoviam a exibição de filmes e depois havia debate sobre o tema abordado (CUNHA, 2017).

Mais recentemente, nas entrevistas, aparece a constituição da Banda Leiga, que tocava rock e teria surgido entre 1999 e 2000. Segundo Umberto Lopes de Oliveira Filho<sup>108</sup>, formado na ATM 1983 e depois professor da casa (a partir de 1991), a banda era formada por Decio Renck, Fábio Brião, Rodrigo Mendonça, Ricardo Amin, Fernando Silva e Bruno Gomes e se apresentava em festas, prin-



Dra. Maria da Conceição de Oliveira Fernandes.

Uma das primeiras professoras da Leiga.

Fonte: Quadro de Formatura. Acervo da FAMED.

cipalmente na Leiga. Há, também, a Festa do Décimo, realizada por turmas que estão próximas à formatura com a finalidade de angariar recursos para a comemoração. Marcelo Capilheira, formado na UFPel (ATM 2001) e, depois, diretor da FAMED entre os anos de 2017 e 2021, diz que a festa do décimo hoje é para a cidade inteira, mas que antes era de despedida, “pois o semestre era o último em que a turma se reunia em aula e depois era o estágio e cada um ia para um canto”.

No capítulo, foram apresentadas as dificuldades em se construir uma escola médica ao sul do país na década de 1960. As adversidades, no entanto, foram sendo resolvidas, principalmente, pelo empenho dos professores, dos técnico-administrativos e dos primeiros discentes para o fortalecimento, reconhecimento e federalização da Leiga. Passados sessenta anos, vê-se a FAMED-UFPel como uma escola médica de excelência no país.

### **FONTES DOCUMENTAIS:**

- Clipping da Coordenadoria de Comunicação Social da UFPel, do ano de 1976.
- Diário de Gleide Bertinetti Bandeira. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2023/03/gleide.pdf> Acesso em 13 de março de 2023.
- Documentos da Leiga constantes na página do NDH. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/famed-ufpel/>. Acesso em 24 de abril de 2023.

### **ENTREVISTAS ORAIS:**

- Entrevista presencial realizada com Edi José Nascente, no dia 16 de setembro de 2022. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Luiz Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Laura Ward da Rosa, no dia 20 de setembro de 2022. Entrevistadora Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Wanderlei Rospide da Motta, no dia 23 de setembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Edson Holthausen, no dia 29 de setembro de 2022. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Gleide Bandeira Rosinha, no dia 30 de setembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Gley Silva de Pacheco Costa, no dia 1º de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Altair Delfino da Rocha Faes, no dia 19 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Simon Halpern, no dia 21 de outubro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.



Churrasco de confraternização da primeira turma da Leiga.

Fonte: Acervo NDH-UFPel.



Aula prática do curso de Ciências Domésticas da UFPel, no qual alguns docentes da Leiga ministram aulas.

Fonte: Acervo NDH-UFPel.

- Entrevista on-line realizada com Carmen Maria Duarte, no dia 12 de outubro de 2022. Entrevistadora; Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Antonio César Gonçalves Borges, no dia 14 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Tania Barcellos Chaves, no dia 15 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Luiz Augusto Facchini, no dia 26 de outubro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Carlos Alberto Bandeira, no dia 3 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com José Justino Faleiros, no dia 12 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Carlos Karam, no dia 14 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Nilza Maria Lopes, no dia 16 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Beatriz Franck Tavares, no dia 17 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Dércio José Zerwes, no dia 25 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com José Aparecido Granzotto, no dia 30 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Luís Antônio Benvegnú, no dia 2 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Leo Zilberknop, no dia 7 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Cristiane Hallal da Silva, no dia 8 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Umberto Lopes de Oliveira Filho, no dia 15 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Julieta Carrconde Fripp, no dia 11 de janeiro de 2023. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Samuel Antônio Neugebauer, no dia 13 de janeiro de 2023. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Thiago Gaspar, no dia 7 de janeiro de 2023. Entrevistadora: Elísiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com César Victora, no dia 19 de janeiro de 2023. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elísiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com Luana Padilha Corrêa, no dia 28 de março de 2023.  
Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

- Entrevista on-line realizada com José Milton Cunha Mirenda, no dia 2 de maio de 2023.  
Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.



## CAPÍTULO 3

# A POLÍTICA DE COTAS NO BRASIL E NA MEDICINA - UFPEL

As cotas nas Universidades brasileiras foram instituídas pela Lei de número 12.711 promulgada em 2012, mas os debates sobre a necessidade de ampliação do acesso e da democratização do ensino são bem anteriores.

Como no início o assunto no Brasil possuía o estigma de ser um tema polêmico, foram concebidos argumentos para os que se diziam contrários à norma, que se vinculavam, muitas vezes, a critérios de meritocracia, ou seja, a ideia amplamente construída era a de que todos poderiam se destacar a partir de seus próprios esforços, como se fosse possível que pessoas que tivessem trajetórias tão desiguais pudesse chegar ao mesmo objetivo, tendo em vista apenas suas habilidades individuais. E havia argumentos para os que defendiam a política de cotas, baseados, na maior parte das vezes, na necessidade de reparação histórica, a qual permitiria incluir grupos desfavorecidos ou excluídos da sociedade com vistas à promoção de uma sociedade mais justa.

A normativa do ano de 2012 garantiu “[...] 50% das matrículas por curso e turno nas Universidades Federais e Institutos de Educação, Ciência e Tecnologia para alunos que tenham concluído seus estudos integralmente em escolas públicas, de maneira regular ou por meio da educação para jovens e adultos e para pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência” (GILL; MENDES, 2021, p. 84).

Sua implementação, à época, nas 59 Universidades Federais e nos 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia poderia ser construída gradualmente, em um prazo de até quatro anos. Na UFPel, em 2012 houve a aprovação de 40% de vagas nessa modalidade, fixando-se em 50% no ano seguinte.

Com o passar do tempo, viu-se que a lei, vinculada a uma política de ação afirmativa, trouxe muitos benefícios à democratização do ensino superior. Para Feres Júnior *et al.* (2018, p. 13):

uma definição de ação afirmativa deve ser parcimoniosa o suficiente para abranger as diversas políticas assim denominadas. Portanto, parece-nos razoável considerar ação afirmativa todo programa, público ou privado, que tem por objetivo conferir recursos ou direitos especiais para membros de um grupo social desfavorecido, com vistas a um bem coletivo. Etnia, raça, classe, ocupação, religião e castas são as categorias mais comuns em tais políticas. Os recursos e oportunidades distribuídos pela ação afirmativa incluem a participação política, acesso à educação, admissão em instituições de ensino superior, serviços de saúde, emprego, oportunidades de negócios, bens materiais, redes de proteção social e reconhecimento cultural e histórico.

Mas se com o tempo havia motivos para se comemorar a construção de Universidades mais inclusivas, diversas e plurais, houve, também, alguns percalços relacionados a tentativas de fraudar esta política pública. Um dos casos mais conhecidos se relacionou justamente ao curso de Medicina da UFPel.

Logo nos primeiros anos da implementação das cotas, o critério de ingresso para pretos, pardos e indígenas era apenas a autodeclaração, feita no ato da matrícula, com o objetivo de simplificar o processo. Contudo, o que houve foi a denúncia de que vinte e sete alunos da Medicina haviam promovido uma fraude, por terem um fenótipo claro de pele e se autodeclararem como pretos ou pardos. Segundo notícias publicadas<sup>109</sup> à época, a denúncia teria partido do movimento negro do Estado e de alunos da própria UFPel.

Sobre o episódio da denúncia, Luana Padilha Corrêa (ATM 2021), que era cotista da turma do segundo semestre de 2015, conta que alguns dos denunciados ingressaram no mesmo período que ela. Luana comenta que “foi bem tenso, porque um dia tinham os alunos e no outro dia, de repente, sumiram os colegas [...] e sumiram da chamada. E aí foi muito chocante, porque, na verdade, tinham muitos colegas que eram brancos, que reconhecíamos como brancos e foi chocante saber que estavam naquele grupo”. Ela relata que chegou, inclusive, a trancar a Universidade durante um semestre e um dos motivos foi ter ficado um clima muito pesado e hostil na turma depois do que aconteceu.

Como desfecho para a denúncia, no dia 30 de dezembro de 2016<sup>110</sup>, a reitoria, após constituir comissão investigativa que apurou os fatos, resolveu cancelar as matrículas e desligar, do total, vinte e quatro estudantes do curso de Medicina, além de instituir grupo de trabalho para planejar como se daria a averiguação nos processos futuros.

Desde o segundo semestre do ano de 2016, a UFPel se utiliza de bancas de heteroidentificação cujas ações são acompanhadas pelo Núcleo de Ações Afirmativas e Diversidade (NUAAD) da UFPel, com o objetivo de coibir tentativas de fraudes, as quais têm diminuído significativamente com o passar dos anos. As bancas são

formadas por servidores públicos, advogados, professores e estudantes que recebem formação específica, através de cursos, para avaliarem a solicitação de ingresso por cotas. Para os candidatos com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salários-mínimos, relacionado à chamada cota social, a verificação é feita pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, que solicita uma série de documentos visando comprovar a situação socioeconômica do requerente.

Na perspectiva de ampliar ainda mais o acesso à UFPel foram criados, a partir da resolução n. 15 do ano de 2015, do Conselho Coordenador do Ensino, Pesquisa e Extensão (COCEPE), processos para vagas específicas destinadas a indígenas e quilombolas. No tocante aos indígenas, só podem se inscrever os aldeados e, no caso dos quilombolas, aqueles que são efetivos moradores das comunidades remanescentes de quilombos. Para os dois casos, as provas constam da elaboração de uma redação (classificatória e eliminatória); elaboração de um memorial descritivo (classificatório) e defesa do memorial descritivo (classificatório).

## **PRIMEIROS EXEMPLOS DE CURADORES NEGROS E INDÍGENAS**

Antes de que se comece a discussão sobre o que vem acontecendo no presente, é importante fazer um retrospecto histórico sobre a saúde associada aos povos negros e indígenas. Além de se considerar questões relacionadas às desigualdades sociais, que faziam e ainda fazem com que não tenham, muitas vezes, acesso à saúde, é preciso se observar, também, que há algumas formas particulares de se vincularem ao processo da saúde-doença. Para Coimbra Júnior e Santos (2000, p. 126): “No Brasil, as pesquisas sobre os efeitos de desigualdades sociais em saúde tendem, em sua maioria, a privilegiar a análise da composição socioeconômica como um dos elementos centrais de seus modelos explicativos. Não há uma produção sistemática acerca do peso da dimensão étnico-racial na expressão diferenciada dos agravos à saúde”.

Ainda para os autores (2000), portanto, são vários os fatores que devem ser considerados para se pensar na saúde desses povos como raça, nível socioeconômico, acesso à educação, espacialidade, dentre outros.

De todo modo é preciso se refletir que muito antes de se utilizarem dos tratamentos convencionais relacionados à alopatia, que frequentemente não estavam disponíveis, necessitaram usar o que se apresentava como acessível, seja recorrendo aos medicamentos relacionados, muitas vezes, a ervas, ou na orientação de um profissional que pudesse os acolher.

No que diz respeito aos medicamentos, as plantas foram e ainda são imprescindíveis à grande parte da população, fazendo parte de uma perspectiva de atenção mais popular e tradicional desde tempos remotos até o momento atual. Segundo

Fernandes (2004, p. 27): “A utilização de plantas, além de outros produtos naturais, na terapêutica e prevenção de doenças, pode ser detectada em diferentes formas de organização social, constituindo-se como uma prática milenar associada aos saberes populares e médicos e a rituais”.

No que concerne ao atendimento de um curador, durante o período da República Velha, esteve à frente, no Estado do Rio Grande do Sul, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), o qual implementou algumas propostas de releitura da obra de Augusto Comte<sup>111</sup>, seja durante o período castilhista<sup>112</sup> ou borgista<sup>113</sup>. Dentre essas propostas estava a liberdade profissional, a qual interessa, sobremaneira, no debate sobre a atuação médica no Estado (GILL, 2004).

Através da liberdade profissional era possível que vários curadores se apresentassem, em fins do século XIX e início do XX, inclusive mediante a anúncios de jornal, como atuantes na área. Para que oferecessem seus serviços era necessário apenas que se cadastrassem na Delegacia de Higiene. A atuação desses curadores era marcada por acalorados debates, principalmente na imprensa, que costumava se referir a eles como charlatães, feiticeiros, mandingueiros.

Mesmo com algumas adversidades, eles costumavam permanecer em Pelotas durante um tempo e atuavam tanto na zona urbana quanto rural, espaço em que eram mais numerosos. Alguns deles não possuíam formação acadêmica, outros tinham vindo de países diversos, sem que houvesse a revalidação de seus diplomas, e havia, ainda, aqueles que tinham se formado através de cursos por correspondência.

Loner *et al.* (2019) aborda o caso de Euzébio de Queirós Coutinho Barcellos, que, ao longo de sua trajetória, passou de escravizado a doutor. No texto é apresentada notícia publicada no jornal Diário Popular de 7 de junho de 1928, no momento de sua morte.

Faleceu ontem, o benquisto cidadão, nosso amigo Sr. Euzébio de Queiroz Coutinho Barcellos, médico licenciado, contando a avançada idade de 80 anos, viúvo e natural desse estado. O corpo foi colocado em fina urna de madeira de lei, estilo frances, e ricamente garnecido com emblema prateado e acolchoado com veludo roxo, e conduzido em carro de primeira classe, ao cemitério, onde ficou depositado na catacumba da Irmandade da Nossa Senhora do Rosário n. 49. As cerimônias fúnebres tiveram lugar, com crescido acompanhamento, a cargo da casa Constantino Ribeiro. O extinto gozava de geral apreço, sendo sua morte muito sentida. A exma. família enlutada apresentamos sentidos pêsames.

Euzébio se envolveu com vários problemas durante a vida, tendo em vista a atividade que exerceu. Ele foi acusado de feitiçaria pelo jornal *O Dia*, de 18 de setembro de 1916 e nos dias subsequentes foi chamado de preto, vadio e esperto (GILL,

2004). Ele parece ter se livrado das acusações por ter uma fala muito articulada, a partir da qual ressaltava ser católico, sócio de várias entidades, além de filiado ao partido que estava no poder, o PRR. Ele chegou, inclusive, a apresentar uma lista de nomes respeitáveis da sociedade pelotense que o apoiava com a intenção de se livrar das acusações que o jornal fazia a ele.

Um outro caso de um médico negro bastante conhecido foi o de Durval Penny, pertencente à família que fundou o jornal *A Alvorada*, de Pelotas. “O jornal A Alvorada circulou na cidade de Pelotas e região de 5 de maio de 1907 a 13 de março de 1965, o que o torna hoje o mais longevo periódico da imprensa negra brasileira. Foi fundado por trabalhadores, na sua maioria de origem afro-brasileira, para ser um veículo de informação, defesa e protesto da comunidade negra e da classe operária pelotense” (SANTOS, 2017, p. 14).

Durval fez seu curso por correspondência no Instituto Nacional de Ciência e se formou no ano de 1914 (PERES, 2002) em uma época em que era muito difícil que pessoas que não fossem da elite cursassem Medicina. Ele era um homem negro, trabalhador, que ficou reconhecido por ser o médico dos pobres no período em que viveu.

Se relacionado aos negros é possível identificar o nome de uma ou outra pessoa que conseguiu exercer a arte de curar, a partir de conhecimentos tradicionais ou por formação, o mesmo não acontece com os indígenas. Embora se saiba que os chamados povos originários se utilizaram, desde tempos remotos, de saberes vinculados às ervas, por exemplo, o encontro de uma referência específica é mais difícil, como se o silêncio dissesse mais do que a palavra.

Segundo o último censo (2010)<sup>114</sup> havia, no Brasil, 896.917 indígenas e, destes, 572.083 vivem na zona rural e 324.834 na zona urbana. Já no RS existiam 32.989 indígenas, com uma estimativa de que cerca de 23 mil vivam em aldeias. Os grupos principais do Estado se vinculam às etnias Guarani, Kaigang e Charrua, e o maior número deles se concentra na região norte do Estado.

Como se trata de uma população em vulnerabilidade social, o acesso à saúde é mais precário sendo preciso se ter um olhar diferenciado para esse grupo. Recentemente, por exemplo, tendo em vista à pandemia de covid-19, que afetou o mundo todo, viu-se como os indígenas ficaram mais expostos à enfermidade, seja pelas condições econômicas e sociais, que envolvem, muitas vezes, o acesso mais difícil aos serviços de saúde; seja porque são inexistentes em algumas regiões ou tendo em vista a indisponibilidade de maiores estruturas, como as de um ambiente hospitalar.

Pretos, pardos e indígenas costumam possuir maior dificuldade em acessar a saúde e, certamente, outras políticas públicas. Embora o SUS preconize um atendimento integral e para todos, sabe-se que a situação vivenciada pelo Brasil, como um país em desenvolvimento, está longe de ser a ideal, o que afeta aqueles mais desprotegidos. Diante de tal situação é comum que essas pessoas busquem formas alternativas de cura desde muito tempo.

## OS MÉDICOS NEGROS PIONEIROS COM FORMAÇÃO ACADÊMICA NO RS

Quando se procura pelos primeiros médicos negros do Estado, Luciano Raul Panatieri é uma referência. Tamanha seu reconhecimento, inclusive, fez com que uma avenida na zona leste de Porto Alegre tenha sido batizada com seu nome. Luciano nasceu em 1897 e se formou em 1922 na Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Era filho de pai italiano e mãe negra que, segundo registros, trabalhava como empregada doméstica<sup>115</sup>. Um outro nome que aparece é o de Veridiano Farias, que também dá nome a uma rua de Porto Alegre. Ele era descendente de escravizados e foi o primeiro médico formado na UFRGS, no ano de 1951. Sua trajetória é muito interessante, uma vez que era um multi-instrumentista que atuou como carroceiro, motorneiro, motorista de ônibus vindo a se formar somente com 45 anos, pouco exercendo a profissão. Quando formado, passou a trabalhar no Hospital de Itapuã, dedicando-se aos cuidados de pacientes diagnosticados com hanseníase e, em seguida, morreu em decorrência de um ataque cardíaco<sup>116</sup>.

Mais recentemente, no entanto, uma pesquisa<sup>117</sup>, coordenada pela professora Maria Angélica Zubaran e Vítor Costa, na qual foi analisada o jornal *O Exemplo*, editado entre 1892 e 1930, trouxe outros nomes como precursores: Arnaldo Dutra (1888-1929), Diógenes Baptista (1891-1962) e Alcides Feijó Chagas de Carvalho (1893-1958). Os três estudaram na Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre, que funcionou entre os anos de 1915 e 1932. O interessante da Escola é que, para os autores, esta formava médicos negros em um período bastante anterior às cotas bem como concedia bolsas, a partir de um recorte de raça e classe.

Mesmo com formação acadêmica, a trajetória de médicos e médicas negras não era fácil no passado e ainda não o é no presente. Luana Corrêa, médica egressa da Leiga, reflete sobre isso ao dizer que: “As pessoas não esperam encontrar um médico negro, uma médica negra, então isso, durante a formação, apareceu em vários momentos, momentos difíceis na verdade”. Ela conta que no hospital universitário da UFPel, atualmente, o ingresso é através da digital, mas no tempo em que era estudante, para ingressar, precisava mostrar sempre a carteira estudantil, enquanto os colegas brancos passavam reto, pois pareciam ter “cara de médico”, segundo ela. Recorda, também, de outra situação que se deu no Serviço de Atendimento Especializado (SAE), dedicado ao atendimento de pessoas que vivem com o HIV/AIDS, que dispunha de um estacionamento para médicos e estudantes, mas, com relação a ela, precisou justificar porque havia deixado seu carro lá. Já Sílvia Macedo, formada na UFRGS (ATM 1993) e professora da Leiga desde 1997 na área de Pneumologia e atual coordenadora de curso, comunga do sentimento de Luana de que não se espera encontrar uma médica negra, tanto é assim que algumas vezes os pacientes se direcionam a ela como se ela não fosse a médica da equipe.

No passado e no presente é como se a sociedade, que convive com um racismo estrutural, quisesse que pretos, pardos e indígenas – que ousaram pretender curar pessoas, seja através de conhecimentos tradicionais ou de experiências adquiridas na academia – se sentissem como se estivessem fora do lugar destinado, historicamente, a eles.

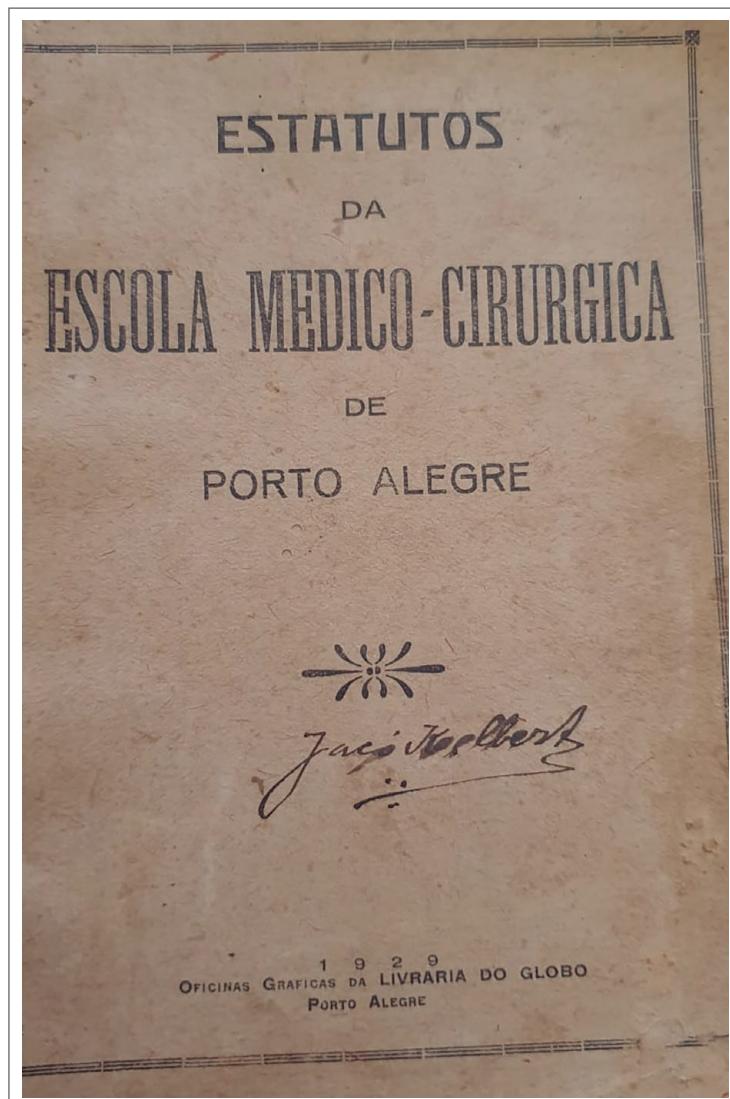


Foto dos estatutos da Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre (1929).  
Fonte: Acervo do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.

## O INGRESSO POR COTAS NA LEIGA E A QUESTÃO DA PERMANÊNCIA

Retomando uma perspectiva mais atual, quando se fala em cotas se percebe que, com o passar dos anos, o número dos albergados pela lei foi crescendo nas Universidades. Estudo realizado pelo Grupo de Estudos Multidisciplinar de Ação Afirmativa, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e publicado no site da Fiocruz, com dados de 2018, diz que: “Desde 2014, os graduandos das universidades públicas vêm em sua maioria de escolas públicas (60%) e de famílias com renda de até 1.5 salários-mínimos por pessoa (70%)”<sup>118</sup>. Sobre a composição racial nesses espaços acadêmicos foi averiguado que, pela primeira vez, o percentual de pretos e pardos era um pouco superior, perfazendo um percentual de 50,3% das matrículas. Para o grupo de estudos, “com as cotas, as instituições ganharam estudantes que frequentam mais bibliotecas, dedicam mais tempo aos estudos, têm menor taxa de desistência e são mais engajados socialmente”.

Sobre os indígenas, um levantamento recente da Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação (Semesp), percebeu um salto de 374% no número de estudantes indígenas em Universidades no Brasil, em dez anos, embora representem apenas 0.5% dos universitários: “Em números absolutos, o total de alunos indígenas passou de 9.764, em 2011, para 46.252 em 2021, um aumento de 5 vezes”<sup>119</sup>.

É preciso que se diga que, embora o número de novos universitários que entram por cotas tenha se expandido, as condições para a manutenção deles nas Universidades precisam ser melhoradas. A política de permanência de estudantes está prevista no artigo 206 da Constituição Federal de 1988 e desde 2010 pode ser implementada, de forma mais contundente, através do Programa Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes), mas há várias queixas dos alunos sobre a sua efetivação: dificuldades para acessar a moradia estudantil, o que prejudica estabelecerem-se na cidade, poucas aulas noturnas, o que os impede de trabalhar; bolsas com valores muito baixos, que demoram a ser pagas, impedindo uma manutenção satisfatória; falta de equipamentos em cursos que precisam desse tipo de material, o que afeta as aulas práticas. Ou seja, há muitas adversidades para acessar os programas institucionais, os quais visam diminuir as taxas de evasão e de repetição de disciplinas.

No que diz respeito aos concludentes de Medicina no Brasil, em 2019: “67,1% se autodeclararam da cor ou raça branca; 24,3% se declararam pardos, enquanto 3,4% se autodeclararam da cor ou raça preta” (SCHEFFER *et al.*, 2020, p. 112). Os autores também ressaltam, no entanto, que embora ainda haja uma discrepância nos números, os concludentes pretos e pardos vêm aumentando: “[...] em 2013 eram 23,6%; em 2016, representavam 26,1% e, em 2019, eram 27,7% do total” (p. 112).

A partir da análise dos dados elencados em 2019, pela pesquisa organizada por Scheffer, vê-se que o percentual mais significativo de formados pretos, pardos e indígenas está em escolas médicas públicas. No tocante à renda familiar, tendo em vista as cotas, houve um crescimento na participação de concludentes vinculados a estratos inferiores de rendimentos, ou seja, se em 2013 eram apenas 2,6%

os que tinham renda familiar de até 1.5% salário-mínimo, em 2019 serão 6,8% (SCHEFFER *et al*, 2020, p. 113).

Mesmo que os números mostrem uma mudança no perfil dos alunos e, especialmente na caracterização dos concluintes, há ainda muito a ser feito para que o ensino de Medicina consiga ser acessível a uma maior parcela da população.

Para tratar dos dados da UFPel, foi procurada a Coordenadoria de Registros Acadêmicos (CRA) visando obter informações sobre os cotistas que ingressaram na Medicina pós legislação de 2012, e se obteve apenas números para os ingressantes de 2013: houve a entrada de 27 cotistas na Medicina, naquele ano, sendo que 15 se formaram, 11 cancelaram e houve um abandono. Quatro cancelamentos estiveram relacionados a estudantes da cota L1, ou seja, candidatos com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1.5 salário-mínimo, que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas; 7 cancelamentos se associaram à cota L3, ou seja, candidatos que independente da renda tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas e o abandono esteve vinculado a uma pessoa que ingressou sendo autodeclarada indígena com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1.5 salário-mínimo, que tenha cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. Como são números apenas de um ano não se pode tecer uma análise geral sobre o ingresso por cotas na Medicina da UFPel, mas as informações servem para se perceber as dificuldades iniciais para o estabelecimento de uma política que, além de incluir, precisava criar condições de permanência.

Sobre os dados de ingresso via processo seletivo especial na Medicina, eles foram obtidos com a pedagoga da UFPel, Rejane Bachini Jouglard, que atua no Núcleo de Ações Afirmativas e Diversidade (NUAAD) e pesquisa a temática para a feitura de sua tese doutoral, no Programa de Antropologia. Segundo ela, os indígenas e quilombolas que ingressaram via Processo Seletivo Especial (PSE), a partir de 2015 e continuam matriculados são os quilombolas: Alex Dias Shug; Carlucia Alves Ferreira; Jilvani Farias dos Santos; Mariana Silveira Alves; Mariele Marques da Silva; Ítalo da Silva. E os indígenas: Débora Raquel Chaves Ribeiro; Marcondy Mauricio de Souza; Shirawana Alves do Nascimento; Tatiane da Silva Araújo Braga; Wellington Angelo da Silva Cidade e Roseli Batalha Braga. Os únicos formados em Medicina até o ano de 2023 foram entrevistados e suas trajetórias compõem o presente capítulo: Daniel Miranda Lopes de Souza e Leonardo Christian da Silva Maia.

## AS TRAJETÓRIAS DE DANIEL E LEONARDO

A ideia neste capítulo é apresentar as narrativas construídas através da fala dos próprios entrevistados. Para isso, se usará novamente o que na História Oral se denomina de **transcrição**, ou seja, a partir dos seus relatos será construído um texto com a finalidade de que eles mesmos contem suas histórias. Toda a vez que a narrativa se relacionar diretamente ao entrevistado será citada em *italico*, justamente para diferenciar de anotações que se fazem importantes para compreender o contexto, abordado pela autora do livro.

Ainda que já tenha sido informado os regramentos para ingressar por cotas, é interessante explicitar, de forma mais pormenorizada, o que é considerado um indígena e um quilombola segundo a legislação brasileira. A lei n. 6.001 de 19 de dezembro de 1973<sup>120</sup> estabelece o Estatuto do Índio e afirma, em seu artigo 3º, que indígena é “todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se identifica e é identificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional”. Já o Decreto n. 4.887 de 20 de novembro de 2003<sup>121</sup> assim diz sobre os quilombolas em seu artigo 2º: “Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

### **Daniel: “A Leiga virou uma família”**

*Meu nome é Daniel Miranda Lopes de Souza (ATM 2021), sou quilombola, solteiro e filho de dois professores. Nasci em Santa Maria da Boa Vista e vivi a infância e adolescência na comunidade quilombola do Serrote, em Pernambuco, às margens do Rio São Francisco. A comunidade tem cerca de dois mil moradores e, como é pequena, a maior parte das pessoas é parente. Próximo ao quilombo do qual faço parte existem mais duas comunidades quilombolas: Inhanhum e Cupira.*

A comunidade quilombola do Serrote foi reconhecida no ano de 2008, pela Fundação Cultural Palmares, justamente no momento que sofria ameaças, tendo em vista proposta de construção de hidrelétricas em regiões próximas. A comunidade, atualmente, tem em torno de 178 famílias.

*A minha formação escolar foi feita na cidade, uma vez que os meus pais se deslocavam para lá para dar aulas, mas sempre retornavam aos finais de semana para a comunidade. Eu ingressei na UFPel na primeira seleção especial (ano de 2015) e fui o primeiro graduando de Medicina nessa modalidade. Eu tinha tentado o ENEM, sem sucesso e soube dessa forma de ingresso pela minha tia, uma pessoa relacionada às causas sociais, que estava em Brasília e comentou sobre a seleção, que era presencial.*

O edital foi realizado considerando a Resolução n. 15 de 7 de maio de 2015, do Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (COCEPE). No texto, foram apresentados alguns motivos para a criação da norma como o atendimento de uma demanda histórica por parte de representantes de movimentos sociais e de entidades, dentre elas quilombos e aldeias e órgãos governamentais, como o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). O documento ainda alega que é preciso considerar que “os modos de vida e a cultura escolar são diferentes e podem dificultar sua participação em seleções como o ENEM”, por isso a necessidade de se criar um processo seletivo especial no âmbito da UFPel<sup>122</sup>.



Dr. Daniel Miranda Lopes de Souza. Primeiro médico formado a partir da política de cotas para quilombolas implementada na UFPel.

Fonte: Acervo pessoal do Dr. Daniel Miranda Lopes de Souza.

*No primeiro momento pensei em não vir, pois achei que era muito longe de onde vivia e seriam muitos os gastos para o deslocamento, mas com o incentivo dos pais resolvi tentar. Nós precisamos nos mobilizar para conseguir passagem, pois quando eu soube do processo seletivo já era muito perto da data que deveria estar em Pelotas. A viagem foi uma verdadeira saga, pois meu pai e eu nunca tínhamos andado de avião. Próximo à viagem, meu pai havia sido diagnosticado com uma doença autoimune. Tivemos medo de não acertarmos os portões de embarque, pois desconhecíamos a rotina de um aeroporto.*

A longa distância entre Pernambuco e o Rio Grande do Sul quase fez Daniel desistir do deslocamento visando tentar uma única vaga que havia para Medicina, naquele momento na UFPel, tendo em vista o processo seletivo especial. Além disso, tinham os gastos exorbitantes, o receio de andar de avião e a situação de saúde de seu pai que dificultaram a decisão.

*Como o curso efetivamente iniciou mais no final do ano, eu me formei em 2021, tendo vivenciado situações também vinculadas à pandemia, o que fez com que houvesse, inclusive, uma pequena antecipação no término da graduação, já que os estágios tiveram uma carga horária um pouco menor do que era previsto para que se tivesse mais médicos formados.*

O coronavírus, conhecido cientificamente como SARS-CoV-2, trouxe impactos devastadores sobre a população mundial. Embora o primeiro caso tenha sido observado em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, o decreto da Organização Mundial da Saúde (OMS) de que era uma pandemia só aconteceu em março de 2020. Durante o tempo em que se conviveu com a pandemia de covid-19, como ficou conhecida, era como se, em alguns aspectos, se pudesse voltar às páginas da História, uma vez que os casos de adoecimento e morte lembravam bastante uma outra pandemia acontecida, especialmente no ano de 1918, denominada Gripe Espanhola. Sobre as mortes: “Novas estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostram que o número total de mortes associadas direta ou indiretamente à pandemia de covid-19 (descrito como “excesso de mortalidade”) entre 1 de janeiro de 2020 e 31 de dezembro de 2021 foi de aproximadamente 14,9 milhões (intervalo de 13,3 milhões a 16,6 milhões)”<sup>123</sup>. No dia 5 de maio de 2023 a covid-19 deixou de ser uma emergência global, conforme novo decreto da OMS<sup>124</sup>.

A pandemia ocasionou inúmeras consequências na vida em sociedade. Especialmente nos primeiros tempos impôs a necessidade de isolamento social com o objetivo de minimizar o contágio, o que impactou várias esferas, como a educacional, por exemplo. Nos anos de 2020 e 2021 as aulas nas Universidades foram ministradas on-line, a partir de plataformas digitais, e vários estágios presenciais sofreram atrasos. Ao mesmo tempo, como houve uma demanda maior por profissionais da saúde, foi necessário acelerar alguns percursos formativos de modo a se ter mais médicos disponíveis para atuar durante o surto da doença.

Cristiane Hallal da Silva, professora da Leiga, fala sobre esta antecipação da formatura, em sua narrativa, dizendo que alguns alunos, durante a pandemia de covid-19,

assumiram funções importantes na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) Covid de Pelotas. Muitas vezes eles discutiam os casos com professores de diversas formas, dentre eles, através de uma espécie de plantão telefônico, com a finalidade de atender melhor a população adoentada que procurava aquele local. Tanto assim que a ATM 2020/2, intitulada Transfusão, a qual fez a formatura oficial dois anos depois, foi reconhecida por sua importante atuação no combate à pandemia: “A formatura deles foi muito emocionante, neste sentido assim, com todos os professores reconhecendo o papel deles, reconhecendo a coragem deles”, segundo Cristiane.

*Eu tive algumas dificuldades, mas também fui bem recebido e me relacionei cordialmente com os colegas, fazendo grandes amigos, que me são próximos até o dia de hoje. Mas no início foi algo curioso, pois eu me sentava para conversar e as pessoas me perguntavam o que era um quilombo, o que fazíamos lá e, por estar localizado às margens do São Francisco, perguntavam se eu tinha coragem de nadar no rio.*

O Rio São Francisco é um dos mais conhecidos do país e da América do Sul, sendo popularmente conhecido como Velho Chico. Tudo que se relaciona ao rio é grande, já que atravessa cinco estados brasileiros; a ele estão ligadas seis usinas hidrelétricas e é chamado de rio da integração nacional. A trajetória do rio é contada de diversas formas, como na música e na literatura, por exemplo. Caetano Veloso canta<sup>125</sup>: “Velho Chico, vens de Minas. De onde o oculto do mistério se escondeu. Sei que o levas todo em ti. Não me ensinas. E eu sou só, eu só, eu”. Ou através de Guimarães Rosa (1986, p. 60), no livro Grande Sertão Veredas, em que diz, através do personagem Riobaldo: “O sertão é do tamanho do mundo [...]. Agora, por aqui, o senhor já viu: rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é vereda. E algum ribeirão”.

*Quando chegamos na cidade, fomos direto para a Leiga e andamos a pé, da rodoviária até lá, sem saber dos perigos, que se apresentaram depois. Conseguimos informações sobre alojamento, com um segurança do prédio que nos indicou que dormíssemos na antiga casa do estudante, próxima à fruteira, pois ele conhecia o segurança que atuava lá e falaria com ele sobre nós. Era um dia bem pelotense, com uma certa névoa e eu pensei ‘estou tão longe de casa, o que estou fazendo aqui, não vai dar certo isso’. Lá o pessoal nos recepcionou muito bem, arrumaram um quarto e ficamos por lá uns três dias, antes de irmos para um alojamento que havia sido preparado para os que chegavam.*

Daniel, na sua narrativa, diz ter construído boas memórias sobre a cidade, já que frequentou lugares na serra e, também, próximos à lagoa. Afirma ter tido um arrependimento que foi o de não mergulhar nas águas do Laranjal, ainda que compreenda que no período em que esteve aqui, em várias áreas, era impróprio o banho.

*Durante o curso, vivi várias situações de constrangimento por ser negro e nordestino, mas meus familiares sempre me incentivaram a não me abater com esse tipo de investida, evitando me desanistar. Assim, quando isso acontecia, eu tentava dar o meu melhor para mostrar o quanto eu era capaz, pois era como se quando nós, cotistas,*

*tirássemos uma nota melhor, alguns não aceitassem essa situação. Havia uns poucos professores, sobretudo mais velhos, que faziam, também, piadas racistas, machistas, mas estavam entrando pessoas, nossos colegas, mais desconstruídas, ou seja, tinham uma perspectiva bem mais acolhedora.*

Daniel relata casos de racismo, relacionados à cor de sua pele e, também, ao chamado preconceito de lugar. Ele vincula atitudes mais conservadoras aos professores mais velhos, embora se saiba que tanto o racismo, o machismo como a transfobia, por exemplo, existem em todas as parcelas da população. De toda forma, reconhece que o ingresso de pessoas de várias classes sociais, de raças diversas e um maior número de mulheres tenha trazido um espaço de mais solidariedade entre eles.

*Na minha turma teve muita confusão com relação às cotas, pois teve aquelas pessoas que tinham fraudado o processo seletivo e que foram investigadas. Alguns colegas achavam que éramos nós que tínhamos denunciado, e tentavam nos excluir de tudo, mas outros, que concordavam com aquela investigação, se aproximaram.*

Novamente, aqui aparece a questão da fraude em relação a um dos primeiros processos seletivos por cotas, quando havia ainda a autodeclaração. Tal fato impactou muito a vida dos acadêmicos, pois gerou um ambiente de desconfiança sobre quem teria feito a denúncia.

*Eu morei praticamente todo o tempo na casa para indígenas e quilombolas, só sai no último ano. Sobre a concepção de uma casa específica para este público eu acho bem bacana, porque muitos vêm perdidos e naquele lugar se sentem pertencentes a um grupo. A casa é um local em que estão pessoas na mesma situação que você. Pessoas que tem o mesmo estilo de vida, que vieram de locais parecidos com o que tu vivias, pois por mais que fossem de regiões diferentes tinham algo em comum.*

A fala de Daniel aponta fortemente para a questão da identidade, tanto é assim que ele enfatiza a ideia de que a Leiga virou uma espécie de casa, com o passar do tempo. Para ele, o fato de dividirem um mesmo espaço de moradia, em que poderiam compartilhar suas culturas, foi fundamental para a sua manutenção no curso.

*A Medicina da UFPel é um curso bem reconhecido em todo o Brasil, principalmente pela Epidemiologia. Mas durante a graduação não temos tanto contato com essa área, o que é uma pena. A Universidade ainda ganhou mais notoriedade com a pandemia, tendo em vista a pesquisa sobre a covid-19. Há algumas dificuldades relacionadas à questão da infraestrutura e do hospital escola, mas os professores tentam minimizar estes problemas ao proporcionarem uma boa formação. Algumas vezes, inclusive, chamo os professores que tive para eventuais consultas em casos que estou atendendo como médico.*

A UFPel possui um reconhecimento na área da saúde a partir de diferentes cursos de graduação e percursos formativos. Na fala de Daniel, foi enfatizada a trajetória da Epidemiologia, que reúne profissionais de diferentes áreas do conhecimento. A Universidade ficou mais conhecida nacionalmente depois do desenvolvimen-

to da chamada EPICOVID, coordenada pelo professor Pedro Curi Hallal<sup>126</sup>, que é vinculado ao centro epidemiológico. Em sua narrativa, chama a atenção também Daniel enfatizar sobre o preparo dos professores, o que é evidenciado desde o início do curso, em 1963.

Ainda sobre o momento da pandemia, o diretor que esteve à frente da unidade, em seu início, Marcelo Fernandes Capilheira, julga que a Universidade teve um papel importante nesse contexto não só pelo combate às chamadas *fake-news* – feito através das falas dos professores e, também, pela construção de informativos pelo comitê covid –, quanto pela atuação de seus docentes nas chamadas tendas covid e na aceleração da formatura para a colocação de profissionais no mercado de trabalho, embora comprove que tenha sido difícil conciliar a necessidade emergencial com a questão da formação adequada.

*Durante a graduação, participei de várias ligas acadêmicas bem como de estágios em cadeiras que eu tinha mais interesse e, também, da Barraca da Saúde. Após a minha formatura, fiquei um pouco ainda aqui na região, pois precisava me apresentar ao exército e daí atuei em cidades pequenas como Canguçu, Pedro Osório, São Lourenço e Rio Grande. Como o exército não me chamou, voltei para o Nordeste. Aqui eu assumi no programa Médicos pelo Brasil, que é parecido com o Mais Médicos. Fui logo para o trabalho e não para a residência, para não sobrecarregar os meus pais.*

Daniel participou de um projeto de extensão intitulado Barraca da Saúde, coordenado pela professora da Enfermagem, Michele Mandagará de Oliveira, o qual abriga estudantes da área da saúde e de outros cursos, e tem como objetivo levar conhecimentos produzidos nas Universidades para a população mais vulnerável das cidades. Revela também ter participado do Programa Médicos pelo Brasil, lançado pelo governo Bolsonaro, o qual substituiu o Programa Mais Médicos, que está sendo retomado neste momento, no governo Lula.

*Tudo valeu muito a pena, faria tudo de novo, mas acho que hoje me preocuparia menos com nota e mais com o aprendizado mesmo. Eu poderia ter participado de mais projetos, de ligas, enfim, poderia ter vivido mais experiências.*

Depois de formado e já no mercado de trabalho, Daniel se ressente de ter se preocupado tanto com a nota que tiraria em uma avaliação. Embora tenha participado de muitas atividades extracurriculares, pensa que se pudesse teria ampliado ainda mais o leque de vivências que o espaço da universidade proporciona.

### **Leonardo Tuxá: “Entrei para demarcar a Faculdade de jenipapo e urucum”**

*Meu nome é Leonardo Christian da Silva Maia (ATM 2022). Sou filho de um policial aposentado e de uma técnica de enfermagem, também aposentada. Nasci em Pirapora, Minas Gerais. A origem do meu povo é de Rodelas, na Bahia, só que daí teve todo um processo de migração. Na época, os indígenas não tinham terras e a Marinha alistava*

*os indígenas e os levava para outros lugares em troca da promessa de demarcação de territórios e o meu avô acabou indo trabalhar na Marinha, como fuzileiro e depois foi para a Marinha mercante. Como ele fazia o trecho Pirapora-Juazeiro, na Bahia, pelo São Francisco, acabou se estabelecendo em Pirapora e assim ficamos na cidade, por não termos um território específico para morarmos. Desde 2015 o meu povo, como a gente não tem terra, ocupa um território lá em Buritizeiro, Minas Gerais, cidade vizinha de Pirapora.*

Leonardo, que é da comunidade Tuxá, entrou na UFPel através do processo seletivo, da Coordenação de Processos de Seleção e Ingresso (CPSI) Nº 77 de 18 de dezembro de 2015 e, com ele, nesse edital, ingressaram também os indígenas Kaingang: Graciele Cavalheiro da Silva, em Enfermagem; Lurdes Ribeiro Sales, em Antropologia e Bruno Anderson Soja Vaz, Gestão Ambiental.

Ele relata, em sua narrativa, as dificuldades que os indígenas possuem para que suas terras sejam demarcadas e que possam viver em paz, longe de grileiros e garimpeiros, que costumam invadir suas propriedades em busca de minérios.

Para Paladino (2012, p. 175): “A educação superior indígena é uma questão que estava praticamente fora das agendas governamentais e não governamentais até finais da década de 1990” e, por isso, se torna ainda mais importante a existência de processos seletivos específicos para essa parcela da população.

Segundo o Portal Povos Indígenas no Brasil<sup>127</sup>, o povo Tuxá ainda vive principalmente na cidade de Rodelas, em uma aldeia urbana de mais de 60 casas, mas, como uma das ilhas que habitavam – denominada Viúva –, foi inundada para a construção da Hidrelétrica de Itaparica, alguns foram transferidos para outros lugares: Ibotirama, e para uma área às margens do rio Moxotó, no município pernambucano de Inajá.

Um material disponível para se conhecer um pouco mais do povo Tuxá consta no projeto “Os Brasis e suas memórias: os indígenas na formação nacional”<sup>128</sup>. Uma das biografias publicadas foi justamente a do Mestre Roque Moisés, avô de Leonardo, que foi cacique e pajé do seu povo. Ele nasceu em 1928 e faleceu em 1997.

*Eu morei primeiro na casa destinada a indígenas e quilombolas, mas demorei para me ambientar, fiquei um pouco deprimido e acabei indo morar em uma casa com um amigo, que hoje é meu marido. Quando eu cheguei em Pelotas vim com uma mala apenas e não tinha condições de alugar uma casa, então ter um lugar para ficar foi importante.*

Desde o início do programa seletivo especial, a UFPel aluga uma casa destinada apenas a indígenas e quilombolas, justamente por entender que juntos poderiam se ajudar mais em eventuais dificuldades que poderiam surgir, além de terem um espaço em que conseguissem manter suas culturas. Atualmente a casa fica na rua Garibaldi, esquina com a Gomes Carneiro e pode abrigar até 36 estudantes. A fala de Tuxá reforça a importância que esta casa de acolhida possui para a comunidade indígena e quilombola.



Dr. Leonardo Christian da Silva Maia (Leonardo Tuxá). Primeiro médico formado na UFPel a partir da política de cotas para indígenas.  
Fonte: Acervo pessoal do Dr. Leonardo Christian da Silva Maia.

*Antes de fazer Medicina, eu cursei um tempo Agronomia na UFMG, Montes Claros. Era uma graduação que eu gostava bastante, mas não era o que eu queria seguir para o resto da vida, assim continuei tentando Medicina. O tempo na Agronomia foi importante, pois participei de projetos de pesquisa, de extensão, fui bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) Saberes Indígenas por alguns anos e atuei com várias comunidades tradicionais, não só de indígenas como de quilombolas e de ribeirinhos e isso foi bem importante para o meu aprendizado.*

O PET Conexões de Saberes, como foi o citado por Tuxá, é um projeto que iniciou no ano de 2010 nas Universidades brasileiras, tendo em vista que o programa antes era relacionado apenas a cursos tradicionais e as seleções se baseavam na meritocracia. Os novos PETs, muitas vezes temáticos, como o de saberes indígenas, acolhem apenas alunos em vulnerabilidade social, com o objetivo de proporcionar não só novas experiências no campo do ensino, da pesquisa e da extensão que os faça permanecer na Universidade, como o de oferecer uma bolsa que contribua com a sua manutenção.

Desde o ano de 2013, considerando a construção da Lei de Cotas de 2012, foi instituído também pelo Governo Federal a bolsa permanência, que é uma política pública que destina novecentos<sup>129</sup> reais mensais a indígenas e quilombolas em vulnerabilidade social e que estejam matriculados em instituições públicas federais.

*Eu trabalhei bastante com plantas medicinais na Agronomia e dava aula, semanalmente, em um centro de reabilitação de dependentes químicos para ensiná-los a preparar chá, xaropes, cultivar uma horta e ensinava artesanato para eles também.*

*Moramos em vários lugares, alguns mais afastados e como minha mãe era técnica de enfermagem, às vezes fazia o papel de “médica da cidade”, pois não tinha ninguém que cuidasse das comunidades. Como algumas vezes não existia medicação disponível, ela precisava se virar com as plantas medicinais acessíveis e como não tinha ninguém que pudesse ficar comigo e com o meu irmão, muitas vezes íamos para o posto de saúde com ela.*

Nesse trecho da narrativa, fica clara a dificuldade que pessoas que moram longe dos centros urbanos possuem para acessar a saúde pública. Tal fato é evidenciado pela prática da mãe de Leonardo, pois mesmo que seja técnica de enfermagem, acabava fazendo as vezes de uma curadora para a comunidade. Ainda, aparece como o cuidado dos filhos costuma ser responsabilidade exclusiva das mulheres.

*Hoje eu atuo em Rio Grande, em uma UBS, no centro da cidade. É difícil levar esses saberes para o meu trabalho cotidiano como médico, pois há resistência. Tem no SUS protocolado que se pode usar algumas plantas medicinais e eu costumo recomendar aos meus pacientes, mas não é muito aceito. Já para o pessoal da aldeia é mais fácil.*

O fato de ter feito Agronomia por alguns anos proporcionou uma série de aprendizados a Tuxá, os quais entram em confluência às suas vivências diárias como indígena, especialmente através do contato com sua mãe, que era uma cuidadora

de pessoas. Ele revela, no entanto, que embora compreenda que em algumas situações o chá poderia ser utilizado, a maioria dos pacientes tem dificuldade de sair de consultório sem a prescrição de um medicamento alopático.

*As cotas são muito importantes para os indígenas, mas a Lei de Cotas ainda não consegue albergar muitos de nós, pois nas aldeias o ensino é bom, mas diferenciado, já que as provas, algumas vezes, não conseguem valorizar o que nós aprendemos. Quando se faz os processos específicos isso acaba facilitando bastante o acesso.*

Os processos seletivos especiais têm justamente a missão de analisar outros aprendizados dos pretendentes a uma vaga em um curso universitário. É por isso que as avaliações são diferentes, constando de uma redação e de um memorial descritivo que devem abranger as trajetórias formativas dos educandos.

*De todo modo, vários colegas desistiram. A Universidade tentou ajudar com monitores para que as pessoas tivessem uma condição melhor de estudo, mas o sistema que se tem na Universidade é completamente diferente do que existe na comunidade. O sistema de ensino é mais rígido com provas, trabalhos e isso faz com que, algumas vezes, tirem notas baixas ou mesmo que reprovem.*

Tuxá compara o que aprendeu na escola básica indígena e na vida com o que é cobrado na UFPel dizendo que este modelo avaliativo da Universidade traz angústia a muitos que não conseguem permanecer. Ainda, há o fato de que estão longe das famílias e em um lugar frio, se comparado ao restante do Brasil, o que gera, também, adversidades para a permanência.

*Durante o tempo em que estive na Medicina, eu sofri um pouco de preconceito por ter sido o primeiro indígena que estava ingressando. No primeiro processo seletivo entrou o Daniel Miranda, quilombola, na Medicina e no segundo entrei eu. Ouvi algumas vezes que eu não merecia a vaga e passei por uma situação de preconceito quando estava auxiliando uma professora em uma cesariana, em um estágio extra. Ocorre que eu tinha voltado de minha comunidade e retorno pintado com as pinturas tradicionais, e me lavei bem antes de entrar na sala, mas a minha mão ficou meio azulada ainda e daí o pessoal começou a perguntar o que era aquilo e as pessoas começaram a adentrar a sala, após o procedimento, e ficaram me olhando como se eu fosse um animal de zoológico e os comentários eram: "nossa tem um indígena operando na outra sala com a professora". Vivemos também situações de racismo como barrar colegas negros do ingresso no hospital ou então de comentários de professores de que o nível da Faculdade havia caído depois que as cotas tinham sido instituídas e que nós éramos menos inteligentes que os demais.*

A narrativa de Leonardo é bastante potente ao contar que se sentiu, em uma cirurgia, como um animal no zoológico tamanho era o estranhamento com sua presença naquele lugar. Sua fala permite que se pense nos antigos zoológicos humanos, os quais ganharam impulso no auge do colonialismo, sobrevivendo em alguns países da Europa até o século XX<sup>130</sup>. Segundo sua narrativa, ele vivenciou preconceitos em diferentes esferas do curso: sala de aula, ambiente hospitalar,

prática médica. Embora a Universidade pretenda ser um espaço democrático, plural e tolerante, em seu interior são promovidos vários tipos de assédio, uma vez que ela é o reflexo da sociedade em que está inserida.

*Mas no primeiro dia, na recepção oferecida aos que chegavam, eu já disse que eu havia entrado para demarcar a Faculdade de jenipapo e urucum e eu fui tentando fazer isso no decorrer do tempo, participando de entrevistas, palestras para que as pessoas me conhecessem e isso, com o tempo, foi acontecendo. Participei do DANK, quando o espaço estava meio abandonado. Melhoramos a infraestrutura e foi uma experiência bastante positiva, pois participei, inclusive como palestrante da semana acadêmica abordando a saúde indígena. Talvez fruto dessa experiência, palestrei também no Congresso Brasileiro de Educação Médica quando ainda era graduando. Nesse tipo de evento só costumam falar médicos com doutorado.*

Leonardo Tuxá, durante o tempo em que esteve na UFPel como graduando, dialogou não só com o curso de Medicina, como com outras graduações, especialmente da área das Humanidades, por exemplo – História e Antropologia. Comentou filmes, deu palestras, esteve em rodas de conversas, fez oficinas sobre plantas medicinais, além de se formar como médico.

*No tocante às denúncias que houve sobre as cotas, eu adoeci nesse processo, pois ficou um clima hostil na turma, com as pessoas culpabilizando os pretendentes denunciantes e não os fraudadores. Algumas pessoas pararam de falar com os cotistas.*

Para Tuxá, a Leiga mudou bastante depois desse episódio, pois com receio de que as irregularidades fossem descobertas, estas diminuíram muito. A própria UFPel criou mecanismos para proporcionar uma maior confiabilidade na legislação, como as bancas de heteroidentificação, que pretendem barrar a fraude na entrada, ao promoverem um processo que pretende ser mais justo.

Ainda, para construir um ambiente mais acolhedor, os cotistas junto com outros alunos se aproximaram fundando uma Liga Acadêmica de Saúde para populações em vulnerabilidade social<sup>131</sup>, sob a coordenação da professora Ângela Moreira Vitória. A Liga se constituiu como uma espécie de currículo paralelo propiciando uma formação complementar que não costuma ser abordada no cotidiano da graduação.

*Eu acho a formação que a UFPel oferece na Medicina extremamente boa. Logo que me formei pensei e agora, será que saberei lidar com os casos? Era mais ansiedade, mas eu sabia o que fazer. Quando eu comecei a trabalhar, pensei, meu deus eu sei muita coisa. Acho que aqui temos uma formação mais humana, de escutar os pacientes, de deixar que falem. A gente tem uma formação muito boa na Psicologia Médica também.*

A formação mais humanística enfatizada desde a primeira turma aparece de novo na narrativa como uma marca da Leiga, que constrói o seu currículo baseado não apenas na queixa do momento, mas em uma escuta sensível com relação às pessoas.

*Sobre as instalações físicas, penso que são muito boas no geral. Claro que não se pode comparar faculdades de capital, mas para instalações de interior são bem adequadas. O hospital também tinha uma estrutura adequada, embora, claro, com o projeto do hospital novo a tendência seja melhorar. Mas para o aprendizado, eventuais problemas não prejudicavam em nada. O maior problema mesmo é o do bloco cirúrgico, que é pequeno. Na parte da cirurgia, tivemos alguma deficiência em função disso. De tudo, o que precisaria melhorar é a parte da cirurgia.*

Embora esteja se falando de um tempo mais próximo é como se o passado voltasse a aparecer, uma vez que novamente a necessidade de um bom espaço hospitalar, capaz de proporcionar vivências na área da cirurgia, aparece na fala de Tuxá, formado faz poucos anos.

*Grande parte da minha turma não foi para a residência direto. Decidiram partir para o mercado de trabalho, para ganhar algum dinheiro e buscar uma maior preparação para as seleções, de modo que pudessem fazer as especializações nas áreas de que gostariam.*

Daniel Miranda também alude o que diz Tuxá nesse trecho de sua narrativa. Talvez tal fato coteja com este novo perfil trazido com as cotas, a partir do ano de 2012 e com as seleções especiais, dos anos seguintes a 2015, uma vez que classes sociais com menores rendimentos passaram a ingressar nas Universidades, não só em cursos como os noturnos, mas nos mais tradicionais, como a Medicina, necessitando viver do seu trabalho imediatamente após a formatura.

*A minha formatura foi muito especial, eu chorei bastante. Minha mãe estava com uma roupa tradicional pintada à mão, e meu pai subiu no palco também. Foi colocada uma música indígena na minha entrada, escolhida por mim e, quando a minha mãe pegou o diploma, ela dançou em cima do palco e depois o entregou a mim.*

Quando Leonardo aborda sobre o ato solene que participou ao final do curso é como se fosse possível visualizar a felicidade que uma mãe indígena, curadora de tantas pessoas da sua aldeia, estivesse sentindo naquele momento. Chama a atenção, no entanto, não se ter encontrado nenhuma notícia publicada sobre esse feito, seja em redes sociais ou em jornais de maior circulação na cidade de Pelotas.

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO SELETIVO ESPECIAL**

Quando se fala em história do ensino superior, a primeira referência que aparece é da Universidade de Bolonha, Itália, criada entre 1180 e 1190 (BARRETO; FILGUEIRAS, 2007). Tratava-se de um espaço para poucos, justamente aqueles que podiam pagar para ter uma formação mais especializada. Com o passar do tempo surgem universidades em vários países, como o Brasil, mas os cursos continuavam destinados às elites, especialmente as graduações mais tradicionais como

Medicina, Direito e Arquitetura, por exemplo. “Com relação ao Brasil, a história da origem das universidades é bastante complexa. Dizer que a universidade só surgiu no Brasil no início do século XX é uma meia verdade. De fato, o nome universidade só passou a ser utilizado para conjuntos de escolas superiores nessa época, bem tardia em relação ao resto do mundo ocidental” (BARRETO; FILGUEIRAS, 2007, p. 1780). A própria UFPel tem seu marco temporal no ano de 1969, mas um dos seus cursos fundadores, a Faculdade de Agronomia, é do século XIX (LONER, GILL; MAGALHÃES, 2017).

De todo modo, sobre a composição das universidades, não é que outras pessoas, além dos brancos, não tenham começado a frequentar os espaços universitários com o passar do tempo, mas elas eram tão poucas que se podia enumerá-las em uma turma específica, como quando as pessoas eram perguntadas, nas entrevistas para compor este livro, se lembravam de colegas pretos e eles diziam “lembro sim, tinha um”.

Ainda que a Universidade continue sendo majoritariamente branca no curso de Medicina, percebe-se um aumento progressivo de ingressantes pretos, pardos e indígenas, além de pessoas mais vulneráveis socialmente. Porém os números diminuem quando se analisam os semestres finais. De toda maneira, imagina-se que nos próximos quadros de formatura não será mais possível apontar para a existência dessas pessoas individualmente, pois elas serão várias.

Contar a história de Daniel Miranda e de Leonardo Tuxá deu-se em uma perspectiva de tornar mais visível suas trajetórias como formados em Medicina, situação que talvez fosse impensável tempos atrás. Eles sonhavam em ser médicos e cuidar da saúde das pessoas, mas percebiam grandes dificuldades para a concretização desse desejo por uma série de fatores, dentre eles, uma formação escolar que não privilegiava os conhecimentos exigidos em seleções nacionais como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por exemplo.

O fato de existirem processos seletivos especiais, como o ocorrido na UFPel e em outras Universidades e, também, o acolhimento que sentiram no momento que chegaram na cidade fez com que pudessem concluir suas graduações de uma forma que consideraram bastante satisfatória.

Que as histórias de Daniel e Leonardo deixem de ser únicas para se tornarem uma nova realidade nas Universidades, que se pretende sejam a cada dia mais democráticas, plurais, diversas e inclusivas.

## **FONTES ORAIS:**

- Entrevista presencial realizada com Marcelo Fernandes Capilheira, no dia 30 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Cristiane Hallal da Silva, no dia 8 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Sílvia Elaine Cardoso Macedo, no dia 19 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Daniel Miranda Lopes de Souza, no dia 28 de dezembro de 2022. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Leonardo Christian da Silva Maia, no dia 30 de dezembro de 2022. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista realizada on-line com Luana Padilha Corrêa, no dia 28 de março de 2023. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.



INSTITUTO  
DE  
HYGIENE

ORGIES DE MEDIEIRO

## CAPÍTULO 4

# A FACULDADE DE MEDICINA DE HOJE E SUA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE EXTERNA

A Leiga sempre teve um grande vínculo com a comunidade não só de Pelotas, como de cidades próximas, tanto formando médicos da e para a região quanto recebendo adoentados nas suas diversas áreas de cuidado. A intenção deste capítulo é abordar questões vinculadas ao passado relacionando-as com o tempo presente no sentido de contribuir para se pensar sobre o papel dessa instituição nos próximos anos.

Para compor o texto, nessa perspectiva, serão enfocados os ambulatórios da Faculdade – tanto no que concerne a sua história quanto às unidades existentes atualmente –; a discussão sobre o Hospital Escola desde os anos iniciais até o momento atual e os cursos de graduação e de pós-graduação que compõem a FAMED hoje. Também será enfocado o exemplo do Programa de Internação Hospital e da chamada Cuidativa para a implementação de políticas de saúde inovadoras na cidade e no Brasil.

## **A CRIAÇÃO DOS AMBULATÓRIOS E O ATENDIMENTO À POPULAÇÃO**

A importância do ensino vinculado aos ambulatórios é ressaltada em várias entrevistas, sobretudo tendo em vista que o atendimento de saúde proporcionado na cidade era bastante acanhado na década de 1960. Segundo Ana Maria Borges Teixeira, formada na UFPel (ATM 1980), existia apenas um posto de puericultura para a imunização e o atendimento mais amplo da população no chamado Centro de Saúde.

César Victora, por exemplo, ao refletir sobre esta construção de ambulatórios, aborda que o fato de a Leiga não ter, em seu início, um hospital próprio poderia ser visto também em uma perspectiva positiva. Em sua fala afirma que enquanto ele, na UFRGS, teve uma formação mais hospitalar, em Pelotas os alunos saíam muito bem formados, pois vivenciavam fortemente a rotina dos ambulatórios ao

realizarem o atendimento básico de saúde às pessoas. Facchini segue igual perspectiva evidenciada por Victora e aprofunda a análise retratando que essa deficiência na área hospitalar “estimulou a escola a investir em outras estratégias de cuidado, que não apenas a hospitalar. Foi uma carência que, na verdade, acabou resultando em algo benéfico [...]”, pois obrigou a fortalecer áreas de ambulatório, especialidades não hospitalares e, por certo, a saúde pública, a medicina social, a saúde comunitária [...]. Rogério Torres Marques, graduado pela UFPel (ATM 1980), também refletiu sobre tal formação ao dizer que a área ambulatorial que funcionava com a Leiga e, também, na periferia da cidade, era muito rica de vivências. “No início do curso nós começamos a acompanhar pacientes, então a nossa formação foi bastante prática, especialmente em nível de ambulatório”.

Nesse contexto, existia o ambulatório central, ligado à FAMED, que envolvia várias especialidades<sup>132</sup> como saúde mental, pediatria, ginecologia e obstetrícia, cirurgia e clínica médica e, ainda, o atendimento à população que morava em regiões periféricas da cidade em ambulatórios que foram sendo criados com o passar do tempo.

Em várias narrativas construídas para a escrita do livro, apareceu o processo de criação dos ambulatórios pioneiros vinculados à FAMED e do tratamento diferenciado que era proporcionado nesses lugares. Ana Maria Borges Teixeira, por exemplo, assim diz sobre o Departamento de Medicina Social e o trabalho realizado por seus docentes nos primeiros anos: “O Departamento trouxe, através desses professores, várias ideias de tratamentos e de abordagens, que mudou completamente a questão da imunização em massa, a questão do soro reidratante, a questão do tratamento precoce de infecções respiratórias e da diarreia”. Para ela, além de construir os primeiros postos da cidade, a partir de uma concepção mais integral à saúde, o departamento teve uma forte influência na estruturação do sistema de saúde de Pelotas e cita, para isso, o trabalho realizado por alguns médicos como secretários de saúde, como Juvenal Dias da Costa, por exemplo, que foi secretário de saúde em duas ocasiões: 1986-1987 (gestão de Bernardo Olavo de Souza) e entre 2003 e 2004 (anos finais do governo de Fernando Marroni como prefeito)<sup>133</sup> e Luiz Augusto Facchini, que foi secretário entre 2001 e 2003 também na gestão Marroni.

O primeiro ambulatório comunitário de que se tem notícia foi o ligado à Vila Municipal, o qual existe até hoje, agora, funcionando como uma Unidade Básica de Saúde (UBS)<sup>134</sup>. Fundado entre o final de 1976 e início de 1977, José Justino Faleiros<sup>135</sup> relata que o posto surgiu praticamente com a criação do Departamento de Medicina Social. A intenção do grupo era atuar, também, na periferia da cidade e, para isso, foi feita uma parceria para obter recursos federais, estaduais e municipais. O posto estava relacionado a um trabalho pretendido pela Igreja Luterana e o início das tratativas foi assim descrito por Faleiros, em entrevista:

O pastor já tinha um contato anterior com o Dr. Naum para fazer um ambulatório ali na Igreja na Rua Voluntários da Pátria. Quando eu cheguei lá eu falei para o pastor: olha, aqui está

bom, Voluntários da Pátria, aqui é o centro da cidade, mas vamos lá na pobreza. Ele já tinha um lugar lá e prontamente aceitou e fomos para a Vila Municipal.

O trabalho foi sendo constituído a partir de equipes que incluíam médicos, enfermeiras e nutricionistas, que atuavam em vários momentos do curso, mas a prática dos alunos se dava, especialmente, nos anos finais. Os grupos cuidavam das famílias do bairro e, segundo Faleiros, a forma de atenção antecipou em muito a estratégia de saúde das famílias (ESF), só instituída no Brasil em 1994. O professor comenta sobre a infraestrutura existente no início do trabalho:

Começamos com uma área muito pequena, tipo trinta metros e depois com a ajuda da Prefeitura ampliou um pouco e depois a Associação Beneficente Luterana (ABELUPE) e o pastor Daltro conseguiram recurso do exterior para construir aquele prédio que existe lá até hoje com oitocentos metros quadrados. Um prédio muito bom.

Outro professor que realizou atividades no posto foi Roberto Xavier Piccini. Ele foi chamado por Justino para trabalhar na Vila Municipal e se apaixonou pela ideia. Roberto diz que não foi uma luta de um dia, mas de décadas para transformar aquele lugar, de fato, em um posto de saúde.

César Victora (2018, p. 179) também pensa sobre a organização desse ambulatório:

Assim como fazia em Porto Alegre, continuei trabalhando com populações muito pobres em Pelotas, em parceria com Justino Faleiros, que criou o primeiro Posto de Saúde da cidade, na Vila Municipal, em prédio cedido pela Igreja Luterana. Todas as manhãs, nós lotávamos uma Kombi da igreja, da qual eu era o motorista, e nos deslocávamos até o postinho.

Relacionado também ao posto, Piccini aborda o trabalho realizado e comenta sobre os altos índices de mortalidade infantil por diarreia, na década de 1980, conforme já abordado na narrativa de Gleide. Ele diz que começaram a implantar no posto da Vila Municipal, sob a liderança de Justino, a hidratação oral, “mas que isso obteve uma resistência muito grande de todo mundo, porque onde já se viu dar sorinho oral para criança com tanta diarreia, elas vão morrer tudo [...] tinha que baixar para fazer soro na veia. Então foi muito difícil implantar essas ideias no início”. Ele aborda que era feita também a imunização, através de vacinas, mas havia resistência de algumas mães, assim como de realizar o pré-natal. Para ele, um dos pontos mais interessantes do trabalho foi construir uma educação à saúde, que pudesse propiciar uma acolhida às ideias que queriam implementar mais fortemente no decorrer do tempo.

No ano de 1978 aconteceu a Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, promovida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em Alma-Ata, na

República do Cazaquistão, a qual elencava pontos que deveriam ser implementados em relação à saúde, especialmente em países em desenvolvimento. Em 2018 o professor Facchini foi convidado pela FIOCRUZ<sup>136</sup> para fazer um balanço dos 40 anos desse encontro e o fez ressaltando a importância da integralidade trazida pela discussão ao enfocar a necessidade de se perceber as demandas de saúde da população. O professor narra uma experiência construída na FAMED para refletir sobre Alma-Ata:

Eu me lembro de que o Departamento de Medicina Social da Universidade Federal de Pelotas foi criado no ano de 1976, dois anos antes de Alma-Ata. E nessa oportunidade já foi criada junto ao departamento uma unidade básica de saúde, com características de uma atenção primária universal. Todo mundo podia ser atendido lá, com território definido, um atendimento gratuito, porque era oferecido por professores e alunos da universidade.

Facchini ressalta, desse modo, o pioneirismo que demonstrou a FAMED ao se preocupar com a atenção a uma saúde integral, antes mesmo de que essa perspectiva fosse amplamente debatida, seja em conferências internacionais ou em legislações brasileiras, com a Constituição Federal de 1988, que instituiu o Sistema Único de Saúde (SUS).

Questionada sobre esse vanguardismo, Julieta Carriconde Fripp afirma que: “Muitos professores da FAMED, talvez mais novos na época, acompanharam todo o processo da reforma sanitária, que culminou com a criação do SUS em 1988”. Segundo o portal Acervo da Reforma Sanitária, o movimento “[...] nasceu no início da década de 1970. A expressão foi usada para se referir ao conjunto de ideias que se tinha em relação às mudanças e transformações necessárias na área da saúde. Essas mudanças não abarcavam apenas o sistema, mas todo o setor saúde, em busca da melhoria das condições de vida da população”<sup>137</sup>.

A perspectiva de uma Reforma Sanitária, construída durante a ditadura civil-militar, resultou na 8º Conferência Nacional de Saúde, realizada no ano de 1986 e presidida por Antônio Sergio Arouca da Silva<sup>138</sup>, que aglutinou mais de cinco mil pessoas debatendo um novo modelo de saúde para o Brasil. Segundo Paim (2008, p. 99): “Esta conferência foi estruturada sobre três eixos básicos: saúde como direito inerente à cidadania, reformulação do sistema nacional de saúde e financiamento do setor saúde”.

Retomando a importância dos ambulatórios, Vera Freitas da Silveira<sup>139</sup>, que se formou na Leiga (ATM 1983) e, posteriormente, foi diretora da Unidade (2013-2017) aborda sobre o conhecimento compartilhado nesses locais. Uma das formas principais de aprendizado, segundo ela, era a partir das visitas domiciliares nas quais os estudantes conviviam com pessoas mais vulneráveis socialmente e, com isso, ampliavam suas vivências.

Se o posto pioneiro foi o da Vila Municipal, alguns anos mais tarde foi criado um segundo, no bairro Areal. Nas palavras de Luiz Augusto Facchini: “Quando criamos o posto de saúde do Areal, o Jorge Béria e eu [...] o posto já nasceu multiprofissional. Éramos nós, os alunos do curso de Medicina, as colegas da Enfermagem [...] e as colegas da Nutrição”. Facchini, nesse contexto, ressalta também a importância que tiveram essas duas outras graduações para a promoção de uma saúde mais integral. Enfermagem e Nutrição estiveram relacionadas à Faculdade de Medicina durante um tempo.

A partir de informações constantes na página do Departamento de Medicina Social (DMS)<sup>140</sup> da UFPel:

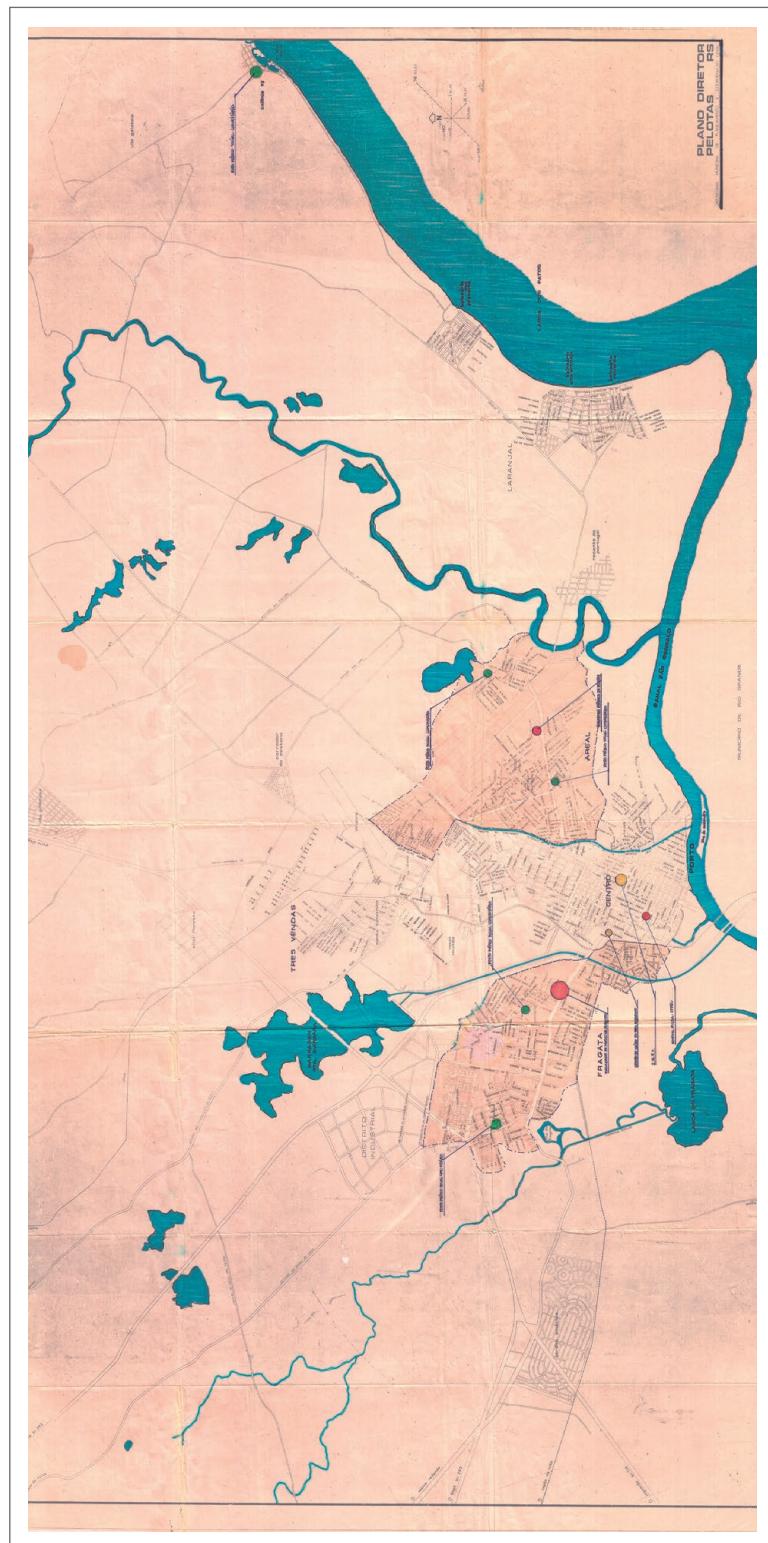
A UBS Areal Leste foi fundada em 1981, pelo DMS. Inicialmente a sede ficava no final da Avenida Domingos de Almeida, na casa ao lado da igreja (a puericultura era realizada na sacristia). Após, funcionou durante um período em um ônibus da UFPel (no pátio do colégio Lélia Olmos). Posteriormente, em casa alugada pela Prefeitura, o “Casarão” e, após, em uma casa alugada pela UFPel. Todas na mesma região. Desde 1993 funciona em sede própria, no prédio da antiga Caixa de Pensões do Areal, que foi doada para a UFPel pela comunidade.

Segundo Victora, em sua narrativa, o fato de o posto ter ficado um tempo sem sede correspondeu à situação da igreja ser católica e, como os médicos receitavam anticoncepcional oral, os profissionais da saúde teriam sido expulsos do espaço o que fez com que atendessem em um ônibus por algum tempo.

Já o terceiro ambulatório foi o Centro Social Urbano criado no ano de 1982 através de uma parceria com o Círculo Operário Pelotense (COP)<sup>141</sup>. Os primeiros médicos pediatras a atuarem no local, segundo o site do Departamento de Medicina Social<sup>142</sup>, foram Milton Ceia, formado em Medicina na UFPel (ATM 1979) e Danilo Rolim de Moura, formado pela UFRGS (ATM 1978), que hoje nomeia um centro de atendimento ao autista, em Pelotas.

Atualmente, segundo o projeto político pedagógico em vigência (2019)<sup>143</sup>, a FAMED conta com cinco unidades básicas de saúde (UBS), quatro delas são da UFPel, Vila Municipal, Areal Leste, Centro Social e Urbano e Capão do Leão e uma delas trata-se de um convênio da UFPel com a Secretaria Municipal de Saúde para o funcionamento da UBS Obelisco.

É no âmbito ambulatorial, atribuído à FAMED, que são realizadas atividades assistenciais extremamente reconhecidas tanto em Pelotas como em cidades circunvizinhas, cabendo destacar áreas como especialidades clínicas e cirúrgicas no ambulatório central, conhecido como “paliteiro”, ambulatórios de pediatria, ginecologia e obstetrícia e saúde mental. É importante destacar, ainda, o Serviço de Atendimento Especializado (SAE), que é referência na atenção a pessoas que vi-



Plano Diretor da cidade de Pelotas no qual são destacadas as unidades de saúde do município àquele momento (1978).

Fonte: Acervo do NDH-UFPel.



Centro de Aplicação e Monitoramento de Medicamentos Injetáveis. Na imagem os profissionais Dra. Carolina Ziebell, Dr. Lysandro Alsina Nader, Farmacêutica Mariane de Ávila Vecchi e Dra. Elza Cristina Miranda da Cunha Bueno.

Fonte: Coleção CCS/Fototeca Memória da UFPel.



Serviço de Assistência Especializado Enf. Denise dos Santos Simões.  
Na imagem o Dr. Cezar Arthur Tavares Pinheiro, o Reitor, à época, da UFPel, Prof. Mauro del Pino e Dra. Vera Silveira, na oportunidade diretora da FAMED.

Fonte: Coleção CCS/Fototeca Memória da UFPel.

vem com HIV/AIDS e o Centro de Aplicação e Monitoramento de Medicamentos Injetáveis (CAMMI), que atende pessoas que convivem com a hepatite C. Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>144</sup>, para o ano de 2021, há no mundo 38 milhões de pessoas vivendo com HIV/AIDS. Já a hepatite C afeta, segundo estimativas da OMS<sup>145</sup>, 58 milhões de pessoas no mundo. Como a hepatite costuma não apresentar sintomas durante anos, muitas vezes é descoberta quando é mais difícil seu tratamento em decorrência de um acometimento maior do fígado.

O Centro de Diabetes e Hipertensão, situado no Centro de Pesquisas em Saúde Amílcar Gigante, também é um importante espaço ligado à Medicina. Outras áreas como neurologia, oftalmologia, otorrinolaringologia, traumatologia e ortopedia, urologia e dermatologia se situam no Departamento de Medicina Especializada.

No que tange às consultas, exames e procedimentos médicos realizados pelos ambulatórios da FAMED, cabe à secretaria de saúde, via regulação, encaminhar os pacientes para os serviços, os quais são dirigidos a vinte e três municípios da região sul do Estado.

Também está em funcionamento, no térreo do Centro de Pesquisas em Saúde Amílcar Gigante, o Serviço Escola dos cursos de Psicologia e Terapia Ocupacional, pertencentes à FAMED.

## HOSPITAL ESCOLA

A discussão sobre a construção de um hospital escola faz parte das primeiras tratativas relacionadas à constituição de um curso de Medicina em Pelotas. A grande dificuldade da Leiga, nos primeiros tempos, era justamente não ter um espaço hospitalar, fundamental para que o curso pudesse existir.

Como no início havia problemas com a Santa Casa em função de uma greve de médicos realizada em protesto contra as condições de trabalho, que resultou na demissão de trinta e dois médicos (D. P., 13 de janeiro de 1961, p. 1), conforme já abordado, a saída encontrada foi fazer um acordo com a Beneficência Portuguesa, com vistas a se ter um espaço, especialmente para a prática cirúrgica.

Keiserman (1992, p. 17) assim comenta sobre o assunto: “Não poderíamos contar com a Santa Casa e, tendo em vista, a falta de condições do Hospital Espírita [...], só nos restava a Beneficência Portuguesa. Foi uma negociação difícil, com alguns médicos do corpo clínico opondo-se a qualquer convênio”.

Naum segue a análise do assunto abordando que foi elaborado um acordo para a construção de um prédio anexo à Beneficência que, após dez anos, passaria ao patrimônio definitivo do hospital. Segundo ele (1992, p. 17): “Na manutenção dos pacientes, a Beneficência não queria lucro, mas também não poderia ter prejuízos. Assim, seria cobrada dos pacientes pequena diária e preço de custo na medicação.

Sempre que o paciente, por qualquer motivo (indigente) não pagasse, caberia à IPESSE o ressarcimento”.

O professor Enrique Daniel Saldanha Garin<sup>146</sup>, egresso da Leiga (ATM 1986) e que em 1994 passou a ser professor de Medicina na UFPel, narra algumas questões interessantes sobre o tempo em que era graduando. Segundo ele, no início, os internados no hospital em leitos pertencentes ao HE eram poucos, de tal forma que “[...] os pacientes eram tão entrevistados que quando nós esquecíamos alguma coisa eles nos corrigiam. Eles já tinham passado por tantas histórias clínicas feitas pelos estudantes que, ao final, diziam tá, mas tu esqueceste de perguntar sobre a parte respiratória [...]”. De todo modo, como os professores costumavam fazer as suas internações no mesmo hospital, algumas vezes, segundo Enrique, era possível acompanhá-los durante as visitas aos pacientes de convênios e até particulares, o que proporcionava uma gama de novas experiências. Vera Silveira (ATM 1983) também se refere à precariedade do hospital no momento que estudou na Leiga, assim dizendo: “Os professores acabaram nos levando para acompanhar os pacientes privados deles para termos acesso a mais pacientes, para construirmos mais histórias”.

O fato é que passados dez anos, um tempo relativamente curto, o assunto voltou à baila. Novos convênios foram estabelecidos, como o de 1981 que ampliava o uso de leitos na Beneficência e criava um pronto socorro. No mesmo ano, houve a constituição da Fundação de Apoio Universitário (FAU), que passou a fazer a gestão financeira do Hospital, especialmente considerando convênios firmados entre a UFPel e o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Segundo Antonio César Gonçalves Borges, a FAU foi criada para captar mais recursos, principalmente com o Ministério da Previdência Social “para poder manter o Hospital-Escola”.

Para Keiserman (1992, p. 21), uma crise financeira da Sociedade Portuguesa de Beneficência, seis anos após, em 1987, fez com que essa parceria histórica fosse desfeita e se procurasse a Santa Casa visando obter melhores condições para as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Umberto Lopes de Oliveira Filho que não era ainda professor da Leiga, mas já atuava na área da saúde pela Fundação de Apoio Universitário (FAU), diz que tiveram de deixar o lugar da noite para o dia e que no novo espaço havia muito a ser feito.

De todo modo, o novo acordo com a Santa Casa propiciou, segundo Naum, a cedência de “um pavilhão anexo ao hospital, bem como as dependências do Pronto-Socorro” (1992, p. 21). Não havia mais as preocupações decorrentes de adversidades como aquelas ocasionadas com o protesto de médicos, nos anos de 1960 e 1961 e as conversas foram mais facilitadas.

Keiserman, no mesmo texto publicado em 1992, na página 22, procura fazer um retrospecto sobre a necessidade de um espaço hospitalar na Leiga.

O problema do hospital próprio mereceu a nossa atenção desde o início do funcionamento da Faculdade. Ainda em

1963, contratamos firma especializada do Rio de Janeiro – Valdetaro e Nadalluti para execução do projeto. Foi completada a planta baixa. Faltaram recursos para o detalhamento. Na gestão do Prof. Cláudio Borba Gomes, foram pleiteados recursos do MEC, sem resultado. Continuou o pleito na gestão do Prof. Antonio Cesar Borges e, ao que parece, agora há uma possível solução satisfatória.

O próprio Naum esteve envolvido diretamente com a questão do hospital também após deixar a direção da Leiga, já que foi Presidente da FAU e diretor do Hospital Escola. A Fundação de Apoio Universitário, surgida para dar apoio às atividades administrativas, assistenciais e acadêmicas do HE, na prática passou a fornecer mão-de-obra e serviços ao hospital. Em 1994, a UFPel se viu instada a realizar concurso público para contratação de médicos, enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem e demais profissionais das áreas de saúde e administrativa a fim de substituir os trabalhadores celetistas da Fundação. Foram aprovados e nomeados mais de 300 profissionais o que, em um primeiro momento, resultou em demissão em massa de contratados via FAU.

Com o passar dos anos, o aumento da demanda por serviços hospitalares por parte da comunidade local e regional fez com que também fosse necessário o incremento no número de profissionais atuando no hospital. No final do século XX, a política do governo Fernando Henrique Cardoso (FHC) era de não realização de concursos públicos para áreas que não eram consideradas “de Estado”, como o caso das Universidades Federais. Assim, a FAU voltou a contratar e fornecer expressivo número de trabalhadores atuando nas diversas áreas daquela unidade de saúde. Na primeira década do século XXI, o Ministério Público Federal e os órgãos de controle como Controladoria Geral da União (CGU) e, com maior ênfase o Tribunal de Contas da União (TCU), passaram a apontar como irregular esse modelo de contratação de trabalhadores para atuar em órgãos públicos.

Aliada a essa questão ocorreu também, durante a Presidência de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e a gestão do Ministro da Educação, Fernando Haddad (2005-2012), uma conjunção de fatores que colocaram os hospitais universitários da rede federal de ensino no radar das preocupações do Estado brasileiro: problemas de infraestrutura, leitos fechados (por falta de insumos, equipamentos e profissionais), parque tecnológico obsoleto, dúvidas quanto ao financiamento (se de responsabilidade do MEC, por ser hospital de ensino, ou se por parte do Ministério da Saúde, por prestar assistência via SUS), pressão dos órgãos de controle por uma gestão profissionalizada e pelo fim das contratações irregulares e a própria ação de Reitores com o MEC demandando a qualificação dos hospitais escola e o aumento no número de profissionais concursados atuando nas unidades hospitalares.

A solução adotada pelo governo federal foi a criação da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), a qual encarregou-se de assumir o gerenciamento dos hospitais universitários, incluindo a contratação de profissionais,

via concurso público, sob o regime celetista. A nova empresa, incumbida de prestar 100% da assistência via SUS, foi oferecida às administrações universitárias como possibilidade de adesão de seus hospitais à proposta governamental. Embora opcional, na prática, a adesão passou a ser a única solução para, entre outras questões, resolver o problema da falta de recursos humanos nos hospitais de ensino das universidades, tendo em vista a decisão governamental de não realizar mais concursos públicos via Regime Jurídico Único (RJU) para essa área de atuação.

Assim a Empresa, criada por Medida Provisória pelo Presidente Lula no último dia de seu mandato (31/12/2010) e referendada através da Lei nº 12.550, de 15 de dezembro de 2011, sob a Presidência de Dilma Rousseff, passou a ser vista pela UFPel como uma das soluções para angariar mais recursos e resolver os problemas enfrentados com os órgãos de controle. Nessa conjuntura, o professor César Borges, no final de sua gestão à frente da UFPel, fez a adesão da UFPel à EBSERH a partir de manifestação *ad referendum*<sup>147</sup> do Conselho Universitário. A adesão representava um primeiro passo para que a empresa assumisse a gestão do HE e, a partir dela, o MEC ficava autorizado a fazer um diagnóstico da estrutura e serviços do Hospital e, conjuntamente com a Universidade, estipular um contrato de gestão a ser assinado como formalização da cedência do HE à EBSERH.

Em novembro de 2012, o CONSUN decidiu pela adesão da UFPel à EBSERH. O debate para que isso acontecesse foi acirrado no conselho universitário<sup>148</sup>, já que principalmente as entidades de classe de professores, servidores técnico-administrativos e estudantes tinham restrições à proposta, pois viam nela um caminho para a privatização da saúde.

A empresa foi criada para prestar serviços de cuidados médicos aos usuários do SUS, bem como apoiar as instituições federais que desenvolvem o ensino nas áreas de saúde, mas a sua efetivação foi e continua sendo difícil, por vários motivos, dentre eles o fato de que há trabalhadores com quatro regimes de trabalho diferentes na mesma instituição: regime jurídico único (RJU), os concursados pela EBSERH, os contratados pelas Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), pelas Fundações e os chamados terceirizados, o que gera atritos.

De todo modo, a formalização do contrato aconteceu no dia 30 de outubro de 2014, trazendo novas perspectivas de investimentos. Segundo o *site* da própria EBSERH<sup>149</sup>:

O HE UFPel Ebserh é um hospital geral, com 172 leitos distribuídos em quatro áreas (clínica médica e especialidades clínicas, ginecologia e obstetrícia, pediatria e cirurgia geral e especialidades cirúrgicas). Possui serviços de referência regional, com destaque para a alta complexidade em oncologia (UNACON) [...] Outra vocação consolidada no hospital é o cuidado em saúde de pessoas vivendo com HIV/AIDS, com enfermaria de infecologia, hospital dia e serviço ambulatorial especializado.

O fato é que, em todos estes anos (da década de 1960 até os dias atuais), várias tratativas foram feitas para a implementação do tão sonhado hospital escola próprio. Nas notícias publicadas em diferentes jornais locais se percebe esforços realizados tanto para a obtenção de um terreno adequado, ao longo dos anos, quanto para a efetivação de uma planta arquitetônica que desse conta das necessidades reais de uma cidade que, além de ser de porte médio, é um polo regional de saúde.

Embora o ambiente hospitalar existente preste atendimento a vários municípios da região sul do Estado, exclusivamente pelo SUS e com qualidade, a perspectiva de um hospital próprio e adequado, sonho gestado desde a década de 1960, ainda parece um pouco longe de se concretizar. Já no século XXI, as diferentes gestões da Universidade, da Faculdade de Medicina e do Hospital Escola têm realizado esforços para a construção de um hospital em prédio próprio. O local definido é a parte do terreno da FAMED que confronta com a Rua Almirante Guilhobel, no bairro Fragata. Durante a última gestão do Reitor César Borges (2009-2012), foram definidas as plantas, feita licitação e teve-se a perspectiva de início das obras de um dos blocos, o que não ocorreu por problemas com a empresa vencedora do processo licitatório. Já na gestão do Reitor Mauro Del Pino (2013-2016), momento em que ocorreu o segundo estágio do processo de adesão à EBSERH, que é a contratualização, foram feitas adequações, tanto no espaço do atual HE, com a Santa Casa, quanto no modelo de serviços a serem oferecidos, na perspectiva de redimensionamento de um hospital de pequeno para médio porte, o que proporcionou a contratação, via concurso público, de mais de 1000 profissionais<sup>150</sup>. Em relação ao novo hospital, foram retomadas as tratativas com a EBSERH, sede em Brasília, a fim de dar seguimento aos projetos com vistas à nova contratação de empresa para a sua construção. Alguns recursos foram liberados e houve a concretização do bloco 3, o qual foi concluído em 2020, na gestão do Reitor Pedro Curi Hallal. No local, em pleno funcionamento, fica o centro de oncologia clínica e outros serviços ambulatoriais. Sílvia Macedo, em sua entrevista, diz que o Bloco 1 será o hospital escola propriamente dito, no qual acontecerá a internação, e o Bloco 2, uma unidade de apoio diagnóstico terapêutico, no qual acontecerão os exames relacionados à radiologia, mamografia e ressonância, por exemplo.

Atualmente, a gestão do hospital escola não faz parte da FAMED. Existe uma equipe de governança indicada pela reitoria, com organograma e gestão definida pela EBSERH matriz, com sede em Brasília. O HE, como hospital de ensino, oferece campo de formação e estágio para os acadêmicos da FAMED, inclusive para o internato nas quatro grandes áreas médicas (clínica médica, cirurgia geral, pediatria e ginecologia-obstetrícia).

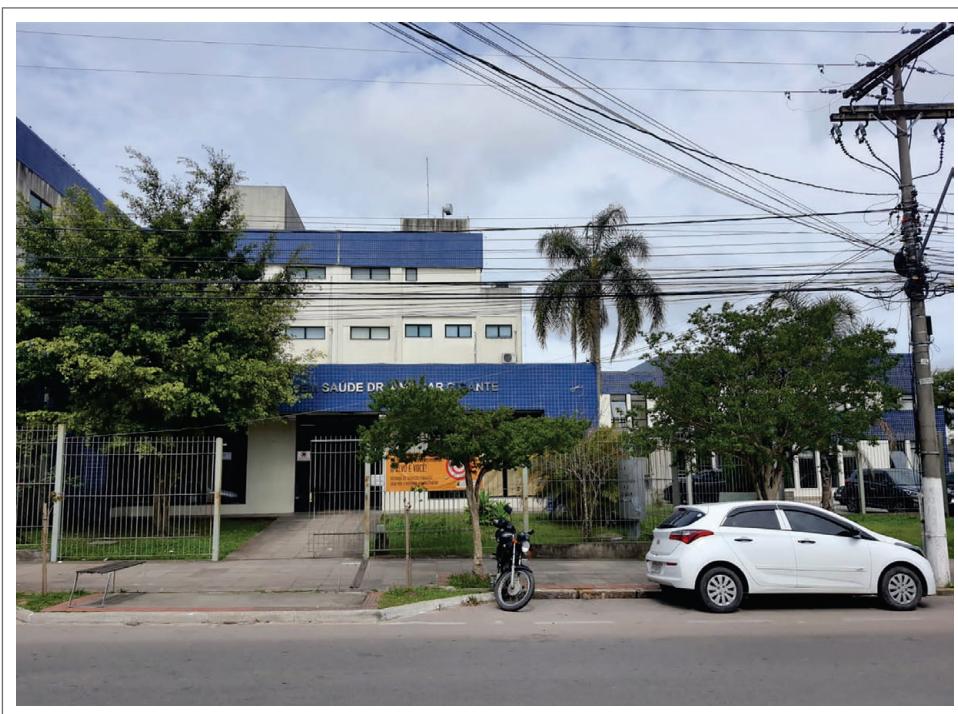
## CURSOS DE GRADUAÇÃO E DE PÓS-GRADUAÇÃO

Nos anos iniciais da Faculdade de Medicina, além de se constituir como curso, o grupo de professores também foi responsável por contribuir com discussões para a construção de uma outra graduação, a de Enfermagem e Obstetrícia, em uma perspectiva de consolidar ainda mais a área da saúde na cidade. Segundo



Projeto do novo Hospital Escola da UFPel, em construção no terreno da FAMED.

Fonte: Coleção CCS/Fototeca Memória da UFPel.



Centro de Pesquisa em Saúde Dr. Amílcar Gigante.

Fonte: Acervo FAMED-UFPel.

notícia publicada no jornal Diário Popular de 20 de janeiro de 1976, que tem como título Curso de Enfermagem da UFPel é dito que: “Por deliberação do reitor Delfim Silveira, o diretor da Faculdade de Medicina agregada à UFPel, Dr. Naum Keiserman, está coordenando a instalação do curso de Enfermagem nesta universidade”. A Faculdade abrigou, também, por um tempo o curso de Nutrição<sup>151</sup>, fundado originalmente vinculado à Faculdade de Agronomia.

Atualmente a FAMED possui o total de 123 docentes, 117 servidores técnico-administrativos e 1043 alunos; alberga, além da Medicina, mais dois outros cursos de graduação na área da saúde: Psicologia e Terapia Ocupacional. As duas graduações foram criadas no ano de 2010, no contexto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI)<sup>152</sup> cujo objetivo principal era ampliar a oferta de vagas em instituições públicas federais, além de propiciar condições de permanência aos alunos. Para Julieta Carriconde Fripp, a vinda dos novos cursos para a FAMED não foi fácil e ainda há arestas que precisam ser resolvidas, especialmente em termos regimentais. Contudo, trabalhar em conjunto tem sido muito bom, pois a interdisciplinaridade permite uma melhor formação dos estudantes dos três cursos, bem como um maior cuidado dos usuários do Sistema Único de Saúde. Durante o REUNI, a UFPel passou de 58 para 96 cursos enquanto o número de alunos aumentou 100%, ou seja, de 8 para 16 mil<sup>153</sup>, o que fez com que a universidade se projetasse, ainda mais, nacionalmente.

No que diz respeito ao curso de graduação em Medicina, Marcelo Fernandes Capilheira – que mais recentemente foi diretor da Leiga, conforme já dito – reflete sobre as mudanças ocorridas nos últimos tempos. Para ele, houve alterações no currículo, mas, sobretudo no perfil do egresso, já que o ENEM e o sistema de cotas trouxeram mais pessoas de outras regiões, além de uma parcela da população como negros, indígenas, quilombolas que não costumavam historicamente acessar a Medicina, considerado um curso de elite. Há pessoas mais velhas fazendo a graduação e, inclusive, algumas para quem a Medicina é a segunda graduação. Tais situações ampliam o entendimento de mundo, “pois hoje se recebe gente de todo o lugar do país [...]. Ainda, é cada vez mais perceptível a presença de professores jovens que saem da graduação e continuam com suas formações e logo realizam concursos.

Sobre a infraestrutura, Marcelo enfatiza tanto a ampliação da área física quanto a do ambulatório, que está maior e se encontra em frente à rodoviária e, também, ao número de leitos do hospital escola. Para ele, embora o Hospital Escola continue funcionando em espaço alugado pertencente à Santa Casa, a concretização de um hospital próprio e adequado está bem mais próxima.

Sílvia Macedo reflete sobre o currículo atual e diz que o que mudou recentemente foi a inserção mais precoce dos alunos no contato com o paciente, através da disciplina Introdução à Medicina, mas que o modelo curricular da Leiga é bem tradicional, com disciplinas compartimentadas.

A graduação de Medicina possui, atualmente, os seguintes departamentos: Cirurgia Geral (DCG); Clínica Médica (DCM), Medicina Especializada (DME), Medicina Materno Infantil (DMI), Medicina Social (DMS) e Saúde Mental (DSM).

Retomando o passado, uma marca das primeiras turmas era a presença de estrangeiros em número significativo, que vinham sem a realização de um processo seletivo. Renato Xavier (ATM 1971) lembra de seis colegas de países como Panamá, Nicarágua e Paraguai. Já Vera Silveira rememora a presença de três estudantes na turma dela, da Nicarágua, Costa Rica e Paraguai. Embora hoje existam vários programas para o recebimento de alunos estrangeiros, tanto na graduação quanto na pós, o que chama a atenção para os primeiros anos da Leiga é, conforme já dito, o número já expressivo de pessoas de outros países em cada turma.

No tocante ao Pós-graduação, atualmente há as seguintes residências de responsabilidade da FAMED: clínica médica, medicina da família e comunidade, ginecologia e obstetrícia, pediatria, endocrinologia e metabologia, gastroenterologia e psiquiatria<sup>154</sup>.

Na modalidade *stricto sensu*, o curso mais reconhecido é a Epidemiologia, que possui nota máxima na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Facchini conta dessa maneira a organização do curso: “Em 1991 nós criamos aqui no Departamento de Medicina Social, o Programa de Mestrado em Epidemiologia: o César Victora, o Fernando Barros<sup>155</sup>, o Jorge Béria e eu”. Embora só tenha passado a funcionar em 1991, o curso foi gestado bem antes, ainda em 1982, quando se iniciou um estudo de *coorte* de nascimento. Em sua primeira avaliação, em 1995, recebeu o conceito A e, dois anos mais tarde, em 1997, a recomendação para que ofertassem também o Doutorado, o que foi feito a partir do ano seguinte. Após 2003, a avaliação mudou para notas e a Epidemiologia recebeu 6, passando a 7, nota máxima, em 2007, conceito que mantém até hoje<sup>156</sup>.

Victora (2018, p. 1982) comenta sobre o começo da pesquisa que deu origem à Epidemiologia:

Assim, a Coorte de Nascimentos de 1982 iniciou o maior estudo epidemiológico do país, em um tempo em que a epidemiologia era incipiente no Brasil. Esse trabalho pioneiro em países em desenvolvimento foi tão bem aceito pela comunidade científica que, em 1984, a Organização Mundial da Saúde concedeu financiamento para o estudo. Nos anos seguintes, várias organizações internacionais interessaram-se pelo projeto, que se tornou referência mundial e agregou importantes pesquisadores de diversas áreas da saúde. Mais três coortes se sucederam à primeira. Iniciadas a intervalos de onze anos, as coortes de nascimentos de Pelotas abrangem, hoje, quatro gerações nascidas na cidade nos anos de 1982, 1993, 2004 e 2015, envolvendo aproximadamente 20 mil pessoas. A coorte mais antiga está em andamento há mais de 35 anos.

Há também importantes estudos sobre saúde do trabalhador produzidos pelo Programa e que envolveu, durante vários anos, diferentes temas como trabalho materno; risco de câncer em trabalhadores da indústria de celulose; ruído ocupacional e perda auditiva; saúde do trabalhador rural; acidentes de trabalho; trabalho infantil e saúde mental.

Sobre a experiência formativa no Programa de Epidemiologia, Luís Antônio Benvegnú (ATM 1989), que fez Mestrado e Doutorado na área, afirma que ainda como graduando em Medicina participou voluntariamente como entrevistador e, depois de formado, atuando como professor da Faculdade de Medicina da UFSM, procurou formar alunos bolsistas, que começaram a ter prática com trabalho de campo na área da Epidemiologia, na aplicação de questionário, na realização de digitação de dados, de usar Epi Info<sup>157</sup> e montar banco de dados, o que fez uma grande diferença nas suas trajetórias.

Outro programa *stricto sensu* da FAMED é o Mestrado Profissional em Saúde da Família (PROFSAÚDE), que funciona, a partir de edições em alguns anos, vinculado ao Departamento de Medicina Social, na modalidade a distância. Trata-se de um curso em rede nacional proposto pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), além de outras instituições e universidades que se dedicam ao ensino, à pesquisa e à extensão, liderados pela FIOCRUZ. A intenção do curso é atender, especialmente, trabalhadores e trabalhadoras que se ocupam da atenção básica e saúde da família para que atuem na docência, preceptoria e gestão.

## **PROGRAMA DE INTERNAÇÃO DOMICILIAR INTERDISCIPLINAR (PIDI) E O CENTRO REGIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS (CUIDATIVA)**

Desde o ano de 2005, o Hospital Escola (HE) da UFPel possui equipes multidisciplinares para internação domiciliar, tendo como prioridade os pacientes oncológicos em cuidados paliativos. A primeira experiência, segundo Julieta Carriconde Fripp, havia sido implementada na cidade de Pelotas quando foi feito um Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar (PIDI, em 2002), relacionado ao Pronto Socorro (PS) da cidade, que retirou adoentados, pediátricos e adultos do PS fazendo com que fossem atendidos em casa por uma equipe de profissionais de saúde. Julieta realizou a sua dissertação de Mestrado, pelo Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, no ano de 2009, justamente sobre esse tema, ou seja, a internação domiciliar e os pacientes com câncer, no município de Pelotas.

Foi pioneira a ação do PS e do HE nessa perspectiva de cuidado, já que tal política só foi regulamentada no Brasil através da Portaria n. 2.527, de 27 de outubro de 2011, cujo conteúdo foi redefinido pela Portaria n. 963, de 27 de maio de 2013<sup>158</sup>, ambas do Ministério da Saúde.

No seu primeiro ano de atuação, o PIDI UFPel atendia dez pacientes concomitantemente, com duas visitas diárias. A proposta, por sua importância, ganhou o reconhecimento através do prêmio saúde Oncologia na categoria tecnologia social. A partir de 2011 passou a contar com duas equipes atendendo vinte pacientes oncológicos, diariamente.

No ano de 2012, o hospital agregou equipes também do Programa Melhor em Casa, instituído pelo Governo Federal, no ano anterior, o que permitiu ampliar ainda mais o atendimento à população em Pelotas. Segundo a portaria de criação: “O objetivo do Melhor em Casa é levar atendimento médico às casas de pessoas com necessidade de reabilitação motora, idosos, pacientes crônicos sem agravamento ou em situação pós-cirúrgica, evitando internações hospitalares desnecessárias e as filas dos serviços de urgência e emergência”<sup>159</sup>.

Para Feuerwerker e Merhy (2008, p. 181), o modelo de atenção domiciliar como extensão do ambiente hospital surgiu em 1947, nos Estados Unidos; no Brasil, seu primeiro exemplo “foi o Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência (SAMDU), criado em 1949. No início da década de 1990, seguindo uma tendência mundial, surgiu o serviço organizado na forma de cuidado domiciliar (*home care*), concentrado em empresas privadas e nos grandes centros”.

Com o passar do tempo, no entanto, tal modelo acabou sendo incorporado aos espaços relacionados ao Sistema Único de Saúde (SUS) e essa forma de atuação foi, segundo os mesmos autores (2008, p. 186):

[...] potencializando novos lugares do cuidado, novas práticas, novas invenções no agir em saúde, novas maneiras de produzir sentidos para a vida/morte. A produção de cuidado e de novidades nas práticas de saúde seria motivada por um projeto ético-político que reconhece o usuário como sujeito, interlocutor decisivo na produção dos projetos terapêuticos (muitas vezes essa autonomia é “arrancada” pelas famílias).

Já a chamada CUIDATIVA, como espaço, foi pensada no ano de 2015 e efetivada dois anos depois na antiga fábrica Laneira Brasileira Sociedade Anônima<sup>160</sup> – prédio adquirido pela UFPel no ano de 2010, mas que aguarda verbas para ser adaptado a novas ocupações no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão. A CUIDATIVA se constitui como um centro de atenção e tem “como principal vocação o cuidado integral de pessoas que apresentam doenças ameaçadoras à vida em diferentes trajetórias, desde o momento do diagnóstico até situação de terminalidade da vida”<sup>161</sup>. No seu espaço são realizadas três atividades principais, segundo Julieta Carriconde Fripp: a primeira, relacionada a um ambulatório multidisciplinar que atualmente inclui Medicina, Enfermagem, Nutrição, Psicologia e Serviço Social; a segunda, vinculada à reabilitação, na qual abrange as áreas de Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Educação Física e, por fim, as chamadas práticas integrativas e complementares (PICs), feitas principalmente por voluntários, e que incluem “Reiki, Acupuntura, Arteterapia, Plantas Medicinais, Hortas, Dança Circular, Meditação e grupos terapêuticos”<sup>162</sup>. Em área contígua à Cuidativa está sendo construído um Hospice, no qual terá 20 leitos de internação para pessoas com doenças ameaçadoras à vida, em situação de terminalidade.

Atualmente, por iniciativa da Cuidativa, foi criada a Frente PaliATIVISTAS movimento nacional em defesa da uma política de cuidados paliativos.

Durante a pandemia de covid-19, uma das atividades marcantes da CUIDATIVA foi a confecção de máscaras, chamadas por seus integrantes como manto protetor da vida. Foram distribuídas sessenta e cinco mil máscaras de tecido, confeccionadas por diferentes voluntários, para serem entregues em bairros periféricos da cidade, com o objetivo de proteção, mas também de conscientização sobre a letalidade da doença (FRIPP *et al.*, 2021).

Percebe-se que a Faculdade de Medicina teve, desde o seu início, uma forte relação com a comunidade externa, marcada na década de 1960, principalmente, pelos atendimentos ambulatoriais. Com o passar do tempo e do fortalecimento da graduação, novos serviços foram sendo implementados e são reconhecidos nacional e internacionalmente, nas áreas do ensino, da pesquisa e da extensão: tríade que fundamenta uma educação que se pretende transformadora.

## **FONTES ORAIS**

- Entrevista presencial realizada no dia 14 de outubro de 2022, com Antônio César Gonçalves Borges. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 26 de outubro de 2022, com Luiz Augusto Facchini. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 12 de novembro de 2022, com José Justino Faleiros. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada no dia 30 de novembro de 2022, com Marcelo Fernandes Capilheira. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 2 de dezembro de 2022, com Luís Antônio Benvegnú. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 13 de dezembro de 2022, com Roberto Xavier Piccini. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Renato Barbosa Xavier, no dia 14 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Umberto Lopes de Oliveira Filho, no dia 15 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 16 de dezembro de 2022, com Enrique Daniel Saldana Garin. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 19 de dezembro de 2022, com Sílvia Elaine Cardoso Macedo. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada no dia 3 de janeiro de 2023, com Vera Maria Freitas da Silveira. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada no dia 11 de janeiro de 2023, com Julieta Carriconde Fripp. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 11 de janeiro de 2023, com Ana Maria Borges Teixeira. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 19 de janeiro de 2023, com César Victora. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Rogério Torres Marques, no dia 21 de janeiro de 2023. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.



Centro Regional de Cuidados Paliativos da UFPel.  
Fonte: Acervo pessoal Dr. Julieta Carriconde Fripp.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme dito logo no início do texto, este não foi um livro fácil de ser escrito por vários motivos:

- 1) trata-se de um material comemorativo às seis décadas da Leiga e, por isso, a expectativa de algumas pessoas é que fosse construído um texto apenas com o que deu certo, como se aquilo que não tivesse funcionado não fizesse parte do percurso – o que não foi possível de ser feito;
- 2) o tempo para a escrita da obra era escasso, já que o volume precisava ser lançado em 2023, em uma agenda comemorativa;
- 3) a pretensão inicial era a de que cada capítulo fosse escrito por uma pessoa, o que não se concretizou, especialmente porque os possíveis autores pensados estavam envolvidos com outras tarefas acadêmicas;
- 4) havia um vasto volume documental intocado, o qual trouxe a necessidade de se acelerar algumas análises para que a tarefa fosse concluída no período pretendido;
- 5) o número de entrevistados, com o passar do tempo, cresceu bastante e é preciso considerar que para cada hora gravada são necessárias oito horas para a transcrição, o que demanda muito tempo e atenção,
- 6) está se lidando, sobretudo no último capítulo, com o que os historiadores chamam de história do tempo presente, ou seja, algumas conclusões são ainda provisórias, pois os desenlaces para certas demandas estão sendo construídos neste momento.

O resultado, no entanto, me pareceu bastante satisfatório, o que pode ser avaliado particularmente pelo leitor ou leitora. Segundo o meu entendimento, foi possível abranger um amplo espectro de informações e dados sobre a construção de um percurso que fez com que a histórica Leiga se transformasse na Faculdade de Medicina atual.

Nessa perspectiva, o primeiro capítulo envolveu um debate sobre a luta para a concretização de um sonho, qual seja a de fundar um curso de

Medicina em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, Pelotas. Para pensar sobre esse momento, foi abordado como dois grupos, vinculados a interesses diversos, mobilizaram parte da população e algumas autoridades do executivo e do legislativo para angariar verbas que viabilizassem os empreendimentos. Além disso, foi esmiuçado o contexto do Brasil à época, de ditadura civil-militar, o qual impactou a vida das pessoas e o funcionamento das instituições. O nome mais importante que apareceu, neste período, foi o de Naum Keiserman, reconhecido como o fundador da Leiga.

O segundo capítulo acompanhou os primeiros tempos, especialmente no tocante ao cotidiano vivenciado pela turma que entrou no curso em 1963 e se formou no ano de 1968. Procurou-se colocar em evidência as dificuldades iniciais e os caminhos construídos para solucioná-las, além da trajetória das primeiras quatro médicas formadas na Leiga: Laura, Carmen, Gleide e Tania. Usando a metodologia de História Oral e a transcrição, elas mesmas puderam contar um pouco de seus percursos formativos. Nessa parte do livro fez-se, também, uma discussão sobre a importância que a estruturação inicial do currículo, com o desenvolvimento de várias disciplinas de Psicologia Médica, teve para uma formação médica mais humanística.

O terceiro capítulo mostrou como a graduação foi mudando com os novos rostos que passaram a fazer parte do seu cotidiano a partir dos anos 2000. A Medicina era e é considerada uma graduação que costuma ser oportunizada, historicamente, para jovens de elite, mas a Lei de Cotas de 2012 e um processo seletivo especial instituído pela Reitoria, em 2015, ampliaram o acesso à instituição para pretos, pardos, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência e jovens com rendimentos familiares mais baixos ou em vulnerabilidade social, fazendo com que a Universidade se tornasse mais inclusiva, ainda que seja preciso ir um pouco além para que essas pessoas não apenas entrem, mas consigam permanecer e concluir seus estudos. A esse momento do livro dá-se o destaque às trajetórias de Daniel Miranda Lopes de Souza, primeiro quilombola formado na Leiga e Leonardo Christian da Silva Maia (Leonardo Tuxá), o indígena pioneiro.

O quarto capítulo buscou abordar o vínculo da Medicina com a comunidade externa e a sua importância para que a população de Pelotas e de cidades próximas tenham uma saúde mais integral. A partir dessa perspectiva, é traçado o caminho percorrido para a constituição dos primeiros ambulatórios em bairros periféricos da cidade; o oferecimento de serviços de especialidades médicas que costumam ser de difícil acesso para boa parte da população, a histórica demanda pela construção de um hospital escola próprio e adequado, que consiga ser mais do que um espaço de ensino, pesquisa e extensão ao propiciar um atendimento de qualidade a quem necessita, a constituição de programas de pós-graduação e de espaços inovadores de cuidado integral à saúde, como a CUIDATIVA e o PIDI.

Por fim, há quatro anexos. O primeiro trata-se de um texto escrito por Naum Keiserman para uma revista da própria Medicina, que não se sabe ao certo quan-

tos números teve. O material foi publicado novamente, pois é difícil se ter acesso a este periódico e, além disso, trata-se de um texto interessante, no qual se esmiuça as tratativas feitas por um grupo de pessoas para que o curso de Medicina pudesse se efetivar na década de 1960. Já o segundo anexo apresenta as chamadas cartas à Leiga. A ideia inicial era a de que aqueles que não pudessem ser entrevistados para a feitura do livro tivessem a possibilidade de escrever pequenas cartas contando suas trajetórias. Embora o número de cartas não tenha sido expressivo, as histórias contadas trazem olhares que, algumas vezes, não foram abordados pelos quarenta e oito entrevistados. Há, ainda, um anexo com o nome dos egressos de egressas da Faculdade e uma lista de doadores para a reforma do prédio principal da Leiga.

No decorrer do livro, alguns professores aparecem com grande evidência. A pretensão não era a de pinçar um ou outro nome, mas Naum Keiserman, como era de se esperar, Amílcar Gigante, Kurt Kloetzel e Darcy Abuchaim são constantes em várias narrativas e, por isso, suas trajetórias são encontradas em diversos momentos do texto.

No que tange aos departamentos, especialmente à luz de uma perspectiva histórica, ficou evidente a importância que o grupo associado à saúde mental teve no início da graduação. Com o passar do tempo, foi relevante a constituição do departamento de Medicina Social, na década de 1970, o qual construiu uma discussão densa sobre a importância da saúde pública e implementou, através de suas pesquisas, o Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia reconhecido hoje, nacional e internacionalmente.

Uma outra marca do projeto do livro foi a busca por imagens, especialmente em acervos pessoais, que permitissem aos leitores viajar no tempo, revisitando espaços que fizeram parte das suas memórias afetivas mais caras.

Finalizo a obra dizendo que, além do texto aqui apresentado, toda a documentação a que se teve acesso – documentos oficiais, fotografias, notícias de jornais e entrevistas – ficarão disponíveis no site do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, de modo que outras versões sobre o passado possam ser construídas em futuro próximo por pesquisadores interessados na temática.

Que as histórias aqui contadas sirvam para reforçar ainda mais este sentimento de pertencimento que cada um de vocês possui com a Leiga.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUCHAIM, Darcy. Uma experiência de ensino de psicologia médica e psiquiatria. ARTIGO ORIGINAL. **Revista Brasileira de Educação Médica**. 04 (01), janeiro-abril de 1980. <https://www.scielo.br/j/rbem/a/WsML5LpgknsTwF5w65MHn5d/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 de março de 2023.

ALVES, Lara. A Construção de Brasília: uma contradição entre utopia e realidade. I Encontro de História da Arte – IFCH/UNICAMP, 2005, p. 123-132. <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasilia/arquivos/LaraALVES-Aconstrucao de Brasilia.pdf>. Acesso em 26 de abril de 2023.

BARATA, Rita. **Meningite**: uma doença sob censura? São Paulo: Cortez; 1988.

BARRETO, Alvaro. Círculo Operário. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p.76-77. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicionario%a1rio%20de%20Hist%c3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 25 de maio de 2023.

BARRETO, Arnaldo; FILGUEIRAS, Carlos. Origens da Universidade Brasileira. **Quim. Nova**, Vol. 30, No. 7, 1780-1790, 2007. <https://www.scielo.br/j/qn/a/rzxmW6ggvDD-vXJYLBkg38m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 8 de maio de 2023.

BEM, Emanuel de. Verbete População. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 216-218. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicionario%a1rio%20de%20Hist%c3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 11 de abril de 2023.

BERTOLDI, Sandra. **Contribuição do Discurso Psicanalítico para a formação médica**. Um estudo de caso na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas. Porto Alegre: UFRGS, 2011. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37043/000819647.pdf;sequence=1>. Acesso em 16 de março de 2021.

CAETANO, Maria do Rosário (Org.). **UnB anos 70**: Memória do movimento estudantil. São Paulo: Editora Alameda, 2022.

CANDAU, Joël. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Piaget, 2005.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTEL, Robert. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à “desfiliação”. **CADERNO CRH**, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997. <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18664>. Acesso em 11 de maio de 2023.

CELLARD, André. Análise Documental. In: POUPART, J. et al. (Orgs.) **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295 - 316.

CERTEAU, Michel de. O inominável: a morte e morrer. In: **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Editora Vozes, 2011.

COIMBRA JÚNIOR, Carlos; SANTOS, Ricardo. Saúde, minorias e desigualdade: algumas teias de inter-relações, com ênfase nos povos indígenas no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, 5 (1), 2000, p. 125-132. <https://www.scielo.br/j/csc/a/bQ5j56fyrtBvsN5Hv43P-Qhz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 8 de maio de 2023.

COLUSSI, Eliane. A maçonaria gaúcha e a defesa do ensino laico no período da república velha. **Revista História da Educação**. Pelotas (7), abril de 2000, p. 59-73. <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30095/pdf>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

CORBIN, Alain. Do lazer culto à classe do lazer. In: **História dos Tempos Livres**. O advento do lazer. Lisboa, Portugal, Teorema, 2001, p. 59-90.

COSTA, Gley. Discurso de formatura da primeira turma. Responsabilidade Técnica – 1968. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização**: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 61-66.

CUNHA, João Manuel. Verbete Cinema. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 69-76. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%C3%A1rio%20de%20Hist%C3%B3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 10 de julho de 2023.

CHAVES, Larissa. Verbete Beneficência Portuguesa. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 34-35. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%C3%A1rio%20de%20Hist%C3%B3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 8 de julho de 2023.

CRUZ, Lisiane. O desenvolvimento das Instituições Psiquiátricas no Rio Grande do Sul até 1950 – o que sabemos pelas pesquisas historiográficas. **Revista Albuquerque**, vol. 11, n.22, jul-dez de 2019. <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/9651>. Acesso em 6 de março de 2023.

DE LUCA, Tânia. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

FALEIROS, Justino; KALIL, Gladis; CASARIN, Darcy; LAQUE JR., Paulo e SANTOS, Iná. Avaliação do impacto de um programa de puericultura na promoção da amamentação exclusiva. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21(2), 2005, p. 482-489.

FERNANDES, Tânia. **Plantas Medicinais**. Memória da Ciência no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2004. <https://static.scielo.org/scielobooks/bg6yw/pdf/fernandes-9788575413487.pdf>. Acesso em 9 de maio de 2023.

FEUERWERKER, Laura e MERHY, Emerson. A contribuição da atenção domiciliar para a configuração de redes substitutivas de saúde: desinstitucionalização e transformação de práticas. **Rev Panam Salud Publica**. 2008;24(3):180-8. <https://www.scielosp.org/article/rpsp/2008.v24n3/180-188/>. Acesso em 15 de maio de 2023.

FRIPP, Julieta. **Internação Domiciliar e Cuidados Paliativos para pacientes oncológicos no município de Pelotas/RS**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, 2009.

FRIPP, Julieta; AGOSTINI, Isabela; RODRIGUES, Gustavo; MIRANDA, Isabela e DUARTE, Letícia. Experiência Extensionista no combate à Pandemia por Covid-19: máscaras cuidativas – manto protetor da vida. **Expressa Extensão**, volume 26, n. 1, 2021. <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/19699>. Acesso em 24 de maio de 2023.

GILL, Lorena. **Clienteltchiks: os judeus da prestação em Pelotas (RS) 1920-1945**. Pelotas: Editora da UFPel, 2001. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2019/06/clienteltchiks-judeus-da-presta%C3%A7%C3%A3o-em-pelotas-1920-1945.pdf>. Acesso em 29 de janeiro de 2023.

GILL, Lorena. **Um mal de século: Tuberculose, Tuberculosos e Políticas de Saúde em Pelotas (RS) 1890-1930**. Tese (Doutorado em História, PUC-RS, 2004. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2017/04/Um-Mal-do-S%C3%A9culo.pdf>. Acesso em 5 de março de 2023.

GILL, Lorena; SCHEER, Micaele. Médicos Judeus no Rio Grande do Sul. In: QUEVEDO, Éverton e POMATTI, Angela. (Org.). **Museu da História da Medicina – MUHM: um acervo vivo que se faz ponte entre o ontem e o hoje**. 1ed. Porto Alegre: Evangraf, 2016, v. 1, p. 172-183.

GILL, Lorena; GIL, Marcelo. Verbete Espiritismo. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 127-128. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%C3%A1rio%20de%20Hist%C3%ADria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 5 de julho de 2023.

GILL, Lorena; POMATTI, Angela. Entrevista realizada com Naum Keiserman, acervo do Laboratório de História Oral, do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel, **Sillogés** – v.2. n.2. jul./dez. 2019, p. 459- 472. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%C3%A1rio%20de%20Hist%C3%ADria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 10 de maio de 2023.

GILL, Lorena; MENDES, Nicéia. Cotas no Curso de Pedagogia da UFPel: uma análise do perfil dos estudantes e da democratização do acesso à Universidade. **Expressa Extensão**, volume 26, número 3, 2021. <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/21158> Acesso em 22 de junho de 2023.

GILL, Lorena e SANTOS, Dulcinéia. O assédio moral contara estudantes em uma instituição pública: o caso da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). **Revista Dialogia**, número 45, 2023, p. 1-13. <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/23351> Acesso em 11 de julho de 2023.

GOMES, Cláudio. Um Depoimento. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018**. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 81-86.

HEINZ, Flávio. **Por outra história das élites**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

HOCHMANN, Gilberto. Vigiar e, depois de 1964, punir: sobre Samuel Pessoa e o Departamento Vermelho da USP. **Universidades na Ditadura**, p. 26-31. <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v66n4/a11v66n4.pdf>. Acesso em 7 de fevereiro de 2023.

HOLTHAUSEN, Edson. Relação das disciplinas e professores da primeira turma. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização**: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 45-47.

JÚNIOR, João Feres; CAMPOS, Luiz Augusto; DAFLON, Verônica Toste; VENTURINI, Anna Carolina. **Ação afirmativa**: conceito, histórias e debates. Editora EDUERJ, 2018. <https://books.scielo.org/id/2mvbb/pdf/feres-9786599036477.pdf>. Acesso em 30 de março de 2023.

KANTORSKI, Leonardo. **Expurgo de docentes na lógica da Doutrina da Segurança Nacional: o caso da FURG (1969-1977)**. Dissertação de Mestrado. Pelotas, 2011. <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/1598>. Acesso em 25 de fevereiro de 2023.

KEISERMAN, Naum. Faculdade de Medicina da UFPel: A História de um Quarto de Século. **Revista Saúde, Ciência e Sociedade**. Ano 1, número 1, 1992, p. 10-22.

KEISERMAN, Naum. Depoimento. In: MAGALHÃES, Mario (Org.). **UFPel: 30 anos**. Pelotas: Editora Universitária, 1999, p. 51-58.

KEISERMAN, Naum. História da Faculdade de Medicina de Pelotas. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização**: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 15-41.

KELBERT, Paulo. Cinquenta anos da formatura da primeira turma da Faculdade de Medicina de Pelotas. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização**: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p.123-131.

LONER, Beatriz; GILL, Lorena. **ADUFPel**: Uma trajetória pela democracia, Pelotas: ADUFPel. Armazém Literário, 2003. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2023/02/ADUFPel-Uma-trajetoria-pela-democracia.pdf>. Acesso em 7 de abril de 2023.

LONER, Beatriz. Verbete UFPel. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 279-280. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%C3%A1rio%20de%20Hist%C3%B3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 2 de julho de 2023.

LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%C3%A1rio%20de%20Hist%C3%B3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 12 de junho de 2023.

LONER, Beatriz; CUNHA FILHO, Miguel; MONTEIRO, Ubirajara. De Escravo a Doutor: Euzébio de Queiroz Coutinho Barcellos. In: GILL, Lorena; KOSCHIER, Paulo (Orgs.). **A Família Silva Santos e outros escritos**: escravidão e pós-abolição no sul do Brasil. São Leopoldo, Casa Leiria, 2019, p. 223-255.

MAGALHÃES, Mario. **UFPel: 30 anos**. 1<sup>a</sup>. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 1999.

MAGALHÃES, Mario. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/112105>. Acesso em 15 de março de 2023.

MAGALHÃES, Mario. Verbete Faculdade de Agronomia. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 127-128. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicionario%a1rio%20de%20Hist%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 5 de maio de 2023.

MOREIRA, Silvana. “**ZYD 579, 107.9 mega hertz – Rádio Federal FM**”: o protagonismo do radialista como sobrevivente das mídias (1980-2017). Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História da UFPel. Pelotas, 2019. <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/5583>. Acesso em 15 de abril de 2023.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. Maria Renotte, uma médica paulista no início do século. **Médicis**: cultura, ciência e saúde. Ano 2 – Edição n.º 7 – Nov./Dez. de 2000.

MOTTA, Rodrigo. Os olhos do regime militar brasileiro nos campi. As assessorias de segurança e informações das universidades. **Topoi**, v. 9, n. 16, jan.-jun. 2008, p. 30-67. <https://www.scielo.br/j/topoi/a/zMNpct3W9cjyrNbQdVWbZTs/?lang=pt>. Acesso em 28 de março de 2023.

PAIM, Jairnilson. **Reforma sanitária brasileira**: contribuição para a compreensão e crítica. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008. <https://static.scielo.org/scielo-books/4ndgv/pdf/paim-9788575413593.pdf>. Acesso em 24 de maio de 2023.

PALADINO, Mariana. Algumas notas para a discussão sobre a situação de acesso e permanência dos povos indígenas na educação superior. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 7, Número Especial, p. 175-195, dez. 2012. [http://www.direitoshumanos.unicamp.br/wp-content/uploads/2021/02/Paladino\\_2012\\_panorama-dos-indigenas-no-ES.pdf](http://www.direitoshumanos.unicamp.br/wp-content/uploads/2021/02/Paladino_2012_panorama-dos-indigenas-no-ES.pdf). Acesso em 24 de abril de 2023.

PERES, Eliane. **Templo de Luz**: os cursos noturnos masculinos de Instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense. (1875-1925). Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu** (4), 1995, p. 9-28. [https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/1995\(4\)/Perrot.pdf](https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/1995(4)/Perrot.pdf). Acesso em 27 de abril de 2023.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PETRUCCI, José. Os cinquenta anos da primeira turma da “Leiga” - menos um. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização**: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 103-112.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, 15, abril de 1997, p. 13-49. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215> Acesso em 11 de julho de 2023.

POSSATI, Andrêssa; PRATES, Lísie; CREMONESI, Luiza; SCARTON, Juliane; ALVES, Camila; RESSEL, Lúcia. Humanização do parto: significados e percepções de enfermeiras. *Esc Anna Nery* 2017; 21(4):e20160366, p. 1-6. <https://www.scielo.br/j/ean/a/VVsfxjcBCgnXBYVNf7m68XS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 25 de abril de 2023.

RAGO, Elisabeth. A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras do século XIX. *Cadernos Pagu* (15) 2000: pp.199-225. [https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/2000\(15\)/Rago.pdf](https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/2000(15)/Rago.pdf). Acesso em 17 de março de 2023.

REZENDE, Joffre. **À sombra do Plátano.** Crônicas de História de Medicina. São Paulo: Editora da Unifesp, 2009. <https://books.scielo.org/id/8kf92/pdf/rezen-de-9788561673635.pdf> Acesso em 16 de março de 2023.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão Veredas.** Rio de Janeiro: Fronteiras, 1986.

ROSA, Laura. 1968 – Faculdade de Medicina de Pelotas forma sua primeira turma. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização:** Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018. Porto Alegre: Evangraf, 2018a, p. 53- 59.

ROSA, Laura. O sonho e a sua realização. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização:** Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018. Porto Alegre: Evangraf, 2018b, p. 165-173.

SANTOS, José Antônio. Verbete A Alvorada. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas.** Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 13-14. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%c3%a1rio%20de%20Hist%C3%baria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 9 de maio de 2023.

SILVA, Daniel (Org.). **20 Anos Em Cena.** Núcleo de Teatro da UFPel. Pelotas: Editora da UFPel. 2017. <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3736/1/20%20ANOS%20EM%20CENA%20N%C3%9ACLEO%20DE%20TEATRO%20UFPel.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2023.

SCOTT, Joan. A mulher trabalhadora. In: FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michele (Orgs.). **História das Mulheres no Ocidente.** V. 4, Porto, Afrontamento, 1991, p. 443- 476.

SCHEFFER, Mário; CASSENTO, Alex; GUERRA, Alexandre; GUILLOUX, Aline; BRANDÃO, Ana; MIOTTO, Bruno; ALMEIDA, Cristiane; GOMES, Jackeline; MIOTTO, Renata. **Demografia Médica no Brasil 2020.** São Paulo, SP: FMUSP, CFM, 2020.

SCHEER, Micaele. Verbete: Colégio Municipal Pelotense. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas.** Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 85-86. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%c3%a1rio%20de%20Hist%C3%baria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 2 de julho de 2023.

SCHNEIDER, Catarina; TAVARES, Michele; MUSSE, Christina. O retrato da epidemia de meningite em 1971 e 1974 nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo. RECIIS – **Rev Eletron de Comun Inf Inov Saúde.** 2015 out.-dez.; 9(4), p. 1-13. <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/133975>. Acesso em 19 de abril de 2022.

STARLING, Heloísa. Silêncios da Ditadura. **Revista Maracanã**, Rio de Janeiro, 2015, p. 37-46. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/17393/13255>. Acesso em 27 de abril de 2023.

TOMASCHEWSKI, Cláudia. Verbete Santa Casa de Misericórdia. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicionario1rio20de20Hist3bria20de20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 10 de maio de 2023.

VICTORA, César. Diarrhea mortality: what can the world learn from Brazil? **J Pediatr** (Rio J). 2009; 85(1):3-5. <https://www.scielo.br/j/jped/a/wgPNzkLdvwRCXKCvYqdqb6F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 26 de abril de 2023.

VICTORA, César. Breve História da Epidemiologia da UFPel: de Pelotas para o mundo. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização**: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 175- 193.

VECHIA, Renato. **O ressurgimento do movimento estudantil universitário gaúcho no processo de democratização: as tendências estudantis e seu papel (1977-1985)**. Tese Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32809/000786827.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 6 de março de 2023.

ZUBARAN, Maria Angélica. Médicos negros no pós-Abolição: Chagas Carvalho, Arnaldo Dutra e Diógenes Baptista (Porto Alegre, RS). In: MENDONÇA, Joseli; TEIXEIRA, Luana; MAMIGONIAN, Beatriz (Orgs). **Pós-Abolição no Sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras**. Salvador: Sagga Editora, 2020, p. 120-142.



## ANEXOS

## A FACULDADE DE MEDICINA DA UFPEL<sup>163</sup>

A história da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, então Faculdade de Medicina de Pelotas, remonta ao ano de 1953, quando, em uma das reuniões ordinárias da Sociedade de Medicina de Pelotas, realizada na Faculdade de Odontologia, (a Sociedade de Medicina ainda não possuía sede própria) o Dr. Franklin Olivé Leite sugeriu a sua criação. A ideia foi recebida com ceticismo, já que, na época, ainda que se reunisse a totalidade dos médicos de Pelotas, não teríamos um terço do número de docentes necessários. De qualquer modo, no ano seguinte, precisamente aos oito de maio de 1954, foi fundada a Instituição Pró-Ensino Superior no Sul do Estado (IPESSE) que, embora em seu Estatuto, tivesse como objetivo a criação de escolas de nível superior em geral, na prática se destinava principalmente a instalar e fazer funcionar uma faculdade de Medicina. Presidida inicialmente pelo Dr. Franklin Olivé Leite, tinha uma diretoria e um Conselho formados por figuras proeminentes da sociedade local. Esta primeira Diretoria fez aprovar o Estatuto da entidade, registrou-o no cartório competente e assim lhe deu personalidade jurídica.

Um ano após, a 30 de dezembro de 1955, o Prefeito Municipal, médico Dr. Mario David Meneghetti, pela Lei nº 620, doou à IPESSE o majestoso prédio-sede atual da Faculdade, onde, na época funcionara o laboratório regional do Estado e onde, em determinada área, residira o próprio Dr. Meneghetti, quando diretor do laboratório em apreço.

Constituída a IPESSE por pessoas gradas, mas, na verdade, pouco interessadas no assunto, somente três anos após, em 1958, o tema voltou à baila e tomou impulso, quando D. Antônio Zattera, bispo de Pelotas, dirigiu-se ao Presidente da Sociedade de Medicina local pedindo apoio para a criação de uma Faculdade Católica de Medicina de Pelotas. Na oportunidade, o Dr. José Amaral Silva então presidente da entidade perguntou a D. Antônio se a faculdade, criada “católica”, poderia, algum dia, ser federalizada, sendo a resposta negativa categórica.

A partir dessa data, ocupando o cargo de secretário da Sociedade de Medicina, vímo-nos envolvidos diretamente no assunto.

A 24 de maio desse mesmo ano (1958), reuniu-se a Sociedade de Medicina em assembleia geral extraordinária para deliberar sobre a matéria. Compareceu a quase totalidade dos associados, 64 presenças, e com quatro abstenções e nenhum voto contrário, foram dados poderes à diretoria para gestionar a criação, junto à classe e sindicatos. Ficamos comovidos, em um sábado à tarde, quando, no consultório do Dr. Amaral Silva, recebemos a visita de um grupo de 10 a 15 pessoas que vieram trazer a solidariedade da Maçonaria local.

Em novembro de 1958, precisamente a 12 de novembro, assumiu a presidência da IPESSE o Dr. Oscar da Cunha Echenique, mudando totalmente a posição da entidade, que passou a apoiar a criação de uma faculdade leiga. Na verdade, D. Antônio não precisava da IPESSE para instalar a sua faculdade, pois, assim como a Mitra Diocesana mantinha as faculdades católicas já existentes, poderia formalmente manter uma faculdade de Medicina. O que lhe interessava era o patrimônio da IPESSE, constituído pelo amplo terreno e prédio doados pela Prefeitura Municipal.

Pouco depois, uma comissão constituída pelos Profs. Elyseu Paglioli e Pinto Luiz da Silva<sup>164</sup>, reitor e vice-reitor da UFRGS, Paulo Assumpção Osório, diretor da Faculdade de Odontologia de Pelotas, Eurico Kramer de Oliveira, da mesma Faculdade, e Dr. Oscar da Cunha Echenique, Presidente da IPESSE, procurou D. Antônio no Bispo, quando o mesmo declarou que, não tendo obtido o apoio da classe médica de Pelotas, desistira de criar a sua Faculdade. A partir daí, passamos a dar os passos necessários para a formalização do empreendimento.

A 15 de dezembro de 1958, o Prefeito Municipal Adolfo Fetter promulgou Lei Municipal concedendo dotação orçamentária à futura faculdade “enquanto mantida pela IPESSE”.

Fomos à cidade de Rio Grande procurar o engenheiro Cícero Vassão, que, anos antes, havia instalado a Faculdade de Engenharia naquela cidade, a fim de inteirar-nos dos detalhes para a formulação do pedido de autorização de funcionamento da futura faculdade. Muito atencioso, mostrou-nos cópia do processo por ele encaminhado para a criação da Engenharia, o qual serviu de base para a elaboração do nosso pedido.

Por outro lado, o Dr. Oscar Echenique solicitou, em entrevista com o Governador Leonel Brizola, o apoio do Estado. Efetivamente, a 29 de novembro de 1959, na Biblioteca Pública de Pelotas, com a presença do Governador Leonel Brizola, que se fez acompanhar pelo Reitor da UFRGS, Prof. Elyseu Paglioli, e pelo Secretário da Educação, Mariano Beck, presentes ainda o Prefeito Municipal, Adolfo Fetter, secretários municipais e inclusive D. Antônio, Bispo de Pelotas, foi declarada fundada a Faculdade de Medicina de Pelotas, a ser mantida pela Instituição Pró-Ensino Superior no Sul do Estado – IPESSE. Na oportunidade, o Governo Leonel Brizola anunciou a doação de cinquenta mil cruzeiros em títulos do Estado para a instalação da Faculdade.

Em abril de 1960, foi publicado o edital abrindo o concurso de títulos para preenchimento dos cargos de Professor Titular das diversas disciplinas do curso.

Verificou-se então, a dificuldade para o preenchimento das vagas. Assim, não havia candidatos para as disciplinas de Anatomia, Bioquímica, Anatomia Patológica. O Prof. Paulo Assumpção Osório, catedrático da disciplina de Anatomia na Faculdade de Odontologia, foi procurado. Não podia aceitar o cargo porque desempenhava suas funções na Odontologia, em regime de dedicação exclusiva. Sugeriu o nome do Prof. Lauro de Castro Beltrão, de Belo Horizonte, que foi contactado e aceitou candidatar-se. O Dr. Altino da Costa Mariante, muito instado, aceitou candidatar-se à Bioquímica. Também por sugestão do Prof. Paulo Assumpção Osório, foi procurado, em Belo Horizonte o Prof. Washington Luiz Tafuri, que aceitou candidatar-se para Anatomia Patológica. Aceitou porque, de Pelotas, seria mais fácil ir a Buenos Aires, onde pretendia usar o microscópio eletrônico, em pesquisa que vinha fazendo, (até a data do início de funcionamento da disciplina, a Universidade Federal de Minas Gerais comprou um microscópio eletrônico e, no lugar do Prof. Tafuri veio ministrar a disciplina o Prof. Pedro Raso, também de Belo Horizonte).

A seis de fevereiro de 1962 foram julgados os títulos por uma comissão composta pelos Profs. Paulo Assumpção Osório, Cláudio Mello e Dr. José Amaral Silva, ficando assim constituída a nominata dos professores.

Anatomia Humana .....	Lauro de Castro Beltrão
Biofísica.....	Naum Keiserman
Bioquímica.....	Altino Costa Mariante
Anatomia Patológica.....	Washington Luiz Tafuri
Fisiologia .....	Marcondes Dias Ribeiro
Parasitologia .....	Manoel Alberto Gomes Maia
Microbiologia e Imunologia .....	Dyrio Gorgot
Histologia e Embriologia .....	Fernando Luiz Osório
Farmacologia.....	Fernando Carpêna Alves
Clínica Médica.....	Amílcar G. Gigante
Clínica Cirúrgica .....	José Amaral Braga Filho
Pediatria e Puericultura .....	Guilherme Procianoy
Ginecologia e Obstetrícia.....	Paulo Crespo Ribeiro
Dermatologia .....	José Domingos Assis
Neurologia .....	Mario Ferreira Coutinho
Psiquiatria e Psicologia Médica.....	Joaquim da Silva Nunes
Oftalmologia.....	Isaac Piltcher
Otorrinolaringologia .....	Sidney Castagno
Ortopedia .....	Miguel Piltcher
Doenças Infectuosas e Parasitárias.....	Vinícius B. Salengue
Higiene e Medicina Preventiva.....	Ernani Saldanha Camargo
Medicina Legal e Deontologia Médica .....	José Ludovico Maffei

A nove de abril de 1962 reuniu-se, já formada, a Congregação da Faculdade de Medicina de Pelotas para a posse dos professores e elaboração da lista tríplice, da qual o Presidente da IPESSE nomearia o Diretor. Ficou assim constituída a lista, pela ordem: Naum Keiserman, Paulo Crespo Ribeiro e Manoel Alberto Gomes Maia. A 15 de abril, portaria do Presidente da IPESSE nomeou Naum Keiserman Diretor da Faculdade de Medicina de Pelotas, a ser instalada.

A partir da nomeação, passamos a reunir os elementos necessários à elaboração do processo de autorização de funcionamento. Além da relação dos professores com os respectivos currículos, era preciso provar a necessidade do curso, a existência de condições locais para o seu funcionamento, a existência de condições financeiras para o empreendimento. Havia necessidade de convênio com um hospital.

Finalmente, em agosto de 1962, encaminhamos ao Ministério da Educação o processo de solicitação da indispensável autorização de funcionamento.

Certos de que D. Antônio, conforme declaração feita à comissão, como relatamos, desistira da criação da faculdade, fizemos publicar com estardalhaço a notícia alvissareira. Crasso erro. No dia seguinte ao da publicação, dirigiu-se D. Antônio ao Rio de Janeiro onde funcionava a Secretaria do Ensino Superior (SESU) do MEC, comunicando ao seu titular, Prof. Durmeval Trigueiro Mendes, que nós não tínhamos condições de criar a faculdade, porque não tínhamos hospital e que ele, sim, a criaria. Efetivamente, pouco antes houvera séria crise na Santa Casa local, com a saída da quase totalidade de seus médicos, estes apoiados pela Sociedade de Medicina.

Antes de remeter o processo ao MEC, procuramos a direção da Santa Casa que impôs, como condição para convênio, a declaração de cada professor, de que não apoiava os médicos que dela saíram, o que evidentemente era inaceitável. Em consequência, fizemos o convênio com o Sanatório Espírita de Pelotas, ainda que sabendo, de antemão, que não havia condições de lá instalar a totalidade de curso (falta de bloco cirúrgico, de laboratório clínico, de serviço de radiologia).

O Diretor da SESU pediu que D. Antônio formalizasse o seu processo e mandou chamar-me ao Rio de Janeiro. Tivemos longa audiência, onde foi exposta toda a situação.

O passo seguinte seria da SESU, que deveria nomear alguém para fazer a inspeção prévia e dar parecer. Foi designado o Prof. Rubens Maciel que, no entanto, decorrido algum tempo, dirigiu-se à SESU pedindo a sua substituição. Em seu lugar foi designado o Prof. Eduardo Zácaro Faraco, para verificar as condições de funcionamento de ambas as faculdades. O parecer do Prof. Faraco foi contrário ao funcionamento da faculdade católica e favorável à da IPESSE, corrigidas algumas falhas: “a biblioteca é formada por livros antigos uns e não pertinentes outros”, constara do parecer.

Correu o tempo, e o processo, que deveria ser encaminhado ao Conselho Federal de Educação (CFE), não saiu da SESU. Fomos ao Rio e, lá, a diretora substituta da Secretaria – Nayr Abu-Merry Fortes – informou que o processo da Católica não

havia retornado e que somente quando retornasse seriam ambos encaminhados ao CFE. De volta a Pelotas, fomos ao Bispado, encontramos o processo que para lá fora enviado por engano. Convenci o encarregado do Bispado a enviá-lo ao MEC e só então foram ambos remetidos ao Conselho Federal de Educação.

Nesse órgão, foi designado relator dos processos o Prof. Clóvis Salgado, ex-Ministro da Educação. No mesmo Conselho, em dezembro de 1962, foi proposta a criação de uma comissão de Conselheiros para gestionar a ambas as partes, a fim de tentar um acordo que permitisse a criação de apenas uma faculdade.

A comissão foi constituída pelos Conselheiros D. Helder Câmara, Clóvis Salgado e Bruza Neto. Achando-nos no plenário, assim também D. Antônio, fomos imediatamente convocados e a reunião logo realizada. Nela, propôs D. Helder Câmara que se redigisse um documento fazendo sentir que a faculdade seria criada em caráter laico, porém que isso só seria possível com a colaboração de D. Antônio, o qual seria incluído no Conselho da IPESSE. D. Antônio recusou a proposta, queixando-se de ataques que lhe teriam sido feitos. Propôs o Prof. Clóvis Salgado que se criasse a faculdade leiga, agregada à Universidade Católica (nessa altura já existente). Diante dessa proposta, informamos que deveríamos consultar os demais conselheiros de jornada, no entanto a proposta foi recusada por D. Antônio. Finalmente, insistiu D. Helder Câmara que, dirigindo-se a D. Antônio e dizendo falar-lhe como irmão – mostrou a batina – perguntou se à Igreja não seria preferível que se redigisse um documento de elevado teor, desfazendo todos os ataques que lhe foram feitos e fazendo ver que a faculdade leiga seria autorizada porque ele, D. Antônio, a apoiava. A proposta foi recusada por D. Antônio e a reunião encerrada.

O Prof. Clóvis Salgado, como redator de ambos os processos, emitiu parecer contrário à criação da Faculdade Católica. Quanto a da IPESSE, entendeu que havia condições para o funcionamento dos primeiros anos, devendo, quando do reconhecimento, apresentar as condições exigidas para as séries subsequentes.

Os processos, antes de irem ao plenário, foram relatados na Câmara do Ensino Superior do CFE, onde o Conselheiro Barreto Filho levantou uma preliminar quanto à Católica, dizendo que, na forma da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, poderia ser instalada a faculdade pela respectiva Universidade, independente do Conselho, o qual somente a examinaria por ocasião do “reconhecimento”. A Câmara do Ensino Superior aceitou a preliminar, “julgando, no entanto, judiciosos os termos do parecer”. O parecer favorável ao funcionamento da faculdade da IPESSE foi aprovado e encaminhado ao plenário, o que não ocorreu com o da Católica cujo processo, ficamos sabendo, foi retirado por D. Antônio.

Na reunião do CFE de fevereiro de 1963, foi o processo discutido em plenário, onde cabe destacar o trabalho, em favor da aprovação, dos Conselheiros Ajadil de Lemos e Bruza Neto. D. Helder chamou a atenção para o fato de haver convênio com o Hospital Espírita, com os “riscos”, decorrentes. Contra a criação da faculdade, lá estavam, além de D. Helder, o Padre Vasconcelos. Finalmente, posta em votação, foi a faculdade autorizada a funcionar, por significativa maioria.

Já no dia seguinte foi o processo encaminhado ao gabinete do Ministro, que deveria homologar a decisão, ouvido o Consultor Jurídico, Dr. Canedo de Magalhães, a quem procuramos. Lá entrando, vimos, na mesa da sala, o nosso processo e um envelope com o timbre do Bispado de Pelotas. Após a identificação, perguntou-nos o Dr. Canedo se achávamos que Pelotas comportava duas faculdades de Medicina. “Existe alguma faculdade de Medicina em Pelotas?” perguntei. “Por acaso passou por aqui algum processo de autorização de funcionamento, outro que não o que se encontra na sua mesa?” “De fato, disse o Dr. Canedo, não passou por aqui outro processo, portanto não existe em Pelotas outra faculdade de Medicina”. E o processo foi encaminhado ao Sr. Ministro, em Brasília.

Como não saía o decreto de funcionamento, em meados de março nos dirigimos a Brasília, onde nos foi confirmado que o processo estava no Gabinete do Ministro Teotônio Monteiro de Barros, com o qual conseguimos audiência, que se realizou já à noite. Disse-nos o Senhor Ministro que estava aguardando a chegada do processo da Católica para mandar ambos ao Senhor Presidente da República, João Goulart. Fizemos ver a ele que não receberia o outro processo porque simplesmente fora devolvido à origem. “Bem, diz o Ministro, vou enviar este processo ao Senhor Presidente e ele que resolva”. Assim foi feito e o nosso processo foi enviado à Casa Civil da Presidência da República.

Graças ao Dr. Manoel Barbosa, ex-colega no Exército, que, na época, era titular de uma das subchefias da Casa Civil, passamos a ter fácil acesso ao Palácio. Permanecíramos quase todo o dia na antessala do Dr. Evandro Lins, chefe da Casa Civil. Decorridos alguns dias, em uma das idas ao Congresso Nacional, encontramos o Dr. Ajadil de Lemos que ficou surpreso ao saber que não fora ainda expedido o decreto de funcionamento. Pediu-nos que esperássemos um pouco, pois iria falar com o Sr. Leonel Brizola, então Deputado Federal. Voltou dizendo: “O Brizola disse que arranca este decreto hoje, de qualquer maneira”. De fato, no final do expediente, o chefe de Gabinete da Casa Civil comunicou-nos que o Presidente João Goulart telefonara ao Dr. Evandro Lins determinando que fosse à noite ao Palácio, levando comigo o processo da IPESSE (2.4.63). No dia seguinte, acompanhamos um funcionário da Casa Civil que levava o decreto de autorização ao Diário Oficial, para publicação. Regressamos no mesmo dia a Pelotas, onde fomos recebidos com festas. Leonel Brizola telefonara ao Prefeito João Carlos Gastal, dando a notícia.

Enquanto se processava a autorização de funcionamento, com os recursos oriundos do Estado, foi-se providenciando o material destinado aos primeiros anos do curso. Assim, foram adquiridos microscópios e material permanente, bem como foi construído o prédio destinado a receber as disciplinas da área básica. Cabe assinalar o desprendimento do engenheiro Miguel Curi, que administrou as obras graciosamente. No prédio construído e no pré-existente foram instaladas a Anatomia Humana, Histologia, Bioquímica, Fisiologia, Biofísica, Parasitologia, Microbiologia, Biblioteca e administração geral. Duas salas do prédio doado foram reservadas ao laboratório do Estado, posteriormente transferido para o Centro de Saúde.

Quando da publicação do decreto autorizando o funcionamento do curso, já as instalações para a primeira série estavam concluídas.

A escola mantinha-se com a anuidade paga pelos alunos e subvenções que se obtinham do Governo Federal através de verbas consignadas no orçamento por deputados federais. Por sua vez, os professores que já residiam anteriormente em Pelotas, trabalharam durante dois anos sem qualquer remuneração.

Aos 11 de maio de 1963, o Prof. Clóvis Salgado proferiu a aula inaugural do curso. A partir daí intensificaram-se as providências para as instalações destinadas aos anos subsequentes.

Não poderíamos contar com a Santa Casa e, tendo em vista a falta de condições do Hospital Espírita, como foi dito, só nos restava a Beneficência Portuguesa. Foi uma negociação difícil, com alguns médicos do corpo clínico opondo-se a qualquer convênio. “Eu não permitiria que vísceras de meus familiares fossem expostas aos olhos de estudantes”, disse um deles. Finalmente conseguiu-se um acordo: a IPESSE faria construir junto ao Hospital, em terreno da Beneficência, um prédio com enfermarias, sala de Anatomia Patológica e algumas salas de consulta, construção que, decorridos 10 anos, passaria a ser propriedade da Beneficência. Na manutenção dos pacientes, a Beneficência não queria lucro, mas também não poderia ter prejuízos. Assim, seria cobrada dos pacientes pequena diária e preço de custo na medicação. Sempre que o paciente, por qualquer motivo (indigente) não pagasse, caberia à IPESSE o ressarcimento.

Recursos para a construção não havia. Lançamos o “Livro de ouro” que pouco rendeu. A solução encontrada foi a rifa de um automóvel, devidamente autorizada pelo Ministro da Fazenda.

Passamos a vender as cartelas. Para os professores, a aquisição era obrigatória, inclusive com desconto em folha daqueles que já percebiam algum vencimento.

Na data fixada, o número sorteado não fora vendido. Repetimos o sorteio. Novos bilhetes foram vendidos e, mais uma vez o número sorteado não fora vendido. Vendemos então o automóvel a um colega, o Dr. Nilo Conceição. Com os recursos assim obtidos, foi construído o prédio e adquirido o material. Como as salas para consulta foram insuficientes, posteriormente alugamos um prédio fronteiro ao Hospital onde foram instalados os ambulatórios, dando-se ênfase, assim, ao ensino ambulatorial.

Estávamos em condições de iniciar o ensino da terceira série do curso. Eram 32 leitos de enfermarias e os leitos ocupados por pacientes de professores, no corpo do hospital de Beneficência, que serviam também ao ensino.

A qualificação do pessoal docente foi uma preocupação constante. Com bolsas obtidas principalmente na CAPES e no CNPq, fizeram pós-graduação os Profs. Paulo Brusque Maulaz, Edgar Alberto Brauner, Ivo Mattos, Lili Bammann<sup>165</sup>, Sérgio

Conceição. O Prof. Wanderlei Rospide da Mota fez curso no México. O Prof. Manoel Alberto Gomes Maia fez curso nos Países Baixos, Holanda e Bélgica. Posteriormente outros professores fizeram cursos na Inglaterra e na Alemanha. Antes mesmo de ser contratado, por solicitação do Prof. Mario Coutinho, a IPESSE propiciou pós-graduação na Inglaterra ao Prof. Antônio César Borges. O Prof. Leo Zilberknop fez pós-graduação em Anatomia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No decorrer dos primeiros anos, já alguns professores foram substituídos por motivos diversos. O Prof. Lauro Beltrão cumpriu o primeiro ano do curso e desligou-se. Foi contratado o grupo de professores da Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre: Alaôr Teixeira, Izaias Naiditch e José Luiz Alimena, recebendo eles, em conjunto, 200.000 cruzeiros mensais. O Prof. Lauro Beltrão recusara 180.000 cruzeiros mensais, insistindo em receber somente 100.000,00.

O Dr. José Domingo Assis demitiu-se antes do início de sua disciplina, sendo substituído pelo Dr. Manoel Moraes. A anatomia humana foi assumida pelo Dr. Leo Zilberknop, concluído o seu pós-graduação. O Prof. Marcondes Ribeiro foi substituído pelo Prof. José Luiz Sacco da Nova Cruz. O Prof. Fernando Luiz Osório afastou-se por motivo de saúde e foi substituído pelo Prof. Paulo Brusque Maulaz. A Anatomia Patológica foi uma novela só resolvida com a chegada à Pelotas do Dr. Izaías Ortiz Pinto. O Dr. Altino da Costa Mariante que vinha permanecendo no cargo por insistência nossa, afastou-se afinal e foi substituído pela Profª Leonor de Souza Soares. Após sucessivas substituições, o Prof. Kurt Kloetzel assumiu a disciplina de Higiene e Medicina Preventiva.

Sempre pleiteando junto ao MEC, conseguimos, em 1971, recursos para as obras e assim foram construídos os atuais ambulatórios.

O currículo inicial do curso constava de disciplinas isoladas, com um Conselho Técnico e Congregação. Em 1966, foram criados os Departamentos e nova alteração foi feita em 1974, para adaptação à reforma universitária que criou a matrícula por disciplina e o sistema de créditos com o Colegiado de Curso e o Conselho Departamental.

Ao mesmo tempo em que as dificuldades materiais eram enfrentadas, fomos nos preparando para obter o “reconhecimento” definitivo do curso junto ao CFE. Foram encaminhados os nomes dos novos titulares de disciplinas para serem aprovados pelo Conselho. Dois professores tiveram dificuldade para aceitação e, pessoalmente, fomos procurar o relator, Prof. Roberto Santos, então residindo no Rio de Janeiro, para convencê-lo a aceitar os indicados.

O Prof. João Carlos Kabke fora indicado para a disciplina de Bases da Técnica Operatória e da Anestesia. Dizia o Prof. Roberto Santos que o candidato não tinha títulos para Anestesia.

Retrucamos que essa era uma disciplina constante do currículo mínimo, fixado pelo CFE, que dificilmente encontrariamos um cirurgião com titulação para anes-

tesia ou um anestesista com títulos de cirurgião e, o assistente do Prof. João Kabke era um anestesista devidamente titulado. Ficou acertado que lhe remeteríamos os títulos do anestesista (Dr. Gastão Duval). A Prof. Leonor Souza Soares estava sendo recusada por não ser formada em Medicina. Fizemos ver que seu curso de pós-graduação em Bioquímica foi feito na Faculdade de Medicina da UFRGS. Do mesmo modo, ficou combinado que lhe remeteríamos o programa da pós-graduação. Cumpridas as exigências, foram ambos aprovados pelo CFE.

Encaminhado o pedido de reconhecimento do curso, tão completo foi o processo que nenhuma diligência foi determinada e nenhuma exigência foi feita e, em 10 de outubro de 1966 o Diário Oficial publicava o Decreto nº 59.381 que concedeu o reconhecimento da Faculdade de Medicina de Pelotas, dois anos antes de formada a primeira turma, o que ocorreu em 1968.

Em 1969, era criada, pelo Decreto nº 65.881, a Universidade Federal de Pelotas, constando de seu Estatuto a agregação da Faculdade de Medicina. A agregação teve um significado de associação cultural, inclusive com assento do diretor no Conselho Universitário. O Reitor da Universidade, Prof. Delfim Mendes Silveira, porém, com seu espírito universitário, tratou logo de proporcionar facilidades à escola agregada. O serviço de engenharia da Universidade assumiu por inteiro a supervisão das obras da Faculdade, desde os projetos até a construção, passando pelas concorrências, sem qualquer ônus para a IPESSE. Paulatinamente, professores da área básica foram sendo contratados para os Institutos da Universidade e designados para lecionar na Medicina, desobrigando-a do pagamento dos vencimentos. A Faculdade continuava particular e, como tal, recebendo anuidade dos alunos, o que aliviava os problemas financeiros e facilitava a aquisição do material.

Tal era o interesse do Reitor pela agregada que, em 1976, conseguiu obter aprovação do MEC para incluir no orçamento, recursos para pagar toda a folha de vencimento da Faculdade de Medicina. Como decorrência, foi criado um problema para o Diretor do Ensino Superior: foram destinados recursos privativos das instituições federais para uma escola particular, através da UFPel.

Convocados, reunimo-nos em Porto Alegre, o Diretor do Ensino Superior, Dr. Edson Machado dos Santos, o Reitor Delfim Mendes Silveira, o Prof. Leo Zilberknop, vice-diretor da Faculdade de Medicina, nós e o Diretor Financeiro da Diretoria do Ensino Superior. A única solução encontrada foi providenciar a incorporação da Faculdade à UFPel, o que corresponderia à sua federalização.

Para tal, era necessário alterar o Estatuto da UFPel e, a 24 de agosto do mesmo ano, o assunto passou a ser discutido no Conselho Universitário. Foram vários dias de discussão, o Conselho em sessão permanente, alguns Conselheiros querendo submeter os professores a concursos. Finalmente chegou-se a um denominador comum: todo o patrimônio da IPESSE seria transferido para a Universidade que, por sua vez assumiria o ativo e o passivo daquela Instituição. Os professores passariam a integrar um quadro em extinção, com todos os direitos e deveres dos demais membros do magistério, conservadas as mesmas titulações. Não poderiam,

no entanto, representar os professores nos órgãos universitários. Tempos depois, essa ressalva foi abolida.

Finalmente, a sete de novembro de 1977, foi assinado o Termo de Incorporação. Com a aprovação do Estatuto da UFPel pelo MEC, foi a incorporação definitivamente sancionada e a Faculdade de Medicina, federalizada. Estava atingida a meta a que se propôs a Sociedade de Medicina de Pelotas, ao fazer instalar em Pelotas, a faculdade, de caráter laico.

Federalizada a escola, cabia elaborar a lista sêxtupla para a escolha do diretor, já então com novo Reitor, o Prof. Ibsen Stephan; e dessa lista, foi designado para dirigir a faculdade o Prof. Cláudio Borba Gomes, que assumiu em 10 de junho de 1978.

Em junho de 1981, foi firmado novo convênio com a Sociedade Portuguesa de Beneficência, aumentando o número de leitos para 117 e criando-se o Pronto Socorro. Ao mesmo tempo foi criada a Fundação de Apoio Universitário (FAU) que assumiu a administração financeira do Hospital Escola, através de convênios firmados com a UFPel e com o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS).

A criação da FAU foi uma necessidade, tanto para a contratação de pessoal, como para a agilização das ações gerenciais. Anteriormente fora criado o Curso de Enfermagem, com a inclusão, no regimento, de um departamento de Enfermagem. No entanto, os compromissos com o ensino não permitiam ao departamento assumir a parte assistencial do hospital.

A situação financeira da Sociedade Portuguesa de Beneficência, cada vez mais angustiante, levou a sua direção a fazer exigências crescentes, além do fato de que, funcionários em férias ou demissionários, de responsabilidade daquela Instituição, não eram substituídos. Material também da responsabilidade do hospital era dificilmente fornecido, quando necessário. A situação tornou-se insuportável, com exigências tais como: cobrança da lavagem de roupa, a preços de mercado; cobrança, além das diárias, da refeição dos pacientes; exames radiológicos, não pelos preços do INAMPS, mas pela tabela da AMB etc.

Tudo isso levou a Universidade a firmar convênio em melhores condições com a Santa Casa de Misericórdia, que cedeu um pavilhão anexo ao hospital, bem como as dependências do Pronto-Socorro.

As atividades de extensão, com atendimento à comunidade, foram, desde o início da faculdade, uma preocupação constante. Ainda no segundo ano do curso, tentamos, sem resultado, obter auxílio do Ministério da Saúde para instalar uma unidade sanitária onde seriam exercidas ações de saúde preventiva e curativa. A Medicina Social era alvo especial de nossas atenções, tanto que, em uma das versões do regimento, cabia ao Departamento de Medicina Social a administração dos ambulatórios. Por isso, ficamos felizes quando o reverendo da Igreja Luterana procurou-nos pedindo assessoramento para a construção de um prédio que, além

da casa paroquial, abrigaria ambulatório para atendimento. O prédio foi construído à rua Voluntários da Pátria e lá funcionaram, durante anos, a Medicina Social e parte da Pediatria. Posteriormente, a mesma instituição construiu magnífico prédio na Vila Municipal onde vem funcionando parte da Medicina Social, prédio a que carinhosamente chamam de Palácio da Saúde.

No bairro Areal, o departamento começou dando atendimento em uma velha Kombi, transferindo-se depois para um prédio com mínimas condições de trabalho e hoje ocupa outro prédio de melhores condições, ainda que não as ideais, na Avenida Domingos de Almeida.

Dentro do mesmo espírito de atendimento à comunidade, nos preocupava a inexistência em Pelotas, na época, de unidade cardiológica e bomba de cobalto.

Projetamos instalar tais serviços no conjunto ambulatorial em construção. Chegamos a adquirir parte significativa do equipamento cardiológico. Os osciloscópios foram depois utilizados no Pronto-Socorro.

Conseguimos instalar, e vem funcionando, o serviço de Radioterapia. A bomba de cobalto foi adquirida pela IPESSE para pagamento parcelado. Incorporada à faculdade, coube à UFPel efetuar os pagamentos subsequentes. Para instalação da bomba, conseguimos do Governador Sinval Guazzelli, a quantia de 250.000.00 cruzeiros.

O problema do hospital próprio mereceu a nossa atenção desde o início do funcionamento da Faculdade. Ainda em 1963, contratamos firma especializada do Rio de Janeiro – Valdetaro e Nadalluti para execução do projeto. Foi completada a planta baixa. Faltaram recursos para o detalhamento. Na gestão do Prof. Cláudio Borba Gomes, foram pleiteados recursos do MEC, sem resultado. Continuou o pleito na gestão do Prof. Antônio César Borges e, ao que parece, agora há uma possível solução satisfatória.

Não pretendemos ter esgotado tudo o que se poderia relatar da evolução da Faculdade de Medicina nesse longo período. Ficamos por aqui. Agradecemos aos organizadores deste encontro a gentileza do convite, dando-nos a satisfação de rever amigos e à própria Faculdade, à qual dedicamos com muito amor e muito trabalho mais de 30 anos de nossa vida.

**Naum Keiserman**

## CARTAS À LEIGA

## CARTA NÚMERO 1

Com imensa satisfação cumprimento a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas pelo seu 60º aniversário, cumprimento ainda os professores, servidores, colegas graduados e estudantes, também a Universidade que acolheu esta unidade.

Quando ingressei na faculdade no ano de 1976 ela pertencia a Fundação Pró-ensino Superior no Sul do Estado (IPESSE) e era privada, mas com muito orgulho pela perspectiva de me tornar médico em uma faculdade em Pelotas.

Cursei os três primeiros anos, e no ano seguinte (1978) o curso foi agregado à UFPel, onde passei a estudar também em outras unidades da Universidade como no campus onde já funcionavam outros departamentos e faculdades.

Utilizamos como estágios em aulas práticas o hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência e o Hospital Espírita, além dos ambulatórios da faculdade no Fragata.

Graduei-me no ano de 1981 e em 1982 passei a cursar a Residência Médica em Obstetrícia e Ginecologia da UFPel. Concluí o curso em 1984 (3 anos), em agosto de 1982 fui aprovado como médico socorrista do Pronto Socorro da Universidade na Beneficência Portuguesa. No ano de 1987, o Hospital Escola da UFPel passou a ocupar as instalações da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas onde passei a exercer preceptoria de Médicos Residentes e Acadêmicos, então como contratado da Fundação de Apoio Universitário.

No ano de 1994, prestei concurso público para técnico-administrativo médico especialista em Ginecologia e Obstetrícia na UFPel, exercendo a especialidade no Hospital Escola onde se atendia emergências, partos e cirurgias de urgência e eletrivas, com preceptoria aos acadêmicos e residentes. Atuei no Hospital Escola até 2017 quando me aposentei do serviço público.

Nos anos de 1998 a 2000, exercei o cargo de Diretor-Presidente da Fundação de Apoio Universitário, no ano de 2000, cursei em função do cargo Pós-Graduação em Gestão Empresarial na FURG, no ano de 2015 voltei ao cargo até 2017 com a aposentadoria.

Nos anos de 2007 e 2008, cursei Mestrado em Saúde Pública Baseado em Evidências (mestrado profissional) no Centro de Pesquisas Epidemiológicas da UFPel.

Com este breve relato, tento mostrar minha profunda ligação com a Faculdade de Medicina que muito me fez feliz, me realizei como profissional, fiz uma formação sólida e continuada o que muito me orgulha e engrandece como ser humano.

### **Afrânio Alberto Tavares Krüger**

Médico especialista em ginecologia e obstetrícia  
Mestre em saúde pública baseado em evidências

## CARTA NÚMERO 2

Minha querida Leiga, entre tantas recordações que trago na memória e no coração, vou relatar aqui alguns fatos que vivenciei durante a graduação e gostaria de deixar registrados, pois tiveram algum impacto para os que nos sucederam!

### A PRIMEIRA INTERMED

Certo dia, quando já era professora da FaMed (atualmente estou aposentada), vi um grupo de alunos em preparativos para participar de uma das edições da Intermed, os torneios que ocorrem entre alunos das diversas Faculdades de Medicina. Perguntei a eles se sabiam onde e quando havia ocorrido a primeira Intermed. Não sabiam! Surpreenderam-se quando lhes contei que aconteceu em Pelotas, por iniciativa do nosso diretório acadêmico (DANK), em 1974. A organização envolveu os alunos da Leiga, além de professores e entidades apoiadoras. Vieram colegas de várias partes do país. Os jogos, a circulação dos estudantes pelos diferentes ginásios, clubes, alojamentos, boate da Leiga, movimentaram a cidade. O evento foi um sucesso! Quase 50 anos depois, quando vejo os alunos da Atlética Leiga cheios de entusiasmo e união, desejo que eles conheçam e transmitam essa história.

### O PRIMEIRO PATRONO

Quem foi aluno da Leiga até 1977 sabe que a Leiga iniciou como uma faculdade privada, “agregada” à UFPel, sendo federalizada no segundo semestre de 1977. O diretor na época era o Dr. Naum Keiserman e, segundo relatos de pessoas ligadas à administração da faculdade naquele período, ele desempenhou importante papel na concretização da nossa Faculdade de Medicina. Após a federalização ele encerraria seu mandato como diretor, vindo a assumir o Dr. Cláudio Gomes em 1978.

A ATM-79, da qual faço parte, faria a escolha dos homenageados em 1978 – na ocasião, o Prof. Darcy Abuchaim, que foi vice-diretor com Dr. Naum, conversou com a comissão de formatura, sugerindo que a turma fizesse uma homenagem ao Dr. Naum, como reconhecimento por seu papel significativo para nossa faculdade, quem sabe elegendo-o paraninfo. Naturalmente, a ideia de escolhê-lo como paraninfo foi logo refutada, não havia uma ligação afetiva entre a turma e ele, era inclusive pouco simpático, rígido na cobrança das mensalidades atrasadas etc.

Naquele tempo, as homenagens de praxe eram Paraninfo, Homenagens de Honra e Especial, mais 10 Professores e um Funcionário Homenageados. Não abríamos mão de conceder essas homenagens aos professores eleitos pela turma. A ideia de homenagear Dr. Naum parecia apropriada, só não sabíamos como. Até que uma colega (se não me falha a memória, foi a Nina (Ana Carolina Ferreira), sugeriu “e se ele fosse Patrono?” – outros cursos, como o Direito, já tinham o costume de eleger patronos, mas para nós da Leiga isso era uma novidade. A eleição dos homenageados ocorreu como de costume, exceto para o patrono, que foi proposta na forma de plebiscito

“Naum Patrono: sim ou não” – se o “não” vencesse, continuariamos sem um patrono, mas o “sim” foi vencedor e tivemos, assim, nosso primeiro Patrono, inaugurando uma tradição que se estabeleceu para todas as turmas que se seguiram.

A ideia de imprimir nossos convites em radiografias foi anterior à decisão do patrono, mas caiu como uma luva, já que o patrono era radiologista.

Interessante foi constatar a total surpresa e imensa alegria dele quando a turma chegou na sua casa gritando e cantando o refrão “na três... na dois... Naum!” – demorou para entender o que estava acontecendo. Fora de seu papel como diretor, mostrou-se muito afetivo com a turma e super animado nas festas! Ofereceu uma super festa no salão da Sociedade Israelita, ao estilo discoteca (era época de “Dancing Days”), onde dançou e se divertiu muito com a turma!

## CONVÊNIO PARA ESTÁGIOS NO HOSPITAL CONCEIÇÃO

Na década de 70, o último ano do curso (6º) era dedicado à realização do estágio prático dos “doutorandos”, com rodízio pelas áreas básicas de clínica médica, pediatria, cirurgia, ginecologia e obstetrícia, além de estágio optativo em área de preferência do aluno e um período no Projeto Rondon. Em anos mais recentes, o período de estágio aumentou, inicialmente para um ano e meio e, atualmente realiza-se nos dois últimos anos do curso (5º e 6º).

Naquela época, além da possibilidade de realização dos estágios em Pelotas, a Leiga oferecia opções para estágios fora, através de convênios com outros serviços



Convite da ATM 1979, impresso em uma chapa de raio-x de crânio.

Fonte: Acervo Pessoal da Dra. Beatriz Franck Tavares.

de saúde. Em Porto Alegre: um ano no Hospital Ernesto Dornelles (rodízio em todas as áreas) já era uma tradição para os alunos da Leiga; outras opções eram dois meses em clínica médica na Santa Casa; dois meses em cirurgia no Hospital Petrópolis. Em São Paulo: dois meses em Pediatria no Hospital Infantil Darcy Vargas. No Mato Grosso: um mês no Projeto Rondon. Havia um limite de vagas em cada local, tendo preferência para a escolha os alunos com melhor desempenho acadêmico.

Na ATM-79, havia um grupo de alunos que desejavam muito fazer estágio no Hospital Conceição, em Porto Alegre, porém a Leiga não possuía convênio para envio de doutorandos para esse hospital. Sem desistir da ideia, dois colegas da turma (Fernando Rotunno e Carlos Alberto Hoeltgebaum) decidiram ir a Porto Alegre, mantiveram contato com a direção do Hospital Conceição, para averiguar a possibilidade de fazer estágio lá, e receberam a informação de que o hospital poderia abrir 15 vagas para doutorandos da Leiga, caso a direção da faculdade tivesse interesse em estabelecer um convênio. De volta a Pelotas, gestionaram com a direção para que fosse efetivado o tão desejado convênio. E conseguiram! Assim, fiz parte dos primeiros 15 alunos da Leiga que, rompendo a tradição de estagiari no Ernesto, optaram por passar seu ano como doutorandos no Hospital Conceição, um ano de muito aprendizado e crescimento acadêmico. Ampliamos, assim, as opções de estágio para os alunos das turmas vindouras.

Obrigada, Leiga, por fazeres parte da minha vida!

**Beatriz Franck Tavares**

### CARTA NÚMERO 3

Querida Leiga, fazes parte da minha história de vida! Em 1974, aos 17 anos, iniciei o curso de Medicina na turma da ATM-79. As vivências ao longo da graduação foram intensas, amizades que ficaram para a vida, professores que marcaram profundamente, privilégio de receber uma formação médica que sempre enfatizou a importância da relação médico-paciente.

Um colega – Carlos Augusto Tavares – que se tornou namorado, noivo, marido há 42 anos! Depois da formatura, residência médica em Porto Alegre (Hospital Conceição), retornamos a Pelotas e nossa história nunca mais deixou de estar entrelaçada contigo. Médicos concursados para integrar a primeira equipe do Pronto Socorro da FAU, vinculado ao Hospital Escola, que funcionava na Beneficência Portuguesa, local de estágio dos alunos que nos acompanhavam nos plantões.

Depois de uns anos, faço pausa, mudo os rumos, retorno à residência médica, três anos de Psiquiatria na UFPel. Novo concurso e retorno à Leiga como Psiquiatra do Departamento de Saúde Mental (DSM). Seguem-se mestrado e doutorado em Epidemiologia/UFPel. Mais um concurso e me torno docente no DSM – oportunidade para exercer novas funções, Chefia de Departamento, Coordenação da

Residência de Psiquiatria, Coordenação da Coreme, envolvimento direto na criação e coordenação do Curso de Psicologia, tantas outras atividades!

Meu marido, concursado como médico clínico, atuando no Hospital Escola, teve oportunidade de exercer Chefia do Pronto Socorro, Direção Técnica e Direção Geral do Hospital Escola. Assim passaram-se os anos, dirigindo-nos diariamente às tuas dependências, quase um segundo lar, uma segunda família, sempre fazendo nosso melhor em retribuição ao que recebemos de ti. Recentemente nos aposentamos, saímos da Leiga, mas a Leiga jamais sairá de nós!

Parabéns, querida Leiga!

Orgulho de fazer parte destes 60 anos de história!

**Beatriz Franck Tavares**  
**& Carlos Augusto da Cunha Tavares**

Deixo aqui uma lembrança das peculiaridades da nossa colação de grau.

### **SEM ENERGIA ELÉTRICA**

A formatura da ATM-79 estava marcada para 08/12/1979. Como não existiam empresas especializadas na organização, tudo ficava ao encargo da comissão de formatura. Naquela época, todos os eventos ocorriam no mesmo dia: ato ecumênico na Catedral, às 10h30min; colação de grau no Teatro Guarany, às 20h30min; baile de formatura no Clube Comercial, às 24h. De manhã tudo transcorreu normalmente, mas, no meio da tarde, um súbito temporal de verão ocorreu, com consequente falta de energia elétrica em toda cidade. A chuva passou, o sol voltou, mas a energia custava a retornar. Aproximava-se o horário da colação de grau e nada! Numa época sem internet, sem celular, as informações custavam a chegar. Formandos em expectativa no saguão do teatro, comissão de formatura tentando obter informações, familiares em compasso de espera... até que a notícia indesejada chegou: a energia não retornaria naquele dia. Para grande frustração de todos, só restava suspender a solenidade, adiando para o dia seguinte – tudo precisava ser transferido! A floricultura recolheu os arranjos florais para câmaras frias, pois com o calor, as flores murchariam até a noite seguinte. O teatro, que também funcionava como cinema, pagaria multa por suspender as sessões de domingo. O responsável pelo som, da rádio Guaíba de Porto Alegre, precisava retornar por compromissos profissionais – por fim, deixou seu filho em Pelotas para operar o som no outro dia. Para transferir o baile, além da concordância do clube, era necessário disponibilidade da banda musical contratada, que já tinha compromisso para o dia seguinte e teria multa pela quebra de contrato. Por fim, com uma coleta extra de verba entre a turma, mais colaboração do paraninfo e outros professores, conseguimos reorganizar toda solenidade para o domingo. Muitos familiares de colegas de fora de Pelotas, que vieram

em ônibus fretados para um bate-volta, tiveram que retornar naquela noite mesmo para suas cidades de origem. Mesmo sem ter havido a colação, as recepções individuais dos alunos precisaram ocorrer à luz de velas e lampiões, pois com o calor e sem refrigeração, os alimentos acabariam estragados.

Mal sabíamos que a saga não havia terminado! No dia seguinte, continuávamos sem energia elétrica e a informação era de que não havia previsão de retorno para os próximos dias, em função da queda de uma torre na usina de Candiota, que abastecia Pelotas e região. Desânimo total. Mobilizados para achar uma solução, conseguimos dois geradores: um do exército (o pai da formanda Wanessa Poeta era coronel) e outro da empresa Lerípia. O combustível foi fornecido pelo pai da formanda Ana Carolina Ferreira, que era proprietário de postos de combustível. Soldados do exército auxiliaram na instalação dos geradores sobre caminhões estacionados na frente do Teatro Guarany, depois deslocados para a frente do Clube Comercial. Para economia do combustível, até o momento de iniciar a solenidade, apenas uma iluminação de campanha (um fio com algumas lâmpadas esparsas) possibilitava que as pessoas encontrassem seus lugares na penumbra. Os formandos aguardavam na penumbra do foyer, onde os fotógrafos se guiavam pelas vozes e sombras para “mirar” suas máquinas e fazer fotos (só quando o flash explodia eles conseguiam ver os fotografados).

A cidade toda era um breu, luz apenas em locais com gerador próprio, como hospitais, por exemplo, onde, inclusive, algumas colegas foram se arrumar. Secador de cabelos? Ferro de passar roupas? O jeito era improvisar do jeito que dava.

Mas na hora certa, as luzes do teatro se acenderam, que alegria! Apesar de pequenas oscilações durante a solenidade, se mantiveram acesas até o final da cerimônia. A data oficial da colação ficou sendo 09/12/1979 (um dia depois da data prevista). Mais tarde, o Clube também iluminou-se e o baile foi realizado com muita animação, para compensar toda angústia, cansaço, empenho em superar cada obstáculo e tornar realidade aquilo que planejávamos há tanto tempo!

E a cidade ficou a semana inteira sem energia elétrica!

## CARTA NÚMERO 4

“Todos esses que aí estão  
Atravancando meu caminho,  
Eles passarão...  
Eu passarinho!”

Mário Quintana (1973)

A primeira lembrança de que tenho da Leiga é do *bullying* que sofri por parte de um professor de semiologia que disse que, caso eu seguisse utilizando meu cabe-

lo comprido, eu não seria aprovado na disciplina. Podia ter me deprimido, abandonado a faculdade ou enfrentado aquele médico amargurado, mas na época fiz o mais fácil: cortei o cabelo! Lembro com detalhes daquele professor que usava um bigode de gosto duvidoso, sadicamente sorrindo ao ver que o aluno havia se curvado e aceitado sua imposição. Certamente hoje tomaria outra conduta e compraria essa briga, mas na época, com cerca de 18 anos, não tinha maturidade para enfrentar um docente não muito decente.

Esse professor foi um exemplo do tipo de pensamento que eu não queria ter e do tipo de médico que eu não queria ser. Agressão dessa monta, inconcebível na atualidade, era sistematicamente repetida por um ou dois professores despreparados para o cargo que exerciam. Felizmente, a Leiga tinha dezenas de professores extremamente bem-preparados em termos de conhecimento e humanização que faziam com que os ruins fossem casos raros, mas ainda capazes de produzir um alto impacto emocional a ponto de serem inesquecíveis.

O tempo passou, me formei, fiz 5 anos de especialização, doutorado, milhares de cirurgias e dezenas de produções científicas. Fui aprovado para exercer a docência na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Tento ser um professor e um exemplo de pessoa melhor para os meus alunos e combater qualquer tipo de *bullying*, afinal, não é porque eu aprendi apanhando que devo ensinar batendo.

Sou cirurgião plástico, na Leiga não tive aula alguma de cirurgia plástica, será que minha faculdade valeu a pena?

Quando lembro do meu aprendizado no ensino médio, sempre me pergunto a razão pela qual tive que decorar a fórmula de *Bhaskara* e a utilizá-la em tantos exercícios, visto que nunca mais a utilizei em minha vida. Foram tantas provas na escola cobrando a utilização deste método resolutivo de equações que nunca fora novamente empregado em minha faculdade, vida profissional ou pessoal. Óbvio, o ensino médio tem como objetivo fornecer uma formação básica para o exercício da cidadania e entregar conhecimento preparatório para o trabalho e estudo complementar. Posso dizer que provas incluindo a fórmula de *Bhaskara* foram fonte de um *stress* desnecessário em minha formação, pois escolhi uma área de trabalho onde ela não é aplicada.

E na Leiga, me deparei com muitas fórmulas de *Bhaskara*? Ia dizer que não, mas lembrei do ciclo de Krebs no início da faculdade que eu penso ter decorado antes de uma prova e que no dia seguinte já não mais me lembrava. Felizmente, são poucas lembranças como esta guardadas em minha memória.

A estrutura curricular da Leiga na década de 90 era extraordinária. O contato com a psicologia médica desde o semestre inicial foi um diferencial muito positivo na minha formação e me deu uma base muito sólida para atender meus pacientes. Igualmente, o forte estudo de epidemiologia e bioestatística que a Leiga me proporcionou auxilia muito a entender as probabilidades de sucesso e os riscos

em todas as cirurgias que faço, bem como a entender e criar novas evidências científicas em minha área.

Respondendo à questão: Sim, a Leiga me deu a base para construir meus sonhos através da medicina, e nesta faculdade aprendi que nenhum sistema é perfeito, mas que mesmo com um pouco de joio podemos fazer uma bela colheita de trigo.

**Denis Souto Valente**

## CARTA NÚMERO 5

### **Jubileu de ouro da primeira turma (Sessão solene na Faculdade de Medicina da UFPel)**

Estamos todos muito felizes por nos encontrarmos novamente neste prédio que foi o berço dos nossos primeiros aprendizados da profissão que, passados cinquenta anos, com orgulho e dedicação ainda exercemos, mantendo na integridade os princípios éticos, morais e de responsabilidade com os pacientes e seus familiares que nos foram passados pelos professores que aqui tivemos e dos quais nunca nos esquecemos, pois ocupam em nossos corações o reservado e valorizado espaço da gratidão.

Não obstante, este prédio não foi apenas o berço dos nossos primeiros conhecimentos da arte de curar, ele também propiciou o encontro de jovens vindos de diferentes lugares que aqui chegaram no longínquo ano de 1963 para dar início a uma jornada de incertezas geradas por um curso de medicina que com eles iniciava, constituindo a primeira turma a se formar nesta faculdade que, ao longo desse percurso, tornou-se uma das mais importantes e reconhecidas do estado.

Quem sabe, exatamente por essa particular condição, este prédio ainda testemunhou a formação de uma genuína e sólida amizade que, indiferente à passagem do tempo e às inevitáveis vicissitudes da vida, mantém-se até os dias atuais com a mesma alegria e a mesma intensidade.

É por conta dessa amizade que, como em muitas outras vezes, com genuíno entusiasmo nos organizamos para comemorar os anos em que, estudando, nos divertindo e nos ajudando, fomos acolhidos por esta linda e hospitaleira cidade e sua generosa gente.

Pensamos não configurar um exagero sustentar neste emblemático encontro da turma que formamos um grande grupo de irmãos cujas diferenças sempre foram respeitadas, superadas e valorizadas.

Não obstante, nessa trajetória que hoje festejamos, quis o destino que, algumas vezes, tivéssemos que enfrentar o duro golpe de perder um colega.

É com muita tristeza que fazemos este registro, que tem como meta compartilhar

nosso profundo pesar de não podermos ter conosco neste momento os queridos colegas que, apesar dos esforços, não conseguiram chegar até aqui, mas continuamos todos juntos e vamos estar todos juntos até o derradeiro dia em que a morte abraçar o último integrante da turma, pois a lembrança e a saudade, quando verdadeiras, nunca morrem.

Prezados senhores e prezadas senhoras: cometeríamos uma inaceitável falta se, nesta histórica solenidade, deixássemos de reconhecer o legado dessa faculdade à sua primeira turma, representado pelo que poderíamos chamar de a “essência do exercício da medicina” que, ao longo dos 50 anos que desde então se passaram, lamentavelmente foi se apagando com o avanço da tecnologia, tornando-se, hoje, algo raro, quase inexistente no atendimento dos pacientes.

Contudo, desde os tempos de Hipócrates, sentado com seus discípulos à sombra de um plátano na ilha de Cós, foi ensinado que o mais importante, o essencial no exercício da medicina é a pessoa do médico, mesmo quando dispõe, como atualmente dispõe, de sofisticados métodos de diagnóstico e tratamento.

Se pudéssemos trazer a história de volta, Diógenes, com sua lamparina acesa, diante dessa realidade, questionado sobre o seu propósito, quem sabe responder desse “Procuro um médico”.

Nisso porque, na verdade, o que Diógenes procurava era um homem que conhecesse a essência da vida.

O médico que procuramos quando adoecemos é que conheça a essência da sua prática, com muito, pouco ou, em situações extremas, nenhum recurso tecnológico, tendo presente que, muitas vezes, quando todos os recursos tecnológicos fracassam o que resta ao paciente, até o seu último suspiro, é a presença do médico no seu lado, minimizando o sentimento de abandono que a proximidade da morte impõe ao indivíduo.

Nenhum remédio é mais importante ao paciente do que a percepção do legítimo interesse do médico.

Nada enche mais de esperança um doente do que ouvir do seu médico “Eu estou contigo, conta comigo, estamos juntos”.

Daquele que se tornou, com todos os méritos, paraninfo da primeira turma, Dr. Naum Keiserman, então diretor, primeiro diretor desta faculdade, muitas e muitas vezes cobramos mais recursos, ainda sem saber que, o mais importante na formação de um médico, estávamos recebendo dele e dos dedicados professores que arregimentou para nos ensinar.

Por conta disso, queremos reprimir o reconhecimento que, através das nossas palavras, a turma demonstrou ao Dr. Naum Keiserman na bonita homenagem que esta faculdade, então dirigida pelo Prof. José Aparecido Granzotto, ao completar 40 anos, em 2008 lhe prestou: “Na verdade, são as dificuldades que preparam pessoas comuns para destinos extraordinários”.

Assim como ao Dr. Naum, gostaríamos de agradecer a todos os professores que tivemos nesta faculdade, os quais, com os seus ensinamentos e com os seus exemplos, nos tornaram médicos, destacando aqueles que foram os nossos homenageados: Drs. Amílcar Gigante, Abram Scaletsky, Breno Antônio Nunes, Darcy Abuchaim, Dyrio Gorgot, José Amaral Braga Filho e Salvador Porres Ferreira

Nossas últimas palavras são para dizer que, passados 50 anos da nossa formatura no Teatro Guarany, na noite de 13 de dezembro de 1968, mais uma vez tivemos o orgulho de falar em nome da turma, agradecendo do fundo coração ao Prof. Pedro Curi Hallal, reitor da Universidade Federal de Pelotas, e ao Prof. Marcelo Capilheira, diretor desta faculdade, pela honrosa e comovente homenagem que nos prestaram nesta cerimônia.

Nós não os esqueceremos!

### **Gley Silva de Pacheco Costa**

\* Discurso proferido pelo orador da primeira turma (1963-1968). O evento ocorreu em 24 de novembro de 2018, com entrega de Menção Honrosa oferecida pela Direção da Faculdade e pela Reitoria da UFPEL, de Certificado do CREMERS pelo exercício ético profissional e de placas individuais e coletiva comemorativas do cinquentenário. Na ocasião, foi lançado o livro histórico/comemorativo intitulado Sonho e Realização, organizado pela Dra. Laura Ward da Rosa.

\*\* Pós-graduado em psiquiatria e psicanálise; membro da Associação Psicanalítica Internacional; fundador, membro nato do conselho deliberativo e professor da Fundação Universitária Mário Martins; membro fundador, efetivo e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre; autor de livros de psicanálise.

## **CARTA NÚMERO 6**

### **MINHAS LEMBRANÇAS DA LEIGA**

Há trinta anos eu e meu pai chegamos à Pelotas pela primeira vez. Viemos de Porto Alegre, onde eu fazia o cursinho pré-vestibular, porém somos do norte do estado do RS, da região das missões, portanto, sem familiaridade com o sul do Rio Grande do Sul. Acredito que tenhamos entrado na cidade pelo bairro Areal, pois a imagem do Museu da Baronesa é muito vívida na minha memória daqueles dias.

Mas o motivo da nossa visita era mais sério do que uma visita a uma nova localidade: naquele final de semana, eu me submeteria ao temido “provão”, a prova eliminatória do vestibular da Universidade Federal de Pelotas. Tudo era diferente: nas outras universidades não havia provão, ainda mais no final da tarde, alegadamente por conta do calor. Essas diferenças na avaliação dos candidatos, somada ao fato de estarmos em uma cidade quente, úmida e com um sotaque bastante diverso, tornava tudo um pouco inusitado. O fato de a prova ser discursiva também tornava o vestibular da Federal de Pelotas único.

Meu pai logo simpatizou com a cidade: amante de história e antiguidades, para ele não foi difícil se encantar com a Princesa do Sul, a ponto de vaticinar: “acredito que vais voltar para cá”. Eu, um pouco ansiosa duvidei: pelas datas das provas não coincidirem com boa parte dos vestibulares do país, víamos diversos ônibus chegando com estudantes de várias partes do país, o que, confesso, minava minhas esperanças.

Mas aquele clima úmido, com um vento morno, que se assemelhava a uma monção no verão, mas que se tornava dolorosamente gélido no inverno, reincidiria na minha história em poucos meses.

No próximo setembro, a previsão de meu pai se concretizou. Mais precisamente no dia 6 de setembro de 1993 eu entava na Leiga para minha primeira aula. O prédio do Instituto de Higiene Borges de Medeiros, onde tivemos aulas de histologia e patologia, sempre exerceu um grande fascínio sobre mim, ainda mais depois que soube que era a casa da família Ritter, que tinha um lindo jardim no seu entorno. Muitas vezes me peguei imaginando quem teria plantado as palmeiras e outras árvores que muitas vezes nos sentávamos embaixo. Lembro de uma ocasião em que surgiu um jabuti, vindo por detrás onde ficava o bar da Leiga. Como são longevos, imaginei que estivesse ali desde os primeiros tempos do prédio.

Nos seis anos seguintes, passei boa parte de meus dias olhando para o prédio cinza e branco, com os parapeitos das janelas em mármore branco, o piso do *hall* com ladrilhos no padrão tabuleiro de xadrez e a escada de madeira que rangia quando subíamos para o segundo andar na biblioteca. As memórias me voltam com um odor de papel, salas fechadas e um vento gelado, que fazia com que uma professora se referisse ao prédio como mausoléu. Que heresia! Um lugar que forma tantas pessoas que ajudam e salvam tantas outras.

Havia um banco de concreto voltado para a frente do prédio, onde costumava bater sol no inverno e nos sentávamos para nos aquecer nos dias muito frios. Dali avistávamos as colunas altas, não saberia dizer se jônicas ou dóricas, mas sustentavam tantas expectativas, sonhos e conhecimento. Representam, ainda, um templo de saber na minha imaginação. Lembro de professores admirados por muitos cruzando por entre elas como se fosse um portal da sabedoria. Acredito que muitos de nós pensávamos assim.

Houve muitas festas por ali. Alguns churrascos de turma, as outrora tradicionais Festas do Décimo, onde uma certa libertinagem era tolerada e até cultuada. As aulas paravam nesse dia, que começava cedo e nunca mais terminava, pois perdíamos a noção das horas. Era um rito de passagem dentro do curso: as turmas que já tinham tido a sua Festa do Décimo já podiam considerar-se aptas. Não sei ao que, talvez aptas ao novo papel que a vida nos apresentava a partir dali: morria o estudante e nascia o doutorando, vivendo naquele limbo entre o sonho distante e a realidade bem mais próxima.

O prédio da frente, lugar do laboratório de anatomia, de longe exalava o cheiro forte de formol. Usávamos máscaras que muitas vezes não eram suficientes e nossos

olhos lacrimejavam pela irritação da substância. A sala de aula austera, escura, com carteiras pesadas de imbuia, dava um ar solene às primeiras aulas do curso. No laboratório propriamente dito, novamente encontrávamos o piso no padrão tabuleiro de xadrez. Me recordo de colegas angolanos, que amarravam lenços em lugar das máscaras nos rostos.

Mais à frente, no prédio dos ambulatórios, tínhamos nossas aulas das cadeiras mais específicas e, também, a experiência com o ambulatório. Ginecologia, clínica, pediatria... e tantas outras. Nessa construção parecia caber um mundo inteiro, com alunos, professores, pacientes, funcionários e arquivos de prontuários, um universo muito particular que só quem adentra entende. E vive intensamente.

Em 2019, nas festividades de nossos 20 anos de formados, nós de ATM 99/2 fizemos uma visita para rever nossa querida Leiga. Quando entrei duas décadas depois por aquele mesmo portão, foi como não tivesse passado nenhum dia a mais daquele em que busquei meu diploma. As árvores, os prédios de tijolos à vista, o bar, a boate, tudo se manteve como naqueles dias em que vivemos intensamente nossos sonhos. Mas ainda mais surpreendente foi a sensação de rever o portal da sabedoria entre as colunas do prédio histórico. Mesmo que estejam um pouco maltratadas pelo tempo, o sentimento de pertencimento está intacto e o orgulho ainda maior.

Minha querida Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, nossa Leiga: agradeço por teres me forjado médica e professora, e tantas outras facetas que esses papéis me permitem ser. Essa distinção torna únicos aqueles por ti formados.

Em tempo: a Festa do Décimo deveria ser declarada patrimônio imaterial da Leiga!

**Joanine Girardi Kettner**

(ATM 1999/2)

## CARTA NÚMERO 7

### **DISCIPLINA DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFPEL**

A Disciplina de Ginecologia e Obstetrícia começou a ser estruturada em 1962, quando da autorização de funcionamento da Faculdade de Medicina. Foi nomeado Professor Titular o médico Paulo Crespo Ribeiro mediante Concurso de Títulos e com aprovação pelo Conselho Federal de Educação (Parecer 394/92). De 1963 a 1974, ela fez parte do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia chefiado pelo Professor Paulo Crespo Ribeiro. Em 1974, com a formação do Departamento Materno-Infantil (DMI), passa a fazer parte deste juntamente a Disciplina de Pediatria. O Professor Paulo foi o primeiro Chefe deste Departamento.

Na época de sua criação, a Disciplina tinha suas aulas práticas no Hospital-Escola que funcionava em um setor do Hospital da Beneficência Portuguesa de Pelotas e

em Ambulatório específico que ficava em prédio localizado à rua General Osório em frente ao Hospital e denominado “Casarão”.

Com a construção de novos prédios juntos ao da Direção da Faculdade, à rua Duque de Caxias, o Ambulatório de Ginecologia e Obstetrícia transferiu-se para lá com uma estrutura bem mais adequada para o ensino e assistência. Local onde permanecem as atividades até os dias atuais, tendo passado por uma reforma no ano de 2014.

Outro marco significativo para a área Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade foi a criação da Residência Médica em Ginecologia e Obstetrícia em 1976 também pelo Professor Paulo Crespo Ribeiro, e que tem propiciado até hoje a formação de inúmeros especialistas nesta importante área da medicina. Teve sempre a participação de Professores da Disciplina juntamente a médicos técnicos-administrativos lotados no H-E e, atualmente, com o corpo médico da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares.

Foram docentes da Disciplina, lotados no DMI-FM-UFPel, os seguintes médicos: Fábio Loredano Patella, Saul Sokolovski, Maria da Conceição de Oliveira Fernandes, Jonei Domingues Cavali Pesenti, Vera Holtausen, Vera Maria Antunes Brum, Luiz Fassa, Renato Resmini Riemke, Sérgio Tessaro, Mariângela da Silveira. Atualmente o corpo docente é formado por: Celene Longo da Silva, Guilherme Lucas de Oliveira Bicca, Iândora Timm Sclovitz, José Augusto Assumpção Crespo Ribeiro, Josayres Armindo Buss Cecconi, Lara Real Loyola, Nathalia Vontobel e Tatiane Bilhalva Fogaca.

Foram técnicos-administrativos em Educação, lotados no DMI e com atuação na disciplina: Guilherme Jorge Ceccagno (médico), Eva dos Santos Silveira (auxiliar de enfermagem), Leni Rodrigues Barros (assistente em administração), Silvana Maria Hobuss (citotécnica), Elisabeth da Rosa Conill (assistente em administração), Dulce Stauffert (bioquímica). Atualmente atuam: Adriane Brod Manta (médica), Sabrina Oliveira da Costa (assistente em administração), Nilza Maria Valim Lopes e Maria Conceição Pereira Pires (auxiliar de enfermagem).

A disciplina teve, ainda, colaboração de outros profissionais, alguns temporários, mas não menos importantes, como professores de outras disciplinas, professores substitutos e funcionários contratados pela extinta Fundação de Apoio Universitário.

### **José Augusto Assumpção Crespo Ribeiro**

Professor Titular da Disciplina de Ginecologia e Obstetrícia – FM/UFPel

## **CARTA NÚMERO 8**

Entrei na Leiga em 1977 como aluno aos 17 anos, quando ainda era a Faculdade de Medicina do IPESSE (Instituto Pro-Ensino Superior do Sul do Estado) e lá permaneço até hoje, agora como professor de Otorrinolaringologia. Aliás, cadeira

ocupada por meu pai, Prof. Dr. Sydney Castagno, por 35 anos desde a fundação da Faculdade em 1963. Às vezes, tenho a sensação de termos congelado no tempo, eu e o velho prédio do “Instituto de Hygiene”, enquanto incontáveis turmas de alunos passam por nós. Lembranças são muitas. E repletas de emoções.

Os primeiros anos foram tempos de efervescência em todos os sentidos, e, para alguns nos quais me incluo, luta estudantil pelo fim da ditadura e liberdades democráticas. Recordo que certa ocasião fui participar de reunião de uma “célula subversiva”. Depois de entrar num carro, rodamos pela cidade na pretensão de despistar policiais até que chegamos numa casa. Lá encontrei oito pessoas, duas delas falavam espanhol, e outro que era um político conhecido. Muita conversa noite adentro. E, pelas tantas, um debate sobre rock e o guitarrista Carlos Santana, que me surpreendeu: eu estava lá para lutar contra a ditadura, e nada me importava *rock and roll*. Passaram-se os anos, a medicina foi requerendo todas minhas atenções, a militância e a paixão juvenil foi cedendo, e acabei me tornando um liberal burguês. Contudo, diversas outras situações semelhantes permanecem vivas em minha memória. Mas por que estou lembrando disso?

Aqui, entra o diferencial do ensino humanista de Medicina em nossa faculdade, com um conteúdo significativo de Psicologia Médica. Uns 25 anos depois, reencontrei o político daquela reunião, como meu paciente. Veio acabrunhado e deprimido com um extenso tumor de base de crânio com invasão da órbita; verdadeira pena capital. Escutei, examinei, analisei as imagens. Nada (ou quase) havia a fazer. Lembrei da reunião “subversiva” do meu início da faculdade e contei ao meu paciente. Seus olhos imediatamente brilharam e a face mudou de expressão. De repente não era um homem terminal, e sim era novamente um jovem com ideais, projetos e futuro. A consulta se estendeu. Foi emocionante. Até que ele saiu da sala animado com o punho fechado, alegre, dizendo “vamos à luta, companheiro!”. O atendi novamente mais algumas vezes e ele faleceu pouco depois. Até hoje me comovo quando lembro. Naquele dia em que a cura não existia, quase nada podia ser feito e a morte era uma certeza, foi quando mais me senti Médico (com maiúscula mesmo). Parafraseando Churchill, não tenho dúvidas, aquela foi minha “finest hour”. Por isso digo aos alunos, em Medicina tentamos dominar todo conhecimento e técnicas, mas devemos jamais esquecer a humanidade dos nossos pacientes. E tampouco a nossa. Isso pode fazer toda a diferença.

Desde a fundação em 1963, pelos grandes esforços do Dr. Naum Keiserman e um grupo de médicos abnegados e desprendidos, a Leiga era uma faculdade privada já com um bom conceito e atraiendo colegas dos estados do sul e sudeste do país, e alguns países latino-americanos. Aliás, o termo “leiga” era simplesmente para contrapor a outra escola de medicina fundada na mesma ocasião pela Igreja Católica em Pelotas. A faculdade era quase totalmente custeada por pesadas mensalidades pagas pelos alunos, alguns com muitas dificuldades.

Em 1977, uma nova gestão assumiu o Diretório Acadêmico DANK, presidida pelo estudante do segundo ano Ricardo Nogueira, hoje psiquiatra em Porto Alegre. Junto à luta universitária por democracia e liberdade, impulsionou-se o movimento existente pela federalização, ou seja, pela incorporação da faculdade de

medicina à Universidade Federal de Pelotas. Muitas reuniões, viagens e assembleias depois o processo foi concluído nos primeiros meses de 1978, mantendo-se a estrutura acadêmica existente. E a partir de então os estudantes passaram a cursar uma universidade pública e “gratuita”. Esse, sem dúvida, foi um dos momentos mais importantes na consolidação da Leiga, que então tinha apenas 15 anos. Graduamos, meus colegas e eu, em dezembro de 1982; uma turma de quase 90 alunos. “A Leiga mudou as nossas vidas, e nós a de milhares de outras pessoas” diz na placa comemorativa dos 30 anos de nossa ATM-82 no *hall* do prédio histórico, e nada mais verdadeiro.

Muitos ingressamos adolescentes e saímos médicos com princípios, valores e sólida formação. Recentemente, nos reunimos para comemorar 40 anos de Medicina e é muito gratificante descobrir que todos fazem diferença na vida de seus pacientes e comunidades. A Faculdade de Medicina tem mesmo um enorme papel transformador. Nessas mais de quatro décadas que estou aqui acompanhei mudanças na Medicina, no ensino e em nossos alunos. Algumas muito significativas. Meu pai formou-se na Faculdade de Medicina de UFRGS em 1957, e tinha 4% de médicas e nenhum negro em sua turma. Eu, 25 anos depois, tive 30% de colegas médicas e apenas 2% do que agora chamamos afrodescendentes. Atualmente, entretanto vejo, com grande satisfação, turmas com 70% de mulheres e 25% de afrodescendentes. Muito pode ser dito a favor ou contra a política de cotas, mas inegável seu papel na transformação de nossos alunos. Alunos esses que, quando médicos, também terão um grande impacto transformador em suas famílias e comunidades.

Hoje alunos têm aulas em *datashow*, livros em pdf., acesso à internet, acompanham aulas presenciais com iPads ou notebooks, ou ainda aulas on-line gravadas. Compartilham textos e imagens, e pesquisas instantâneas em seus telefones celulares a qualquer instante. Nós tínhamos aulas com quadro negro e giz, projetor de slides e retroprojetor, e provas mimeografadas cheirando a álcool (alguém ainda sabe o que é um mimeógrafo). Estudávamos em apostilhas, fotocópias (da falida Xerox), e livros de medicina em espanhol da Organização Pan-Americana da Saúde (os livros em português eram poucos e caros); esses livros tinham raras figuras coloridas, e muito texto. Nossos professores e alguns colegas fumavam (e muito) em sala de aula; imaginem só isso numa Faculdade de Medicina! Vi um de nossos professores orientando um paciente com bronquite crônica de que deveria parar de fumar, enquanto ele próprio tinha uma carteira no bolso e um cigarro nos dedos. Sem dúvida, todos têm suas peculiaridades. Agora, quando celebramos os 60 anos da Leiga, enfatizamos o conjunto do que foi feito e o tanto que modificou nossas vidas ao nos levar de adolescentes a médicos.

A faculdade não teria existido sem a obstinação do Dr. Naum Keberman; talvez não tivéssemos aprendido tanta anatomia sem a rigidez do Dr. Leo Zilberknop, nem tanta Psicologia sem as grosserias do Dr. Darcy Abuchaim, entre muitos outros de nossos antigos professores. Foram anos intensos que fez o que somos agora, a vida que levamos, e os muitos milhares de pacientes que ajudamos. Muito acima de qualquer ressentimento que eventualmente existisse, sou eternamente grato e reconheço o valor de todos eles. Foram homens e mulheres de seu tempo

e fizeram muito. Tive a honra de ser escolhido por meus colegas orador na cerimônia de graduação. Emocionante reler agora, 40 anos depois, nosso discurso de formatura, escrito em grupo e datilografado em máquina de escrever, numa época em que não existiam computadores e impressoras.

Ainda assim, muito reconfortante ver que, mesmo em tempos de ditadura e Guerra Fria, já defendíamos o compromisso com nossos pacientes, com a saúde pública, com a democracia e a liberdade, e distância dos extremos. Muita coisa mudou mesmo nessas décadas, mas esses valores continuam nossos fundamentos essenciais de toda a vida.

E o que também não mudou, nem mudará, é a paixão de todos pela Medicina e pela nossa Leiga. Que venham os próximos 60 anos!

**Professor Lucio Castagno**

Professor de Otorrinolaringologia  
FAMED/UFPel

## CARTA NÚMERO 9

Em março de 1993, cheguei à Faculdade de Medicina da UFPEL. Não posso esquecer que o meu primeiro contato foi com o colega Márcio Diniz Borges, sentei-me ao lado dele em um ônibus da empresa Bürkle que fazia o trajeto até o campus da UFPEL. Iniciava ali a minha jornada na Leiga, no segundo ano da faculdade, pois antes de lá chegar, havia passado em julho de 1991 pela Faculdade de Medicina da UCPEL e após, em março de 1992 pela Faculdade de Medicina da FURG. Mas que “salada” foi esta? Deixem-me esclarecer.

Em julho de 1991, fui aprovado no vestibular de inverno da UCPEL, uma novidade na época; pela primeira vez, no sul do país, havia um vestibular de acesso à Medicina no meio do ano. Concorri, fui aprovado, mas não era possível para um filho de funcionário público aposentado e de uma professora, que faleceu precocemente quando eu tinha apenas dois anos de idade e da qual recebia uma pensão do IPERGS, sustentar-se fora de casa e, além do mais, em uma faculdade privada. Estava além das condições financeiras de meu pai, que morava em Passo Fundo - RS. Recebi auxílio financeiro de uma irmã e de meu cunhado, e fui adiante. Cursei um semestre, com muita dificuldade, e um certo dia quando estava na fila de um banco pagando contas, havia um cartaz anunciando as inscrições para o vestibular da UFPEL e da FURG. Gastei um dinheiro inesperado e passei, para compensar, alguns dias comendo no Restaurante Universitário, onde um dia tinha “mondongo” e no outro “moela”, sempre acompanhado com um ovo cozido (com casca e tudo), tradicional feijão com arroz e um copo de leite.

Fiz as duas provas, fui aprovado nas duas, porém para a Leiga apenas para a segunda turma e na FURG para início em março. O semestre cursado na UCPEL não

era compatível com o currículo da UFPEL e, portanto, teria que recomeçar do “zero” e apenas em julho de 1992. Isto foi determinante para que eu optasse pela FURG, onde o currículo era anual. Mas ficou aquela vontade de retornar à Pelotas e cursar a LEIGA. Não poderia recomeçar pela terceira vez a mesma faculdade, mas poderia tentar um novo ingresso e se fosse para a primeira turma do ano, aproveitaria o ano cursado em Rio Grande. Assim foi, fui aprovado e com as disciplinas compatíveis, iniciei a minha jornada na LEIGA.

Deixei para trás muitos amigos nestas duas faculdades que cursei anteriormente, convivo com muitos deles, e até encontrei os colegas da FURG em seu Jubileu de Prata, este ano aqui em Florianópolis. Mas foi na LEIGA que finquei profundamente as minhas raízes e cresci, como acadêmico e tornei-me médico.

A formação humanística, a relação médico-paciente, o raciocínio clínico, as oportunidades para estágios práticos, os “internatos” nos lapidaram e transformaram pedras brutas que entraram na faculdade em joias preciosas, que foram entregues para sociedade como médicos recém-formados. Apesar de todas as dificuldades estruturais encontradas ao longo de nosso caminho, fomos alcançados, por nossos MESTRES a grandes conquistas profissionais, com a nossa sólida base de formação médica. Hoje sou Ortopedista em Florianópolis, Santa Catarina, aonde cheguei em 15/12/1997, dois dias após a formatura e onde me fixei desde então. Devo isto em grande parte à LEIGA. Honro a minha escola que tão bem me preparou para exercer a boa prática médica, sem me afastar da caridade, da ciência e da Fé.

Há um diferencial nos colegas formados na LEIGA. Este sentimento comum é o que une em congraçamento, os oriundos desta faculdade que está prestes a completar os seus 60 anos. Parabéns e Vida Longa à LEIGA.

Em 13 de dezembro de 1997, nos tornamos médicos. Em 2022, alcançamos o nosso Jubileu de Prata, comemorado recentemente em Foz do Iguaçu.

Relembro, aqui, nossos homenageados da ATM Dezembro de 1997.

Cadeira Homenageada: Patologia (pudera, com o Trio de Ouro Flavio, Heitor e Izaías)

Patrono: Heitor Janke; Paraninfo: Flavio Menezes; Homenagem de Honra: Gastão Duval Neto; Homenagem de Carinho: Augusto Dourado; Homenagem de Amizade: Luiz Felipe Ustárroz; Funcionária Homenageada Eva Silveira

Professores Homenageados: Adamastor Guimarães, Alfredo Zauk, Antonio Carlos Onófrio, Enrique Saldaña, Gilberto Garcias, Hiram Laranjeira, Túlio Wenzel.

“Leiga minha Vida, Leiga Minha História, Leiga Meu AMOR.”

**Marcelo André Rocha Ostrowski**

(ATM 1997)

## CARTA NÚMERO 10

### 1ª SEMANA ACADÊMICA DE MEDICINA DA UFPEL

Realizamos a 1ª Semana Acadêmica de Medicina da UFPEL no período de 16 a 22 de outubro de 1977 que foi, na realidade, a pioneira na cidade de Pelotas, pois a UCPEL nunca havia feito evento semelhante. A ideia surgiu no Diretório Acadêmico Naum Keiserman, que na época tinha a Diretoria composta por José Anselmo Rodrigues, presidente; eu era o vice-presidente e José Milton Mirenda o tesoureiro. Como o Anselmo na época estaria no Rio de Janeiro fazendo provas para um estágio, coube a mim a organização.

Convidei alguns colegas para constituir a Comissão Organizadora; devido ao longo tempo decorrido não consigo lembrar o nome de todos, o que peço desculpas, mas o trabalho e dedicação foram inesquecíveis, faltava-nos a experiência, mas sobrava entusiasmo e iniciativa: Milton Mirenda, Heloísa Cappellari, Francisco Natorf, Alfredo Zauk, João Carlos Toralles, Lílian Gastaud Yurgel, Josué Vanius Hoewel, Paulo Halten, Luciana Gigante, Manif Curi Jorge, Licia Braga e Ricardo Halpern foram parceiros incansáveis que agradeço e lembro com muito carinho.

Tivemos a inestimável colaboração de alguns de nossos professores na elaboração temática, mesas redondas e conferências, e mais uma vez, com as falhas na memória, destaco o Dr. Darcy Abuchaim, Dr. César Borges, Dr. Kurt Kloetzel, Dr. Paulo Curi Hallal, Dr. César Victora e Dr. Flávio Meneses.

Incluímos a UCPEL no evento, convidamos professores para ministrar palestras e tivemos uma excelente adesão dos colegas da Católica que participaram com trabalhos acadêmicos se juntando aos nossos. Instituímos um concurso para os melhores trabalhos com prêmios, o que ajudou a incentivar o pessoal.

Quero destacar a palestra de abertura da SAM proferida pelo professor Amílcar Gigante. O Dr. Gigante estava cassado do seu cargo universitário pelo regime militar e o nosso convite, aceito prontamente por ele, seria o seu primeiro discurso público, o que causou uma certa preocupação em todos por alguma consequência que pudesse acarretar, mas fomos em frente. Tudo transcorreu muito bem e, no final da palestra, um Dr. Gigante em lágrimas com o auditório lotado, também muito emocionado, foi aplaudido longamente de pé. Creio ter sido o nosso ponto alto.

Prezados colegas, transcorridos 45 anos da primeira SAM e eu comemorando 42 anos de formado, tenho muita satisfação em ter contribuído com uma pequena pedra nessa edificação da nossa faculdade. Meu eterno reconhecimento e profunda gratidão a todos que colaboraram e minha saudade aos que já não estão mais entre nós.

“A idade não é a que a gente tem, mas a que a gente sente”, esta frase de Gabriel García Marques exprime o meu sentimento hoje, boas lembranças da juventude, saudades da minha Pelotas que deixei há tanto tempo, mas com muita satisfação de minha trajetória pessoal e profissional que na Leiga iniciou e a ela sou eternamente grato.

**Paulo Roberto Portela Kratz**

(ATM 1980)

## CARTA NÚMERO 11

Creio que um dos fatos mais importantes da história da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Pelotas, a nossa Leiga, foi o processo de Federalização da nossa Escola de Medicina. Como todos sabem, a nossa Leiga foi fundada em 1963, criada pelo IPESSE, Instituto Pró-Ensino Superior do Sul do Estado. Inclusive tem uma carta à Leiga, do colega Professor Lucio Castagno, onde ele descreve muito bem esse processo, quando cita a liderança do Professor Naum Keiserman que arregimentou um grupo de abnegados médicos, que se transformaram em grandes professores nossos, na maioria dos casos.

A Faculdade de Medicina Leiga era uma escola privada e isolada, que se mantinha através do pagamento das mensalidades realizadas pelos alunos. No primeiro momento, serviu como possibilidade para os moradores da cidade e região de estudarem próximo à sua localidade. Posteriormente, a escola começou a ficar conhecida pela qualidade dos seus profissionais, e iniciaram a se matricular pessoas de outras regiões do estado e, também, de outros estados, inclusive de outros países. Com isso, se deu um fenômeno no qual os alunos da nossa Leiga deixaram de ser oriundos de uma elite local, e o quadro discente passou a representar um mosaico nacional e latino-americano principalmente. Portanto, as primeiras turmas que representavam a elite pelotense e gaúcha passaram a conviver com pessoas vindas de vários locais e classes sociais.

Eis que, em 1976, metade da turma de Anatomia do primeiro ano da Faculdade ficou inadimplente e não conseguiu pagar as mensalidades da nossa faculdade. Estando inadimplentes, ficamos proibidos de fazer a matrícula para o segundo ano. Para fazermos a matrícula tínhamos que estar com as mensalidades em dia e com a comprovação das notas de aprovação. Com isso, o que ocorreu foi que o Professor Leo Zilberknop, titular da disciplina de Anatomia e vice-diretor da nossa Faculdade, emitiu somente as notas dos alunos que estavam em dia com as mensalidades. Perplexos, diante do quadro de informações da disciplina de Anatomia, em frente à sala dos cadáveres, ficamos que nem eles, inertes! Mas como não tínhamos formol para nos manter daquele jeito, resolvemos tomar uma atitude.

Procuramos o Dr. Leo e solicitamos que ele liberasse nossas notas para que pudéssemos fazer a matrícula do segundo ano da Faculdade. Dr. Leo, no seu fardamento de médico da nossa Brigada Militar, enquanto se despia do fardamento e vestia o seu jaleco, nos disse que simplesmente estava cumprindo ordens do diretor da Faculdade de Medicina, Dr. Naum.

Assim sendo, nos dirigimos para o prédio ao fundo, onde ficava sua sala e colocamos toda a situação. O Dr. Naum simplesmente nos disse: “Ninguém mandou vocês se meterem onde vocês não têm condições”!

Perplexos e inertes, como os cadáveres que nos fizeram chegar ali, retornamos para o lado deles, na sala de Anatomia, entre choros e ranger de dentes, e nos

reunimos na sala de aula. Somente nos olhávamos dentro dos olhos, marejados e congestionados, de uns aos outros, quando me levanto e digo: “Realmente, nós não temos condições de estarmos aqui, mas vamos criar estas condições”.

### Ricardo de Campos Nogueira

Médico Psiquiatra (ATM 1982)  
Mestre em Saúde da Família

### CARTA NÚMERO 12



ATM 97-1 Sala de Anatomia com os Professores Sinara e Zambonato – agosto de 1991.

Fonte: Acervo pessoal da Dra. Sabina Bandeira Aleixo.



ATM 97-1 Sala de Anatomia - Comemoração de 25 anos de Formados.

- julho de 2022.

Fonte: Acervo pessoal da Dra. Sabina Bandeira Aleixo.

## CARTA À LEIGA

A primeira foto registra um dos primeiros dias de aula da ATM 97-1 na sala de anatomia com os professores Sinara e Zambonato. Chegamos todos com muitos sonhos e expectativas em relação à Medicina. Juntos crescemos e aprendemos durante o intenso convívio nos 6 anos seguintes de faculdade. A Leiga se tornou a nossa casa. Quem não se recorda do bar da Leiga e do xerox que tinha lá, quem não fez cópia de livros e cadernos para poder estudar já que não havia internet ou smartphones. Foram dias de muito estudo, desafios, provas até chegar, finalmente, o décimo ano. A famosa festa do décimo encerrava um ciclo e anunciaava a última etapa da faculdade. A festa que era tradicionalmente feita lá no bar da Leiga com professores e alunos. Uma mistura de sentimentos se iniciava como alegria, ansiedade e preocupação, pois estávamos partindo para o internato. E a partir daí, a turma já se via menos, uns iam para Porto Alegre outros ficavam em Pelotas. Eu fiquei no grupo que foi para Porto Alegre, portanto fiquei longe da Leiga por um período de 1 ano. E só depois, na formatura, ocorreu o reencontro, mas já com gosto de despedida, pois muitos já não se encontrariam nunca mais.

Agradeço à Leiga por ter me proporcionado anos inesquecíveis da minha vida; professores com os quais aprendi muito e amizades que mantenho até hoje.

A segunda foto foi na nossa comemoração de 25 anos de formados em julho de 2022, onde retornamos a nossa querida Leiga para uma linda aula da saudade com nosso querido professor Zambonato; foi um dia para ficar na memória dos presentes. Gratidão, querida LEIGA!

### Sabina Bandeira Aleixo

Aluna da Leiga da ATM 97-1

Ingresso: julho de 1991 Formatura: julho de 1997

Residência em Clínica Médica pelo Hospital Conceição de Porto Alegre

Residência em Oncologia Clínica pelo Hospital das Clínicas de Porto Alegre

CRM/RS 22990

## CARTA NÚMERO 13

Durante o início de minha jornada na UFPel atuei na área da saúde. Por quase uma década transitei entre o Pronto Socorro (então no prédio da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas), as contas médicas do HE, o Ambulatório da Faculdade de Medicina e, com especial carinho e boas recordações, no Centro Regional de Oncologia (CRO), também na FAMED.

Lá aprendi algumas lições e conheci profissionais diferenciados, atuando em uma área sensível e, não raras vezes, extenuante. O trabalho com seres humanos em vulnerabilidade física e emocional extrema, no tratamento radioterápico, pode levar profissionais a níveis quase insuportáveis de estresse. Ver a finitude da vida e sua fragilidade não é para qualquer um. Pelo menos não é para quem não tem um preparo e uma acolhida humanizada.

Ao ler as páginas anteriores da obra de Lorena Almeida Gill percebi que uma das características da formação médica da UFPel é o enfoque no paciente e a tentativa de humanização da relação entre médicos (aqueles com o poder e a responsabilidade do conhecimento) e seus pacientes (em uma posição vulnerável perante a vida e a relação que se estabelece entre eles e os profissionais de saúde).

Vivenciei muitas situações ruins e boas nesses anos em que estive atuando na parte administrativa dos setores de saúde em que trabalhei. Vi mãe internada durante meses para evitar um aborto provável em função de sua condição de saúde (e quase duas décadas depois encontrei a mesma mãe e a filha, agora estudante da UFPel, o que demonstra que o “sacrifício” daquela mulher rendeu um belo fruto). Vi mortes estúpidas em momentos de festa familiar. Vi a dor de toda equipe profissional do PS cada vez que uma criança morria, em que pese os esforços hercúleos para preservar-lhe a vida.

Mas na radioterapia aprendi que, em que pese toda perda humana ser doída e lamentável, o trabalho que fazíamos era recompensado por aqueles que conseguíamos ajudar a vencer a doença (ou ao menos ter mais alguns anos confortáveis de vida). Foi assim que fui recebido no CRO, pelo médico Dionísio Becker e pelo físico-médico Altair Faes (ambos aposentados, atualmente).

Lembro-me que, na minha primeira conversa com Altair, entre orientações técnicas, apresentação da equipe e dos espaços, em algum momento ele me disse algo como “não importa se tens alguma crença, se tens religião ou mesmo acreditas em Deus! Aqui, se um paciente te perguntar se uma oração ajuda na recuperação dele, tua resposta é sempre sim! Porque, de alguma forma, fazer uma prece, vai ajudá-lo no conforto e na esperança, logo, vai ajudá-lo a enfrentar a doença e o tratamento!” Achei estranho um homem da ciência, um físico, fazer aquela assertiva, mas obedeci e, posso afirmar, sempre fazia bem aqueles com quem conversava ver o conforto do não julgamento, da acolhida e da aceitação de sua fé.

Dionísio, por sua vez, me acolheu mostrando que o sorriso, o contato, o aperto de mão e o olho no olho são indispensáveis no tratamento de homens e mulheres que precisam de medicamentos, sessões de quimioterapia e radioterapia, tanto quanto precisam de demonstrações de carinho, afeto e amor. Foi ele também que me orientou a enfrentar as dificuldades do trabalho focando nas pequenas vitórias frente às enormes batalhas e muitas perdas que vivenciávamos naquele ambiente.

Três histórias são emblemáticas daquele período para mim. A primeira está relacionada a uma criança, nos seus 9, 10 anos à época. Ela havia tratado um tumor no cérebro que o tinha deixado cego e sem cabelo. Meu primeiro sentimento, como não devia ser diferente, foi de dó. Mas somente até ouvi-lo e vê-lo em ação nos corredores do Centro. Ele era a própria expressão do otimismo, da alegria espontânea que toda criança merece ter. E, toda vez que o nome dele aparecia na agenda, pensava que aquele turno de trabalho seria melhor para mim e, sem dúvidas melhor para aqueles que esperavam sua vez de atendimento – da sala de espera onde ele estava ouvia-se sempre muitas gargalhadas. Sua mãe atestava que não havia revolta daquele menino com sua situação.

Realmente espero que ainda esteja vivo e com aquela atitude positiva perante a vida que tanto nos contagiava.

Um segundo caso refere-se a um vizinho meu, rapaz nos seus 17, 18 anos à época. A primeira vez que o vi, chegou numa ambulância, deitado numa maca – uma cena um pouco mais doída do que o comum por tratar-se de alguém com todo um futuro pela frente e que lutava contra a morte. Nas semanas seguintes ele foi recuperando-se e, ao final do tratamento, chegava caminhando, sorrindo e esperançoso. Quando de sua alta comemorei com meus colegas sua vitória, mas a comemoração durou pouco, pois fui informado que aquela situação era paliativa e que o rapaz não teria muito tempo de vida à frente. Alguns meses depois encontrei sua mãe, agradecida pela atenção que ela e o menino tiveram na radioterapia. Incauto, perguntei como ele estava e ela me disse que havia partido. Quase pedi desculpas, tanto pela pergunta, quanto por não termos podido dar-lhe mais anos de vida (como se pudéssemos fazer isso). Percebendo meu constrangimento aquela mãe (palavra que vi, como tantas outras vezes, como sinônimo de força) disse-me que estava tudo bem, que chorava, sentia a dor da perda, mas que sabia que o que ocorrera era parte da vida dela e de seu filho.

Por fim, em dado momento vi, da janela de minha sala, um senhor (próximo dos 60 anos naquele momento). Ele levava sua mãe todos os dias para o tratamento. Ele estava fumando seu cigarro no pátio. Como tinha alguma proximidade com ele, senti-me no direito de chamá-lo e levá-lo até a sala de espera, alertando antes para olhar para uma determinada paciente e não dizer nada. Fizemos isso e, ao voltar a minha sala indaguei: “saber por aquela mulher está assim, tão magra e com aquela aparência?” Ele, de pronto me disse “câncer no pulmão?” Respondi que sim e que ela tinha muito arrependimento de ter fumado a vida toda. Foi só isso. Alguns anos depois sofri um acidente e, após atendido no pronto socorro, chamei um táxi. O taxista era ele. Levou-me para casa preocupado com minha situação e, quando desci do carro me disse que havia parado de fumar depois daquele choque de realidade imposto por nossa conversa. Hoje penso que fui invasivo, desrespeitando sua liberdade de escolha – mas são coisas que os jovens podem fazer.

Enfim, minha experiência na FAMED renderia outros tantos bons relatos, ao lado de colegas como o Dr. Cláudio, o Antônio e a Léa, a Dra. Silvia Macedo, os tantos colegas do ambulatório, os alunos da medicina, etc. Se foram somente flores? Claro que não! Mas na medicina da UFPel colecionei boas recordações que, hoje, com o distanciamento do tempo, percebo terem sido bons anos de minha vida profissional. Lá vi, na prática, o que Lorena relata no seu livro – a busca pela humanização do atendimento médico.

### **Paulo Koschier**

Graduado em História e Técnico-Administrativo do NDH-UFPel  
Mestre em Administração Pública

## CARTA NÚMERO 14

### Memórias de um infante

Da seiva alma mater  
meiga erva-mate  
compartilho da 21<sup>a</sup> turma  
a maioria na formatura  
das fileiras semblantes  
recordo dos infantes  
diversas as centelhas  
fronteiriças amealhadas  
do nativo ao emigrante  
no Theatro Guarany encarte  
concedido grau da arte  
em hora diletante  
coração mistério  
tal Cruzeiro do Sul  
versa pacífico  
céu de bravos  
o palco deslinda  
valoroso legado  
da Princesa do Sul  
além da letra fria  
desponta a labuta  
laços congraça  
dos pampas portais  
do sul ao norte  
às pradarias da américa  
dignificam seu hemisfério  
no anverso d'alma  
honoríficos discípulos  
egressos saúdam  
Leiga! A sexagenária.

Minha homenagem à ATM 1988 - Leiga

### **Paulo Lorea de Lorea**

Médico – Cardiologista  
1983-1988 – UFPEL

## NOTAS

1 Leiga ou laica no sentido de não ter vínculos com o clero, ou ainda, não sofrer influência religiosa.

2 Mais adiante se verá que, em 1959, numa solenidade na Biblioteca Pública Pelotense, com a presença de autoridades, dentre elas o Governador do Estado, Sr. Leonel de Moura Brizola, houve a declaração de “Fundação da Faculdade de Medicina de Pelotas”. Contudo, para fins de funcionamento e, por conseguinte, comemorações, é em 1963 que a Leiga começou suas atividades, com o ingresso da primeira turma.

3 Ver, dentre outros, o texto de Naum Keiserman. Faculdade de Medicina da UFPel: A História de um Quarto de Século, publicado na Revista Saúde, Ciência e Sociedade. Ano 1, número 1, 1992, p. 10-22.; História da Faculdade de Medicina de Pelotas, que dá título ao primeiro capítulo do livro organizado por Laura Ward da Rosa, Sonho e realização: jubileu de ouro da primeira turma 1968-2018, Porto Alegre, Evangraf, 2018., GILL, Lorena; POMATTI, Angela. Entrevista realizada com Naum Keiserman, acervo do Laboratório de História Oral, do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel, Sillogés – v.2. n.2. jul./dez. 2019, p. 459- 472.

4 Em seu site é dito que a entidade “[...] tem na sua história a semente dos cursos de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Universidade Católica de Pelotas (UCPel)”. <https://ampdigital.org/>. Acesso em 9 de junho de 2023.

5 Mário Meneghetti nasceu em Porto Alegre, em 1905 e viveu uma parte de sua vida em Pelotas. Ele era médico e filiou-se ao Partido Social Democrático (PSD) e nessa agremiação se elegeu vereador e, depois, prefeito da cidade (1952-1955). Antes, foi presidente da Sociedade de Medicina de Pelotas (1948-1951). Atuou ainda em vários cargos, nacionalmente. <https://jk.cpdoc.fgv.br/biografia/mario-meneghetti>. Acesso em 20 de março de 2023.

6 Oscar da Cunha Echenique foi médico, poeta e vice-prefeito de Pelotas (1952-1956), segundo informações constantes no site do Museu de História da Medicina. Ele também foi presidente da Sociedade de Medicina de Pelotas, entre os anos de 1951 e 1953. <https://muhm.org.br/biografiasmedicas/biografia/449>. Acesso em 11 de maio de 2023.

7 Quando a Universidade de Santa Maria iniciou suas atividades em 1960, já contava com alguns cursos superiores como a Faculdade de Farmácia, Medicina, Odontologia e o Instituto Eletrotécnico do Centro Politécnico. A Universidade foi federalizada em 1965 e começou a se chamar Universidade Federal de Santa Maria, (UFSM). <https://www.ufsm.br/historia>. Acesso em 26 de abril de 2023.

8 A Faculdade de Farmácia e Odontologia surgiu no ano de 1911, agregada ao Ginásio Pelotense sendo, depois, incorporada à Universidade do Rio Grande do Sul (1948). Neste momento a graduação de Farmácia foi fechada. Em 1969 a Odontologia foi uma das unidades fundadoras da UFPel. Para saber mais, ver: LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mario (2017).

9 Segundo Cruz (2019), o Sanatório Roxo foi fundado no ano de 1931 por Franklin Olivé Leite e Avelino Costa. Em 1971 passou a se chamar Clínica Olivé Leite.

10 A população do Estado, à época, era de 5.663.468, conforme dados do Censo do IBGE para o ano de 1960. [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd\\_1960\\_v1\\_br.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_br.pdf). Acesso em 31 de maio de 2023.

11 Elyseu Paglioli nasceu em 1898, em Caxias do Sul e faleceu em 1985, em Porto Alegre. Ele era médico neurocirurgião e exerceu vários cargos, dentre eles o de Prefeito de Porto Alegre, Ministro de Saúde e Reitor da UFRGS (1952-1964), quando se demitiu tendo em vista

o golpe militar. [https://web.archive.org/web/20070928130239/http://www.sbhm.org.br/index.asp?p=especialidades\\_view&codigo=47](https://web.archive.org/web/20070928130239/http://www.sbhm.org.br/index.asp?p=especialidades_view&codigo=47). Acesso em 21 de março de 2023.

12 A Odontologia da UFPel foi incorporada, em um primeiro momento, à chamada Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), que só mudou de nome em 1950, quando foi federalizada e ficou conhecida com a sigla que até hoje a designa, UFRGS.

13 O Instituto de Higiene existia desde o dia 28 de fevereiro de 1918, iniciando suas atividades no dia 1º de abril do mesmo ano. Sua primeira sede foi na Escola de Agronomia e Veterinária. Para saber mais, ver LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mario (2017). <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%C3%A1rio%20de%20Hist%C3%B3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 10 de julho de 2023.

14 Naum Keiserman nasceu em Porto Alegre, no dia 1º de setembro de 1917 e faleceu em 19 de setembro de 2011. Em 1941, foi nomeado para cargo no Departamento Estadual de Saúde, em Pelotas, na área de Tisiologia, se aposentando, nessa função, no ano de 1966. Entre 1943 e 1945 foi convocado para atuar durante a Segunda Guerra Mundial. Foi criador, professor e diretor da FAMED Leiga, entre os anos de 1963 e 1978 (GILL; POMATTI, 2019).

15 Para saber mais sobre a tuberculose em Pelotas ver: GILL (2007). <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2017/04/Um-Mal-do-S%C3%A9culo.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2023.

16 Para conhecer a história da Beneficência Portuguesa de Pelotas ver o verbete com este nome, escrito por Larissa Patron Chaves, para o Dicionário de História de Pelotas. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%C3%A1rio%20de%20Hist%C3%B3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 11 de julho de 2023.

17 <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao-de-Funcionamento-3.3.-Curriculo-Naum-Keiserman.pdf>. Acesso em 4 de abril de 2023.

18 Tomaz Pizarro, formando de 1968, relembra, em matéria publicada recentemente no jornal A Tradição (15/12/2022), que o anúncio foi feito na noite de Natal e que foi recebido como um presente para a cidade. <https://www.jornaltradicao.com.br/pelotas/geral/medicina-da-ucpel-celebra-seis-decadas-com-apresentacao-de-novos-investimentos/>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

19 Embora o curso de Filosofia seja anterior, a UCPel foi criada, oficialmente, no dia 7 de outubro de 1960. <https://ucpel.edu.br/sobre> Acesso em: 20 de setembro de 2023.

20 A República Velha ou a Primeira República brasileira tem o marco temporal entre os anos de 1889 e 1930.

21 Gleide aparece nomeada de duas maneiras: com seu nome de solteira e com o nome de casada Gleide Bandeira Rosinha. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2023/03/gleide.pdf>. Acesso em 6 de abril de 2023.

22 Ildo Meneghetti nasceu em 1895 e faleceu em 1980. Ele foi engenheiro e político tendo sido Prefeito de Porto Alegre e Governador do Estado por dois mandatos. <https://www.palaciopiratini.rs.gov.br/ildo-meneghetti>. Acesso em 9 de junho de 2023.

23 Leonel Brizola foi engenheiro e um importante político brasileiro, tendo sido Deputado Estadual, Deputado Federal, Prefeito de Porto Alegre, Governador do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul. Ele nasceu em 1922 e faleceu em 2004. <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/leonel-brizola/>. Acesso em 31 de maio de 2023.

24 No documento que consta no site do NDH-UFPel, aparecem as seguintes firmas reconhecidas: Leonel de Moura Brizola, Cyro Tavares Oliveira, Oscar Echenique, Elyseu Paglioli, José Mariano Beck, Dom Antônio Zattera, Osmar Grafulha, Adolfo Fetter e João Carlos Gastal.

25 Edson Holthausen listou os seguintes nomes que atuaram no curso: primeiro ano – Lauro Beltrão, Alaor Teixeira, Luís Alimena, Isaías Naideitch, Leo Zilberknop, Dirceu Almeida da Rosa, Fernando Luís Osório, Edgar Alberto Brauner, Paulo Brusque Maulaz. Segundo ano: José Luiz Sacco da Nova Cruz, Charles Chatkin, Sally Cabral Machado, Altino Mariante, David Kauffman, Naum Keiserman, Acy Lopes Bertoni, Amadeu Weinman, Levy Albuquerque de Souza, Dirio

Gorgot, Ary Bento Pineiro, Manoel Maia, Nede Manfrin, Pedro Marinho, Vinícius Salengue, Umberto Lopes de Oliveira, Simon Halpern, Saul Katz. Terceiro ano: Fernando Carpina Alves, Lourdes Devildos, Manoel Luís Moraes, Pedro Raso, Amílcar Gigante, Breno Nunes, Carlos Karam, Abram Scalestki, José Amaral Braga Filho, Luiz Pedro Rushel, Dircel Almeida da Rosa, e Quarto e Quinto anos: Isaac Piltcher, Sidnei Castagno, Simão Piltcher, Miguel Piltcher, Jorge Isaacson, Mário Coutinho e Irineu Ortiz. In: Rosa (2018, p. 46 e 47).

26 Há uma lista, com os documentos de fundação da Faculdade, em que constam a assinatura de 114 pessoas. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao-de-Funcionamento-8-Relacao-de-candidatos-nos-exames-vestibulares-da-FAMED.pdf>. Acesso em 15 de fevereiro de 2023. Há, também, no Diário de Gleide Bandeira, uma notícia de jornal, sem data, que afirma terem participado das provas 142 pessoas, as quais aguardavam os resultados. Já para o ingresso do ano de 1964, houve 173 inscritos para 70 vagas, mas como 26 não se matricularam, aconteceu uma segunda chamada. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2023/03/gleide.pdf>. Acesso em 13 de março de 2023.

27 Para conhecer o decreto, ver: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-477-26-fevereiro-1969-367006-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 28 de março de 2023.

28 Associação de Turma de Medicina.

29 Segundo Edson, em sua entrevista, ele teria sido escolhido para a Presidência da entidade que se organizava por dois motivos principais: ter outro trabalho e 20 horas na UFPel, isto porque, naquele momento, a demissão poderia ser sumária e caso tal fato se concretizasse não seria tão difícil quanto para outro colega. Para saber mais, ver: LONER; GILL (2003).

30 O Jornal Sinapse é apresentado como um periódico acadêmico escrito pelos alunos, que começou no ano de 2011, com tiragem de mil exemplares. Teve-se acesso a edições impressas até 2018, mas o periódico continua sendo elaborado. Há uma página no Facebook que publica edições mais recentes: [https://www.facebook.com/jornalsinapse/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/jornalsinapse/?locale=pt_BR). Durante as pesquisas realizadas, viu-se que existiram outros jornais na Medicina como “A Discussão” e “O Ronco”.

31 DANK é a sigla para o Diretório Acadêmico Naum Keiserman, o qual representa os alunos de Medicina da UFPel. O primeiro nome do colegiado de alunos foi Centro de Estudantes de Medicina de Pelotas (CEMP), mas logo em seguida recebeu o nome do diretor, como uma forma de homenagem ao fundador dessa graduação. O primeiro presidente do Diretório foi Rubens Ardenghi. Nos anos de 2005-2006 a sede, que estava bastante degradada, passou por uma grande reforma na gestão em que Ricardo Sanches Pereira (ATM 2007) esteve à frente da entidade. Na ocasião da reinauguração do prédio, esteve presente o ministro da Educação, à época, Fernando Haddad, momento em que se obteve verbas para equipar o chamado paliteiro, prédio construído nos fundos da FAMED para o funcionamento dos ambulatórios.

32 A UNE foi fundada em 1937 e é a entidade que representa os universitários de todo o Brasil. Sua história se vincula a várias lutas, dentre elas pela democracia e pelo ensino público e gratuito. <https://www.une.org.br/>. Acesso em 20 de março de 2023.

33 Para saber mais sobre os expurgos da FURG, ver: KANTORSKI (2011).

34 O Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) foi fundado em 1990, a partir da junção do Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (IAPAS) e do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). É provável que Luciana esteja se referindo ao INPS, criado no ano de 1966.

35 O professor Luiz Augusto Facchini foi Presidente da ADUFPel entre os anos de 1987 e 1989. Para saber mais sobre a sua trajetória na Associação de Docentes, ver: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2023/02/ADUFPel-Uma-trajetoria-pela-democracia.pdf>. Acesso em 5 de junho de 2023.

36 Há uma plataforma educacional de saúde da família, vinculada ao Departamento de Medicina Social, que leva o nome de Kurt Kloetzel, na qual há a disponibilização de materiais educacionais de prática clínica e saúde coletiva. <https://dms.ufpel.edu.br/p2k>. Acesso em 4 de abril de 2023. O nome do auditório do prédio da Epidemiologia também leva o nome do médico.

37 O Centro de Epidemiologia da UFPel tem o nome do Dr. Amílcar Gigante e funciona nas

instalações da antiga Casa de Saúde Santa Teresa, fundada no ano de 1966. O prédio da antiga casa de saúde foi comprado com a finalidade de ser um espaço para o hospital escola e hoje abriga alguns de seus serviços.

38 A expressão era usada em uma perspectiva de ressaltar a importância da China e da União Soviética para os chamados movimentos de esquerda existentes ao redor do mundo.

39 Quando Kurt veio para Pelotas estava casado com sua segunda esposa, professora Terezinha Fujita, que primeiro deu aulas na Enfermagem e, depois, foi lotada na Faculdade de Educação, na área da Psicologia.

40 Aparecem diferentes datas para a fundação do Departamento de Medicina Social. Alguns falam em 1976, quando o Departamento foi pensado e se iniciaram as atividades, mas a página oficial da instituição coloca o ano de 1977 como o de início, justamente quando houve a sua formalização. [https://dms.ufpel.edu.br/site/?page\\_id=319](https://dms.ufpel.edu.br/site/?page_id=319). Acesso em 6 de abril de 2023.

41 Para ter acesso ao Decreto assinado pelo Presidente da República, João Goulart, ver: <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1963-Decreto-Presidencial-51.884-de-3.4.1963-autorizacao-de-funcionamento-FAMED.pdf>. Acesso em 15 de fevereiro de 2023.

42 Na página do NDH estes documentos constam com o título: Ofícios e anexos ao Ministério para autorização de funcionamento. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao-de-Funcionamento-1.1-Entidade-Mantenedora.pdf>. Acesso em 15 de fevereiro de 2023.

43 Para conhecer mais sobre a história da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, ver o verbete com este nome, escrito por Cláudia Tomaschewski, para o Dicionário de História de Pelotas. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mario. Dicionário de História de Pelotas. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicionario%a1rio%20de%20Hist%C3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 9 de julho de 2023.

44 Caso se fosse atualizar o valor, tem-se que o salário-mínimo regional do RS em 2023 é de R\$ 1.443,94, o que equivale a dizer que a mensalidade de hoje seria em torno de R\$ 10.107,58, valor aproximado ao que é cobrado pelos cursos de Medicina particulares no Estado.

45 Usando-se a calculadora do cidadão, do Banco Central do Brasil, na aba “correção de valores” e tendo por base o índice IGP-DI, disponível nos anos 1960 e ainda em vigor, temos que os NCr\$ 250,00 equivalem a R\$ 3.887,67. <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAOPublico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores>. Acesso em 27 de junho de 2023.

46 Ricardo de Campos Nogueira foi Secretário de Saúde de Pelotas, nos anos de 1987 e 1988.

47 Neste período, havia apenas dois partidos: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), que dava sustentação à ditadura militar, a qual acabou com o pluripartidarismo no Brasil, em 1965; e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que representava a oposição.

48 Para saber mais sobre o caso da UnB, ver CAETANO (2022). No que diz a Pelotas e o surgimento movimento estudantil entre 1977 e 1985, ver DELLA VECHIA (2011).

49 O crédito educativo foi instituído pelo governo federal, no ano de 1976, para auxiliar alunos carentes.

50 Sidney Castagno, graduado na UFRGS em 1957, foi professor da Leiga, de Otorrinolaringologia, entre os anos de 1963 e 1997. Ele recebeu o título de professor Emérito da UFPel. <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2020/05/05/nota-de-pesar-professor-emerito-da-ufpel-sydney-castagno/>. Acesso em 10 de maio de 2023.

51 <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2023/03/CONSUN-Ata-03.1976.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2023.

52 <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2023/03/CONSUN-Ata-04.1976.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2023.

53 <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2023/03/CONSUN-Ata-05.1976.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2023.

54 Neste link, consta cópia do projeto de lei que incorpora a Faculdade de Medicina à UFPel. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1978-Projeto-de-Lei-de-incorporacao-da-FAMED-a-UFPEL.pdf>. Acesso em 5 de março de 2023.

55 Usando-se a ferramenta “calculadora do cidadão”, do Banco Central do Brasil, esse valor corrigido representaria, em junho de 2023, R\$ 73,40 por disciplina.

56 Na lista sétupla, conforme o Diário Popular de 17 de fevereiro de 1978, constavam, por ordem, os seguintes nomes: Naum Keiserman, Leo Zilberknop, Darcy Abuchaim, Cláudio Borba Gomes, Carlos Karam e Acy Bertoni.

57 Em depoimento constante no livro de Rosa (2018, p. 81), o Dr. Cláudio, falecido no ano de 2022, assim diz: “1965 – Em outubro, no anfiteatro do Hospital de Clínicas, em Porto Alegre, onde se realizava o congresso anual da então Associação Brasileira de Escolas Médicas, fui contatado pelos Dr. Naum Keiserman e Amílcar Gigante e convidado para voltar para Pelotas, a fim de lecionar na Faculdade de Medicina da IPESSE (a Leiga)”. Naquele momento, Cláudio era professor da UFRGS e da Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre.

58 Para saber mais sobre como as tradições doceiras de Pelotas (RS) se tornaram patrimônio imaterial, ver a página do IPHAN: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4642>. Acesso em 25 de junho de 2023.

59 Foi médico chefe do Centro de Saúde, na cidade de Pelotas.

60 José Amaral Braga Filho, conhecido como Braguinha, nasceu em Pelotas, em 1922 e se formou no ano de 1945, pela Faculdade Nacional de Medicina. Atuava como cirurgião da Beneficência Portuguesa, era autor de trabalhos científicos e professor da cadeira de Prótese Buco-Facial na Faculdade de Odontologia de Pelotas. Ele foi citado, em várias entrevistas, como um excelente cirurgião. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao-de-Funcionamento-3.11-Curriculo-Jose-do-Amaral-Braga-Filho.pdf>. Acesso em 6 de abril de 2023.

61 Foi presidente da hoje Associação Médica de Pelotas entre os anos de 1961 e 1963 e, posteriormente, voltou ao cargo entre 1977 e 1981 para mais duas gestões. <https://ampdigital.org/ex-presidentes/>. Acesso em 27 de abril de 2023.

62 Dyrion Gorgot nasceu em Pelotas, em 1914, e se formou pela Faculdade Nacional de Medicina em 1942. Na Leiga, era responsável pela cadeira de Microbiologia e Imunologia. Autor de vários trabalhos científicos, ele já dava aulas na Faculdade de Odontologia desde o ano de 1956. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao-de-Funcionamento-3.7-Curriculo-Dyrion-Gorgot.pdf>. Acesso em 5 de abril de 2023.

63 O Instituto possuía uma sala de dissecação com doze mesas, anfiteatro, geladeiras, cubas para conservação de cadáveres, vestiários, salas para professores e assistentes. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao-de-Funcionamento-8.3-Complementacao-de-informacoes-ao-processo.pdf>. Acesso em 10 de março de 2023.

64 Para o vestibular, deveriam ser apresentados os seguintes documentos: certificado do curso secundário; carteira de identidade, fotografias 3 X 4; atestado de idoneidade moral; atestado de sanidade física e mental; certidão de nascimento; prova de estar em dia com as obrigações militares, quando fosse o caso; prova de estar em dia com os deveres do código eleitoral e pagamento de taxa de inscrição. As provas abrangiam os seguintes conteúdos: português, física, biologia e química. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2023/03/gleide.pdf>. Acesso em 13 de março de 2023.

65 Neste documento, vê-se ainda que entre 1968 (data da primeira formatura) até o ano de 1978 (quando se deu a federalização) houve a formatura de 665 médicos. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1979-Quantitativo-de-estudantes-e-formados-entre-1963-e-1979.pdf>. Acesso em 10 de março de 2023.

66 R\$ 8.277.108,34 segundo valores atuais, corrigidos pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas. <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAOPublico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores&aba=1>. Acesso em 31 de maio de 2023.

67 Para as médicas, costumam aparecer dois sobrenomes, um de solteira e outro de casada.

68 Gley diz que os discursos feitos pelos alunos, à época, precisavam passar pelo crivo do diretor, mas que Naum disse que confiava nele e que poderia fazer a fala sem que fosse lido previamente o documento.

69 Na entrevista, ele cita o nome do pai: Jack Rubens, um jornalista e radialista que atuava em Pelotas e Porto Alegre. Poucas informações constam sobre ele na internet, apenas que nasceu em 1918 e faleceu em 1996, e escrevia a coluna Prosa e Verso do jornal da capital, Tal e Qual. [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/rio\\_grade\\_sul/jack\\_rubens.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/rio_grade_sul/jack_rubens.html). Acesso em 23 de abril de 2023. Gley, tendo em vista o momento político que fez com que seus pais fossem, inclusive embora, precisou se esconder durante um tempo. Ele também fazia parte do movimento estudantil, tinha ido a um Congresso da União Nacional de Estudantes (UNE) e recebeu uma mensagem de um parente de sua mãe, vinculado ao exército, para que se apresentasse ao quartel. Lá ele foi entrevistado por uma pessoa, segundo ele, de sobrenome Poeta, recebeu conselhos e pôde transitar novamente pela cidade.

70 Clóvis Salgado da Gama foi ministro da educação em três ocasiões diferentes, mas que dialogam com os debates efetivados sobre um curso de Medicina em Pelotas: 31 de janeiro de 1956 a 30 de abril de 1956; 4 de novembro de 1956 a 18 de junho de 1959 e de 18 de outubro de 1960 a 31 de janeiro de 1961.

71 Nota-se que em uma matéria de jornal constam a existência de 50 leitos na Beneficência e em outra 30 leitos.

72 R\$ 43.07 em valores atualizados, segundo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas. <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADO/publico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores&aba=1>. Acesso em 22 de maio de 2023.

73 Para ver o texto na íntegra: <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1980-Artigo-publicado-no-Diario-Popular-por-decorrencia-do-Dia-do-Medico-pela-direcao-da-FAMED-18.10.1980.pdf>. Acesso em 18 de março de 2023.

74 Por vulnerabilidade social se segue a perspectiva de Robert Castel (1997) para quem as fragilidades não se relacionam apenas às questões econômicas, mas se refletem nos apoios relacionais.

75 Granzotto foi presidente do DANK e como fez a graduação no contexto da ditadura, conta que foi realizado um trote para os novatos e um aluno da Medicina foi mais agressivo fazendo com que uma discente se sentisse incomodada. Ela era parente de um General do Exército, denunciou a prática e Granzotto foi levado à Reitoria para dar explicações sobre o episódio. A partir dali, para a realização de trotes, se teve que seguir algumas regras.

76 A ATM 1979 teve como paraninfo Darcy Abuchaim.

77 A professora Cristiane Hallal da Silva foi coordenadora do projeto com ênfase no ensino, intitulado: "MoviLeiga, um movimento de atenção à saúde global do estudante de Medicina da Leiga/UFPel", que proporcionou rodas de conversas, saraus, oficinas de dança e de yoga, caminhadas orientadas, palestras e o Leiga amigo, que consistia em um aluno apadrinhar outro. Todas essas atividades tinham como foco a saúde mental dos estudantes.

78 Julieta Carriconde Fripp foi diretora do Pronto Socorro Municipal de Pelotas, entre os anos de 2001 e 2004, na gestão do Prefeito Fernando Marroni, que tinha Luiz Faccini como secretário de saúde. Ela foi, também, superintendente do Hospital Escola da UFPel, eleita por seus pares, entre os anos de 2013 e 2017, na gestão do reitor Mauro Del Pino. Atualmente é diretora da Faculdade e está na função desde o ano de 2021.

79 Mário Coutinho, no currículo anexado junto aos documentos da FAMED, é apresentado como formado pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, no ano de 1946. Neurocirurgião do Hospital da criança de Santo Antônio e do Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre, ele dava aulas em diversos cursos, além de ser autor de vários trabalhos acadêmicos. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao-de-Funcionamento-3.15-Curriculo-Mario-Ferreira-Coutinho.pdf>. Acesso em 5 de abril de 2023.

80 Altair Delfino da Rocha Faes, que atuou como físico-médico na UFPel a partir de 1989, diz que com bomba de Cobalto era possível atender até 45 pacientes por dia. Atualmente, com o acelerador linear, se pode chegar a 120.

81 O professor Fábio de Alencar Braga (ATM 1975) atuou por 41 anos na Faculdade de Medicina, entre os anos de 1976 e 2017, quando faleceu.

82 No ano de 2016 uma das salas de ensino do Hospital Escola recebeu seu nome, como uma homenagem por sua trajetória.

83 Jorge Humberto Béria se formou no ano de 1976, em Santa Maria, e começou a atuar em 1979, na FAMED – UFPel.

84 Iná da Silva dos Santos formou-se na Leiga em 1977 e, em 1978, passou a ser docente na instituição.

85 Luís Henrique Farias se formou na Leiga em 1977 e ingressou, como professor, em 1980.

86 Havia mulheres de fora do país que exerciam a Medicina atuando, em alguns momentos, no Brasil. Ver, por exemplo, o artigo de Mott (2005), o qual disserta sobre a atividade da médica belga Maria Rennotte, que no ano de 1878 passou a ser preceptora, professora e médica em São Paulo.

87 Para ler o Decreto na íntegra: [88 A tese de Ermelinda teve como título: “Formas clínicas das meningites na criança: diagnóstico diferencial”.](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html#:~:text=Art.,condi%C3%A7%C3%B5es%20de%20moralidade%20e%20hygiene. Acesso em 15 de março de 2023.</a></p></div><div data-bbox=)

89 Segundo Scheffer et al. (2020, p. 41), nos grupos mais jovens, as mulheres já são maioria. “Elas representam 58,5% entre os médicos de até 29 anos e são 55,3% na faixa etária de 30 a 34 anos”.

90 Neste livro, entende-se elite conforme Heinz (2006, p. 8): “definidas pela detenção de um certo poder ou então como produto de uma seleção social ou intelectual”.

91 Para Scheffer et al. (2020, p. 71), a especialidade com maior número de homens é a Urologia, 97.7%, mas há outras especialidades em que eles têm um percentual expressivo: Ortopedia e Traumatologia (93.5%), Neurocirurgia (91.2%) e Cirurgia Torácica (89.6%).

92 No momento da formatura, Laura era casada e usava o sobrenome Brião.

93 Eurico Kramer de Oliveira foi docente da Faculdade de Odontologia, sendo professor Emérito da UFPel.

94 Durante muito tempo os partos eram realizados por mulheres que possuíam uma formação mais prática e ficaram conhecidas como parteiras. Elas atuavam tanto nas casas das pacientes como em hospitais e, algumas vezes, davam instruções sobre o pré-natal, realizavam o parto e acompanhavam as parturientes na sua recuperação.

95 Para mais informações: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd\\_1960\\_v1\\_t16\\_rs.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t16_rs.pdf). Acesso em 8 de maio de 2023.

96 Para mais informações: [97 A saber: <https://amb.org.br/brasilia-urgente/brasil-registra-primeiro-caso-de-poliomelite-apos-33-anos/>. Acesso em 28 de abril de 2023.](http://www.cofen.gov.br/taxa-de-vacinacao-infantil-cai-e-brasil-volta-a-patamar-de-1987_98834.html#:~:text=Queda%20na%20imuniza%C3%A7%C3%A3o%20das%20crian%C3%A7as,voltaram%20ao%20patamar%20de%201987. Acesso em 27 de abril de 2023.</a></p></div><div data-bbox=)

98 Para saber mais: <https://www.unasus.gov.br/noticia/conheca-medico-que-salvou-50-milhoes-de-vida-com-receita-caseira>. Acesso em 25 de abril de 2023.

99 Para saber mais sobre esta instituição, ver o verbete Escola Técnica, escrito por Aline Lima para o Dicionário de História de Pelotas. <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3735/1/Dicion%C3%A7a1rio%20de%20Hist%C3%BCria%20de%20Pelotas.pdf>. Acesso em 29 de junho de 2023.

100 Decreto que concede reconhecimento à Faculdade de Medicina: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-59381-12-outubro-1966-400053-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 28 de abril de 2023.

101 Michelle Perrot é uma historiadora francesa que se dedica aos estudos sobre a história das mulheres.

102 O Curso de Ciências Domésticas começou a funcionar no ano de 1961 e esteve vinculado, em um primeiro momento, à Universidade Rural do Sul, com sede em Pelotas, criada no ano de 1960. Para saber mais, ver o verbete Faculdade de Agronomia, escrito por Mario Magalhães, para o Dicionário de História de Pelotas.

103 Para ler o decreto na íntegra: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/del1077.htm#:~:text=DECRETA%3A,sejam%20os%20meios%20de%20comunica%C3%A7%C3%A3o](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del1077.htm#:~:text=DECRETA%3A,sejam%20os%20meios%20de%20comunica%C3%A7%C3%A3o). Acesso em 19 de abril de 2023.

104 Trecho de Michelle Perrot (2005, p. 22), que aborda a invisibilidade da presença das mulheres em documentos históricos e, também, em estudos memoriais. Nessa perspectiva, serve como subtítulo para essa parte do capítulo, que analisa as trajetórias das primeiras médicas da Leiga.

105 Segundo Michelle Perrot (2005, p. 253), as mulheres sempre trabalharam, especialmente as mais pobres. Mas suas ocupações costumam ser temporárias, exercidas “em certos momentos do ciclo da vida ou no contexto doméstico”.

106 Brizola encampou a Companhia de Energia Elétrica (CEE), filial da Bond & Share, uma multinacional americana, em 1959, pela insuficiência dos serviços e necessidade de ampliação de energia no Estado. <http://memorialdemocracia.com.br/card/brizola-encampa-a-bond-share>. Acesso em 8 de abril de 2023.

107 Para saber mais, ver: Silva, Daniel (Org.), 2017. <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3736/1/20%20ANOS%20EM%20CENA%20N%C3%9ACLEO%20DE%20TEATRO%20UFPEL.pdf>. Acesso em 9 de maio de 2023.

108 O pai de Umberto de Oliveira Filho, Umberto Lopes de Oliveira, foi professor da Leiga no início do curso, na área de Cardiologia, mas ficou somente até o ano de 1966.

109 Ver: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/11/ufpel-investiga-27-alunos-por-fraude-em-cotas-para-curso-de-medicina.html>. Acesso em 28 de março de 2023.

110 Ver: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2016/12/30/ufpel-desliga-do-curso-24-estudantes-de-medicina-denunciados-por-fraude-nas-cotas-raciais/>. Acesso em 28 de março de 2023.

111 O filósofo positivista francês Augusto Comte, nascido no ano de 1798 e falecido em 1857, era o mentor intelectual de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros.

112 Júlio de Castilhos foi eleito Presidente do Estado em 15 de julho de 1891 e deposto no mesmo ano, tendo em vista o golpe de Três de Novembro. No ano seguinte disputou eleições e, a partir de janeiro de 1893, tornou-se novamente Presidente do Estado. A Constituição Estadual de 1891 albergou suas ideias, que continuaram sendo implementadas após a sua morte precoce, tendo em vista um câncer na garganta, em 1903.

113 Borges de Medeiros foi Presidente do Estado entre os anos de 1898 e 1928, com uma interrupção entre os anos de 1908 e 1913, quando foi impedido de se reeleger, sendo Presidente do Estado, naquele momento, Carlos Barbosa Gonçalves.

114 Para ler a matéria “Último censo do IBGE registrou quase 900 mil indígenas no Brasil/ dados serão atualizados em 2022”, acesse: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/ultimo-censo-do-ibge-registrou-quase-900-mil-indigenas-no-pais-dados-serao-atualizados-em-2022#:~:text=atualizados%20em%202022,%C3%9Altimo%20censo%20do%20IBGE%20registrou%20quase%20900%20mil%20ind%C3%ADgenas%20no,dados%20ser%C3%A3o%20atualizados%20em%202022>. Acesso em 15 de abril de 2023.

115 “O primeiro médico negro do Rio Grande do Sul”: [https://www.facebook.com/conheciencia/posts/2155042194789257/?locale=es\\_LA](https://www.facebook.com/conheciencia/posts/2155042194789257/?locale=es_LA). Acesso em 7 de maio de 2023.

116 Personalidades negras – Veridiano Farias: <https://www.palmares.gov.br/?p=30534>. Acesso

em 02 de maio de 2023.

117 Jornal da Ulbra. <https://www.ulbra.br/canoas/imprensa/noticia/25588/docente-da-ulbra-resgata-historia-dos-primeiros-medicos-negros-do-estado>. Acesso em 22 de junho de 2023.

118 Para ler a matéria na íntegra, ver: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/acoes afirmativas-transformam-universidades-e-institutos-federais>. Acesso em 30 de março de 2023.

119 Para mais informações: <https://midianinja.org/news/numero-de-estudantes-universitarios-indigenas-aumenta-374-em-dez-anos/>. Acesso em 8 de maio de 2023.

120 Para ler o Estatuto do Índio na íntegra: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6001.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.001%2C%20DE%2019,sobre%20o%20Estatuto%20do%20C3%8Dnio.&text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20regula,e%20harmoniosamente%20C3%A0%20comunh%C3%A3o%20nacional](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.001%2C%20DE%2019,sobre%20o%20Estatuto%20do%20C3%8Dnio.&text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20regula,e%20harmoniosamente%20C3%A0%20comunh%C3%A3o%20nacional). Acesso em 30 de março de 2023.

121 Para ler o decreto que regulamenta o procedimento de identificação, reconhecimento, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, ver: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm). Acesso em 30 de março de 2023.

122 Decreto que dispõe sobre abertura de vagas em curso de graduação da UFPel (estudantes indígenas e quilombolas): <https://wp.ufpel.edu.br/cra/files/2015/11/Resolu%C3%A7%C3%A3o-15-2015-COCEPE.pdf>. Acesso em 2 de maio de 2023.

123 Comunicado de imprensa sobre o excesso de mortalidade decorrente da covid-19: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2022-excesso-mortalidade-associado-pandemia-covid-19-foi-149-milhoes-em-2020-e-2021#:~:text=Excesso%20de%20mortalidade%20associado%20C3%A0,2020%20e%202021%20D%20OPAS%2FOMS>. Acesso em 4 de maio de 2023.

124 Tedros Adhanom, diretor-geral da OMS, anuncia o fim da 'emergência sanitária global' da covid-19: <https://www.cartacapital.com.br/saude/oms-decreta-fim-da-emergencia-sanitaria-global-da-covid-19/>. Acesso em 9 de maio de 2023.

125 Veloso, Caetano. Música O Ciúme. CD Antologia 67/2003.

126 Pedro Curi Hallal foi Reitor da UFPel entre os anos de 2017 e 2020.

127 Verbete para mais informações sobre o Povo Tuxá: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tux%C3%A1>. Acesso em 4 de maio de 2023.

128 Para conhecer um pouco mais da biografia do Mestre Roque Moisés, do povo indígena Tuxá Setsor Bragaga, o texto está disponível no link: <https://osbrasisesusasmemorias.com.br/mestre-roque-moises/>. Acesso em 24 de maio de 2023.

129 Em fevereiro de 2023, o valor da bolsa foi reajustado para R\$ 1.400,00 mensais. Foi o único reajuste desde a criação do programa, em 2013.

130 Para saber mais, ver: <https://revistapesquisa.fapesp.br/olhando-para-o-outro/#:~:text=0%20fen%C3%B4meno%20dos%20zool%C3%B3gicos%20humanos,epis%C3%B3dio%3A%20Bruxelas%2C%20na%20B%C3%A9lgica>. Acesso em 16 de maio de 2023.

131 Para saber mais sobre o projeto, ver: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u2030>. Acesso em 28 de maio de 2023.

132 Mais recentemente há, também, o ambulatório de especialidades, segundo informações constantes na página da UFPel, que inclui Neurologia, Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Traumatologia e Ortopedia, Urologia e Dermatologia: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u4905>. Acesso em 15 de maio de 2023.

133 Para saber mais sobre a história da cidade e seus prefeitos, ver: LONER, GILL; MAGALHÃES, 2017.

134 A designação de UBS foi utilizada, no Brasil, a partir do ano de 2007 e, antes, tais espaços eram chamados de Postos de Saúde, forma ainda usada pelas pessoas que buscam o serviço.

135 Faleiros e outros parceiros acadêmicos escreveram um artigo em que avaliaram o incentivo

que a amamentação exclusiva, desenvolvida na área de puericultura do ambulatório da Vila Municipal, recebia.

136 Para ler na íntegra a entrevista do professor Facchini concedida à FIOCRUZ, ver: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/intervista/a-declaracao-de-alma-ata-se-revestiu-de-uma-grande-relevancia-em-varios/#:~:text=A%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20de%20Alma%20Ata,particularmente%20nos%20pa%C3%ADses%20em%20desenvolvimento>. Acesso em 26 de março de 2023.

137 Portal da Reforma Sanitária: <https://portaldareformasanitaria.org/>. Acesso em 24 de maio de 2023.

138 Antônio Sérgio da Silva Arouca, conhecido por Sérgio Arouca, foi um médico sanitário e político brasileiro, que nasceu em 1941 e faleceu em 2003. Umas das suas principais lutas foi pelo acesso universal da população à saúde.

139 A professora Vera Maria Freitas da Silveira foi superintendente do hospital escola – EBSERH, entre os anos de 2017 e 2019, na gestão de Pedro Curi Hallal como reitor.

140 Sobre a UBS Areal, ver: [https://dms.ufpel.edu.br/site/?page\\_id=482](https://dms.ufpel.edu.br/site/?page_id=482). Acesso em 30 de abril de 2023.

141 Para saber mais sobre o assunto, ler o verbete Círculo Operário, escrito por Alvaro Barreto e publicado no Dicionário de História de Pelotas.

142 Sobre a UBS Centro Social Urbano do Areal, ver: [https://dms.ufpel.edu.br/site/?page\\_id=484](https://dms.ufpel.edu.br/site/?page_id=484). Acesso em 25 de maio de 2023.

143 Projeto pedagógico – curso de graduação em Medicina: [https://wp.ufpel.edu.br/famed/files/2019/10/PPC\\_final\\_26.09.19.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/famed/files/2019/10/PPC_final_26.09.19.pdf). Acesso em 22 de abril de 2023.

144 Para ler o texto “Após 40 anos do primeiro caso, epidemia de HIV/aids ainda mata brasileiros”, na íntegra: <https://www.camara.leg.br/noticias/835074-apos-40-anos-do-primeiro-caso-epidemia-de-hiv-aids-ainda-mata-brasileiros/>. Acesso em 22 de maio de 2023.

145 Sobre a hepatite C, ver: [https://www.msf.org.br/o-que-fazemos/atividades-medicas/hepatite-c/#:~:text=Estima%2Dse%20que%2058%20milh%C3%B5es,Mundial%20de%20Sa%C3%BAde%20\(OMS\)](https://www.msf.org.br/o-que-fazemos/atividades-medicas/hepatite-c/#:~:text=Estima%2Dse%20que%2058%20milh%C3%B5es,Mundial%20de%20Sa%C3%BAde%20(OMS)). Acesso em 22 de maio de 2023.

146 Ele conta que a primeira vez que se sentiu médico, no início do curso, foi quando vestiu o avental e foi para a região periférica da cidade, com o professor Gurvitz, realizar exames parasitológicos in loco, na população.

147 Modelo de decisão prevista no Estatuto da UFPel que prevê em seu artigo 30 que: “Em situação de emergência e no interesse superior da Universidade, o Reitor poderá tomar decisões ‘ad referendum’ dos Conselhos”. Tais decisões são apreciadas, posteriormente, pelo Conselho e podem ser confirmadas ou tornadas sem efeito.

148 Para saber mais sobre adesão da UFPel à EBSERH, ver atas do CONSUN números 03, 04, 05 e 07 de 2012, disponíveis em <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/atas-consun-cocepe/>. Acesso 29 de junho de 2023.

149 Ver mais em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-sul/he-ufpel/acesso-a-informacao/institucional>. Acesso em 11 de junho de 2023.

150 À época, a gestora do HE era a professora Julieta Fripp. Em maio de 2023, o site Portal da Transparéncia da CGU listava 1041 trabalhadores lotados no HE-UFPel (EBSERH). <https://portaldatransparencia.gov.br/servidores/>

151 O curso de Nutrição foi criado no ano de 1975 anexo à Faculdade de Agronomia. A partir de 1980, o Departamento de Nutrição passou a se vincular à área da saúde. Wanderlei Rospide da Motta, formado em 1973, diz que na Leiga algumas noções de Nutrição eram dadas por Eurico Treptow, formado na primeira turma de Medicina, que depois veio a ser professor na instituição. <https://wp.ufpel.edu.br/nutricao/2021/04/07/historia-do-curso-de-nutricao-da-universidade-federal-de-pelotas/#:~:text=HIST%C3%93RICO%20DO%20CURSO%20DE%20NUTRI%C3%87%C3%83O,de%20janeiro%20do%20mesmo%20ano>. Acesso em 23 de maio de 2023.

152 Decreto 6.096, de 24 de abril de 2007. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm). Acesso em 26 de abril de 2023.

153 Sobre a trajetória da UFPel, ver: <https://portal.ufpel.edu.br/historico/>. Acesso em 26 de abril de 2023.

154 Residência Médica, FAMED/UFPel: <https://wp.ufpel.edu.br/famed/residencia-medica/>. Acesso em 2 de junho de 2023.

155 Fernando Barros se graduou em Medicina pela UCPel em 1970. Foi professor da mesma instituição entre 1973 e 1986, quando passou a atuar na UFPel.

156 Sobre o programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da UFPel, ver: <http://www.epidemio-ufpel.org.br/site/content/institucional/historia.php>. Acesso em 25 de maio de 2023.

157 Trata-se de um *software* de domínio público muito utilizado por pesquisadores da saúde pública, pois permite a elaboração de questionários e análise de dados, a construção de gráficos e de mapas epidemiológicos.

158 Portaria que redefine a Atenção Domiciliar no âmbito do SUS, ver: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt0963\\_27\\_05\\_2013.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt0963_27_05_2013.html). Acesso em 15 de maio de 2023.

159 Para mais informações sobre o Programa Melhor em Casa, ver: <https://redehumanizasus.net/92274-programa-melhor-em-casa/>. Acesso em 10 de maio de 2023.

160 Para saber mais sobre a Laneira, ver o site do Núcleo de Documentação História Beatriz Loner, da UFPel, que guarda uma parte do seu acervo documental. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/laneira-brasileira-s-a/>. Acesso em 24 de maio de 2023.

161 Sobre o Centro Regional de Cuidados Paliativos - UFPel, ver: <https://wp.ufpel.edu.br/cuidativa/nossa-historia/>. Acesso em 22 de maio de 2023.

162 Ainda, sobre os serviços ofertados pelo Programa CUIDATIVA: <https://wp.ufpel.edu.br/cuidativa/nossa-historia/>. Acesso em 15 de maio de 2023.

163 Texto originalmente publicado com o título: Faculdade de Medicina da UFPel: A História de um Quarto de Século. Revista Saúde, Ciência e Sociedade. Ano 1, número, 1992, p. 10-22.

164 O nome correto é Pery Pinto Diniz da Silva. [https://www.if.ufrgs.br/historia/50anos/gestao\\_paglioli\\_admin.pdf](https://www.if.ufrgs.br/historia/50anos/gestao_paglioli_admin.pdf). Acesso em 30 de maio de 2023.

165 Para saber mais sobre a trajetória da professora Lili Bammann, que deu aulas de Microbiologia também na Leiga, ver: <https://wp.ufpel.edu.br/odontologia/2022/01/13/uma-vida-dedicada-a-faculdade-de-odontologia-da-ufpel-professora-lili-luschke-bammann/>. Acesso em 5 de junho de 2023.

## LISTA DE SIGLAS

ABELUPE – Associação Beneficente Luterana de Pelotas  
ABRASCO – Associação Brasileira de Saúde Coletiva  
ADUFPEL – Associação dos Docentes da UFPel  
AME – Associação de Médicos Espíritas  
AMB – Associação Médica Brasileira  
AMP – Associação Médica de Pelotas  
ARENA – Aliança Renovadora Nacional  
ATM – Associação de Turma de Medicina  
CAMMI – Centro de Aplicação e Monitoramento de Medicamentos Injetáveis  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CEMP – Centro de Estudantes de Medicina de Pelotas  
COCEPE – Conselho Coordenador do Ensino, Pesquisa e da Extensão  
CONSUN – Conselho Universitário  
COP – Círculo Operário Pelotense  
CUIDATIVA – Centro Regional de Cuidados Paliativos  
CFE – Conselho Federal de Educação  
CGU – Controladoria Geral da União  
CLT – Consolidação das Leis do Trabalho  
CPSI – Coordenação de Processos de Seleção e Ingresso  
CRA – Coordenadoria de Registros Acadêmicos  
DANK – Diretório Acadêmico Naum Keiserman  
DCG – Departamento de Cirurgia Geral  
DCM – Departamento de Clínica Médica  
DME – Departamento de Medicina Especializada  
DMI – Departamento de Medicina Materno Infantil  
DMS – Departamento de Medicina Social  
DSM – Departamento de Saúde Mental  
DOPS – Delegacias de Ordem Política e Social  
D.P. – Diário Popular (Jornal da cidade de Pelotas)  
EBSERH – Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares  
E-Leiga – Associação de Egressos Leiga  
ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio  
ESF – Estratégia de Saúde da Família  
FAMED – Faculdade de Medicina de Pelotas  
FAU – Fundação de Apoio Universitário  
FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz  
FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas  
FURG – Fundação Universidade de Rio Grande  
ICH – Instituto de Ciências Humanas da UFPel

HE – Hospital Escola

INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica de Previdência Social

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

INPS – Instituto Nacional de Previdência Social

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

IPESSE – Instituição Pró-Ensino Superior no Sul do Estado

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LaHO – Laboratório de História Oral

OMS – Organização Mundial de Saúde

MEC – Ministério da Educação

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

NDH-UFPel – Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner

NUAAD – Núcleo de Ações Afirmativas e Diversidades - UFPel

PET – Programa de Educação Tutorial

PIDI – Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar

PIC – Práticas Integrativas e Complementares

PUCRCE – Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos

Pnaes – Programa Nacional de Assistência Estudantil

PROFSAÚDE – Mestrado Profissional em Saúde da Família

PRR – Partido Republicano Rio-Grandense

PSE – Processo Seletivo Especial

PS – Pronto Socorro

REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Exploração das Universidades Federais

RJU – Regime Jurídico Único

SAE – Serviço de Atendimento Especializado

SAMDU – Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência

Semesp – Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação

SESU – Secretaria de Educação Superior

SUS – Sistema Único de Saúde

TCU – Tribunal de Contas da União

UBS – Unidade Básica de Saúde

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UCPel – Universidade Católica de Pelotas

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFPel – Universidade Federal de Pelotas

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNE – União Nacional dos Estudantes

UPA – Unidade de Pronto Atendimento

USP – Universidade de São Paulo

## **MÉDICOS GRADUADOS PELA FACULDADE DE MEDICINA POR ANO DE GRADUAÇÃO 1968-2022\***

### **1968**

Antonio Carlos Ribas Appel  
Breno José Lobato Lannes  
Carmen Maria Duarte  
Cláudio André Yurgel Medvedovski  
Cláudio Breitman  
Dalton Luiz Bortoluzzi  
Dari Angelo Bertoldo  
Doraci Amboni  
Edemar Manoel Costa Pereira  
Edi José Ribeiro Nascente  
Edson Tadeu Holthausen  
Eurico Fernando Treptow  
Gervásio Belchior Salengne  
Getuinar D'Ávila do Nascimento  
Gleide Bandeira Rosinha  
Gley Silva de Pacheco Costa  
Israel Golbert  
João Osório dos Reis  
Jorge Roberto de Azambuja Santos  
José Francisco Pereira da Silva  
Laura Ward da Rosa Brião  
Luiz Carlos Zanetti  
Luiz Roberto Paganini Harton  
Paulo Alberto Boeira  
Paulo Antonio Uebel  
Paulo Gilberto Alves Motta  
Paulo Miller Centeno  
Raul Rego Lau  
Renato Rodrigues Marasco  
Roger Pereyron Mocellin  
Rogério Aloisio Kleinübing  
Rogério Farid Ferrari Beylouni  
Rubens Ardenghi

### Sérgio Cavalheiro Conceição

Sérgio Notari  
Tania Labes Barcelos  
Uassú Luiz de Gonzaga Ungethuem  
Vitor Hugo Hammes

### **1969**

Abrão Gassul  
Agobar Fagundes  
Alípio d'Oliveira Coelho  
Ari Gasnier  
Armando Manduca da Rocha  
Benjamim da Costa  
Cid Oldemar Branco  
Cláudio Adolfo Grehs  
Dora Maria Gonçalves Fischer  
Elba Vigínia Martins Pinto  
Elso Barbisan  
Enio Alfredo Fischer  
Ernesto Maurício Carlos Arndt Neto  
Erny Pletsch  
Farid Butros Iulan Nader  
Flory Machado Sobrinho  
Flávio Silveira Menezes  
Francisco Rodrigues Flório  
Heitor Fernando Bandeira de Paola  
Hipólito Garcez Lucena  
Itamar Augusto Vasques Melecchi  
Ivo Behle  
João Carlos Scherer  
João Manuel de Brito Pereira  
Joaquim Luiz Brasil Dias  
José Acurcio Terra Lucas

\* Organização: Celene Maria Longo da Silva e Ana Carolina Issler Ferreira Kessler  
Dados obtidos através dos Livros de Registros de Diplomas, das Atas de Colação de Grau  
do Colegiado de Medicina e através do Portal Institucional da UFPEL

José Antônio Garcia Pinto  
José Luiz Freda Petrucci  
Luiz Antônio Rufatto  
Maria Alice dos Santos Lamas  
Maria Libório Camargo Bila  
Maria Luiza Brauner  
Maria Luiza de Moura e Cunha  
Marta Martins Azevedo  
Nilo Jacob Mezzomo  
Oswaldo Molinos Trois  
Paulo Affonso Salgado  
Paulo Guerra Campos  
Paulo Renato Lino Rodrigues  
Paulo Roberto Curi Hallal  
Paulo Derney Diefenbach da Silveira  
Ramon Joaquim Hallal  
Renato James Nhuch  
Ricardo Karam Kalil  
Ricardo Mendes Costa  
Roberto Correia de Gusmão  
Roberto Curi Hallal  
Saul Barros  
Sérgio Fernando Valdez Antas  
Ubirajara Mendonça Rocha  
Volnei Garcia Antunes  
Valter Thones Rodrigues  
Waldemar Fleck  
  
Jogi Sumi  
Jones Cardon  
José Antônio Kanan Buz  
José Facundo Passos de Oliveira  
Lauro Goulart Santo  
Lia Regina Moreira Abreu  
Luis Alberto Garcia  
Luis Carlos Dias Alves  
Luiz Francisco Gonçalves Brandi  
Luiz Jesus Braga Cavalcanti de Araújo  
Maria Amélia Gomes Cruz  
Mariza Schoenardie  
Marli Shoenardie Pereira  
Milton Barros de Araújo Lopes  
Newton Antônio Ferrari Brum  
Nicanor Vidal Rodriguez  
Noeli Sinnott  
Paulo Roberto Gauland  
Roberto Habeyche Karam  
Roberto Taylor Ortiz Pereira  
Rosa Malena Marba da Gama  
Rosa Maria Godoy  
Sérgio Maré  
Tania Maria Correa da Silva  
Vera Maria Santos Houlhausen  
Wilson Schneider Ardenghi  
Zulce Maria Lannes de Campos

## 1970

Airton Malinsky  
Albino Júlio Scieleski  
Ana Maria Freitas Gauland  
Antônio Pazini  
Antônio Renato Pereira Medeiros  
Arnon Borges Teixeira  
Carlos Alberto Gonçalves Ferrer  
Carlos Alfredo Westphalen  
Carlos Luiz Buchele  
Carlos Rodrigues  
Ciro Verri  
David Canabarro Ferrão Mostadeiro  
Delmar Vieira Fernandes  
Eiki Sumi  
Eleonir José Gollin  
Enio Fialho Carpes  
Felipe Wainer  
Fernando Grilo Gomes  
Hamilton de Quadros  
Iedo Leano Maguilnik  
Inco Mylius  
Itamar Jaborandy Medeiros  
Janice Pires Corrêa Franco  
João Alberto Bangel  
João Francisco de Moraes

## 1971

Adão Heitor da Rosa  
Amir José dos Santos  
Antônio Carlos Caucêro de Lima Primo  
Antonio Tadeu Costa Martins  
Aristóteles da Silva Santos  
Carlos de Oliveira Milach  
Caubi Ternes  
Celso Antônio Rodrigues da Silva  
Claudio Luiz Ribeiro Pereira  
Clovis José Pacheco  
Danilo Baldi  
Dirceu Luiz Manfra Ramos  
Edmundo Dias de Oliveira  
Edson de Moura  
Ernani Ellwanger  
Fernando Mário Sefrin  
Fernando Roesler  
Francisco Turnes de Turnes  
Gorki de Miranda Kern  
Guacira Lemos Gomes  
Ingo Alberto Fetzner  
Ioneide Godoi Petroni  
João Carlos Baldisseratto  
João Shuji Yamaguchi  
Joel Araújo Nogueira

Jorge Fontela Corrêa  
Jorge Nadra Ghaname  
Jorge Schiffner Filho  
José Antonio Albrecht  
José Luiz Magalhães Tissot  
Jovino Zambonato  
Julmar Inácio Biancini  
Leoni Jaires Iribarrem  
Loiva Almeida dos Santos  
Lorival Manoel Cardoso  
Luiz Augusto Juchem  
Luiz Carlos André Manica  
Luiz Carlos Bergoli  
Luiz Fernando Busato  
Magda Schuster da Rosa  
Manoel Jonas de Castilhos  
Manoel Soares de Maia Filho  
Marco Antonio Beltrão  
Marco Aurélio Bemvenuti  
Miguel Mascani  
Milton Dresch  
Milton José Deves  
Norma Maria Elmi Kraemer  
Paulo Roberto Leite Oliveira  
Paulo Roberto Rufatto  
Pedro José Passos Puzyna  
Pedro Paulo Lima Oliveira  
Péricles Mariano Lima  
Regina Maria Freitas Schmidt  
Renato Barbosa Xavier  
Roberto Scarvuzzo  
Romeu Meneghel  
Sérgio Guaracy de Castro Xavier  
Terezinha Antonieta Schio  
Tomás Gabriel Claude Castillo  
Ubiratan Vieira  
Valdemar Blacheriene  
Valter José Accorsi  
Wellington Müller

Claudio Luiz Viegas  
Claudio Poletto Casarotto  
Clotilde de Mello  
Clóvis Gorski  
Dario Carlos Hübner  
Edson Carlos Crema  
Enio João Jensen de Freitas  
Erika Elizabeth Zwahr  
Fernando Manuel Domingues Tavares  
Fernando Luderitz Tschoepke  
Francisco José Letti  
Guido Gaertner  
Heitor Alberto Jannke  
Horst Schneider  
João Paulo Brenner  
Joel Safir  
Jorge Alberto Canzoniero Sôro  
José Katz  
José Luiz Puhl  
José Paulo Corrêa Coelho  
Lothar Edgard Otto Blume  
Luiz Afonso Schaefer  
Luiz Antonio de Oliveira Duarte  
Luiz Carlos Bertechini  
Luiz Carlos Gamarra Amaro  
Luiz Fernando Bartz Nunes  
Luiz Fernando Marques Mota  
Maria Julieta Estima Marasciulo  
Maximiliano José Mazzochi  
Milton Camasseto  
Moacir Ciulla Porciúncula  
Nelson Serikawa  
Ney Westin de Carvalho  
Nilton Haertel Gomes  
Odil Rubin Pereira  
Odone Gianichini Spolavori  
Parahim Lustosa Filho  
Paulo Antonio Borguetti  
Paulo Cesar Perry Bley  
Paulo Segnfredo  
Renato de Macedo  
Roberto Medaglia Marroni Filho  
Sergio Tadeu Gomes Peres  
Sizinio Karan Hebert  
Vicente Machado Wagner  
Zazi Zanuzzo  
Zilmar Egídio Amaral Terra

## 1972

Admir Franzolin  
Afonso Calil Muly Mallmann  
Airton Wainstein  
Ana Carolina Denari  
Antonio Carlos Kuvitko de Medeiros  
Antonio Moacyr de Azevedo  
Aparecido Teixeira Mendes  
Arcenio Taquinto Filho  
Artur Prado Mariscano  
Atílio Constanzi Filho  
Beatris Helena Milan Amaro  
Carlos Alberto da Costa Gonçalves  
Carmen Síria Siviero Pacheco

## 1973

Admar Boos  
Alexandre Rossato  
Ana Luiza Rocha de Abreu  
Alvaro Felipe da Luz  
Antonio Carlos Valenti

Antonio Cesar Sena Madureira da Fonseca	Sérgio Sonza
Bruno Ruckziegel	Suzana Heemann Mota
Carlos Alberto Araujo da Rosa	Suzana Meira Fernandes
Carlos Alberto Benetti	Valdomiro Legal Xavier
Carlos Alberto Busato	Vilson Ulisses Arruda Corrêa
Carlos Henrique de Araujo Guidoux	Wanderlei Rospide da Motta
Cláudio Abano Seibert	Wilson Gianechini Spolavori
Daisson Gaidzinski	
Daniel Sokolowsky	
Erico Adalberto Linden	
Erna Sandra Gorsky	
Flavio Daudt de Oliveira	
Frederico Seewaldi	
Hernani Antonio Xavier	
Humberto Paiva Ollé	
Ione Maria Sbardelotto	
Ivan de Mello Chemale	
Ivo Alberto Becker	
Jair Vargas Oliveira	
Joel Praia Porto	
Jonei Domingos Cavali Pesenti	
José Accordi	
José Bias de Leon Rochinhas	
José Dorneles Picon	
José Fernando Quadros de Leon	
José Flávio Fontana	
José Gewehr	
José Luiz Pedrini	
José Papa	
José Pedro Lahude	
Julio Ernesto Hecker Kappel	
Lêdo José Pinto	
Leocardo Albino Baum	
Lothar Leopoldo Goellner	
Luiz Carlos Albandes Lopes	
Luiz Felipe Lopes Ustarroz	
Luiz Carlos Mabilde	
Marco Antonio Burigo	
Marco Aurélio de Aguiar Costa	
Marco Polo Vaz Barbosa	
Maria Helena da Rocha Cherubini	
Maria Lucia Franz Vieira	
Marilene Corrêa Paschoal	
Mateus José da Luz	
Miguel Fernando de Quadros Rezende	
Osmar Orlando Faller	
Paulo Fernando Onófrio	
Paulo Kelbert	
Paulo Luiz Rech	
Paulo Maciel de Athayde	
Paulo Roberto Peres Giesta	
Paulo Sandler	
Roberto Adelino Linden	
Roberto Goulart Machado	
	1974
	Aldo Roberto Luchesi
	Alexandre Paulo Machado de Brito
	André Luiz Haack
	Angelo Renato Piamolini
	Astos Sergio Campos Reisinger
	Carlos Saul
	Celso Artus
	Celso David Lago
	Citânia de Azevedo Ramil
	Claudio Zaslavsky
	Cléia Lüdtke
	Clóvis Roberto Vila Verde Mattos
	Darci Paulo Werlang
	Diaroni Izabel Nogueira Carvalho
	Dorotéa Kremer Motta
	Elizabeth Rodrigues Chiada
	Eugênio Rodrigues da Silva
	Everton Flores Coelho
	Fernando Trein Jaeger
	Fuad Haddad
	Gastão Fernandes Duval Neto
	Gilberto Aquilera Munhais
	Gilberto Antonio Trentim
	João Augusto Bertuol Figueiró
	Joaõ Carlos Serafim
	João Luiz Almeida Fonseca
	José Aparecido Granzotto
	José Dalavia Greff
	José Rubens Lens Vargas
	Lacy da Horta dos Santos Almeida
	Magda Rodrigues da Silva
	Marco Antonio Gonçalves
	Maria da Graça Albuquerque
	Mário Alfredo Deves
	Michel Halal
	Namir Roberto Jankoski da Costa
	Nelson Ignácio Messinger
	Nelson Langer dos Santos
	Nino Eledar Szostakowski Garcia
	Ornélia Dante Broilo
	Paulo Francisco de Azevedo
	Paulo Sérgio Crusius
	Paulo Souto Ferreira
	Renato Guerino Pezzi
	Rosa Lina Borgo

Rubens Morona de Oliveira  
Rudyard Emerson Sordi  
Sérgio Antônio Rossato  
Sérgio Valério Kayser  
Suzana Sokolovisky  
Tanus Ignácio da Silva  
Telma Lúcia Silveira de Araújo Lopes  
Telma Maria Fraga Bernardes  
Tomaz Barbosa Isolan  
Tulio Miguel Shein Wenzel  
Vera Regina Gomes  
Vicente Paulo Mendes Tarragó  
Zoffi Roberto Souza Gerber

### 1975

Alcides Rathje de Mendonça Lima  
Alda Madalena Rosito  
Alfeu Rene Wedy Couto  
Alvino Dutra da Silva  
Antonio Carlos Maciel  
Beatriz Rejane Gradaschi  
Berenice Amábile Vicentim de Oliveira  
Blévio José Vieira Rodrigues  
Carla Ida Brasil Ranzolin  
Carlos Alberto Facin Pandolfo  
Carlos Alberto Purper Bandeira  
Cláudio Leite Gemelli  
Clovis Luiz Sardi  
Denise Brisolara Mechereffe  
Edson Brito Manuel  
Edson Ebert  
Edson Luiz Reis da Silva  
Edson Roberto da Rosa Fiel  
Ener Luiz Macedo de Leon  
Fábio de Alencar Braga  
Fábio Vieira de Faria  
Gilberto Peixoto Noro  
Gilberto Seelig  
Gilson Kramer Brehm  
Hamilton Jair Estanislau  
Helenice Dias Mechereffe  
Heron Silveira Ferraz  
Ilário Trevizan  
Inês de Lima  
Ione Massignani  
Irineu Francisco Leonardi  
Ivan Moraes Pinto  
Ivanosca Inês Martini Carriconde  
Jaime José Farina  
João Paulo de Almeida Carriconde  
João Tiburcio dos Santos Coimbra  
Jorge David Rocha Zanol  
José Arthur Saldanha de Queiroz  
José Francisco Courtois de Almeida

José Luiz Kraemer  
José Nereu Moreira Guedes  
José Oliveira Calvete  
Jurandi Hettwer  
Klava Joice Streliev  
Libia da Silva Pinto  
Ligia Maria Kümmel Lopes  
Luiz Fredolino Bohn  
Lydia Maria Castanheira Kaster  
Márcio Luiz Aguiar de Oliveira  
Marco Antonio da Silveira Monser  
Marco Aurélio da Ros  
Maria Aparecida de Lima Vale  
Mauro César Castilhos Beilke  
Miguel Mariante Coelho  
Nei Roberto Arend  
Nelson Blank  
Paulo Cirano Batista Teló  
Paulo Juarez Martins de Almeida  
Paulo Kasper de Quadros  
Paulo Roberto Daltoé  
Paulo Tadeu Turki de Lima  
Rui Francisco Medeiros de Souza  
Sêne Alves Soares  
Solange Maria Seidl Gomes  
Vera Lucia Diehl  
Vitor de Oliveira

### 1976

Ademar Nardeli  
Agostinho Paulo Ferri  
Alduino Bianchi  
Ana Luisa Soares Müller  
Antonio Amaral Villela  
Aroaldo João Schmitt  
Beatriz Ebling Guimarães  
Bernardo Scarsinski  
Carlos Eduardo Guglielmi de Carvalho  
Carlos Oli de Azeredo  
Carmem Emília Keidann  
Celso Ribeiro Martins Filho  
Cezar Luiz Guindani  
Claudio Luiz de Souza Lopes  
Cleia Bertinetti Bandeira  
Dione Maria Pazzetto  
Edgar Fiss  
Enara Terezinha de Castilhos  
Fernando Celli  
Fernando Luís Massa Lokschin  
Flávio Dartora  
Flavio de Oliveira Gonzalez  
Guilherme Jorge Ceccagno  
Hardy Musskopf  
Heloisa Maria Franco de Medeiros

Hercio Schwartzman  
Hildor Schroeder  
Honorina da Costa Almeida  
Inês Lemos Bastos Echenique  
Iolanda Mello de Faria  
Jane Arlene Wasem  
Jane Mary Monks Duarte  
João Frank Neto  
Jorge Desjardins  
José Carlos Bohn  
José Carlos Broetto  
José Francisco Rotta Pereira  
José Mauricio Grahil Ramos  
Jovilde Montagna  
Leonardo Henrique Carone Grossi  
Lilian Ruth Nicolaiewsky  
Luís Antonio Dias da Fonseca  
Luiz Alberto Grossi  
Luiz Derli Tolotti  
Luiz Fernando Cavalho Valente  
Luiz Renck Reis  
Marco Antonio Viegas da Silva  
Maria Helena Ferreira Coimbra  
Maria Krystina Orzechowski Xavier  
Maria Tereza Natorf  
Marilza Helena Berté  
Marisa Freitas Frank  
Miguel Angelo da Costa Quintana  
Milton João Izolan  
Moacir Carvalho Blaas  
Moacir Mello da Silva  
Nelson Chanin  
Nestor Jaime Lucas Bueno  
Oscar Guido Navia Torrico  
Otávio Passos de Oliveira  
Paulo Roberto Bischoff Domingues  
Pedro Cesar Palma Borges  
Renato Resmini Riemke  
Roberto Melo de Souza  
Rodinei Roberto Festugato  
Rogerio Gottert Cardoso  
Roque Dorian Godoy Prestes  
Rover Pedro Borba  
Ruth Herweg  
Susana Siegmund  
Tânia Maria Bonini Corrêa de Magalhães  
Udo Carlos Loose  
Vera Regina Cruz Trevisol  
Victor Hugo Campos Lago  
Waldir Pletsch

Amilcar Pereira de Pereira  
Ana Maria Baptista Menezes  
Antonio Carlos Cunha Valente  
Antonio Carlos Padoim  
Ariane Louzada de Magalhães  
Arno Tessmann  
Boris Laks  
Carlos Alberto Alves Tavares  
Carmen Lucas Vernetti  
Claise Maria Raddatz  
Clarisse Pinto Echenique  
Dargilan Freitas  
Ernani Bender  
Erwin Franz Gattringer Filho  
Eugenio Lemke  
Fernando de Mello Gomes  
Fernando Egídio Batista Oliveira  
Flávia Guimarães Brod  
Flávio Peixoto de Oliveira  
Gislaine Vargas da Silva  
Herman Heredia Farrel  
Ilton Francisco Torre  
Iná da Silva dos Santos  
Jair Tognon  
Jeorge Irani dos Santos Vernes  
Joaquim Boeira de Vargas  
Jorge Luiz Ossuosky Machado  
Jorge Tadeu Antunes da Cunha  
Jorge Tadeu Braz Medeiros  
José Antonio Pedrosa Bainy  
José Carlos Farias Alves  
José Ecil Martins Teixeira  
José Inácio Dias da Fonseca  
José Luiz da Silva  
Katia Silva Gonzalez  
Luís Adilson Canez Xavier  
Luis Rene Sosa Lezama  
Luiz Henrique Janelli da Silva  
Luiz Henrique Rodrigues de Faria  
Luiz Mendes da Silva Santos  
Mara Regina Couto da Fonseca  
Marco Antonio Belluzzo  
Marco Antonio Lima Trindade  
Margareth Soares Souza  
Maria Celeste Lima Maffei  
Maria Coralia Lemos da Rosa  
Maria da Graça Rocha Sampaio Juchem  
Maria Hilda Ferreira Moraes  
Neuza Maria Campelo Bornholdt  
Olismar Silveira Mendes  
Osmar Fernando Tesch  
Paulo Eduardo Wellausen Vieira  
Paulo Roberto Silva da Fontoura  
Ramiro Curi de Lemos

## 1977

Aleisa Mara Martins Flório  
Almiro Kublik

Renato Nelson Rutzen  
Roberto Paz Calderon  
Rogerio Vianna Rocca  
Ronaldo Luiz Sieburger Costa  
Rosa Visitacion Maroñas Costa  
Sérgio Krinski  
Sergio Luiz Biebler  
Sergio Luiz Scherbaum  
Suzana Maria Pizarro Pilotto  
Telmo Zanella Salengue  
Valter Fonseca de Brito  
Wilma Elizabeth Güez e Silva

### **1978**

Adalberto Angelo Paniz  
Alba Maria Trois Pinto  
Alexandre de Conto Abitante  
Antonio Carlos Folle  
Antônio Páler Farias  
Antonio Amilco Pereira Donato  
Aquiles José Vasconcellos Mamfrim  
Ariosto Vargas Gonçalves  
Carlos Alberto Pizzamiglio  
Carlos Augusto Marques Bispo  
Carmem Lucia Jacob Fabres  
Carmem Regina Oliveira Lopes  
Cezar Arthur Tavares Pinheiro  
Cinthia Krüger Sobral  
Cledinara Rodrigues Salazar  
Derci de Farias Batista  
Diniz José da Silva Pizarro D'Orey  
Edmo Renato Belloli  
Elias Scheidt  
Elisa Lisete Bicca Leivas  
Elisabeth Loguércio Collares  
Ernesto Sousa Nunes  
Flamarion Freitas de Freitas  
Flávio Luiz Sieburger Costa  
Francisco Humberto Maraninchi  
Gaspar Simão Boaretto  
Gilda de Mattos Milman  
Gilson Antonio Savaris  
Gisele Seixas Barcelos  
Henrique Ott  
Iara Marédima Nicoleti Martins  
Jair Rodrigues Escobar  
Jalva Marques  
João Alberto Sampaio Juchem  
João Cardoso Filho  
João Luís Nadal Barroso  
João Manoel dos Santos  
José Américo Pascal Proto  
José Anselmo Rodrigues  
José Euzébio Ribeiro

José Luiz Machado de Castilhos  
José Valentin Bayona Bracamonte  
Kleber Antonio Alves Ramil  
Maria Cecília Gonçalves Brandi  
Maria da Graça Fortes Maduell  
Maria de Fátima Martinez Barroso  
Maria Elizabeth Quadros de Oliveira  
Mauro Almeida Polidori  
Nilce Maria da Graça Tatin Martins  
Nora Gilce Portela de Oliveira Amaral  
Paulo Roberto Silveira Pedra  
Roberto Artur Ballardin  
Rosa Mary Lech da Silva  
Rossana Collaço Alberton  
Ruben Dario Salazar Arias  
Rui Edi Schneider  
Ruy Celso Pereira Ratto  
Ruy Dagoberto Bersch  
Sérgio Renato Neto de Campos  
Sônia Peres San Martin  
Uilson Garcia Moreira  
Vanderley Rosas Real  
Vicente Petrolini de Carvalho  
Waléria Nogueira Poeta  
Zilá Maria Corrêa da Silva Pinheiro

### **1979**

Adalberto Petrolini Carvalho  
Alfredo Degani Zauk  
Amílkar Herrera Virreira  
Ana Carolina Issler Farias Ferreira  
Ana Leocádia Palazzo Carpena  
Ana Lúcia Goulart Rezende  
Angela Chapon Cordeiro  
Beatriz Pinheiro Franck  
Brunoberto Behs  
Carlos Alberto Hoeltgebaum  
Carlos Augusto da Cunha Tavares  
Carlos Renato da Silva Fonseca  
Carmem Lúcia Vieira Heredia  
Carmen Regina Zandoná Laydner  
Celso Luiz Golin  
Ceres Helena Borda Dias  
César Vinícius Gomes Bastos  
Cezar Fernando Heck  
Claudio Alberto Longoni  
Cleusa Ernestina dos Santos Neutzling  
Dario Guerreiro de Almeida Teixeira  
Djalma Froés  
Dominique Roche Sokolovsky  
Eliana Camila Hisse Gomes  
Elisabeth Matana Spode  
Elizabeth da Fonseca Ramos  
Fernando Acosta

Fernando Antonio Agge Mansur  
Fernando Hermann Pedrini Rotunno  
Heitor Amarilho  
Helaine Terezinha Ferreira Bicca  
Henrique Alberto Carvalho da Costa  
Hugo Salomão Leitte Teixeira  
Iara Rute Cosby Corrêa  
Idemar Luiz Taufer  
Iris Fátima Grafulha Corrêa Cordeiro  
Irma Rossa  
Ivanir Roque Tomazzoni  
Jesus Machado Vieira  
José Antônio de Souza Campagnolo  
José Halley Guerreiro  
José Nestor Soliz Encinas  
Lester Fernando Mendes Darley  
Liane Pereira Magalhães  
Luis Fernando Czermainski  
Luiz Alexandre Alegretti Borges  
Luiz Pedro Zandoná  
Magda de Marco de Oliveira  
Marcia Ondina Bueno Zandoná  
Marco Antonio Carvalho da Cunha  
Maria da Graça Guidotti dos Santos  
Maria de Fátima Alves Teixeira  
Maria Luiza da Silva  
Maria Odete Lacerda de Lima  
Mario Cavalheiro Coelho Filho  
Marlene Loide Arais  
Milton Luiz Merony Ceia  
Milton Sokolovsky  
Moacir Otilio Alves  
Nara Regina Lessa Pimentel  
Nilza Elizabeth Alves Umpiérrez  
Odemir Luiz Bordin  
Paulo Halfen  
Paulo Luís Caputo  
Paulo Roberto Post  
Paulo Sérgio Herreira da Silva  
Pedro Henrique André Foster  
Regina Macedo de Almeida Peres  
Ricardo Halpern  
Roni Quevedo  
Rosendo Almanza Mamani  
Sergio Antonio Venero Huarcaya  
Sergio Luiz Ricci Falchi  
Sonia Rohnelt Fontoura  
Sued Luiz Leonardi da Rosa  
Volnei Nicoletti Pereira  
Wanderley Ribeiro Idiarte  
Wanessa Nogueira Poeta Darley

**1980**  
Abdel Nasser Doile Macedo  
Adelaide Alves Marques  
Adriene Ignez Tomberg Alves  
Altivo Ronaldo Silva Luzardo  
Ana Amália Arend  
Ana Cristina Tomberg Alves  
Ana Lúcia Costa Salazar  
Ana Maria Ferreira Borges  
Ana Maria Kleinowski  
Ana Maria Siga  
Ângela Valente Warlet  
Aparecido Laércio Marroni  
Arlene Celso Granada Afonso Vaz  
Cairo Roberto de Ávila Barbosa  
Clarice Daunis Praça  
Cláudia Maria Pianalto de Freitas  
Cléa Maria Lopes Granada  
Darcy Crispim Corrêa  
Décio Dal Molin  
Delton Schuch  
Denise Titze da Silva  
Dóris Almeida de Borba  
Edson Ramalho  
Elemar dos Santos Bertinetti  
Euler Roberto Fernandes Manenti  
Ewerton Rogério Valente Souza  
Florencio Dionício Carbajal Cáceres  
Gelson Heurich  
Getulio Rodrigues de Oliveira Filho  
Gustavo Porta Saballos  
Haroldo Dias  
Helenton Costa Mendes  
Heloísa Cappellari Merenda  
Iris Helena Machado Vasconcellos  
Jacqueline Lemieszek  
Jandira Pureza Valente  
José Américo Macedo Passos  
José Carlos Oliveira  
José Dionísio de Lima Becker  
José Milton Cunha Merenda  
José Orlando Del Carmen Jimenez Rojas  
José Roberto Zorzetti  
Josué Vânius Uzon Hoewell  
Jussara Medeiros Pereira  
Lauro Kose Nakagawa  
Lícia Alencar Braga  
Lilian Soares Gastaud  
Lúcia Helena da Rosa Gonzales  
Luciana Petrucci Gigante  
Luis Manuel Barahona Palma Antunes  
Luiza Amália Ferreira Nickhorn da Silva  
Manif Curi Jorge  
Margareth Jeckel Lopes

Maria Angélica Nunes Chagas Perez  
Maria de Fátima Tavares Costa  
Maria Fernanda Soares Ribeiro  
Maria Lucia Perera Zuñeda  
Mariza Souza Gonçalves  
Maurício Antonio Rodrigues Silveira Filho  
Modesto Zuñeda Neto  
Paulo Luiz de Oliveira Moraes  
Paulo Roberto Portella Kratz  
Pedro Pazio  
Renata Martins Cunha  
Renato Grun Bueno  
Rogério Torres Marques  
Rosa Lilia Ferreira Longone  
Sandra Renata Gehling Bertoldi  
Sérgio Carriconde Schmidt  
Sonia Mara Palácio Guido  
Sonia Maria Campos da Cruz  
Sylvia Dias Tavares da Silva  
Therese Pey Chao Furtado  
Valdez Vannini  
Victor Hugo Pereira Coelho  
Wanda Cecília Loguerio Leite

### **1981**

Afrânio Alberto Tavares Krüger  
Alcir Martins Iuppen  
Ana Bela de Barros Palazzo  
Ana Maria Azeredo Tessaro  
Ana Maria Guedes Piltcher  
André Avelino Steffens  
André Luiz Moreira Hypolito  
Aparecido Ademercino Lucin  
Arno Adalberto Bianchini  
Auldo dos Santos Munhoz  
Balford Rafael Abaunza Sanchez  
Boaventura de Jesus Lapuente Pereira  
Carlos Alberto Coutinho Patella  
Carlos Edgar Bleil  
Carlos Eduardo de Azambuja Boamar  
Diego Leopoldo Pinheiro  
Eduardo Oliveira de Araújo  
Elisa Barbara Fonseca Ribeiro  
Elizabeth Cristina Gago Carpêna  
Fernando Ebling Guimarães  
Fernando Mansur Castanheira  
Fernando Schoeder Lopez  
Gelon José Acosta Dias  
Gustavo Adolfo de Marco Valle  
Heliara Tosetto Cachoeira  
Helio Dalla Libera  
Hélio Mallmann  
Heloisa Barbosa Duarte  
Heloiza Maureen Borges Ávila

Ilson Abreu Gomes  
Ivone Cogno  
João Manoel Corrêa de Azevedo e Souza  
Jorge Luiz Zordan  
José Carlos Rosa Delfini  
Lauren de Santa Rita Milach Gervini  
Rodrigues  
Léa Regina Louzada Ribeiro  
Ledi Vieira da Costa Pinto  
Lilian dos Santos Palazzo  
Lorraine Storch Meyer  
Luis Antonio Braga Schuch  
Luiz Paulo Ely  
Margareth Spode  
Maria Alice Ferreira Moraes  
Maria Christina Muratore Gurvitz  
Maria Claudete Ribeiro Duarte  
Maria Laura Zanotta Riemke  
Maria Luiza Klumb Silva  
Maria Tereza Schulte Lucin  
Maria Terezinha Costa Antunes  
Mariângela de Fátima Rosinha da Cunha  
Mário Alberto Alexandretti  
Mario Antonio Wobeto  
Mário César de Moura e Cunha Rocha  
Martha Helena de Mattos Zuardi  
Mauro Guidotti Aquini  
Mauro Werb Junior  
Miguel Puerto Filho  
Milton José Bergamo  
Monica Villela Pereira  
Nara Regina Fabres Farias  
Neiva Conceição Etchalus  
Neiva Holsbarch Schuster  
Nelia Bueno Pinto  
Neusa Machado Guerra  
Nolvi Francisco Baggio  
Noris Helena Muswieck Braga  
Osminda Löblein  
Otavio Walerko  
Pedro Alberto Massa Lokschin  
Regina Laura Dutra Barbosa  
Renata de Moraes Jaccottet  
Renato Augusto Moreira  
Rocky Antonio Valencia Oyola  
Serge Lepinoux Chupeau  
Sonia Maria Jeckel Ruas  
Valmir Mendes Antunes  
Vitor Luiz Cachoeira  
Walter de Castro Möller

### **1982 I SEMESTRE**

Adalberto Rosses  
Antonio Carlos da Silva Cavalhal

Carlos Ricardo Germann  
Ceres Leonor Tavares Guedes  
José Olivio Vicari  
Julio Moacir Medeiros de Sá  
Luiz Carlos Chiappetta  
Luiz Fernando da Cunha Ribeiro  
Marise Fontoura Corrêa  
Rosa Alice Calvo

### **1982 II SEMESTRE**

Admir Parmezan  
Agostinho Luna Silva  
Airton Deodato da Silva  
Alberto Gomes Llanos  
Alcilio José de Souza Filho  
Antonio Carlos Garcez Karsburg  
Antonio Carlos Rebellato  
Antonio Verissimo Iturriet Albaini  
Carlos Augusto dos Santos Borda  
Carlos Silvio Martins  
Carmen Cecilia Lorea Mattar  
Cesar de Lima Laydner  
Cesar Lourenço Nezello  
Cleusa Maria Vitória Pinto  
Cristina Helena Targa Ferreira  
Dari Leonhardt  
Dolores da Conceição Madeiras  
Edezio Webber de Oliveira  
Edinelson Cerci  
Edson Luiz Rosalino  
Elvio Marindo Spigolon  
Enedir Luiz Colpo  
Florivaldo André Matelozzo  
Francine Beatriz Ferreira  
Gilda Neves da Silva  
Glenio Kanaan da Silva  
Gualberto Luiz Oxley Machado  
Idemor Molin  
Iltamar Dias Fara  
Iluy Manuel Lopes  
Jane Ester Barbosa Ramos  
João Carlos Santos  
João Celso Brustulin  
João Senger  
Jorge Luiz Zanette Ramos  
José Augusto Froner Bicca  
José Carlos Oliveira de Barros  
José Ribeiro dos Santos  
Jouberto Peter Ebersol  
Juarez Taffarel  
Kazumichi Koga  
Kazuto Sera  
Levy Lopes Nogueira  
Lilian Maria Diones Giongo

Luciano Ely  
Lucio Almeida Castagno  
Luis Pereira Lima Lopes  
Luiz Antonio Oliveira Inacio  
Luiz Donizeti Miquelão  
Luiz Mário Bretanha de Moraes  
Luiz Sergio Freitas de Medeiros  
Marco Antonio Gonçalves Mendes Wanrowsky  
Marco Aurelio Crespo Albuquerque  
Marco Paulo Farinha da Rosa  
Margot Fetter Costa  
Margot Sordi  
Maria Alice Souza de Oliveira  
Maria del Rosário Cossio Rodriguez  
Maria Lucia dos Santos Carvalhal  
Mario Mitsuo Morita  
Maritza Gomes Cantarelli  
Mauricio Guillermo Vásquez Romero  
Mírian da Cruz Barcellos  
Neemias Ramos  
Nísia Maria Ferreira dos Santos  
Paulo Roberto Oliveira Antonello  
Pedro Ozório Pereira  
Ricardo de Campos Nogueira  
Roberto Leite Garcia  
Rogério Barbosa Karam  
Rosangela Souza Vasques  
Rosangela Zambonato Arnt  
Silvia Sander Muller  
Suzana de Marco Braga  
Tania Maria Sbeghen de Oliveira  
Vania Therezinha Comandulli  
Wilson Marcio do Amaral

### **1983 I SEMESTRE**

Cecília Nunes Pedroso  
Concepcion González Escobar  
Ermani Cadore  
Fernando José Carpeta Jaccottet  
Frederico José Gago Carpeta  
João Carlos Martins Toralles  
Maria Auxiliadora de Freitas Roewer  
Maria da Graça Rocha  
Nelson Hukusina  
Sergio Luiz Castro Ribeiro  
Virgílio José de Sousa Lima Pinheiro

### **1983 II SEMESTRE**

Ana Lucia Carvalho Al Alam  
Ana Maria Krug  
Ana Marisa Terra Lucas  
Antenor Ohlweiler Junior  
Ari Celso Fransozi

Carlos Roberto Galvão Sobrinho  
Carmen Luiza Fonseca Corrêa  
Carmen Silvia Silveira de Quadros  
Clara Maria Lopez Piccini  
Clécia de Barros Coelho Bicca  
Delvo Menegaz  
Denise Marques Mota  
Edson Antonio Pedruzzi  
Edson de Jesus Coutinho  
Eduardo de Oliveira Fernandes  
Fernando José Gaspar Nogueira Filho  
Fernando Vargas Garcia  
Francisco Aurélio Grigoletti de Freitas  
Glauber Fabião Signorini  
Helio David Borges Nascente  
Herbart Deogenes Michels  
Hiram Laranjeira de Almeida Junior  
Irene Junges Carvalho  
Ivan Antonio Guevara Lopez  
Jairo Costa Wurdig  
Jamal Nasser Haddad  
José Antonio Tardivo  
Juvenal Soares Dias da Costa  
Katia Ramil Magalhães  
Lilliane Maria Gonçalves Bering  
Loren do Carmo Wasielesky Galvão  
Lucia Diehl da Silva  
Luiz Eduardo Corrêa Schein  
Luis Fernando da Cunha Farias  
Luiz Henrique Zaions  
Luiz Roberto Habeyche Ruschel  
Marcos Cesar Friedrich da Silva  
Maria Claudia Dimuro Bender  
Maria Cristina Yunes Abrahão  
Maria da Graça Valente Cardoso  
Maria de Guadalupe da Rocha Ferreira  
Maria Luiza D'Andrea Trindade  
Marilene Prestes de Freitas  
Mario Luiz Valente Warlet  
Marisa Albuquerque de Lucia  
Matheus de Aldeia Paulsen  
Mauricio Silva de Lima  
Mauro Porcu  
Melanie Ogliari Pereira  
Mirian Goulart Farias Laranjeira  
Nara Maria da Silva Morita  
Ney da Silva Padilha  
Oscar Alberto Del Socorro Ramirez Villanea  
Oscar James Segal  
Paulo Faria Bonat  
Paulo Roberto Teixeira da Silva  
Renan Stoll Moraes  
Ricardo Mendes Alves Pereira  
Ricardo Thofehrn

Rita Perez Leite  
Rosani Cruz Azevedo  
Rosana Blos  
Sergio Tavares de Castro  
Ubiratan Cebulski  
Umberto Lopes de Oliveira Filho  
Vera Maria Freitas da Silveira  
Wallace Rocha Saran

1984 | SEMESTRE

Aires Carlos Mello Berger  
Ana Dalmar Barros das Neves  
Anete Azambuja Pons  
Antônio Peixoto Martins  
Carlos Massashi Araki  
Cristina Rocha Saldanha  
Egon Albino Roschmidt  
Francisco Augusto Natorf  
Getúlio Poletto Pimentel  
Ivan Palermo Inthon  
Jorge Ammar  
Julio Avelino Martinez Chambergo  
Luiz Ernani Romero Saavedra  
Maria Ercolina Castro Fortes  
Osvaldo Gasparini  
Rejane Bernardi de Souza  
Roberto Fulber Junior  
Roberto Hocevar  
Silvia Helena de Medeiros Lago  
Vasco José Costa da Costa

1984 II SEMESTRE

Abilio dos Santos Cardoso  
Adonis José Brock  
Alena Beatriz Burtet Franzen  
Alexandre Antonio Scopel  
Alvaci Silva Oliveira  
Amilcare Angelo Vecchi  
Ana Claudia Tapado do Amaral  
Ana Maria Krusser Zambonato  
Ana Maria Oliveira de Barros  
Angeline de Aldeia Paulsen  
Antonio Brancher  
Arnaldo Teixeira Rodrigues  
Augusto Darley Ramos Martins  
Carla Maria Brandeburski  
Carlos Eduardo Rilling da Nova Cruz  
Dario Luiz Feil  
Denise Maria Sandin Affonso  
Edson Marcos Mendes  
Eduardo Machado Rotta  
Eliana Weinmann  
Fábio Leite Gastal

- Fernando Luiz Seugling Repinaldo  
 Florêncio Hernandes  
 Florival Zildo Vituri  
 Geraldo Olivé Leite Neto  
 Gil Coelho  
 Gilberto Luis Graff  
 Gilberto Santos dos Santos  
 Gilmar lesbich Finkler  
 Giovani Feix Peruzzo  
 Guido Goldschmidt  
 Inacir Antonio Piva  
 João Batista da Silva Filho  
 João Batista Reckziegel Bersch  
 João Carlos Zagonel  
 Jorge Vanderlei Streciwik  
 José Antonio de Almeida Lara  
 José Cândido Souza Neto  
 José Carlos Sória de Cerqueira  
 José Luiz Machado  
 Justo Antero Sayão Lobato Leivas  
 Ligia Neumann Strauch  
 Liliane Fernandes Pretz  
 Luis Carlos Leuckert  
 Luis Ramom Marques da Rocha Gorgot  
 Luiz Cesar Didoné  
 Maira Moraes Machado  
 Mára Luci Farias Mello  
 Mara Suzana Cerentini Loreto  
 Marcelo Zabaleta  
 Marcia Bins Giraldi  
 Márcia Ferraresi Brighente  
 Márcio Luís Deves  
 Marco Aurelio Viégas  
 Margarete Ribeiro Duarte  
 Maria Augustina Pinheiro Deves  
 Mário José dos Santos Corrêa  
 Martin Marques Ribeiro  
 Mauricio Garcia dos Santos  
 Milene Maria Saalfeld  
 Nara Regina Corrêa de Oliveira  
 Nelson Beduschi  
 Odenir José Brighente  
 Oldaci José Pustai  
 Paulo Cezar Lago  
 Paulo Sergio Martins de Souza  
 Paulo Thofehrn  
 Regina Barros Goulart  
 Renata Pekelman  
 Renato Luiz Baucke  
 Renato Santos Coelho  
 Renato Silveira Lazzaretti  
 Ricardo Antonio Boff  
 Roberto Osvaldo Pont Zambonato  
 Roger Alberto Costa
- Ronaldo Lopes Torres  
 Rosana Nagel  
 Rosane Isabel Bittencourt  
 Ruben Dario Corredor Vargas  
 Suzana Malafaia Monteiro da Cunha  
 Urubatan Collaço Alberton  
 Vera Lucia Nunes Pereira Lima  
 Vinicius Silva de Lima  
 Waldo Luis Leite Dias de Mattos  
 Wladimir Ussacki
- 1985 I SEMESTRE**
- Agenor Brancher  
 Agenor Cararo  
 Ângela Maria Guarienti  
 Antonio Aparecido de Oliveira  
 Eduardo Búrigo  
 Ivo Leuck Junior  
 Jairo Tavares de Sousa  
 João Alberto Sabetzki  
 José Tomás Pereira Souza  
 Maristela Krüger Lopes  
 Miriam Tereza Vali Solé  
 Ney Duarte de Oliveira  
 Osvaldo Vendramin  
 Paulo Pio Tosetto  
 Ricardo de Paula Daudt  
 Sérgio Oliveira Simões  
 Sonhalcir Cadore  
 Walter Ossamu Missima
- 1985 II SEMESTRE**
- Adolfo Luiz Falcão Sparenberg  
 Adriane Dias Ferreira  
 Airton da Silva Pereira  
 Alfeu Roberto Rombaldi  
 Ana Inara Noronha  
 Ana Maria de Lima Mansur  
 Ana Maria Rodrigues e Souza  
 Anna Luiza Bueno Coutinho  
 Arão Zvi Pliacekos  
 Beatriz Hax Sander  
 Carlos Alberto Gollo  
 Carlos Alberto Stracheuski  
 Carlos Bauer Besse  
 Carlos Kuzli Kuzmik  
 Carmem Luz Kaa Rodriguez  
 Celio Friedholdo Fahl  
 Claudio Achkar  
 Daniel José Dalcin Montagner  
 Denise Beling da Silva  
 Fabio Brod Rodrigues de Sousa  
 Fernando Luiz Westphal

Francisco Antonio Canhoto  
Gilberto Abduch Junior  
Gilberto Hiwatashi  
Gilmar Luís Zortéa  
Giselda Bragaglia Rahde  
Hairton Campos  
Helder Romeiro Xavier  
Helena Wenher  
Ivana Marcilio Azambuja  
Ineide Rejane Graff  
Jonas Natalicio de Lima Medeiros  
Jorge Eduardo Lima Fonseca  
Jorge Henrique Schmitt  
Jorge Luiz Utzig  
Jorge Tadeu Amaral de Almeida  
Josane Maria Machado de Freitas  
José Aluisio Neumann Jungues  
José Leonel Gonçalves Pinto  
Julio Antonio Stedile Ribeiro  
Leonora Costa Acosta  
Lorena Elia Sing Arguelles  
Luciana Machado Marques Rocha Gorgot  
Luis Fernando Fajardo Forero  
Luis Fernando Varela Brenes  
Luís Olímpio Dias Jordão  
Luiz Henrique Cesar Westphalen  
Magali Belaunzaran de Quadros  
Marcelo Passos da Rocha  
Márcia Rejane Maia Fagundes  
Mariângela Freitas da Silveira  
Maria Cristina Jardim Brandolt  
Marines Bertolo  
Marisa Fernanda Hammes  
Miguel Luis Bastos Ieffet  
Milton Stein Brechane  
Moacir Carlos Zeni  
Neusa Maria Corrêa Ferreira  
Nicanor Reinaldo Dresch  
Orlando Kato Batista  
Paulo Roberto da Luz Dias  
Paulo Glusczuk  
Renato Rodrigues Al Alam  
Roberto Sami Neder Kalil  
Rogério Ivan Hein  
Rosana Diesel  
Rosane Guimarães Bachilli  
Samuel Antonio Neugbauer  
Scheila Pretto Almeida Thofehrn  
Sérgio Scaletski  
Silvana Maria Molossi  
Silvia Helena Campos Serres  
Suely da Conceição Madeiras  
Thais Russomano  
Tulio Térbio Ferreira de Oliveira

Valdir José Zeni  
Vera Lucia da Silveira  
Vera Regina Levien  
Vera Regina Rodrigues  
Zenaide Maques Vargas

#### **1986 I SEMESTRE**

Alvaro Augusto Rodrigues  
Cláudio Francisco Favaretto  
Edison Kufner  
Elisabeth Klug Radke  
Flávio Sérgio Chiuchetta  
Hélio Moura Lütz  
Joaquim Ignacio Silveira da Mota Neto  
Jone Antunes de Oliveira  
Luiz Ernesto de Giacometti  
Márcio Antônio Stumpf  
Mário Alberto Nogueira  
Marlon Ricachenevsky  
Paulo Loescher  
Pierre Power de Oliveira  
Sebastiana Ferreira de Freitas  
Suzana Alvim Basile

#### **1986 II SEMESTRE**

Airton Luis Fiebig  
Andréa Scaletzky  
Angela Machado Ferreira  
Antonio Carlos Nicolodi  
Arquimedes Luiz Spironelo  
Beatriz Zilberknop  
Carlos Barszcz  
Carlos Gonçalves Munhoz  
Carlos Rodrigues de Oliveira  
Carlos Schlee Gomes  
Célio José Pansera  
Celina Salim Mansur  
Cesar Augusto Graff de Oliveira  
Cleber Motta Schein  
Dulce Maria Padilha da Rosa  
Elsie Lara Wienke Wellar  
Enrique Daniel Saldaña Garin  
Esilda Jeanette Gil Espinoza  
Fábio Tagliari  
Fernanda Tavares  
Fernando de Castro Möller  
Fernando Passos da Rocha  
Gelson Luiz Luchese  
Iara Nikraszewicz  
Ignacio Alves Paim Filho  
Ilza Hernandes Tonin  
Jader dos Santos Paiva  
Jamile Cerioli

João Baptista D'Andrea Souza  
João Ivan Lopes  
José Alberto da Silva  
José Fernando Antelo Hurtado  
José Francisco Netto Pitrez  
José Ivalei Guerreiro  
Laércio João Lazzarotto  
Leda Maria Ferreira Borges  
Lia Mara Gomes dos Santos  
Luciane Duarte Schüller  
Luizana Stapasolla  
Luiz André Damiani  
Luiz Carlos Sauandaj Medina  
Luiz Gilmar Bondan  
Mara Regina Aquino Costa  
Marcelo Freda Soares  
Marcelo Grillo Dini  
Mard Luiz Batista Leite  
Marilhane Dias Schultz  
Mario Mansur Filho  
Maristela Menezes da Cass  
Marta Lisane Wagner Dini  
Miguel Ramos de Souza  
Mozart Teixeira Alves  
Nilmo Rosemir Ferreira Ulgum  
Nilo Machado Júnior  
Orlando Carlos Gomes Colhado  
Osvaldo Quirino de Souza  
Patrícia Soares Aguiar  
Paulo Eromar Bersch  
Paulo Ricardo Gazzola Zen  
Paulo Roberto Gonçalves do Nascimento  
Paulo Sergio de Almeida Peres  
Renato Bender Castro  
Ricardo Balzano Maulaz  
Rosaura Liz Lerner  
Rosilene Castro Jara  
Sedaulino Amaral Villela  
Sérgio Antonio Rodrigues  
Susane Müller Klug  
Sylvia Bueno Pinheiro  
Tanira de Freitas Pires  
Walter Pereira de Araújo

Alina Esteves de Macedo  
Amir Youssf Nasr  
Ana Lúcia Tessmann Serpa  
Ana Maria Antunes Zardin  
Antonio Valdecir Luz Favaro  
Augusto Hax Niencheski  
Beatrice Fagundes Borges  
Betty Marlene Palacio Celi  
Bruno Edmundo Wünsch  
Carlos Cesar Ferreira  
Celomar Strelow  
Claudia Inez Berta Bittencourt  
Deisi Pilotto  
Édison Junges  
Eduardo Cury Remião  
Eduardo Vergílio de Carvalho  
Elcio Marcos Zanardo  
Elisabete Barbosa dos Santos  
Elizabeth Guarienti  
Eneida Abrantes Mendonça  
Flávia Marzola da Silveira  
Flávio Bilíbio Gonçalves  
Flávio Geraldo Vieira  
Frederico Miguel Klein  
Gelson Antonio Spironello  
Gerson Zernow  
Giovani Bretanha Soares  
Gleci Liermann  
Guaspary Silveira Fortes  
Jandir José Schultz  
João Fidelis do Espírito Santo Neto  
João Henrique Gomes Classen  
João Miguel Astegiano Robales  
Jorge Antonio Winckler  
José Augusto Assumpção Crespo Ribeiro  
José Edélcio Vanzella  
José Pedro Moreira  
Josué Romeu Porta Oliveira  
Juarez Antonio Guarienti  
Luis Alencar Biurrum Borba  
Luis Fernando Scarano Miranda  
Manoel Mariano da Rocha Neto  
Marcelo Moojen Abuchain  
Marcio José Dal-Bó  
Margareth Richter Kath  
Maria da Graça Cantarelli  
Maria de Fátima de Oliveira da Cunha  
Mario Ferreira Peixoto  
Mario Strelow  
Maristela da Costa Sousa  
Maud Parise  
Mauro Bainy Curi  
Miguel Archanjo Thezolin  
Miriam Laurita da Silveira Pinto

### **1987 I SEMESTRE**

Claudia Raquel Maschke Paim  
Jair Luiz Guarienti  
Juan Emilio Antonio Vargas Soto  
Laura Prestes  
Pedro Paulo Wagner

### **1987 II SEMESTRE**

Adilio Antonio Almeida  
Alceo Zilio

Miriam Neumann Junges  
Neisa Guterres de Freitas  
Noris Regina Azevedo dos Santos  
Oscar Dilon Basso  
Otavio Leite Gastal  
Othello Moreira Fabião Neto  
Paulo Herberto Rahmeier  
Paulo Orlando Alves Monteiro  
Paulo Ronaldo Garcez Alves  
Pedro Caminski  
Pedro Ribeiro Junior  
Ramon Fiori Hallal  
Renato Moraes Lucas  
Ricardo Castro Carrera  
Ricardo Guedes Camargo  
Roberto Rogério Fortes Ortiz  
Rosane Alves Osório  
Ruth Bonow Theil  
Sandra Al Alam de Souza  
Sandro Mota Machado da Silva  
Silvia Souto Pereira  
Simone Gallo Corrêa  
Tânia Mara Mendes  
Valkiria Simone Alberti  
Vitor Hugo da Silveira Ferrão  
Waldomiro Koloszwa

#### **1988 I SEMESTRE**

Adilson Wanderlei Quinalha  
Atilano Saturnino da Silva dos Santos  
Clarissa Delpizzo Castagno  
Gilberto Pedro Piazza  
Jorge da Fonseca Junior  
Luiz Benjamim da Silva  
Moema Chatkin de Oliveira  
Noris Vitalina Amaral Barboza  
Zuleide Sinara Vargas da Silva  
Íara Martinez Pereira

#### **1988 II SEMESTRE**

Airton Valderrama  
Aldarice Pereira da Fonseca  
Alexandre Lucas de Mendonça  
Amarildo José Ramalho  
Ana Beatriz Sengik Saez  
Ana Cristina Carvalho de Oliveira  
Ana Claudia Gastal Fassa  
André Celestino Neder Kalil  
André Luís Câmara Galvão  
Antonio Carlos de Mattos Roxo  
Antonio Carlos Peres  
Arilson da Silva Cardoso  
Arlete Elaine Poll

Audies Marcelino Troggian  
Badir Hassan Awad  
Boanerges Vieira de Medeiros  
Carlos Alberto Perez Chavez  
Carlos Nelz  
Cezar Renato Ribeiro Fernandes  
Clóvis José Passuello  
Djair Guelfi  
Elaine Pinto Albernaz  
Erlo Lütz  
Ezaltina Kurz Monteiro  
Gerson Caliani  
Hemerson Ari Mendes  
Humberto Martins Fornari  
Jamal Nasser Haddad  
Jefferson José Rodrigues Escobar  
João Rogério Bittencourt da Silveira  
Liane Moretto  
Lissauer Antonio Lima Barbosa  
Lúcia Tabim de Oliveira  
Luciana Halpern  
Luiz Fernando da Silva Sicco  
Manoel Ernani Garcia Junior  
Marcos Leonam Castro de Moraes  
Maria Alice Saccani Scardoelli Fiebig  
Maria Amélia Barbosa Bezerra  
Maria Gilca Nunes Scherer  
Marinel Mór Dall'agnol  
Mario Roberto Pereira Goehlen  
Marizane Teixeira da Silva  
Maxwell Jorge de Oliveira  
Mendes Schafirowitz  
Onizio Borges de Oliveira  
Ovídio Cristiano Rohde  
Paulo Lorea de Lorea  
Paulo Roberto Gayer dos Santos  
Paulo Sérgio Abunader Kalil  
Reginaldo Silveira Lazzaretti  
Ricardo Tavares Pinheiro  
Rodrigo Biazus  
Rogério Ortolan  
Sandra Cristina Azeredo de Medeiros  
Sérgio Luíz Goulart Nunes  
Sérgio Luiz Moura Casagrande  
Silvia Scaletzky  
Veimar Roberto Zortéa  
Victor Hugo Bazan da Rocha  
Walmor Lemke  
Yonara Rozely de Oliveira Gomes

#### **1989 I SEMESTRE**

Cássia Maria de Lima Squeff  
Cornélia Ivon Mensak  
Daltro Giovanni Carvalho

Henrique Velloso Sala  
Hildebrando Eurico Bittencourt  
Manoelita Dias dos Santos  
Marco Antônio Minchola Robles  
Margane Terezinha Capeletto  
Maria Aparecida Pinheiro Rodrigues  
Paulo Roberto Barbosa Massaro  
Rubens Antonio Capeletto

### **1989 II SEMESTRE**

Ana Elizabete Rommel Nunes  
Anita Angelo Galli  
Antonio David Fontoura Salomão  
Aroldo Debom  
Breno Marzola da Silveira  
Bruno Luiz Schulz  
Carla Alba Rajão  
Claiton Gonçalves  
Dagomar Golum Schneider  
Dalton Tieo Iwama  
Daniela de Oliveira Rosa  
Deise Leonetti Terra  
Diana San Martin Soares  
Eduardo Fialho Roman  
Elton Carlos Guelfi  
Elton Vaz Fagundes  
Evelise Barcellos Saavedra  
Francisco Giovani Batalha  
Gilmar Luiz Brustolin  
Hélio César Ribeiro  
Jair Luís Maziero  
João Almir Camargo Jorge  
João Carlos Costa Cominges  
João Luis Dias de Oliveira  
João Wilney Franco Filho  
Jorge Crispim Medeiros de Freitas  
Jorge Hamilton Soares Garcia  
Luciana de Oliveira Marques  
Luís Antônio Benvegnú  
Luiz Andreazza Neto  
Luiz Carlos Utzig  
Luiz Ronaldo Huber  
Marcelo Simoni Simões  
Marcelo Ivan Kirschnick  
Maria Amalia Lütz Saavedra  
Mariane Carrasco  
Mário Augusto Amici Neutzling  
Mauricio Soares Delanoy  
Moacir Alexandre Traesel  
Ricardo de Albuquerque Müller  
Roberto Cordeiro Gonçalves  
Rosangela Gayer dos Santos  
Suzane Cristina Milech Pribbernow  
Tárcia Lucena Bringhenti

Vani Lunardi  
Volmar Rigo  
Wilma Ribas Brustolin  
Ney Neves Cavalheiro  
Saná Shehadeh Mahmud Muhammad  
Mahmud  
Silvana da Cunha Russo

### **1990 I SEMESTRE**

Adriana Carvalhal Schoffel  
Adriane Muller Klug Reinhardt  
Alfredo Leonardo Arguello Alarcon  
Ana Luft  
Bernardo André Barbieri  
Carlos Horácio Pontes Borges  
Clarissa de Aguiar Duncke  
Djalmo Della Torre  
Elaine Fernandes Soares Coffy  
Erico Ramos Heckthever  
Estéla Cristina Amarilho Mosquera  
Eugenio Carlos Pires da Silva  
Fabio Branco de Araujo Brauner  
Fabio dos Santos  
Flavia Decker Raupp  
Francisco Carlos Becker Reck  
Gabriel de Lellis Junior  
Geraldo Salomão  
Gerson Luiz Aita  
Hercio Ximenes Filho  
Hilton Souto Pereira  
Luiza Helena Leonetti Borba  
Marco Aurélio Lopes Marques  
Maria Conceição Móglia da Silveira  
Maria de Fátima da Rosa  
Maria Emilia Pereira Cadore  
Marjeane Cristina Jacques Hockmuller  
Nadiamara Lourdes Baggio  
Rejane Brahn Araujo  
Rogério Schoffel  
Rosangela da Silva

### **1990 II SEMESTRE**

Alda Regina Gonçalves Mendes Duarte  
Alexandre Garcia Islabão  
Alice Behling  
Aliçar Darwich  
Alvaro Pereira Cassal  
Ana Maria Selbach  
André Fernando Detoni  
Andréia Jorge Bohn  
Ângela Rossani Siqueira Dalmolin  
Artur Henrique de Souza Porto  
Carla dos Santos Rodrigues

Carmem Arlete Fontana  
Fabiana Breitemback  
Claudio Frederico Camijo  
Fernanda Silva Menezes  
Fernando Gomes da Silva Neto  
Flávia Maria de Mattos Peil  
Gabriel Soldatelli Rossetto  
Gervásio Ailton Silvestre  
Gilnei dos Santos Marques  
Guilherme Augusto Storer  
Hélio Miguel Lopes Simão  
Imarilde Inês Giusti  
Itairan da Silva Terres  
Jane Maria Camargo Dutra  
Javier Enrique Brod Méndez  
João Dias Junior  
Jucalei Sganderlla  
Juraci Almeida César  
Julio Cesar Sulzback  
Katia Azevedo Pons  
Luciane Paiva Casaretto  
Luciani Mendes de Oliveira  
Lucinda Ignez Romeu Fernandes  
Márcia Castilhos Puchalski  
Márcia Regina Pinto Sancandi  
Mario Roberto da Silveira Pinto  
Paulo Fuhrmeister Roessler  
Paulo Henrique da Rosa Gonzales  
Roberto das Neves Duquia  
Rogério Lessa Horta  
Rogério Rocha  
Rosálvaro José Chagas  
Rose Méri Gonçalves Terra  
Solange Terezinha Farias Ribeiro  
Stella Maris Klueger  
Umberto de Oliveira Nunes  
Vital Francisco Moura Canez

#### **ANO 1991 - I SEMESTRE**

André Terra Bacelo  
Angela Soares de Carvalho  
Arnildo Schulz  
Astério Jerônimo Dorneles Filho  
Bernardo Lessa Horta  
Claudiney Pereira  
Daniel Leonardo Boessio  
Darley de Oliveira Machado  
Eduardo Lopes Paulúcio  
Éverton de Oliveira Ramos  
Gilmar Brancher  
Gladis Elaine Carnieletto  
Helmio dos Santos Pothin  
Ieda Margarete Maciel da Silva  
Ires Hamyra Bezerra Massaut

Isabela Osório de Freitas  
Isis Neli Borges Pintado  
Itamar Lorenzoni  
Jaqueline Rörig  
João Antonio dos Santos Guidotti  
João Batista Alves Grisa  
João Paulo Weiand  
Josana Maria Freitas Medeiros  
José Fernando Weissheimer  
Leandro Dias  
Luciana Halpern  
Lucia Wichrestiuk  
Magda Elaine Seibt Karsburg  
Marcela Bastos Alves  
Marcelo Gonzales Favoreto  
Marcia Maria Rodrigues Terres  
Márcio Bergonsi Turra  
Maria Gorete Zago Munhoz  
Mariza Fernanda Silveira Garcia  
Mauricio Saboya de Albuquerque Neto  
Michel das Neves Benites  
Moacir Alves da Silva Filho  
Pedro Caetano Fernandes  
Ricardo Busato Andrade  
Ricardo Sacramento Burkert  
Sandro Mota Machado da Silva  
Ronaldo Campos Hallal  
Rubens Henrique Oleques Fernandes  
Sharon Eugenia Parchment Hendy  
Silvia Marta Schultz  
Simone Brahm dos Santos  
Valdir da Costa  
Vilson Dalmina  
Vitor Saalfed  
Willian Cardoso Vera Cruz  
Zenilda Maria Peruzzo

#### **1991 II SEMESTRE**

Aldonir Werner  
Alejandro Tito Fernandez Silveira  
Ana Rita Polvara Bica  
Aulus Sevinius Fontes  
Carlos Alberto Lise  
Clóvis Inácio Philippsen  
Cristina Pires Pereira  
Daniela Alves Gastal  
Darcy Luis Duro Janarelli  
Ednilson Decarlo Oliveira Lowtenschlager  
Edson Coltro  
Eduardo Brod Mendez  
Elsa Alidia Petry  
Emir Squeff Filho  
Fabio Zehlaqui Moreira  
Gilberto Antonio Crippa

Idomar Antônio Aquilla  
Jane Cunha Oliveira  
João Batista Baroncello  
Joaquim Dellamora Mello  
Johnny Sozum Wong  
José Leonardo Arroyo Espinosa  
Julio Cesar Barrantes Monge  
Marcia Elis Aquilla  
Marcos Eduardo Avancini Schenatto  
Marga Rodrigues Amaral  
Paulo Henrique Birck  
Reinaldo Rodrigues Leonel Junior  
Ricardo Silva Centeno  
Roberto Herzer Junior  
Rosangela da Costa Lima  
Rosemeri Guedes Zander  
Rui Steglich  
Silvia Stringari da Fonseca  
Sonia Maria Ferri  
Susana dos Santos Jorge  
Victor de Souza

### **1992 I SEMESTRE**

Alberto Tadamitsu Namazu  
Alex dos Passos Palombo  
Ana Cláudia Cabral Risch  
Angela Beatriz Hirdes Kruger  
Antônio Carlos Cons Pedroso  
Carlucio Costa  
Carmen Cristina Rasch Alves  
Celso Joaquim Pereira da Silva  
Cezar Tarabal de Oliveira  
Claudia Otharan Nunes  
Clomar Francisco Milani  
Cristiano Correa Batista  
Damião Guedes Castro  
Edilene Junges  
Ericson Dametto  
Elisabete Weiderpass  
Fátima Fernanda Silva de Souza  
Fatima Marussia Krolow  
Felipe Pereira Zerwes  
Flávio Henrique Prado Goulart  
Francisco de Jesus da Silva Vernetti  
Gerson Pécora da Silva  
Iara Kwiecinski  
Ismael Souza dos Santos  
João Antonio dos Santos Conceição  
José Francisco Schulte Ulguim  
Kaled Mohmad Ali Eltassa  
Marcia Alves Pötter  
Maria Virginia Andreola da Rosa  
Mirian Jaeger Kluge  
Noemia Echenique do Rego Magalhães

Orlando Sanches Junior  
Patricia Bueno Miranda  
Paulo Roberto Coffy  
Pedro José de Albuquerque Müller  
Raquel Bosembecker  
Ricardo Silva Lucena  
Rinede Luís Manfredini  
Romulo Viero  
Ronei Araujo da Rocha  
Sandra Valeria Iwawiski Mello  
Sérgio Crespo Felitti  
Wolnei Caumo

### **1992 II SEMESTRE**

Abdul Rahman Darwich  
Alessandra da Silva Mascarenhas  
Ana Maria Lopes Silveira  
Angela Guerra Dias  
Antonio Regis Jesus de Carvalho  
Armando Alexandre Pimentel Nobre Afonso  
Carlos Tomás Fernandes Farinha  
Cíntia Bretranha Soares  
Cláudia Maria Braga Neimeyer  
Dalmir Sanzovo  
Eduardo Balzano Maulaz  
Elisandro Modesti  
Emerson José Mainardes  
Fábio Amaral Ribas  
Fernando Kaempf de Oliveira  
Flayane Pinto Kalil  
Francisco Salvador Brod Lino  
Ione Maria Taufer  
Ivan Zardo  
Jackson Luís Wbatuba  
Jeolimá Elizabeth Ramirez Horta  
João Manoel Salim Testa  
João Roberto Gemelli  
Jorge Luís Biachi Trentin  
Jorge Luiz Bocasanta  
José Oli Guterres  
Leila de Fátima El Kadri  
Lúcia Herlena Schaun Ribeiro  
Luís Josino Brasil  
Luiz Carlos Schmalfuss  
Luzivâ Luiz Sebben Marin  
Marcelo Antônio Barbosa Peixoto  
Marcos Bönmann  
Maria Carlota Borba Brum  
Nérinton Felício Pinho  
Patrícia Fuhro Vilas Bôas  
Patrícia Lino dos Santos  
Rafaél Ubirajara Vilela  
Reginaldo Figueiroa  
Robson Pires de Oliveira

Rogério Fonseca Vituri  
Roseli Correia de Oliveira  
Sandro Rosa da Rosa  
Semi El Kadri  
Susana Gonçalves Ribeiro Lucas  
Valéria Scur  
Valmir Guilherme Franz

### **1993 I SEMESTRE**

Antúlio Freitas de Freitas  
Armando Dias Pereira Júnior  
Aurélio Reinaldo Mendes  
Carlos Estêvão Seibel  
Daniel Alejandro Machado  
Darick Moraes Salim Ali  
Elisa Treptow Marques  
Gilson Antonio Magalhães  
Jaqueleine Silva Rebhahn  
Jussara Ribeiro Duarte  
Lícia Maria Brod Manta  
Lorena Coelho Marques  
Lorena Hörnke  
Lucialet Schiavon Fernandes  
Luiz Antonio Chesini  
Mara Terezinha Dipp Kurtz  
Márcio Alves Barbosa  
Marcio Wolmir da Silva Kelsch  
Marco Aurélio da Silva  
Maria Alice Duarte de Oliveira  
Nestor Augusto Machado de Medeiros  
Olga Maria Ferreira de Oliveira  
Paulo Eduardo da Silveira Machado  
Ricardo Luis Mena Vargas Prada  
Rodrigo Antonio Zago  
Rogério de Barros Macedo  
Rogério Tadeu Tumelero  
Sandra Luiza Ferri  
Sandra Maria da Silva  
Sandro Rogério Dainez  
Sergio Luiz de Paula Ribeiro  
Sérgio Osany Garcia Vieira  
Sergio Retkva  
Silvana Rayer  
Silvia Schulz Bernardi  
Valerio Martins  
Vitor Paulo Parise

### **1993 II SEMESTRE**

Ademir Garcia Reberti  
Adriana Rochele Brancher  
Alexandre Balzano Maulaz  
André Garcia Islabão  
Carlos Delmar do Amaral Ferreira

Carlos Rogério Degrandi Oliveira  
Catalina Concepción Gunsett Pankow  
Claudia da Silva Coronel  
Claudio Augusto Garcia Thaddeu  
Cleusa Maria dos Santos Lopes  
Cleves Riberto Ritter  
Cristina Bardou Pizarro  
Daniel da Costa Ferreira  
Daniela Augustin Silveira  
Delmar Zanolla  
Edival Job Rodrigues Pinheiro  
Elias Kalil Neto  
Eubrando Silvestre Oliveira  
Fátima Isa Duarte Cardoso  
Flávia Maria Poletto  
Florisberto Lambrecht  
Gerson Luís de Freitas Pinto  
Gerson Teixeira Zanusso  
Gilca Costa Nachtigal  
Igor Dias de Oliveira Alcantara  
Janine Gattino  
João Luís Pontalti  
José Fernando Saalfeld  
Leonardo Infantini Dini  
Lourdes Elizabeth Ayala Otazú  
Luís Roberto Azevedo dos Santos  
Marcello Fernando Varella  
Marcelo de Araújo Ascoli  
Marco Aurelio Finger  
Marcus Vinícius Petrucci Ferrer  
Margarita Coronel Bazzano  
Maria Elizabeth Peña Araujo  
Maristela Böhlke  
Neverton Savaris  
Nilton Aver  
Patrícia Villas Boas Moreira  
Paulo Adriano Pustay  
Ricardo Moacir Albert Borges  
Sara Jane da Silva Basilio  
Silvia Corrêa Martins  
Simone Beltrão de Souza  
Vélton Luís Lezina Saul  
Vlademir Antônio Cousseau  
Warton Rocha de Magalhães  
Wilton Stang

### **1994 I SEMESTRE**

Abud Homsi Neto  
Aira Gleize Vieira dos Santos  
Alan Pizzi  
Ana Luisa Duro Janarelli  
Ana Luiza de Lima Curi Hallal  
André Javier Lemos  
Cleinner da Silva Teixeira

Cléverson Lara Martins  
Cristiana Souto Correa Hecktheuer  
Daniela de Azambuja Machado  
Delci Inês Zortéa  
Eduardo Pouzada da Rosa  
Elton Antonio dos Santos  
Everaldo Del Carpio  
Fludemir Carnizella da Rosa  
Flávia Ribeiro Sedrez  
Günther Schein Hammes  
Jayme Dantas Pimenta de Pádua  
Jean Carlos Zanardo  
Justo Pastor Jara Caballero  
Lauro João Provin de Miranda  
Leandro Abrão Roismann  
Lúcia Helena Scholante Arejano  
Lucimeire Manini Zimmermann  
Luís Felipe Diniz Fagundes  
Luís Fernando Cury Remião  
Lusinete Henrique Soares Sias  
Marcelo Aelton Cavaleti  
Marcelo Schumacher  
Márcio Luiz Wiedmer Collaço  
Marco Antonio Loss  
Marcus Klay Silveira Chiattoni  
Mário Augusto Marques  
Marisabel da Silva Moroncini  
Mauricio de Oliveira  
Mitzi Anabella Ureña Pérez  
Mônica Regina Moreira  
Patrícia Priaternow Treptow  
Pedro Oscar Ribeiro Coelho  
Ricardo Eli Matias  
Roberto Duarte Alves  
Ruggero Caron  
Sérgio Eduardo Pasa  
Silvia Ramos Hecktheuer  
Vanderlei Augusto Madalozzo

#### **1994 II SEMESTRE**

Adivanio Cardoso Américo  
Adriane Brod Manta  
Agueda Chiappini Ubal  
Alexandre Garcia Feldens  
Aline Garcia Gervini  
André Bauer Sica Diniz  
Berenice Scaletzky  
Bernardo Passos Sobreiro  
Carla Tatiana Martins de Oliveira  
Carlos Eduardo Oliveira dos Santos  
Carlos Endrigo Bueno Nunes  
Carlos Jamal de Paula Furtado  
Claudia Pereira Casanova  
Claudio da Cruz Baungarten

Cristiane Roth Coelho  
Eider Nunes Moreira  
Eliane Rozales Lopes  
Fábio Amaral Cardoso  
Fernanda Veleda Ribeiro  
Fernando Busetto  
Francisco Carlos Luciani  
Giovani da Silva Campos  
Gladstone Ricardo Lenzi  
Humberto de Alencar da Fontoura Castilhos  
Humberto de Alencar Oliveira da Costa  
João Marcos de Oliveira Casanova  
Jorge Luís Xavier Moshoutis  
José da Cunha Silveira  
Julietta Maria Carrionde Fripp  
Leandro Antonio Gritt  
Luana Coutinho de Oliveira  
Luís Fernando Coelho Recuero  
Luis Malizia Cabral  
Magda Shehadeh Mahmud  
Marcel Pierre Rousselet  
Marcela Ximena Yanes Martinez  
Marcelo Mesquita Moreira  
Marcia Khaled Puñales  
Marília Cogno Cotta de Mello  
Micaela Garrastazu Paixão Côrtes  
Osmar Romeu Bonacina  
Otávio Branco Araújo de Faria Santos  
Raul Jablonski Júnior  
Raul Parra Ferreira de Castilho  
Ricardo José Costa  
Rogério Caruso Bezerra  
Rogério Favassa  
Tatiana Kelli Zambonato  
Tatiana Mendonça Vincenci Furtado  
Vanderlei Bregalda  
Vânia Rosa Roman

#### **1995 I SEMESTRE**

Adriana Chavarria de Souza  
Adriana Maria Silva Vernes  
Adriano Fonseca Vituri  
Alexandre Luciano Carvalho  
Almir Borba de Bastos  
Anete Azambuja Pons  
Antônio Pedro Lucas Bittencourt  
Arnaldo de Oliveira Junior  
Ciro de Oliveira Costa  
Delfina Ibeth Saez de Gracia  
Edilson Silva Machado  
Eucimar Antonio Zamoner  
Fábio André Costa  
Fernanda Torino Reginato  
Flávio Tsuyoshi Suto

Gustavo Kaempf de Oliveira  
Henrique Saldanha Fortes  
Heverson Josué Secco  
Jalusa Caetano Osório  
José Eduardo Vaz de Souza  
José Everaldo Pedrollo Filho  
Julliano Comél Basso  
Kelen Silene Sedrez Lopes  
Lawrence de Luca Dias  
Leonardo Lemos Gul  
Lidio Derossi  
Luciana Calcagno Reinhardt  
Luciano Ferreira Dutra  
Marcelo de Almeida Quadros  
Marcelo Pereira de Araujo  
Marcelo Pinto Solares  
Maria Angélica Scheidemandel Sieburger  
Maria Gislaine Silveira Batista  
Marla Vargas Rodrigues  
Marli Boniatti  
Maurício de Aguiar Andrade  
Mônica Hammes Stone  
Mônica Neves Lovatto  
Nelson Untertriefallner Costa  
Rennel Pires de Paiva  
Rodrigo Fuga Fialho  
Samir Asad Nimer  
Vagner Luis Fernandes  
Zelândia Granzotto

#### **1995 II SEMESTRE**

Alexandra Virginia Guimarães Oliveira  
Andréa Maria Rigo  
Andrea Soares Floor  
Carla Giacomet  
Cristina Roveré Gehling  
Daniela Barison Matos  
Daniela Rodrigues  
Débora Parada Pinto  
Ernani de Souza Cardona  
Ernani Peres Neto  
Fábio Franz da Costa  
Fernando Aloísio Faccini Bergmann  
Flavia Moreno Lahude  
Flávio Alberto do Amaral Porto  
Gabriel Ribeiro Toniazzo  
Greice Silveira Rizzo  
Iara Isabel Bacchi  
Jorge Alberto de Souza Corrêa  
Juliane Iepsen  
Laurence Morales Nogueira  
Leandro Infantini Dini  
Leandro Luís Assmann  
Lisiane Sá da Silva

Luís Fernando Scheiffer Girardello  
Marcia Costa Morales  
Márcia Rego Maciel  
Márcio Fernando Lopes de Oliveira  
Marco Antônio Pereira de Almeida  
Mari Lucia Alves de Castro  
Mauro Sávio Soares Alves  
Mohamad El Kadri  
Natalino Rinaldi  
Paula Alves Massaro  
Paulo Fernando Wetzel de Mattos  
Paulo Luís Farias Fernandes de Barros  
Roberto Rapetti Moreno  
Róger Rodrigues Berçot  
Ronise Amorim Ribeiro  
Rosana Fontana  
Sandra Roberta dos Santos Chagas  
Sandro Roberto  
Sigrid Justina Jacinta Chicata Sutmöller  
Simone de Menezes Karam  
Valdeni Nunes Pereira  
Valmir Carlos Biesek

#### **1996 I SEMESTRE**

Ali Hussein El Kadri  
Ana Paula Brunet Assmann  
Antonio Marcos Weschenfelder Duarte  
Carla Maria Maia Garcias  
Carlos Olavo Silva Chaves  
Cíntia Ribeiro da Luz  
Danisa Freire Dorow Andrade  
Edimar Solanho  
Elice Lins  
Elisabete Garcia Monfrin  
Elton Silveira Galarz  
Erico Barth  
Giane Elias Mesko  
Glaucia Flores Bortoluzzi  
Jairo André Both Silveira  
João Carlos Tussi  
Katia Correia Rodrigues Rivero  
Leonardo Torre Falkenberg  
Lírio Barreto  
Marcelo Budke  
Maria Angelica Ney Morello  
Norma Beatriz Vera Melgarejo  
Paulo Diniz Clausen de Araújo  
Paulo Henrique de Oliveira Rodrigues  
Paulo Sergio dos Santos  
Sandro Eduardo Zapelini  
Sílvio da Silva Neto  
Tatiana Ribeiro da Silva  
Teresinha Adelaide Boff  
Túlio Menezes Assmann

**1996 II SEMESTRE**

Adebunmi Bashiru Dosunmu  
Adelar Breitenbach  
Álvaro Garcia Louzada  
Ana Paula Arbo Magalhães  
André Borba Reiriz  
André Guerreiro Gonçalves  
Andréa Carvalho de Araújo  
Anelise Hadler Tröger  
Arnildo Agostinho Hackenhaar  
Carlos Alberto Teixeira Farias  
Carlos Eduardo da Silva  
Christiane Sachet  
Cláudia Abreu Corrêa  
Cristiano da Rosa Moreira  
Cristiano Edgar Turra  
Deisí Maria Wiebelling  
Edi Marlene Sant'Anna Monteiro  
Edson Luis dos Santos Cardoso  
Eliciane Silva Gutierrez  
Etson Patzlaff  
Fabiane Ribeiro Suder  
Fabiano Rolim Batista  
Fábio Yoriaki Yamaguchi  
Fernando Cons Pedroso  
Gérson Antônio Antonini Carlosso  
Humberto Rodrigues Beijoso  
José Dalmo e Silva Luiz  
José Luís de Castro e Silva Pretto  
Juarêz José Bassani  
Karine Pato Hoffmann  
Lílian Schwanz Lucas  
Marcelo Amaral Piva  
Marcelo Oliveira de Menezes  
Marcelo Pasqual Barbisan  
Márcia Sittoni Vaz  
Márcio da Silva Silveira  
Marco Antonio Farias do Nascimento  
Maurício Rezende Gomes  
Milene de Moraes Sedrez  
Otávio Goulart Fan  
Paula Berenhauser D'Elia  
Regina Kuritz Pessoa  
Renato Martinez Pereira  
Renato Sato Capelari  
Ricardo Rodrigues Nunes  
Rogério Tomasi Riffel  
Romário Miranda Pacheco Filho  
Rosângela de Mattos Müller  
Sandra Ferreira Belmonte  
Sandro de Macedo Marques  
Sandro Schreiber de Oliveira  
Simone da Silva Afonso  
Simone de Oliveira Backes

Soila Beatriz Vetromile Lemos  
Tiana Guerra de Gusmão

**1997 I SEMESTRE**

Alecxander Augusto Vassoler  
Alexandre Zanuncio D'Avila  
Alexis Vasiluk Knebel  
Ana Maria Zeni  
Ana Paula Mundel  
Andrea Breitenbach  
Angela Vitória Domingues  
Ary Carnieletto Júnior  
Basilio Jara Segura  
Cláudia Almeida Pizarro  
Cláudio Augusto Garcia Thaddeu  
Cláudio Moreira Lima  
Cleison Omar Casagrande  
Daniela Haas  
Danilo Madruga Vaz  
Débora Hendlar Gava  
Enio Bragagnolo  
Fábio Augusto Pinheiro Gomes  
Farly Rignel de Oliveira  
Fernanda Rota de Sousa  
Fernanda Schild Branco de Araujo  
Fernando Arruda Ramos  
Gandhi Bottermund Galli  
Gleisy Einhardt Vergara  
Iândora Krolow Timm  
Jackson Luís Köpp Setti  
Jardel Karin da Silva Vergara  
Luciana Tohmi da Silva  
Luciane Alencastro Prates  
Luciano de Oliveira Teixeira  
Luís Carlos Ferreira  
Márcia Lima de Castro  
Marco Antonio da Silva Carvalho  
Maria da Graça dos Santos  
Maria Laura Neme Urioste  
Maurício de Holleben Vargas  
Mercedes Simões Neves  
Nilo de Andrade Tessari  
Nery Antonio de Matos Junior  
Patrícia Larrosa Freire  
Paulo Affonso Salgado Filho  
Pedro Ribas de Mello Filho  
Rita de Cássia Alves Lira  
Rodrigo Fetter Lauffer  
Sabina Bandeira Aleixo  
Sandro de Mattos Dias  
Sérgio Souza Burch  
Sharon de Mello Ferreira  
Simara Gorski do Amaral  
Simone Jean Machado Bucheweitz

Telmo Ramos Ribeiro Filho  
Valéria Dutra Moreira da Silva  
Vânia Fracalossi  
Vilmar Dalbosco  
Vitória Régia Fernandes Amaral  
Wladimir Ribeiro Duarte

#### **1997 II SEMESTRE**

Adriano Tavares Conceição  
Alessandro Delgado Louzada  
Ana Rosa Vaccari  
Bernardo Garcia de Oliveira Soares  
Carla Vitola Gonçalves  
Daniel Pedro Freitas Andrade  
Danielle Kuhn  
Eder Tasqueto de Mello  
Ediane Gonçalves Ávila  
Eduardo Bauer Gröhs  
Eduardo Guimarães Camargo  
Eduardo José Rodrigues Palma  
Eleonora Estrela da Silva  
Eliane Leni Eymael  
Elisângela Barbosa da Silva  
Emir Martins Junior  
Evandro Freddy Mulinari  
Fábio Buchorn  
Fábio Coelho Guarany  
Fabrício Caron  
Flávio Steinhorst  
Gustavo de Mattos Roxo  
Helder Lucio Ganacin  
Igor Giovani de Oliveira Bica  
Juliana Yorimi Yamaguchi  
Karina de Oliveira Lima  
Liriane Comerlato  
Marcelo André Rocha Ostrowski  
Marcelo Rodrigues Cardoso de Aguiar  
Márcio Berenhauser D'Elia  
Márcio Diniz Borges  
Maria Adelaide dos Santos Rodrigues  
Marisa Peçanha Knelsen  
Maurício Moraes  
Miguel Angel Dias dos Santos  
Orsení José dos Reis dos Santos  
Pablo Miranda de Oliveira  
Raúl Alberto Valiente  
Ricardo Kaempf de Oliveira  
Ricardo Santos Holthausen  
Roberto Tsuneo Cervato Sato  
Rui Fábio Dalmagro

#### **1998 I SEMESTRE**

Alessandra Elena Diehl Branco dos Reis  
Amara Alice Pereira Darros Casanova

Ana Letícia Dalcin Lago  
Ana Paula Milheira Angelo  
Auri Rocha Duval  
Cátia da Silva Beskow  
Cláudia Terezinha Ávila Nogueira  
Cristina Andrichetti  
Daniela Ferreira D'Agostini  
Deisi de Andrade de Paiva  
Denise Valentini  
Denise Winkler Simões Pires  
Eduardo Soares Devens  
Elvem Fabiane Silva dos Santos  
Estela Regina Eidt  
Fabiano Castro Albrecht  
Fábio Moro  
Fábio Valente Gomes  
Gládis Helena Cercato Gomes  
Jean Abreu Machado  
Juliana Santos da Silva  
Lemuel Silva Paredes  
Luciana Carreira Wezka  
Luís Fernando da Silva Rodrigues  
Marcelo Souza Duarte  
Mário André Semtchuk  
Mário João Bisi Junior  
Otávio Bubolz Braga  
Raquel Amaral Machado Lobato  
Renan de Oliveira Barbosa  
Rodrigo Pinto Bettin  
Rogério Riet Vargas Tomasi  
Rovani José Rinaldi Camargo  
Roxana Nunes da Rosa  
Sandro Luis Pivatto  
Sheyla Maris Nicareta  
Simone Minuzzi Catto Vaz  
Simone Nobre de Castro  
Simone Rosales Alves Nunes  
Tomy Fidler  
Vanessa Martins de Oliveira  
Viviane Fagundes Moreira

#### **1998 II SEMESTRE**

Adriana Elisa Wilk  
Alejandra Beatriz Cortes Torres  
Alessandra Aparecida Paz  
Alessandra Teixeira de Oliveira  
Alexei Peter dos Santos  
Ana Cecília Medeiros Mano  
André Luís Weber  
Andrea Ribeiro de Souza  
Aryadne Hautsch Oikawa  
Carla Adriana Belem Frömming  
Caroline dos Santos Tejada  
Cátia Testa Cavedon

Claudia Adriane Traesel  
Claudia Santos Lorenzato  
Cristiane Aparecida Gomes  
Daniel Engel da Cunha  
Darlan Corrêa Bento  
Débora de Borba Motta  
Edson João Medeiros Cardoso  
Eduardo Mylius Pimentel  
Fernando Roberto Roman  
Gilmara Farias Coelho  
Humberto Takizawa Berner  
Josema Rita Ghisleni Raimann  
Juliana Ferrai de Oliveira  
Juliandra e Costa  
Júlio César Rigo  
Karen Mirna Loro Morejon  
Karine Hoenisch Peixoto  
Katia Rosane Teixeira Bugs  
Luis Fernando Teixeira  
Marcelo Leal Sclowitz  
Márcio Osorio Guerreiro  
Marcos Farias Vogt  
Neusa Azzollini  
Nímio Rafael Garcete Balbuena  
Pedro Corrêa dos Santos  
Rogério Urdapilleta Rodrigues  
Sadi Roberto Menta  
Sandro Vargas Rodrigues  
Viviane Boque Corrêa de Alcantara  
Yamara Gomes da Silva

### **1999 I SEMESTRE**

Alfredo Slawski  
Allan Pierre Foltz  
Ana Claudia Alves Perez  
Anick Augustin Oliveira  
Cíntia Pinto de Carvalho  
Cristiane Hallal da Silva  
Cristiane Tarter da Silveira  
Denis Souto Valente  
Deórgelis Rosso  
Fabiano Cunha Gonçalves  
Fábio Lemos Macedo  
Franco Antônio Fernandes  
Hibanes dos Santos Rodrigues  
Ingrid Parra Novo  
João Ricardo da Rocha Bohrz  
Juliana Schneider Gewehr  
Lauren Miguens Wasielesky  
Leandro Pretto Orlandini  
Leonora Zozula Blind Pope  
Luciane Steinhaus  
Simone Steinhaus da Silva  
Luciano Niemeyer Gomes

Marcelo Seabra Bernardi  
Maria Amélia Medeiros Mano  
Mauríce Coffy Cremonti  
Melissa Tonelli Nunes  
Monia Di Lara Dias  
Paulo Ricardo Thomaz da Silva  
Rosecler Alice da Silva  
Roseli Crestani  
Sandra Lara Vignol Nunes  
Saskia Costa de Boer  
Sílvia Gabbi Trombini  
Simone de Quevedo e Silva  
Viviani Magagnin

### **1999 II SEMESTRE**

Airton Michelon  
Alessandra Silveira Teixeira  
Alexandre de Sousa Coelha de Lima  
Ali Said Neto  
Ana Claudia Hisé Ferrari  
Ana Guerda Klumb  
Angela Jacobs Artico  
Betina Nogueira Martins  
Carlos Eduardo Magro  
Carlos Ricardo Famfa Bastos  
Carolina Ziebell  
Caroline Crespo da Costa  
Cristian Duval Silva  
Cristiane Gonçalves dos Santos  
Daniela Fenker  
Deise Gevehr  
Eduardo Lorenzo Bórnia  
Fabiano Donato Gonzalez  
Ivanete Minotto  
Joanine Girardi Kettner  
Joemerson Osorio Rosado  
José Anilton da Silva  
José Antonio Ustra Zaquia Alam  
Leila Cristina Sanchez Abdallah  
Licínio Argeu Alcântara  
Lisiane Nassere  
Luciana Matos Xavier  
Luciano Trentin  
Marcelo Madeira Quadros da Silva  
Mauricio Brum Gomes  
Melissa Peixoto Conti  
Michele Forgiarini Ferreira  
Patricia Elisabete Gonçalves da Silva Curi  
Ricardo Hideki Matsui  
Rita de Cassia Costamilan  
Saada Avila Chidiac  
Silvia Saueressig

## **2000 I SEMESTRE**

Alessandro Landroskron Diniz  
Alessandro Postal  
Alexandre Rodrigues Nunes  
Ana Amélia Costa  
Ana Paula Pereira Neto Barbosa  
André Luiz Baptista de Oliveira  
Angélica Maria da Conceição Teixeira  
Antônio Augusto Fonseca  
Auro Prochnau  
Bartolomé Francisco Soler Diano  
Bianca Medeiros Coutinho  
Carlos Eduardo da Conceição Lemos  
Carolina Branco Araujo de Faria Santos  
César Eduardo Leitzke  
Cinthia Scherer Vieira  
Clairton Tosetto  
Claudia Scarsi  
Claudio Veroneze  
Daniel Yutaka Yamaguchi  
Daniela Piva Tonato  
Edevar Rodrigues Machado Junior  
Eduardo Soares Bettin  
Fabricio Gomes Dionello  
Glênio Fernando Nunes Kanaan  
Gustavo Zambrano Torre  
José Augusto Chimendes Rodrigues  
José Menna Oliveira  
Laura Sigaran Pio de Almeida  
Leandro Ariel Dei Ricardi  
Luciana Segat  
Luciano Barros Pires  
Luciano Bauer Gröhs  
Luciano Nunes Duro  
Luiz Gustavo Silva de Lima  
Marcelo Rodrigues Gonçalvez  
Marcelo Waltrick Teixeira  
Márcia Ribeiro Duarte  
Marcia Teresinha Giacobe  
Maria Cristine Igansi da Cunha  
Marla Eneida Batista Teixeira  
Marlon Schleder Corrêa  
Marta Gonçalves Perelló  
Melissa Barcellos Azevedo  
Mirton Cesar Fernandes Inda  
Nariel Rodrigues Ferreira  
Patrícia Anderson Westendorff  
Paulo Roberto Bavaresco Caponi  
Ramsés Valdivio Gonçalves Torres  
Ricardo Augusto Corrêa Kaufmann  
Roberto Longarai Daher  
Roberto Pierobom Lima  
Roberto Rheingantz da Cunha Filho  
Rodrigo Bradacz

Rodrigo Pereira Duquia  
Ronaldo Cecagno  
Rosemeri Noguês Bichet  
Scilla Correia Lima da Silva  
Sidney Kunen  
Silviane Bica Cardoso  
Valéria Tejada Neutzling  
Vera Regina Lopes da Silva  
Viviane Bueno de Carvalho  
Viviane Marracci Schiroky  
Wagner Farias Xavier

## **2000 II SEMESTRE**

Adenilson Niederauer  
Adriano Mattana Dall'Alba  
Ana Amélia Oliveira Raupp  
Ana Cristina Beitia Kraemer  
André Ribeiro Nascimento  
Aparecido Cícero Todeschini  
Bianca Lamas Gervini  
Charles Schwantz de Lima  
Cirilo Victor González González  
Cristiane Rios Petrarca  
Cristiano Eusébio de Almeida  
Cristiano Iribarrem Monteiro  
Cristiano Lago  
Elza Medeiros Gonçalves  
Evandro Vanti Gonçalves  
Gaspar Araújo da Silva  
Gustavo Almeida Bielinski  
Igor Ricardo Mihara Mendes  
Ivana Barreto da Silva  
Juliana de Mattos Ulysséa  
Lorizeti Maria Chicoski Castelo  
Lúcia Cláudia Pereira Barcellos  
Luigi Alves Massaro  
Marcelo Alessandretti  
Marcelo Calcagno Reinhhardt  
Márcia Raquel Tizziani  
Márcio Paz Telesca  
Michelle Cristina Dal Bosco Nesello  
Patrícia Portantiolo Manzolli  
Rafael Lokschin Duarte da Silva  
Rafael Moura da Luz  
Ricardo Lanzetta Haack  
Roberta Savaris  
Roberto Carlos Baroni  
Rodrigo da Silva de Brito  
Rodrigo Maciel de Freitas  
Rodrigo Sanderson  
Rômulo Mombach  
Silvio Cabral Lena Souto  
Tatiana Martins Rotta  
Tiane Nogueira Salum

Vilson Rogério Weige Marth  
Vitor Ben

### **2001 I SEMESTRE**

Alexandre Tavares Franz  
Aline Garcia Islabão  
Ana Paula Weinberger Oliveira  
Andréa Souto Silva  
Carla Fernanda Furtado Gardani  
Carolina Avila Vianna  
Cintia da Silva Afonso  
Cláudio Luiz Pizarro Pilotto  
Cleiton Vitoria Alam  
Cristiano Rocha de Oliveira  
Cristina Rodrigues Osório  
Daniel Sampaio Marques  
Elton Antonio dos Santos  
Fábio Ferreira da Cunha Brião  
Favio Marcel Teliz González  
Felipe Sedrez dos Santos  
Fernando Antônio Malfatti  
Fiorella Rehbein Santos  
Gabriela Martins Silveira  
Gleissy Costa Dornelas  
Henrique Ribeiro Isaacsson  
José Julio Koboldt Guimarães Neto  
Josiano Carlos Valerio  
Jovânio Fernandes da Rosa  
Juliano Bussolletti Chiattone  
Kligiel Vatutim Betezek da Rosa  
Lara Franken Ciupak  
Leandro Passos Sobreiro  
Luciano Daniels  
Marcelo Boeing  
Marcelo Coltro  
Marco Aurelio Becher  
Odair José Nardi  
Paulo Renato Stosch da Silva  
Rafael Ruschel Utzig  
Railson Valero Lucin  
Raquel Gonçalves Härter  
Rita de Cássia Fossati Silveira  
Rodrigo Nieckel da Costa  
Rogerio Gonçalves de Vasconcelos  
Sergio Ricardo Chemin Leopolski  
Tatiana Jacondino Rehling  
Thaís Franz da Costa  
Valdemir Spricigo

### **2001 II SEMESTRE**

Adnan Haddad  
Alethea Zago  
Beatrís Ribeiro Barbosa

Carla Camacho Sartori  
Carlos Rodrigues Filho  
Cinthia Rodrigues Curi Hallal  
Cleo Gama Pinheiro  
Daniel Brito de Araujo  
Daniel Zanatto Nobre  
Diane Meri Arruda Ribeiro  
Dilamar Antonio Baranowski  
Eduardo Coelho Machado  
Eduardo Manfrim Farias  
Elicarlos Zago  
Elisangela dos Santos Boeno  
Fabiano Bergamaschi  
Fabio Eduardo Nunes Vieira  
Felipe Centenaro Hellwig  
Fernando Ribeiro Silva  
Giovani Neri Spricigo  
Gislaine Krolow Casanova  
Gustavo Pereira Zerwes  
Jeronimo Chagas Martins  
Joana Angélica S. Augusto Baptista da Silva  
Juliana Lima da Cunha  
Laura de Moraes Gomes  
Luiz Henrique Campos da Motta  
Marcelo Fernandes Capilheira  
Marcelo Quirton Goulart Signoretti  
Marcos Drehmer Rodrigues  
Marcos Michel Gromowski  
Marina Peres Louzada  
Matheus Tonello  
Moises dos Santos Carvalho  
Paulo Cesar Moschetta  
Paulo Henrique Dondoni  
Rafael Gomes Karam  
Raul Vieira Amaral  
Ricardo Bertolino da Silva  
Ricardo Ribeiro Amin  
Rita de Cássia Terres Camargo  
Roberta Colvara Torres  
Rodrigo Kraft Rovere  
Rodrigo Mendonça  
Rostanda Marti Meiréles  
Rubens Flores  
Samuel Corrêa  
Valdir Jucoski  
Vitor Félix Torres  
Ziyad Abdel Hadi

### **2002 I SEMESTRE**

Adilson Teixeira Teodoro  
André Porfirio  
Andréa Cunha Magnani  
Andréia Angelo Bazzo  
Andreia dos Santos Cestari Siewerdt

Ângela Rodrigues Leston  
Carolina Deves  
Cassius Cristian Rodrigues Furtado  
Cíntia Leandra Alves  
Cleverson Galvan  
Daniel Rios Pinto Ribeiro  
Daniela Dutra Sallaberry  
Diego Antonio Pires  
Edgar Caldeira Reis  
Flávio Luciano Lindemann  
Gabriela Roncone Gastal  
Henrique Edimilson Yoshiharu Sera  
Joel Boeira da Silva  
Josielle Chaves Granero  
Juliana de Carvalho Moura  
Leonardo Gheller Zanatta  
Leonardo Menegaz Conrado  
Leonardo Pérez Zeni  
Luciana Corrêa Argondizzo  
Luciana Reis Katz  
Lysandro Alsina Nader  
Malagute dos Santos  
Marcelo Alexandre Pinto de Britto  
Marcia Cristina Machado dos Santos  
Márcia Denise Borges Farias  
Mariana Palazzo Carpêna  
Mario Henrique Kato  
Paula Behr  
Rady Dariel Trento  
Renato Dornela Vieira  
Rodrigo Brezolin  
Rodrigo Rossi Bueno  
Rogério Trentin  
Silvio Rossano Jacobsen da Fonseca  
Vinicius de Paula Guedes

**2002 II SEMESTRE**

Adilson Nunes Filho  
Carlota Maria Miala  
Cecília Fernandes Loréa  
Daniel Fontana Pedrollo  
Danilo Benitez Lopez da Silva  
Débora Afonso Campello  
Deivid Claudio Colombelli  
Emilene Firpo Del Duca  
Enrico Granzotto  
Fábio Benedetti Rodrigues  
Felipe Rodrigues Cunha  
Fernanda Favero  
Fernanda Lago  
Fernando Endler Carvalho  
Gabrielle Scattolin  
Gustavo Mechereffe Estanislau  
Irlene Silva da Cunha

Jamil Youssif Abdallah  
Jefferson Quevedo Devens  
Juliana Leal Manica  
Juliana Rodrigues Zanatta  
Katia Lanzetta Haack  
Kelly Abrey Machado  
Leandro Quintana Becker  
Leonardo da Silveira Lucas  
Leonardo José Ribeiro  
Luciana Frizon  
Luciane Maria Alves Monteiro  
Luis Sérgio Jarreta Thomas  
Luiz Fabiano Gomes Gularte  
Marco Streliac Centeno  
Mirian Cristine Vahl Machado  
Orlando Borges Neto  
Otávio Hissé Gomes  
Patricia Reis Pereira  
Patricia Weykamps Steinmetz  
Pedro Bandeira Aleixo  
Pedro Vieira da Silva Magalhães  
Priscila Machado Leitzke  
Ricardo Macedo Bainy  
Richarles Borba Bastos  
Rita Ferrúa Farias de Oliveira  
Tales Szuster Marçal  
Thaia Rosa Corrêa da Silva  
Tiago Alexandre Pianowski  
Tiago Daltoé  
Vanucia Aquino da Mota  
Vinicius Borges Soares

## **2003 I SEMESTRE**

Adilson Cordeiro dos Santos  
Adriana Rodrigues Bennett  
Adriano Mauricio Santos  
Alessandra Correa Weber  
Alessandra de Almeida Bilhalva  
André Coelho  
André Luiz Moschetta  
Clauceane Venzke Zell  
Cleiton Schweitzer Peron  
Cleonir José Dias  
Cristiano André da Silva  
Daniele Lessa Cardoso  
Danielle Côco Pozzebon  
Danise Senna Oliveira  
Débora Santos dos Santos  
Deise Simone Serafini  
Ernani Busatto Veloso  
Fabiano Tieppo  
Fernanda Carolina de Macedo Binati  
Fernando Mario Sefrin Júnior  
Geniara Silva Conrado

Giorgio Pretto  
Gustavo Luis Nunes Pretto  
Isabela Martins Gomes Xavier  
Juliana Kratochvil  
Juliano Palmiro Cunha  
Juniano Caballero Barbosa  
Kelen de Moraes Cerqueira  
Kellen Chaves da Silva  
Lilian Mitiko Ouki  
Lorena Silva da Rosa  
Mara Rodrigues Alves  
Mauricio Figueiredo de Figueiredo  
Milena San Martins Mendonça  
Niani Sgarbi Silveira  
Pablo Grosch  
Patricia Moreira Bom  
Racine Procópio Teixeira  
Raquel Fonseca Ferreira da Silva  
Roberto Suaya Godinho Netto  
Rodrigo Ferreira Garcia  
Rodrigo Riefel Guimarães  
Rogério Gonçalves Cunha  
Samir Sanches Abdallah  
Sérgio Olivio Dalcin Lago  
Tatiana de Freitas Damé  
Victor dos Santos Vernes  
Walter Kiyoshi Iamamoto

### **2003 II SEMESTRE**

Adalgiso Feijó Malaquez  
Alice Donato Gonzalez  
Altair Ivory Heidemann Júnior  
Ana Alice da Silva Furtado  
Ana Cristina Haas  
André Frizon  
Cíntia de Azevedo Soares  
Claudia Corrêa e Corrêa  
Clayton Mazzochi de Lima  
Diego Rodrigues da Costa  
Doriano Venturini  
Douglas Coltro  
Eduardo da Silva Brum  
Eduardo de Barros Coelho Bicca  
Eduardo Ferreira Medronha  
Emerson Oliveira Alves  
Fábio Lorea Lawson  
Franciani de Oliveira Basso  
Frederico Sedrez dos Santos  
Gisele Alsina Nader  
Gleide Martins  
Helvio Rossetto  
Homero Luís Alves Gastal  
Juliana Zaltron Morelli  
Leandro Maia Ramalho

Leonardo Machado de Carvalho  
Livia da Rosa Pauletto  
Luciana de Oliveira Neves  
Luciano Oltramari Sponchiado  
Marcelo Arruda Ramos  
Marcelo Quintanilha Azevedo  
Márcia Taschetto Motta  
Márcio Augusto Averbeck  
Marcos Roberto Pacheco de Souza  
Maria Simone Oliveira do Amaral  
Martha Farias Collares  
Melissa Ellwanger Monteiro  
Melissa Machado Ferreira  
Mirella Cristiane de Souza  
Paulo Alves dos Santos  
Pedro José Leva Junior  
Rafael Antoniazzi Abaid  
Rafael Dias de Oliveira Alcantara  
Raquel Acosta Moncks  
Raquel Brod Storch  
Rodrigo Aguiar Barbosa  
Rodrigo Mello Teixiera  
Sabrina Rodrigues de Souza

### **2004 I SEMESTRE**

Ana Claudia Marques Barbosa  
Anderson Corrêa Mussi  
Andressa Thier de Borba  
Andréa da Silva Weinberger  
Bruno de Moraes Gomes  
Cinara de Oliveira Kopacek  
Cristiane Marcele da Silva Pinz Camargo  
Daniel Navarini  
Daniela Muñoz Nogueira  
Edson Yorinobu Yamaguchi  
Éder Menegassi Martel  
Fernanda Mendes  
Flavia Emilia Bebber  
Flávia Corrêa Guerra  
Flávia Vaccaro Casagrande  
Guilherme Graça Cardoso  
Guilherme Moraes Krüger  
Ivana Gomes de Araújo e Castro  
Ícaro Samuel Pedroso de Oliveira  
Janaína Viana Stolz  
Jeana Cristina da Silva  
João Lourenço Bazzi Junior  
Juliana Faggion  
Juliana Fiss Lambrecht  
Karen Iribarrem Nogueira  
Kelly Carballo de Souza Mello  
Leandro Kruel do Nascimento Filho  
Leonardo Danilo Lopes Alves  
Leonardo Oliveira Nobre

Liana do Amaral Neves  
Luiz Claudio Severo Nunes Ibaldo  
Marcus Vinícius da Silveira  
Maria Cristina Biesdorf  
Márcia Vargas de Farias  
Melissa Fiala Pierobom  
Miguel Roismann  
Pablo Fernando Batista Biavaschi  
Pedro Lemos Macedo  
Pedro Rheingantz Abuchaim  
Priscila Coelho Amaral  
Priscila da Silva Echevarria  
Rafael Guedes Diaz  
Renata Coelho Werthein  
Ritele Hernandez da Silva  
Rodrigo Cantarelli Pereira  
Sabrina Suter Moreira  
Tatiane Coghetto da Rocha

#### **2004 II SEMESTRE**

Alcides D'Artagnan Bueno Nunes  
Alessandra Moreira Bender  
Alexander Gonçalves Sacco  
Alexandre Sanches Laranjeira  
Anderson Cunha Machado  
Anderson Saldanha Mendes  
Andréa Borba Guimarães  
Andréa Maria Rauber  
Betânia Pires Costa  
Bruna Arend  
Carolina Simões Pires Esteves Ostermann  
Cássio Mello Teixeira  
César Augusto Silveira Nunes  
Charlane Silva de Vasconcelos  
Clarylise Felsche Pacheco  
Cláudio da Silva Zachia Alan  
Diana Martins de Campos  
Eduardo Noal Garcez  
Elisiane Zenaro  
Émerson da Silva Moreira  
Fernando Cesar Vieira Silva  
Fernando Marcelo Viegas Marques  
Gabriel Garcia Rolim de Moura  
Ícaro do Bonfim Majer  
Iúri dos Santos Barros Viana  
Juliana Brod Lokschin  
Ligia Calina renuncio  
Lívia Freire Brum  
Louise Trindade de Oliveira  
Luciana Camargo  
Luiz Antonio Oliveira Inacio Junior  
Márcio da Silveira Rodrigues  
Martín Rodriguez Corrêa  
Mauro Sittoni Vaz

Pablo Gnutzmann Pereira  
Patricia Amorim Dutra  
Rafael Angelo Buratto  
Rafael de Almeida  
Roberta Fernandes Franz  
Rodrigo Latosinski do Amaral  
Sabrina Gehrke  
Tadeu Antonio di Francesco Pocai  
Tiago Bonilha de Souza  
Ticiana Granzotto  
Vanessa Galvan

#### **2005 I SEMESTRE**

Alexandre Dantas Lopes  
Alexandre Mitsuo Morita  
Aline Chaves Duarte  
Ana Izabel Costa de Menezes  
André Aguiar Sá  
André Franz da Costa  
Andréa de Cássia Sincero  
Andrei Bandeira Nakagawa  
Bianca Weber  
Carlos Eduardo Ficht de Oliveira  
Cassiano dei Ricardi da Rosa  
Ciarlo Barragana Fonseca  
Cristiano Toss  
Daniela Thones Mendes  
Eduardo Campelo Tavares  
Eduardo Gehling Bertoldi  
Eliana Antunez Westrupp  
Elza Cristina Miranda da Cunha  
Fábio Almeida Morais  
Fábio Martins Pereira  
Fabíola Schorr  
Fernando Guedes da Silva Junior  
Francine Zanetter  
Gabrielle Lazzaretti  
Gisele de Souza  
Gledis Lisiane Correa Luz Mota  
Ítalo Pires Farias  
Jacson Andreolli  
Jean Carlo Miiller  
Justino Fermin Amonte Anacker  
Liliane Vizotto  
Luciana dos Santos Schraiber  
Luciano Tessmann de Almeida  
Marcos de Souza Antonialli  
Marta Gomes Zambrano  
Matheus Saretta Noal  
Michel Georges dos Santos el Halal  
Rafael Pontos Naspolini  
Ralf de Souza Stein  
Sonia Tessmann  
Victor Felipe dos Santos Tejada  
Viviane Vargas Vaz

## **2005 II SEMESTRE**

Alexandre Härter Palm  
Aline de Souza Streck  
Ana Cláudia Wotrich  
Ana Júlia Schiroky  
Ana Paula Godinho da Silva  
Carla Freitas Marchionatti  
Cláudio Viana Silveira Filho  
Cristiane Becker Neutzling  
Cristiane Cásseres Teixeira  
Darcy Pegeraro Casarin  
Dariano Passamani Floriano  
Diego Halim de Matos  
Diego Rosso  
Diogo Dellazari  
Fábio Piccinini  
Flavia Marchiori Cristelli Kato  
Flávio de Paula Cardoso  
Frederico Hellwig Coelho  
Giuliano Stefanello Bublitz  
Gustavo Schneid da Silveira  
Háreton Araujo Lamb  
Ivan Brezolin Marquette  
João Henrique Ardenghi Feldens  
Jordana Schmalz  
Juliano Piva  
Karinheila Tatiégene Junges  
Leandro Moraes de Figueiredo  
Liana Farias Leiria  
Luceli Dallanora Viera  
Luciana Alonzo Heidemann  
Luciana Ferrugem Cardoso  
Marcela Godoy Dias  
Marcos Geber Andreazza  
Mauri Caldeira Reis  
Michel Ghisi Callegari  
Paulo Antonio Lague Junior  
Paulo César Volpatto  
Paulo Constantino Rossato  
Ricardo Leivas Moraes  
Roberto Coswig Fiss  
Rodrigo Dessuy Haag  
Rodrigo Moro Palmeira  
Thomaz Pereira Sperb  
Vanessa Engelmann

## **2006 I SEMESTRE**

Adilson Roberto Tavares da Silva  
Amanda Flávia Rodrigues Moreira  
Andressa Dallanora  
Ângelo André de Melo Dias  
Cassiano Ricardo Goulart  
Christian Pinto Granada  
Cíntia da Silva Medeiros

Clarissa Sayuri Kato  
Claudia da Rosa Muñoz  
Daniel Augusto dal Moro  
Dante Morelli Machado  
Diego de Borba Damasio  
Everton Quadros Fiebig  
Fernanda Tcatch Lauermann  
Guilherme Augusto Linzmeyer  
Henderson Eduarth Schwengber  
Joise Giovana Giarolo  
Juliana Van de Sande Lee  
Juliano Lima Santos  
Kelly Crestani  
Leonardo Lemos de Souza  
Letícia Gomes Lobo  
Marcelo Henrique Ventura  
Mariana Vianna Zambrano  
Michelle Pinto Kaster  
Michelle Zolet  
Otávio Bório Dode  
Otávio Cunha Freitas  
Patrícia Calearo Cardoso  
Patrícia Peres de Peres  
Person Antunes de Souza  
Rafael Rovaris  
Raphael dos Santos Silva  
Reginaldo Oenning  
Renato Locks  
Rozana de Miranda Mendes  
Siomara Tenroller  
Tatiana Luxen Peruzzolo  
Thales Cantelle Baggio  
Thiago Quirino Tubone

## **2006 II SEMESTRE**

Alex Sandro Pedroso da Rosa  
Aline Damé D'Ávila  
Ana Barbosa Duarte  
Ana Lúcia Mello Fonseca  
Andréa Quintana Langone Minuzzi  
Augusto Nobre Kabke  
Bárbara Tomasi Sassi  
Chen Ju Lin  
Chiara Scaglioni Tessmer  
Cíntia Vasques Cruz  
Claudio Raphael Pilownic  
Daniela Zilio Larentis  
Denis Santolin  
Eduardo Faria Leite  
Estevão Peixoto Monteiro  
Fábio Trentin  
Felipe da Silva Camacho  
Huei Ju Lin  
Igor Ossanes Kaiser

Isabelle Maffei Guarenti  
Laércio João Bazzanella  
Laura Garcia de Borba  
Lênin de Lima Rodrigues  
Liana Guedes da Silva  
Lizie Ellen Taguchi  
Lucas Mendes  
Luciane Iriart Teixeira Padilha  
Lucinano de Brito  
Luis Ernesto Víquez Vargas  
Luiza Vieira da Silva Magalhães  
Marcelo Maraninchi Pavesi  
Michele Nunes Pinho  
Otávio Costa Diaz  
Patrícia Vargas dos Santos  
Paulo José Irigon Pereira  
Ricardo dos Santos de Medeiros  
Roberto Reinecken Von Laer  
Samuel Dutra de Carvalho  
Thiago Vernetti Ferreira  
Tiago Scherer  
Vanessa Vianna Duarte  
Vânia Mota da Rosa  
Victor Manuel Brízida Garcia Neto  
Vinicius Borges Machado

### **2007 I SEMESTRE**

Ademar Schmitz Junior  
Aline Camargo Fischer  
Augusto César Sedrez Porto  
Cibele Vargas da Silva  
Cristiane Pereira dos Santos  
Cristiano Devenci Vendrame  
Daiane Schmachtenberg  
Daniel Von Spitzenberger  
Daniela Viecceli  
Débora Piva  
Débora Zeni  
Eduardo Dal Magro Marcon  
Eduardo Fagundes Cardoso  
Elka Juliana de Oliveira  
Eloísa Klein Lopes  
Ettiene Mattos da Silva  
Fábio Spuldaro  
Felipe Graff  
Felipe Mendes Götze  
Fernanda Figueira Jorge  
Fernando Behrensdorf Reis  
Felipe Kwiatkowski  
Franchesca Fripp dos Santos  
Gabriel Proto  
Gabriela Bestani Seidel  
Guilherme Locks de Loyola  
Juliana Costa Maia

Juliana Hardtke Teichert  
Letícia Nunes Winck  
Luciano Machado Pereira  
Luiz Antonio Zanotelli Zanella  
Luiz Carlos Pereira Júnior  
Luiz Fernando Campos Borges  
Luiz Fernando Longhi Cervantes  
Mariana Cheuiche Chaves  
Michele Ulguim de Oliveira  
Murillo Martins Correia  
Paola de Moraes Peraça  
Paulo Eduardo Zanoni  
Rafael Bohns Blaas  
Ricardo Oliveira da Fonseca  
Ricardo Pereira Sanchez  
Roberto do Carmo e Silva  
Vanessa Schultz

### **2007 II SEMESTRE**

Adriana Figueiró da Silva  
Aldo Yanaze Oda  
Aline Koth Menegon  
Ana Lúcia Torres da Silva  
André Simoni de Jesus  
Áurea Carolina Machado de Sousa  
Bibiana Policena de Oliveira  
Bruna Adolfo  
Carine Leite  
Carla Fernanda Nava  
Cristiane Rockenbach  
Cristiano Marques Ferreira  
Cristina Echenique Silveira  
Daniela Silva de Brito  
Daniela Vasques da Conceição  
Débora Clasen dos Santos  
Dennis Ribeiro de Mendonça  
Diego Antônio Rovaris  
Eleonora Pereira Lima Zanini  
Elizandra Sottilli  
Giseli Moreno Nazmi  
Helena Souza van der Laan  
Henrique Rodrigues Osório  
Indira Valente Reyes  
Ingrid Koth Ribas  
Ingrid Sheila Zavaleta Obregón  
Ivana Daros  
Jacqueline Maria Krause Roll  
João Batista Mayer Fornari  
José Felipe Bigolin Filho  
Karine Duarte Zambonato  
Leonardo Dozza  
Leonardo Silva Reges  
Luciano Carvalho Silveira  
Marcelo Leitzke Martins

Marcio Pereira Cancela  
Martha Colvara Bachilli  
Mateus Felipe Lasta Beck  
Mônica Hartwig Reichow  
Otavio Augusto Londero dos Santos  
Rodrigo Griep Piamolini  
Sabrina Marcello Rodrigues  
Samanta Madeira de Oliveira  
Talita Vila Martins  
Vinícius Neumann Tavares  
Vinícius Spiandorello

#### **2008 I SEMESTRE**

Alice Paixão Lisboa  
Aline Lima Poerscke  
Andressa Ost Van-Gysel  
Bianca Ortiz dos Santos  
Bruna Lanza  
Bruno Scaglioni Amaral  
Camila Trindade Stangarlin  
Carlos Augusto Gomes Bispo  
César Al-Alam Elias  
Cíntia Borba Maçãs  
Diego Ricardo Moreira Goelzer  
Diego Silva Collares  
Diogo Duarte Torre  
Fabiano Mello Soares  
Fábio Germany  
Felipe Pomati Chedid Lisboa  
Felipe Simões Lopes Quintana  
Gabriela Carolina Gonçalves  
Gabriela das Neves Feijó Guimarães  
Gabriela Machado de Castilhos  
Gilmar Nunes Glória  
Gionei Sulzbacher  
Goltran Markus  
Leonardo Antunes Fuentes  
Leonardo Batista Franco  
Leonardo Sundin dos Santos  
Marcel Cruz Argoud  
Marcelo Corrêa Vione  
Marcos Debom Vieira  
Maria do Rosário Ferronato  
Marina Bergamini Blaya  
Marina Bressiani  
Mateus Koth Menegon  
Melissa Dias da Costa Cunha  
Mirella Mounzer Andraous  
Miriam Oliveira Tavares  
Nilza Rios Capuchinho  
Osmar Derli Tschoepke Borges Filho  
Pedro Henrique Cardoso Bretanha  
Raup Lichtenecker de Bacco  
Rodrigo Nelson Dallazem

Rodrigues Valente Frast  
Thalis Zandoná Laydner

#### **2008 II SEMESTRE**

Alexandre Ost Van-Gysel  
Alexandre Terra Fontes  
Aline de Araújo Hackbart  
Aline Vollrath Bento  
Ana Carolina Oliveira Ruivo  
Antonielle Borges Faria  
Bárbara da Silva Florêncio  
Camila Bueno Fonseca  
Carina Silva Marandola  
Clarice Roll Redies  
Daison Nelson Ferreira Dias  
Daniela Cavalli  
Débora Bartzem Moraes  
Fábio de Moura Pinto  
Fernanda Medeiros da Silveira  
Ismael Polli  
Ivan Neutzling Lüdke  
Jacqueline Batista de Melo  
Jaime Dias Rodrigues Junior  
João Vitor Darde Rodrigues  
Juliano Romano Porto  
Letícia D'Aló  
Lúcia Soares Buss  
Luís Claudio de Valleca e Lima  
Luiz Gustavo Marin  
Luiz Henrique Hartwig de Araújo  
Marcelo do Sacramento Cardoso  
Marcia Elisa Polli  
Marcia Guimarães Franceschi  
Maria Danniella Giroto  
Melina Kaster Schwantz  
Morgana Sonza Abitante  
Oane Fáccio  
Otávio Pereira Lima Zanini  
Patrícia Graziotin  
Paulo Henrique Kitayama Cervantes  
Rafael Zimmermann de Souza  
Renata Evangelista Pinto  
Roberta Tavares Rapetto  
Rodrigo dos Santos Silva  
Sheila Nogueira do Amaral  
Suzan Lucie Barbosa Teixeira  
Thaís da Costa Neumann  
Thiago Ferreira Bartholomei  
Vanessa de Sousa Ribeiro  
Vitor Neitzel Polidori

#### **2009 I SEMESTRE**

Alan Costa dos Santos  
Alex Antônio Degani Reis

Ana Luisa Xavier da Silveira  
Ana Luiza Abrahão  
Andressa Manfredini  
Anelise Kirsch  
Camila Vianna Corvelo  
Carlos Fernando dos Santos Moreira  
Carolina Magáli Beckmann  
Carolina Sander Reiser  
César Felipe Pasqualotto Franzen  
Chris Campos Chineppe  
Christien Dannemberg da Cunha  
Clarissa dos Santos Barboza  
Denise Araújo de Freitas  
Fábio Inri Dezone  
Fernanda Bohns Pruski  
Fernanda Ginjo dos Santos  
Fernanda Ustárroz  
Francisco Zanotelli Zanella  
Gisele Bartz de Ávila  
Guilherme Duarte Torre  
Henrique da Rosa Sobrinho  
Inara Luiza Von Holleben  
Indiara da Rosa Velho  
Laura de Mattos Milman  
Leandra Ferreira Marques  
Leandro Silveira Marmitt  
Letícia Halim de Matos  
Letícia Regina Rodrigues  
Luciana Corrêa de Moraes  
Luciana Plasse Lima  
Martha Pereira Lima Lang  
Michel Cerioli Giraldi  
Michel Lucas Bueno  
Patrícia Parada Freitas  
Peterson Silva Leite  
Priscilla Basso  
Ricardo Fernandes Paiva  
Roberto Doglia de Oliveira  
Rodrigo Resende Gomes de Castro  
Samanta Gaertner Mariani  
Samantha Lopes de Souza  
Vinícius Duarte Cabral

Débora Sarzi Sartori  
Elias Mattos Berg  
Felipe Pizzolato  
Fernanda Gasperin Mocelin  
Fernando Zanol dos Santos  
Gabriel Carvalho Vieira  
Gabriela Nunes Barbacovi  
Giovana Barreto da Silva  
Guilherme de Campos Domingues  
Indira Wagner Dini  
Jonas Rubin Facco  
Juliana Nobre Kabke  
Karen Borges de Azevedo  
Liliane Borges Henrique  
Luciana Barros Augé  
Luciane Rames Perez Silveira  
Luzia da Silva Barberena  
Mariana Leão Goettems  
Marilian Bastiani Benetti  
Matheus dos Santos Ferla  
Natalie Rodrigues Machado  
Paula Teixeira Barbian  
Rafael Ilivo da Luz  
Régis Schander Ferrelli  
Renata Sabag Kostin  
Ricardo Arlindo Dalla Corte  
Ricardo Issler Unfried  
Roberta Hernandes Kieling  
Rodrigo Alano Sffair  
Rodrigo Rey Guedes da Silveira  
Ronaldo Dervanoski  
Suélén Martinez Mancilla  
Tatiana de Campos  
Thaize Brisolara Nogueira  
Thiago Frederico Rodrigues  
Timólio Volnei Dorn

## **2009 II SEMESTRE**

Alexandre de Souza Litron  
Aline Silveira Borges  
Alyne Neves Cintra  
Antônia Gomes e Silva Leonardo  
Bárbara Heather Lutz  
Carla Amado Petroli  
Carlos Daniel Zancanaro  
Celso Cruz Guttier  
Cláudia Zeni  
Cláudio Monteiro

## **2010 I SEMESTRE**

Alan Felipe Bello Secco  
Carlos Alberto Massucato  
Caroline Piva  
Cristiane Borges Evaldt Lettnin  
Cristiano Argenti  
Daniel Brandenburg  
Daniele Kickhöfel Rozales  
Denise Pinheiro Lima  
Diego Mello da Silva  
Douglas Vinicius Boeing  
Eder Ney Colombelli  
Eduardo Ferreira Wink  
Elias Ferronato  
Fernando Brum Batista  
Fernando Rordrigues de Oliveira  
Gabriel Yeamon Ikejiri

Gabriela Soncini Pasetto  
Giovana Danielle Rossato  
Igor Teixeira  
João Jesus Fonseca dos Santos  
José Francisco Bandeira Rangel  
Juliana Lima Barbosa  
Luciana Noronha Riesemberg  
Luiz Valentin Morello Filho  
Marcel Corintho Mendes do Nascimento  
Matheus Machado de Machado  
Matheus Neumann Pinto  
Miguel Ângelo Ebling Pereira  
Moisés Augusto de Araújo  
Muriel Iandra Kubiak  
Nairalice Casarin Goulart  
Pedro Henrique Isaacsson Velho  
Rafael Furini Fiua  
Renata Volcan Almeida  
Rita de Cássia Garcia da Silva  
Rodrigo Roncaglio  
Sérgio Koloszwa  
Silvia Letícia da Silva Sphor  
Susete Aschidamini Ferreira  
Tharick Ali Pascoal  
Thiago Vieira de Paula Souza  
Tiago Maas  
Tiago Rangel Franco

## 2010 II SEMESTRE

Adriana Mello Rodrigues  
Adson Buriol Zanuzo  
André Afonso Schreiner  
André Martins Fernandes  
Bianca Roschmidt Pinto  
Camila Ractz Batista Martins  
Cristine Scattolin Andersen  
Daiana Maria Hilgert  
Danilo de Almeida Carvalho  
Eliezer Moraes Duarte  
Fábio Artur Longoni Fredrich  
Fernando da Silveira  
Frederico Barth  
Graziela Müller Lerials  
Guilherme Rohden Pizetta  
Guilherme Souza Melo  
Indira Helena Costa Neves  
Iracino José Miranda Júnior  
Janaína da Silva Teixeira  
Jeimeson Lima Costa  
Julia Caroline Pires Martins  
Juliana Chaves da Silva  
Katherine Coelho Gonçalves  
Laura Siga Stephan  
Liliane Cagliani Casanova

Maicon Deivis Dreher  
Mairam Santos Steffen  
Malu Souza Rodrigues  
Marcelle Klein de Araújo  
Mateus da Rocha Rodrigues  
Mateus da Silva Meireles  
Maurício Andre Kaminski  
Tamires Almeida Moraes  
Tobias Ludwig do Nascimento  
Vanessa Hax  
Vinicius Franchini Torres  
Vivian Fernandes Nunes

## 2011 I SEMESTRE

Alessa Ferari Vieira Silva  
Alessandra Banaszek da Silva  
Aline Bichet Ness  
Aline da Rocha Frossa  
Ana Carolina Dias Campos  
André Paiva Salaberry  
Caroline Brezolin Marqueto  
Daniel Calheiros Batista  
Daniela Lemos Mezzomo  
Diogo Ribas Silveira Martins  
Eduardo Schmidt Jannke  
Eliéser Henn  
Elisabete de Melo Camargo  
Fábio Rosalvo Urnau  
Felipe Matos dos Santos  
Geisa Chaves Pereira  
George Augusto Rossi Pereira  
Guilherme Augusto Reissig Pereira  
Gustavo Ferrari Palmeira  
Gustavo Rebelatto  
Hélio Augusto Martins Ferreira Ribeiro  
Jessiane Prestes Kunkel  
Joice Brião Göebel  
Juliana das Chagas Meroni  
Juliana dos Santos Candiota  
Juliana Meggiato Hein  
Juliano Spada  
Letícia Pascoli Sant'Ana Santos  
Lilian Castro de Oliveira  
Lothar Schmeichel Dobke  
Luiz Carlos Nunes Júnior  
Marcelo Tavares de Paiva  
Maryhá Pires Cassol  
Melina Veiga Rodrigues  
Nádia Cristina Dias Silva  
Nathália Janovik da Silva  
Nuno de Mattos Capeletti  
Pablo Barbosa Umpierre  
Pâmela Posser Poletto  
Rafael Fabiano Silveira da Costa

Roberta Carvalho Ximenes  
Rodrigo Ferro Feijó  
Silvia Cougo Madruga  
Talita Alves Mesquita  
Tiago Pause Nunes  
Tyciano Gustavo Michelin  
Vanessa da Silva Domingos  
Vanessa Dussin  
Vanessa Pellegrini Fernandes  
Vicente Comandulli Garcia

### **2011 II SEMESTRE**

Adjaldes Ribeiro de Moraes Júnior  
Aline Marli Wagner  
Amanda Medeiros de Souza  
Ana Eliza Antunes Bonfim  
André Dias de Oliveira  
Andreas Timóteo Lutz  
Arthur Cortez Gonçalves  
Bruna Maia Amorim  
Camila Comin  
Claudia Regina Teologides Marcon  
Danielle Carla da Silva  
Dayana Filippim  
Edvaldo Gonçalves dos Reis Júnior  
Elias Sato de Almeida  
Ellen Christine Hoffmann Rieck  
Elmara Oliveira Barros  
Fernando Carlos da Silva  
Gabriele Lobato Marins  
Giolana Mascarenhas da Cunha  
Graciela Konsgen Krolow  
Ibsen Diarlei da Silva  
Isaac Rodrigues de Lima  
Janaina Borges Polli  
Júlia Pinto Trindade  
Keila Bastiani Demke  
Larissa Carvalho Severico  
Larissa Gonçalves Sado  
Layla Regina Zambenedetti Baroncello  
Leandro Andrade Machado  
Leonardo Augusto Cândido Seyboth  
Luciane Nunes de Souza  
Luiggi Anselmo Leonardi  
Marcelo Jorge Valle  
Matheus Pintos Brunet  
Maurício Steigleder Narchi  
Michele Lopes dos Santos  
Nathália Téssele Barreto da Silva  
Pâmela Lima Bandeira  
Patrícia Marchioro  
Pedro Henrique Almeida Resende  
Piero Motta Bonfada  
Rafael Bassol Raseira

Raymundo Tomkowski Mesko da Fonseca  
Renata Müller Rosenthal  
Ronaldo Luis Schmidt  
Vera Lúcia Meister  
Viviany Dias Fonseca

### **2012 I SEMESTRE**

Ana Helena Bessa Gonçalves Vieira  
Anderson Gustavo Gasperin  
Anderson Souza Silva  
Andressa Miozzo Soares  
Audrey Gotardi  
Bianca Dall'Oglio Hoffmann  
Carolina Dahmer Velloso  
Cesar Duarte do Nascimento Junior  
Cláudia Fernandes Lorea  
Daliana Patrícia Paul  
Daniel de Paiva  
Daniele Sampaio Colvara  
Débora Fischer Pattenon  
Elen Débora Brinker Siqueira  
Eliseu Vasconcelos Leite  
Felipe Pereira Lima Marques  
Fernanda Ribas  
Janaína Kopp  
Júlia Teixeira Leite Pereira  
Justino Afonso Cuadros Noble  
Laura Lopes Silveira  
Leonardo Gualtieri Firace  
Lívia Gaspar Tosato  
Maiko Abel Schneider  
Marcel Henrique Sakai  
Marcos Luiz Gomes  
Marília Barbosa Duarte  
Marílio José Flach  
Marina Neves Cavada  
Martha Oliveira Abuchaim  
Mateus Germano Scaglioni Tessmer  
Mohamad Hassan Hamaoui  
Nathalia Peres da Porciuncula  
Nilton de Nadai Filho  
Pedro Borda Almeida da Silva  
Pétalla Rigon  
Rafael Lúcio Petronzelli  
Ralph Vighi da Rosa  
Rodrigo Balceviz Grotto  
Samara França Silveira  
Tatiana Schreiber  
Thiana de Aguiar de Linhares  
Vanessa Féo da Silva

### **2012 II SEMESTRE**

Adeicla Agripino da Silva  
Adriane Bolzan Souza

Aiessa Zanchett Fedrigo  
Alexandre de Abreu Gastaud  
Ana Luiza Melo Mageste da Silva  
Camila Rotta Pereira  
Daiana Rafaela Canabarro  
Daiane de Azevedo Fuhrmann  
Eduardo Felipe Mandarino Coppi  
Eduardo Luiz Frassato  
Eduardo Sagrillo Santiago  
Eduardo Von Weidebach  
Évelyn Signor Debastiani  
Fares Hassan Hamaoui  
Gabriel Marques Neves  
Gustavo Vasconcellos Severo  
Henrique Bubolz Bohm  
Igor Costa Pozzer  
Klaus de Souza Stein  
Lincoln Arystotheles Gewehr Babo Alves  
Lindenberg de Albuquerque Saraiva  
Lucas Alano Sffair  
Manoela Ulrich Finkler  
Marcos Monteiro da Cunha de Souza  
Maria Candida de Almeida Silveira  
Mariana Giumelli Padilha  
Mariana Rosa  
Marília Amaral Peixoto da Silveira  
Marta Amaro da Silveira Duval  
Matheus Carvalho Crochemore  
Maurel Bergoli dal Cero  
Natália Sarzi Sartori  
Paola Cavalheiro Herbstrith  
Priscila Cella Stoffel  
Priscila de Oliveira Lopes  
Priscila Rosa da Fonseca  
Rafael Pieniz Mioso  
Renata Coutinho Areosa  
Roiter de Albernaz Furtado  
Tiago Rathke de Moraes  
Vinícius Rauber Joner

### **2013 I SEMESTRE**

Adolfo Carlos Bonow  
Adriano Ribeiro Medeiros  
Alexandre Mitsuo Chibana Kido  
Aline Carvalho Simões  
Alini Vargas  
Camila Foletto Vargas Garcia  
Camilla Sousa Santos  
Cássio Scaglioni Cardoso  
Cristiano Augusto Batista  
Debora Figueiro Aldabe  
Elisa Maria Krahil  
Fabiane Brados Farias  
Felipe Sgorla

Gustavo Jung  
Ingrid Souza Baumgarten  
João Carlos Menta Filho  
Kamile Zimmermann Maciel  
Katsuki Arima Tiscoski  
Leonardo Silva Faleiro  
Lucas Fernando Tolentino  
Luciana Bergamini Blaya  
Matheus Golenia dos Passos  
Michele Copetti Culau  
Nádia Spode  
Natália Gardênia Davanse Pieroni  
Nicolle Roswag Gonçalves  
Nilo Nascimento Lucas de Lima  
Paula Baldissera Tansini  
Paulo Henrique Gabiatti Donadel  
Paulo Ricardo Prates Porto Junior  
Pedro Funari Pereira  
Pedro Henrique Gomes Costa Oliveira  
Renata Naves de Ávila Mendonça  
Renato de Freitas Teixeira  
Rene Veri Furlan  
Sandra Fiegenbaum  
Sandra Mara Caetano Moraes  
Silvano Hernandorena Ramos Filho  
Taíara Galvan Debiasis  
Tulio Victor de Rezende  
Vanessa Rabuske Araujo  
Vincent Marin Dall'Oglia

### **2013 II SEMESTRE**

Alexandre Orozimbo Gomes  
Andre Pinheiro Weber  
Aniele Reis Vahl  
Aurélio Carvalhais  
Carlos Junior Felchilcher  
Carolina Ferreira Gomes  
Cinara Zacca Vilela  
Dhianny Francynny Souza Ribeiro  
Dillays Raydylayde Silva Siqueira  
Eduardo Neumann Tavares  
Eduardo Rodrigues Gonçalves  
Ezequiel Rocha Mattos  
Gabriela Fehrenbach  
Gabriela Mercedes Argüello Frutos  
Giovanni de Marco Antonello  
Jacqueline Bolzon Claudino  
Jefferson Andre Pires  
João Nelsi Lukenczuk Junior  
Josemar Pedro Busanello  
Julia Xavier Castilho  
Juliane da Silva Nemitz  
Junior Gil Vicente  
Luana Correa de Andrade

Ludmila Camilo Lukenczuk  
Luisiane Krzizanski Domingues  
Mariela Langmantel Mielke  
Marilia Campos Benito  
Muriel Cruz Flores  
Natéli Borba Maçãs  
Nathalia Bobrowki Richter  
Paola Ceolin Padilha  
Rafael Maciel Coelho  
Ramaile Tomé Santana  
Renata Pinto Gottinari de Lima  
Silval José Alves Filho  
Simone Redaelli  
Stephanie Sander Westphalen  
Thiago Henrique Abrão Bertholini  
Valci José Dapieve Junior

#### **2014 I SEMESTRE**

Alfredo Renato Metzger Filho  
Anna Paula Moreira  
Bernardo Vaz Peres Alves  
Bruna Cantarelli Costa  
Bruno Giudice D'Ávila  
Caroline Krein  
Caroline Montagner Dias  
César Pereira Lima Zanini  
Daniele Quaresma Motta  
Diana Luisa Schack  
Diego Armando de Souza Selig  
Eduardo Olivo da Luz  
Eveline Bordignon  
Fabio Ribeiro Alvaro  
Fernanda Soncini Pasetto  
Gabriela Krüger da Costa  
Gabriele Budke Tiecher  
Germano Dallegrave Cavalli  
Gustavo de Macedo  
Günther Marroni Nietiedt  
Henrique Zechlinski Xavier de Freitas  
Jaber Ahmad Jaber  
Jane Elizabeth Malheiros de Souza  
Janise Guedes Machado  
Karoline Mallmann  
Laís Ramalho Chaves Isobe  
Lucas Baptista da Silva  
Luciana Frime Pipkin  
Luciana Yazyde de Mello Gonçalves  
Maico Paulo Alflein  
Mariany Figueiredo de Oliveira  
Nello Chescon Neto  
Otávio Brod Stroch  
Pablo Eduardo Silva da Silva  
Pablo Luis de Oliveira  
Paulo Rodrigues e Rodrigues  
Raul Flório Real

Renato Badia da Cruz  
Ricardo de La Rocha Vieira  
Ruhan Falcão Peruchi  
Saulo Maia Martins da Silva  
Stela Laner Batista  
Thiago Fogaca  
Valeska Signor Debastiani  
Vanessa de Quadros Martins

#### **2014 II SEMESTRE**

Adriano Borba Couto  
Alessandra Jaccottet Piriz  
Alessandro Tonin Vasconcellos  
Alice João Marques  
Ana Cláudia Delai Ribeiro  
Andreza Suene Ramos Ferreira  
Anne Elise Alexandre  
Bibiana Mello de Oliveira  
Bruna de Matos Bauer  
Bruna Troian Camassola  
Carine Pieniz  
Carlos Natan Barbosa Ribeiro  
Carolina Goldman Bergmann  
Caroline Torres Peixoto  
Diego Aparecido Gaspar  
Diego D'Avila  
Felipe Lanner Silveira  
Felipe Sfoggia Carlotto  
Fernanda Correa Pinto  
Fernando Henrique Machado  
Henrique Ryuji Takahashi  
Igor de Souza Bernardotti  
Inácio José Parigi de Melo  
Laura Flores Carvalho  
Marcus Vinicius Coelho da Rosa  
Mariana Ferreira de Oliveira  
Mateus Carvalho Casarin  
Matheus de Aquino Moreira Guimaraes  
Monica Buzatto  
Paulo Henrique Mendanha Ramos  
Rafael Almeida Kucharski  
Rene Elesbão Sbrissa  
Ricardo Luconi  
Rosy Elvine Chinbje Ngankak  
Samir Hussein Chafik Daghestanli  
Samuel da Fonseca Politi  
Tatiana Frehner Kavalco  
Thaís Giorgi Silveira  
Vanessa Giacomin  
Vânia Silva Lugo

#### **2015 I SEMESTRE**

Alexandre Deves  
Alexandre José Ceolin

Alexandre Pithan Costa  
Anna Carolina Borges Kampmann  
Camila Masson  
Carolina Barbosa da Costa  
Caroline Machado Rotta Dornelles  
Daiana Regina Scheid  
Daniele Ketzer  
Danilo Martins Correia  
Dany William Taguchi  
Deiner Paulo Martins Resende  
Felipe Santos Lopes  
Fernanda Hickel  
Fernanda Ziegler Bennemann  
Gabriela Boufleur  
Giordano Ávila Figini  
Guilherme Janke  
Gustavo Guarneri  
Hélio Iglesias Siedler  
Jediael Magalhães Paiva  
João Gabriel de Mello Ramos  
Karina Pereira da Cruz  
Laís Melo Corrêa  
Larissa Rosa  
Laura Costa Beber de Jesus  
Lorenzo Angel Salvador  
Matheus Pomatti Chedid Lisboa  
Maylin Santana Dall'Oglio  
Naiana Paula Dutra de Faria  
Pâmela Vasconcelos Araújo  
Pedro Antônio Canova  
Raquel Spilere Kammer  
Suelyn Cristina Portalupi Ramos  
Thais Reis Gonçalves  
Tiago Hansel Basile Vigil  
Tomás da Cunha Recuero  
Vanessa de Souza Stein  
Victoria Silveira de Carvalho

## 2015 II SEMESTRE

Alex Francó de Camargo  
Aloma Guinami Scabora  
Ana Carolina Carraro  
Andre Luiz Theobald  
Bruna Luiza Navarrete Silva  
Bruna Rosa Fabro  
Bruno de Almeida Piccoli Ferreira  
Caio Fernando de Souza  
Camila Siqueira Alves  
Cibele Keiko Goh  
Cláudia Peixoto Rieger Rodrigues  
Cláudia Sayuri Suzuqui  
Cristina Seiko Ishibara  
Danielle Aparecida dos Santos Ventura  
Eduardo Scardazzi Silva Ragni

Elianderson do Rosário  
Ellen Simionato Valente  
Emmanuel da Fonte de Hires  
Érika Clarissa Oliveira Euro Lima  
Fernanda Serrão Margotto  
Fernanda Ten Caten Fenner  
Gabriel Antonio Frovi Cervo  
Gláucia Ferreira Abrahão  
Guilherme André Henz  
Heloisa Pittoli Silva  
Isabela Rodrigues Basso  
Janine Laís Rauber  
Jean Lucca Triaca Saraiva  
Jhonatas Barbosa Ribeiro  
Juliana da Cunha Rocha  
Juliana Russo Simon  
Kleber Roberto Siguel da Silva  
Lucas Martins Freire  
Lúisa Carolina Zanoluca Bertoli  
Luisa Silveira Birck  
Marcelo J Bottin  
Mariana de Barros Sato  
Marina de Borba Oliveira  
Mateus dos Santos Corrêa  
Mateus dos Santos Corrêa  
Michele Krug  
Paula Xavier Barroso  
Rafael Neumann Tavares  
Rafaela Arneiro Gonçalves  
Rayane Marques Rodolpho  
Renan da Silva Meireles  
Rodrigo Nunes Siqueira  
Stephany Tavares de Oliveira  
Thaiza Tavares Lessa  
Zaíra Maria de Melo

## 2016 I SEMESTRE

Andre Roberto Tezori  
Andressa Daga  
Anna Karolina Palhares de Oliveira  
Ariane Giovanaz  
Augusto Luiz Giongo  
Bárbara Machado Ribeiro  
Belisa Lopes Alvares  
Bruna Sarah Morais Resende  
Carlos Alberto Lopes Davanço  
Caroline Peneiras Miranda  
Clara Abreu de Lima Figueiredo  
Clarissa Anjos de Ávila  
Dalet Camboim Bizerra  
Dayane Moreira Fraga  
Dimas Rafael Marafon  
Diogo de Oliveira Lima  
Fernanda Pinheiro Frugeri

Fernanda Yuriane Hayashi  
Gabriel Pinheiro Deves  
Guilherme Heck Michels  
Guilherme Henrique Meneghel  
Guilherme Sjoman de Brum  
Igor Ribeiro de Freitas  
Isabela Schincariol Pilotto Casagrandi  
Isabella Cristina Ragazzi Quirino Cavalcante  
Isadora Bonini  
Laura Drehmer  
Laura Klein  
Leonardo Vieira Ribeiro Silveira  
Letícia Amici da Cunha  
Lidiane Aita Boemo  
Lívia Aniz Vieira  
Lukas Ogorodnik  
Marcel Neto de Souza  
Marina Azevedo Karam  
Marina Comba Contieri  
Marina Gasparotto Fernandes  
Miguel Bainy Rodrigues de Freitas  
Patrícia Amaral Peixoto da Silveira  
Patricia Suzuki Kanno  
Paula Bidese Javorski  
Pedro Maçada Andrade  
Rafael Teruel Berto  
Rayane Ferreira  
Rebeca Moraes Ielo  
Ricardo Ferrari Pereira  
Thiago Gaspar  
Thiago Luiz Ribas da Silva  
Tiago Alves da Silva  
Vanessa Santos Cerqueira

## 2016 II SEMESTRE

Ana Caroline Teixeira Fernandes  
Beatriz Garcia de Morais  
Bruna Azario de Holanda  
Bruno Baquini da Silva Martinelli  
Bruno Souza da Silva  
Cristiane Azevedo Alves  
Daniel Andrade Bastos Modolo  
Fernanda Krebs Salomao  
Isabela Guersoni Menna Barreto  
Isabella Verruck Tortola  
Isadora Silva Gomes de Araújo  
Jacqueline de Pauli Bernardin  
Jacqueline Yumi Oguro  
João Guilherme Krämer Iorra  
João Victor Vecchi Ferri  
Kássia Carolina Surdi  
Letícia de Jesus Rossato  
Luís Henrique Klafke  
Luiz Fernando Held Gentil

Marcela Almeida e Coelho  
Marcos Afonso Cardozo Jacinto  
Mariana de Toledo Silva  
Matheus Zschornack Strelow  
Meryene Bordon Dias Reis  
Michele Dorneles de Sousa  
Nadia Amorim Machado  
Nadia Ferreira Navarro  
Nicole Santos  
Pablo Bastos Rodrigues  
Pedro Henrique Pimentel Meira  
Raquel Machado de Carvalho  
Roberto Stalla Alves da Fonseca  
Ronald de Borba Heinen Rodrigues  
Tatiane Morgana da Silva  
Tércio Tanure Junior  
Thaís Rocha Mello  
Thiana de Oliveira Kaé  
William George Giusti Fischer  
Zenaide Silva de Souza

## 2017 I SEMESTRE

Ana Clara Bernardi Saul  
Ana Flávia Varella e Silva  
Andrea de Vargas Tomelero  
Anna Martha Marchewicz  
Bruno Roberto Padilha Machado  
Camilla Dolinsky Macchi  
Carolina Alcoforado de Abreu  
Carolina Móro Titton  
Carolina Pozzobon  
Catherine Scherrer Menezes  
Cláudia Aparecida Verri  
Daniel Pagnosi Pacheco  
Eduardo Bertholdo Szareski  
Eduardo Weinert Corrêa  
Fernanda Panazzolo Zenatto  
Fernanda Salim Testa da Rocha  
Fernanda Silveira Ocanha  
Gisele Conte Alves Fernandes  
Guilherme Mendonça Roveri  
Isabella Moresco Figura  
Jéssica Neuenfeld Paniz  
Jessica Tiemy Inoue  
João Pedro Mussi Laydner  
Juliana Maria Bestetti  
Júlio César Sperb da Rocha  
Karolyne Siqueira Silveira  
Kassia Merchioratto  
Lais Cascaes Mai  
Láis Marques Mota  
Lais Teruel Berto  
Larissa Martinelli Dullius  
Letícia do Nascimento Santana

Liége Graebin  
Lucinéia Raquel Menegat  
Luiza Herdy Boechat Luz Tiago  
Luiza Magalhães de Oliveira  
Maira Cristina Ramos da Rosa  
Mateus Guimarães Kuss  
Matheus Galice Segati  
Maurício Castro Pilger  
Melinda Mallorquin Cabral  
Míriam Elisabete Walker da Silva  
Natália Batilana de Carvalho  
Nathália Galvagni Rodrigues  
Nathalya Fernanda Brito Miranda  
Nicholas Neves Polidoro  
Patrícia Paraboni Bersaghi  
Rafael Gomes Vieira  
Renan Castanho de Campos Leite  
Renata Rychecki da Silveira Lopes  
Taíse Rosa de Carvalho  
Tamiles Campos da Silva  
Thiago Filomena Lombard  
Virgínia Bergesch  
Vitor Bonetti Hauser  
Weslley Erick Wentz  
Yohanna Letícia Brogio

## 2017 II SEMESTRE

Ana Laura Moraes Luzzardi  
Ana Maria Stapasolla Vargas Garcia  
Ana Paula Gonçalves Muniz  
Anna Flavia de Crescenzo Brotto  
Aroni Marcéu Sousa e Rocha  
Augusto Valles Bento  
Carolina Castro Trindade  
Carolina Julieta Postai de Araujo Santos  
Carolina Petersen Moojen  
Carolina Souto Pereira Núncio  
Celina Pereira Hallal  
Dayana Siqueira Urió  
Douglas Klug Reinhardt  
Frederiko Ken Kiyohara Agawa  
Gustavo Gonçalves Terra  
Henrique Orlovski Dziedicz  
Inaê Gomes Oppelt  
João Henrique Costa Calegari  
João Mario Secol Rodrigues  
Laís Carneiro Guapo  
Laura Brum Llanos  
Luan Rodrigues Lotti  
Luís Henrique Martins Vilarinho  
Luiz Paulo Leal  
Maiara Cristina Polinski  
Maria Carolina Malheiros de Souza  
Mariana Plotegher Machado

Marina Ayub  
Matheus Alexandre Rebêlo  
Matheus Vinicius Dzieva  
Milena Galafassi  
Mozar Augusto Bernin  
Roberta Herath Rascovetzki  
Samanta Witzke Massulo  
Tâmela Karoline Weiber  
Ubirajara Amaral Vinholes Filho  
Victor Grisanti Filogonio  
William Bigliardi Zibetti  
Yuri Rocha França

## 2018 I SEMESTRE

Adriana Ebersbach  
Aline González Silva  
Andréia Martini Pazini  
Anna Maria Garcia Cardoso  
Augusto Zimmer Amaral da Silva  
Bruno Andrade de Sousa  
Bruno Caio Becker  
Caio Scaglioni Cardoso  
Camila Defendi da Cunha  
Daiana Karine Canova  
Déborah Silveira König  
Eduardo de Almeida Rosales  
Elisa Freitas Neves  
Emanuella Flávia Alves Pinto  
Fabrício da Costa Santos  
Fernando Katekawa  
Gabriela Dombrowski  
Igor Luis Alves  
Isabele Beatris Denk  
Ismael Krolow Costa  
João Gilberto Marques  
João Victor Almeida Garcia  
João Vitor de Castro Fernandes  
João Vitor May Buogo  
José Guilherme Teixeira da Silva  
José Henrique Gorgone Zampieri  
Karen Müller Al-Alam  
Laura Ferreira Barbosa  
Leonardo Franco Pereira  
Lucas Barbosa Echenique  
Luís Eduardo Fernandez Pegoraro  
Luiz Augusto Oliveira Lobato  
Maitê Chrysostomo  
Marcella Maldonado Garcia  
Maria do Carmo Zanotto  
Mariana Costa Kulpa  
Mariana de Castro Lopes  
Otávio Oliveira Guimarães  
Paulo Maciel Rinaldi  
Pedro Agner Aguiar Fernandes

Pedro Caetano Munhoz Roos  
Renan Eduardo Valduga  
Renata Augusta de Souza Aguiar  
Rodrigo Maciel de Oliveira Costa  
Sayuri Aparecida Hirayama  
Talita Fischer Oliveira  
Tallys Bohns Blaas  
Veronica Anai Ortigosa Serrano  
Vitor Ribeiro de Siqueira  
Walterney Amancio Filho  
Wescley Peralta Coca  
Yago Macedo Almeida

#### **2018 II SEMESTRE**

Alessandra Yumi Arasaki  
Aline Bertarello  
Allan Parizotto Gomes  
Allan-Jhones Pereira Cardoso  
Anderson Casali de Freitas  
Bruna Moraes Gass  
Camila Bortolin Fonseca  
Claudiney Santos Rufino  
Cláudio José Miranda Filho  
Cristiano Ferrari  
Eduarda Silbert Luzzi  
Eduardo César Almeida Arbildi  
Eduardo Mensch Jaeger  
Fernanda Bifano Soares  
Francisco Loes  
Frederico Esteves Maciel  
Gabriel Junqueira Soares  
Gabriela Büchner  
Gabriela Varajão de Latorre  
Gabriela Viana de Oliveira  
Glória Araújo da Silveira  
Guilherme da Cunha e Felix Freitas  
Guilherme Valim Alves  
Guilherme Vicentini  
Gustavo Fiorentin Biscaya  
Hellen Meiry Grosskopf Werka  
Ígor Nunes Fernandes  
Isabel Hahn Miranda  
Jeferson Weege da Rocha  
João Eduardo da Silva Sierra Fernandez  
João Pedro Pattussi Bertinatti  
Juliana Gamalho Pereira  
Kevin Maahs Klein  
Laís Yurie Facimoto  
Laura Nicolela Giordano Leme  
Luís Henrique da Silva Rockenbach  
Manuela Darela da Silva  
Márcio Brambatti  
Matheus Bernardon Morillos  
Michel Lessa Pierobom

Natália Zanini da Silva  
Nicole Rommel Nunes  
Paula Diniz Quintão dos Santos  
Paulo Ricardo Correa Schmidt  
Pedro Marques Vasques  
Rafael Elias Santana Neme  
Rafaella de Lima Loréa  
Renata Garcia Gonçalves  
Rodrigo José de Souza Domingues  
Rodrigo Mantovani Sguario  
Rodrigo Piltcher da Silva  
Sabino Bertão Junior  
Sérgio Ferreira de Ferreira Filho  
Thaís Gonçalves Arantes  
Thaís Souza Prata  
Vanessa Albano Barcellos  
Victor Bracht de Oliveira  
Vitória Schneider Müller

#### **2019 I SEMESTRE**

Álvaro Porciúncula Gonzalez  
André Luís Errera de Freitas Pereira  
Andréa Szwarc  
Andrew Christopher Claro Miguel  
Arthur Konishi Alves  
Camila Hartmann Blank  
Camila Medeiros Ito  
Carla Alberici Pastore  
Carolina Mendonça Camargo  
Daniela Beienke Hass  
Davi Dorval Pereira Cordova  
Dênis Schiavon França Chagas  
Emanuel Marques de Sá Gomes da Silva  
Emiliana Vaz de Melo  
Fernanda Yae Morioka  
Fernando Pacheco dos Santos Ferreira da Silva  
Flávia Pirolli  
Gabriela Siqueira Santos  
Giovana Parron Paim  
Helena Gularde Cabral  
Jéssica Buss  
João Augusto Carvalho Bittencourt  
João Pedro Zanon  
José Pedro Duarte Hillal  
Kellen Andressa Cuccolo Corrêa  
Larissa Kaori Yamanishi  
Lucas de Oliveira Marques  
Lucas Zambiasi  
Luís Akio Inahara Matuoka  
Luis Henrique Zambra Wink  
Luisa Barin Menezes  
Marcos Vinicius da Silveira Lima  
Mariani Magnus da Luz Andrade

Michele Sander Westphalen  
Nicole Evelyn Kleindinst Schramm da Silva  
Nicole Goulart Saviatto  
Pablo Afonso de Garcia Fernandez  
Pablo Canêz Farias  
Paula Nikolay  
Renata Vernetti Giusti  
Ricardo Antônio Tronquini Costi  
Roberto Stroher Júnior  
Rômulo Nícols Ribeiro  
Sabrina de Medeiros da Silveira  
Sérgio Renato da Rosa Decker  
Sílvia de Lucena Silva Araujo  
Thaís de Assis Soares  
Thais Vicentine Xavier  
Tialisson Guterres Scotti  
Vinícius Tronca

## 2019 II SEMESTRE

Alana Raquel Owergoor Dürks  
Alexandre de Souza Rosa  
Alexandre Hobol  
Ana Paula Gouvêa  
Anna Júlia Ramos Fontanari  
Arturo José Antonio Da Silva Yépez  
Augusto de Moura Wasielesky  
Augusto Rafael Dvojatzki  
Bernardo de Souza Hack  
Bernardo Pizarro de Magalhães  
Betina Pessôa Altoé  
Bruna Appelt Solla  
Bruna Britto da Cruz  
Bruna da Silva Caires  
Bruna Waterkemper Mondardo  
Camila Lima Ribeiro  
Caroline Thaís Machry Finger  
Célia Edsana de Lima Gonçalves  
Clara Camacho dos Reis  
Débora Draeger Kunde  
Estêvão Ferreira Marques  
Felipe de Vargas Zandavalli  
Fernanda Coutinho Kubaski  
Gilmar Silveira da Silva  
Guilherme de Lima  
Guilherme Verona Echer  
Gustavo Bednarski dos Santos  
Gustavo Carcuchinski Teixeira  
Gustavo Szczecinski Puchalski  
João Alberto Succolotti Deuschle  
Julia Peres Danielski  
Kélen Klein Heffel  
Kim Mickael Pegorini Souza  
Laura Sacramento Kunzler  
Mariana Guterres Martin

Marina de Lucca Fernandes Camargo  
Marina Possenti Frizzarin  
Matheus Resende Duro Mello  
Matheus William de Morais da Silveira  
Mila Rodrigues Conqueira Correia Lima  
Otávio Garcia Martins  
Patrícia De Oliveira Pimentel Fonseca  
Rafaella Copetti Ghisleni  
Renan Plotzki Reis  
Renata Soares de Abreu  
Ricardo Marcos Schmidt

## 2020 I SEMESTRE

Aldrío Alves da Silva  
Aler Cordeiro Lima  
Álvaro Eiji Kumm Kuriyama  
Amanda Roschel Gonçalves Castro  
Ana Carolina Brenner Müller  
Ana Luiza Ceolin Polo  
Ana Paula Ceolin Polo  
Ana Paula Wink  
André Quintana dos Santos  
Angela Di Gianni  
Bethania Bettin da Cunha  
Betina Maria Giordani  
Brenda Stefanello Golart  
Bruna Lovato  
Bruno de Lima Schönhofen  
Bruno Noschang Blaas  
Bruno Wendorff Lucci  
Caryn Costa  
Cassiano Firmino Pires  
Christian Luís Rodrigues de Oliveira  
Clara de Castro Silva Menegale  
Cleonice Ribas Machado  
Daiani Beduhn  
Daivid Fernandes Xavier  
Daniel Bortolotto Segantin  
Darlen Gill Comparin  
Débora Castro Ehlert  
Douglas Rodrigues Gomes  
Ednaldo Martins dos Santos  
Eduarda Dall'Ago Alba  
Eliano Freitas de Oliveira  
Erick Dupont  
Fernando Ferreira Lima  
Filipe Calmon Salgado  
Francisco Santos de Almeida  
Frederico Timm Rodrigues de Sousa  
Gabriel Neumann Kuhn  
Gabriela Cabot Camargo da Silva  
Gabriela Czermainski Meireles  
Gabriela Giacomini  
Gabriela Krolow Machado Da Silva

Gabriella Ribeiro Dias  
Giovana Tavares Barwaldt  
Guilherme Fernandes da Silva  
Guilherme Tavares de Sá  
Henrique Nickel  
Henrique Potrich Santiago  
Honório Octávio Cuadro Peixoto  
Igor de Paula Moraes  
Izabel de Oliveira Karam  
Jéssica Freitas Alves  
João Henrique Mayer Saucedo  
Joniel José Wiebelling da Silva  
Jorge dos Santos Vales  
Júlia Müller Ames  
Julia Santos Soares  
Kalil da Silveira Junior  
Lara Luz de Miranda Silva  
Laura Pase Bottega  
Leonardo de Souza Prallon Sampaio  
Leonardo Elpidio Ribeiro  
Letícia Dal Ri  
Liliana Martins Jorge  
Luana Beatriz Kosmann  
Lucas Duarte Garcia  
Luciene Kayoko Goya  
Luís Henrique Saldanha Santos  
Mariana Souza da Silva  
Marina Franz  
Marina Spader Berti  
Marlon Severo dos Santos  
Martina Vitória Flach Dietrich  
Matheus Fagundes Lemos  
Matheus P. Machado Schweitzer Klauberg  
Matheus Prestes Baptista  
Matheus Zenere Demenech  
Maurício Anderson Brum  
Miguel Lahude Salim  
Nathalia Helbig Dias  
Nicole Reinisch  
Omar Mohamed Rahal  
Patrícia Carrion Nogueira de Freitas  
Paulo Henrique Pacheco Dario  
Pedro Henrique Ongarotto Barazzetti  
Rafael Augusto Frizzo  
Renan Cardoso Sanchez  
Renan Pinheiro Deves  
Rossana Pereira da Conceição  
Samir de Castilhos de Almeida  
Sandra de Candia Gonçalves  
Sérgio Alberto Lando Borges  
Tainá Rafael Anschau Zan  
Talita Elisângela Martinello  
Thamires Morette Barbosa  
Thauan Schneider dos Santos

Thomás Henrique May Buogo  
Tiago Lorenzi da Rocha e Silva  
Vanessa Casalinho Vieira  
Victor Machado de Vargas Morales  
Vitória Costa Ataides  
Vivian de Carvalho Veleda Moraes  
Wagner Pereira Lopes Dos Santos

**2020 II SEMESTRE**

Aida Amália Aragão Paim  
Ane Karine Rasia Bueno  
Arthur Lenz  
Bibiana Monteiro da Cunha Souza  
Caio Bertolini  
Caique Fernandes Alves  
Caíque Fernandes Alves  
Camila Tirelli Cavalli  
Carolina Heinrich De Oliveira  
Carolina Silveira Da Silva  
Caroline Kuhn Machado  
Clarissa Montagner Fernandes  
Conrado Afonso Pinto  
Cristian Junior da Costa  
Daniel de Britto Cortela  
Dhiully Vargas Cazartelli  
Diego Alcantara Santos  
Eduardo Barcellos Nunes  
Fábio Rodrigues Rocha Filho  
Felipe de Lucena Franceschini  
Fernando Augusto Bege  
Gabriela Dezoti Micheletti  
Gabriell de Paula Tsukahara  
Guilherme Cechinato Zanotto  
Igor Tadeu Weber Baumgarten  
José Matheus da Silva  
Karen Francisca Borges Sias  
Kimberly Duarte Garcia  
Letícia Dummer Venzke  
Lidia Souza Rodrigues  
Luca De Barros  
Lucas Rossetto  
Madeleine Zan  
Marina Carla Kornowski  
Matheus Alexandre de Almeida Alves  
Nícholas de Freitas Rodrigues  
Nicollas Alves Temponi  
Paula Nunes Ribeiro Saldanha  
Paulo Henrique Montardo de Moura  
Renata Backes Schreiner  
Rodrigo Jaeger Bellinaso  
Sara Lunardi  
Susana Dias Bülow  
Tiago Rafael Tessmer de Aquino  
Tomás Trevisan França

Victoria Martins Bisol  
Vitória Borges Florencio  
Vitória Oliveira Dias  
William Silva da Silva

### **2021 I SEMESTRE**

Amanda Gradaschi Corrêa  
Caíque Bessa Ribeiro  
Gianna Truyts Biscardi  
Ingrid Miriam Oliveira  
Juber Mateus Ellwanger  
Júlia Vives Leal  
Kerolaine Tessmer da Rosa  
Larissa Diniz Arnaut  
Luana Padilha Corrêa  
Luiz Paulo de Oliveira Ferreira  
Lutero Regis Segalin Cassol  
Manuela Pinto Bandeira Malcon  
Marina Melo Cabral  
Mário Lucas dos Santos  
Nathali Carmel Weiler Miralles  
Pedro Felipe Bohn Reckziegel  
Pedro Henrique de Abreu Souza Zanine  
Renan Bezerra Rodrigues  
Rony Adolfo Hein Júnior  
Therezinha da Silva Probst

### **2021 II SEMESTRE**

Adail Fernandes Vieira Neto  
Alexandre Kerpel de Oliveira  
Alexandre Messias Mendes Filho  
Aline Magalhães Rodrigues  
Alisson Leandro Glitz  
Amanda Prado  
Amanda Wölfle Ribeiro  
Anderson Vaz dos Santos  
Arthur Magalhães Valverde  
Augusto Cancian  
Augusto Imanishi Bonavita  
Augusto Ostermann Magalhães  
Caio César de Almeida Isquierdo  
Christian Machado Martins  
Christiano Montano Corrêa  
Claudio Henrique Guimarães Silva  
Daniel Miranda Lopes de Souza  
Daniel Persch  
Dáario Correia Pereira  
Eliane Costa Silva  
Fabrício Siqueira Cardozo  
Felipe de Lima Athayde  
Felipe Sfolia  
Fernanda Esteves Delpizzo  
Francesca Missiaggia Eccker

Geórgia Gomes Lima Martins  
Grace Theil Rosado  
Henrique Massao Furukawa  
Iara Goncalves Braga Martins  
Isabela Barreiro Agostini  
Isabella Catafesta Timm  
Jéssica Oliveira Quadros  
Jéssica Souza da Silva  
Jéssica Thamony Carlos Gonçalves  
João Gilberto Wobeto  
Jonas Spezia  
Juliana Susin  
Kelvin Edvan Bordini Rodrigues  
Larissa da Rosa Flores  
Leonardo Christian da Silva Maia  
Letícia dos Santos Pfitscher  
Luana Renata Santos  
Luana Zini Hofmann  
Manuelito Kuznier da Costa  
Mariano Otto Schmitz Simi  
Marina Zanchi Persson  
Marlon Deleon Dias de Oliveira  
Marlon dos Santos Prado  
Matheus Garrett Krause  
Matheus Linhares Nunes Silva  
Matheus Reis de Mendonça  
Matheus Sacco Gomes  
Miguel Geiss Arnhold  
Orion Campello Telles  
Paola Gonçalves  
Paola Neutzling Pires  
Patricia Elizabete Trentin  
Rodrigo Souza de Menezes  
Sathyel Blanke Bierhals  
Talita Veroneze Pratti  
Tamara Bonow Münchow  
Tássia Dalmolin Ribeiro  
Teodora Schumacher Bauer  
Thais Akemi Koguruma  
Thales Schwarzbach  
Thiago Antonio Lima de Oliveira  
Thiago Ribeiro Mota  
Thiago Trivelato Porto  
Ticiana Gomes Izuka  
Tuani de Almeida Tebaldi  
Vanessa Ávila dos Santos  
Victor Shindi Miyazima  
Vinicius Balcevicz Grotto  
Vinicius Studzinski da Silva  
Wander Felipe Santos  
Wanderson Souza Maciel  
Willian Medeiros Moraes  
Yara Rafaela Maia  
Zélia Domenica Ferreira Zégo

## **2022 II SEMESTRE**

Alex Dias Schug  
Alexsandro Behrens Zibel  
Anderson Mendes dos Santos  
André Conceição Menegotto  
Bárbara Maria Braga Antonio  
Bárbara Migliorini Nunes  
Bernardo Sgarbi Ramos  
Bianca Brasil Almeida Fernandes  
Bianca Rodrigues Szczesny  
Bruna Gomes de Carvalho Muraro  
Bruno da Silva Bernardo  
Carolina Gianna Ribeiro  
Daniel Barreto de Aguiar  
Daniel Strohschoen Bohn  
Débora Fernandes dos Santos  
Elias Moura Da Luz  
Ellen Cristina Dupsk  
Fabio Diniz Fidelis Moreira  
Flávia Ozaki Barbosa Barrach  
Gabriel de Castro Pandolphi Pereira  
Gabriel Santana Pereira de Oliveira  
Gabriela Braz das Neves  
Giulia Copetti Endres  
Giulia Zaki  
Guilherme Drögemöller  
Henrique Zanon Alves da Mata  
Jenifer Pasqualotto Cândia  
Jocilaine Mendes Da Silva  
Jonas Felipe Bonato  
  
Larissa Anne de Souza  
Laura Benini Alves dos Santos  
Luan Henrique de Castro  
Lucas Goulart Marin  
Lucas Marques da Silva Mogi  
Lucas Veronez Corrêa  
Luigi Felipe Maciel Balestrin  
Luis Otávio Behrensdorf Kaiser  
Marcela Oliveira Cardoso Aragão  
Marcelle Telesca Patzlaff  
Marco Túlio Correia Rodrigues  
Mariana Lopéz González  
Mariana Montouto Setten  
Marina Von Brixen Montzel Duarte da Silva  
Matheus Giacomelli da Trindade  
Matheus Pires Pinheiro  
Natália Silva Pereira  
Nathalia de Castro Gayer  
Nathan da Rosa Santana  
Otávio Martins Cruz  
Paulo Alexandre Bonow  
Pedro Junior de Oliveira Volcan  
Sara Rubechini Moraes  
Thales Moura de Assis  
Valentina Mata da Rocha  
Victória Bridi Todeschini  
Vitória Ferrarese Rocha  
Vitória Luiza Wasser Ferreira da Paz  
Wisley Felipe de Moraes  
Ygor Coltz de Albuquerque

## **LISTA DE DOADORES - REFORMA DO PRÉDIO DA LEIGA EGRESSOS FAMED/UFPEL**



Imagen da confraternização de lançamento das atividades  
de comemoração dos 60 anos da FAMED.

Fonte: Acervo pessoal Dra.Julieta Carriconde Fripp.



Imagen da solenidade de inauguração das obras de revitalização do prédio da FAMED.  
Fonte: Acervo pessoal Dra.Julieta Carriconde Fripp.



Imagens do jantar/baile em comemoração aos 60 anos da FAMED.  
Vista geral e discurso da Diretora, Dra.Julieta Carriconde Fripp, acompanhada  
pelo Dr. Luiz Fernando Barbosa Barros e pela Dra. Cristiane Hallal da Silva.  
Fonte: Acervo pessoal Dra.Julieta Carriconde Fripp.

**ATM-1968:** Edemar Pereira / Gleide Bandeira Rosinha / Gley Silva de Pacheco Costa / João Osório dos Reis / Laura Ward da Rosa / Raul Rego Lau / Sergio C. Conceição / Tania Barcellos Chaves

**ATM-1969:** Farid Nader / Maria Alice Gervini / Maria Luiza Brauner Barcellos / Paulo Affonso Salgado

**ATM-1970:** Fernando G. Gomes

**ATM-1971:** Guacira G. Terres / Loiva dos Santos Pinto

**ATM-1972:** Nilton Haertel Gomes

**ATM-1973:** Wanderlei Rospide da Motta

**ATM-1974:** Darci Werlang / Fuad Haddad / José Aparecido Granzotto / Josimar Albuquerque / Lacy Horto Rossato / Michel Halal / Tomaz Barbosa Isolan

**ATM-1975:** Antônio Carlos Maciel / Líbia Pinto Villela / Lydia Maria Kaster Silva / Maria Aparecida Vale / Paulo Roberto Daltoe / Solange M. S. Gomes

**ATM-1976:** Beatriz Ebling Guimarães / Luiz Grossi / Miguel Angelo da Costa Quintana / Ruth Herweg Jacques / Susana Siegmund

**ATM-1977:** Iná da Silva dos Santos / Maria Corália R. Pauletto

**ATM-1978:** José Américo Pascal Proto / Vanderlei Real

**ATM-1979:** Ana Carolina Issler F. Kessler / Angela Chapon Cordeiro Madeira / Beatriz Franck Tavares / Bruno Berto Behs / Carlos Augusto C. Tavares / Carmen Regina Zandoná / Celso Luiz Golin / Ceres Helena Borda Dias / Cezar Fernando Heck / Elizabeth da Fonseca Ramos / Henrique Costa / Iara Rute Cosby Correa / Idemar Luiz Taufer / Iris Helena V. Borges / Irma Rossa / Ivanir Tomazzoni / Luiz Alexandre A. Borges / Márcia Ondina Osorio / Maria da Graça Guidotti dos Santos / Moacir Otílio Alves / Nara Regina Pimentel / Nilza Elizabeth Umpierrez Amaral / Paulo Roberto Post / Regina Stüger / Rosendo Mamani / Sérgio A. Venero Huarcaya / Volnei Nicoletti Pereira

**ATM-1980:** Ana Maria F. Borges Teixeira / Décio Dal Molin / Elemar Bertinetti / Heloísa Capellari / Jandira Bezzera / José Américo Passos / José Dionísio de Lima Becker / José Milton Cunha Mirenda / José R. Zorzetti / Lícia Braga / Lúcia Real / Luciana Gigante / Manif Curi Jorge / Paulo Kratz / Pedro Pazio / Renato Bueno / Rogério Torres Marques / Rosa Lilia Ferreira Langone / Sandra Gehling Bertoldi / Valderez Vanini

**ATM-1981:** Serge Lepinoux / Victor Cachoeira

**ATM-1982:** Alcílio José Souza Filho / Carlos Augusto dos Santos Borda / Carlos Silvio Martins / Carmen Cecília M. Riemke / César Nezello / Cristina Helena Targa Ferreira / Dolores Spingolon / Elvio Marindo Spigolon / Enedir Luiz Colpo / Ermani Cadore / Francine Wester Wiema / Jane Ester Barbosa Ramos das Neves / João Senger / Jorge Luiz Ramos / José Augusto Froner Bicca / Juarez Taffarel / Levy Lopes Nogueira / Lúcio A. Castagno / Luís Eugênio M. Costa / Marco Albuquerque / Marco Antônio

Wanroski / Margot Sordi Macedo / Maria Alice Dode / Mário Mitsuo Morita / Maurício Romero Vasquez / Mírian Barcellos da Silva / Nara Maria da Silva Morita / Neemias Ramos / Ricardo de Campos Nogueira / Rogério Karam / Rosângela Nezello / Rosângela Zambonato Arnt / Vânia Terezinha Comandulli

**ATM-1983:** Ana Lúcia Carvalho A Alam / Denise Carriconde Marques / Edson de Jesus Coutinho / Herbart Deógenes Michels / Hiram Almeida Junior / Juvenal Soares Dias da Costa / Lúcia Diehl da Silva / Luiz Fernando da Cunha Farias / Maurício Silva de Lima / Renan Stoll Moraes / Rita Perez Leite / Sérgio Tavares de Castro / Ubiratan Cebulski / Umberto Oliveira Filho / Vera Maria Silveira

**ATM-1984:** Amilcare Vecchi / Ana Maria Krusser Zambonato / Arnaldo T. Rodrigues / Eduardo Machado Rotta / Fábio Leite Gastal / Florival Z. Vituri / Gilberto Santos dos Santos / Gilmar Iesbich Finkler / Giovani Feix Peruzzo / José Tomas Pereira Souza / Justo Antero Leivas / Lígia Neumann Strauch Souza / Liliane Pretz Montiel / Maristela Kruger Lopes / Milene Maria Saalfeld / Míriam Vali Sole Rocha / Renato Santos Coelho / Renato Silveira Lazzaretti / Roberto Osvaldo Pont Zambonato / Rogério Alberto Costa / Ronaldo Lopes Torres / Suzana Cunha Vituri / Urubatan Collaço Alberton / Vera Lúcia Nunes Pereira Lima / Waldo Luís Mattos

**ATM-1985:** Arton S. Pereira / Alfeu R. Rombaldi / Beatriz Hax Sander / Carlos Alberto Gollo / Flavio Chiucheta / Hélder Romeiro Xavier / Helena Wenher / Luís Olímpio Dias Jordão / Magali Belaunzarán de Quadros Iorra / Mariângela Freitas da Silveira / Marinês Bertolo Peres / Olímpio Jordão / Renato Rodrigues Al Alam / Roberto Kalil / Rogério Hein / Samuel Antonio Neugebauer / Sílvia Helena C. Serres / Suely Madeiras Ferrari / Vera Lúcia Silveira / Vera Regina Levien / Doador Anônimo

**ATM-1986:** Airton Luís Fiebig / Andrea Scaletzky / Ângela Machado Ferreira / Beatriz Zilberknop / Carlos Schlee / Dulce Viegas / Elsie Lara Wienke Wellar Soto / Enrique Daniel Saldaña Garin / Fernando de Castro Moller / Iara Nikraszewicz / João Baptista Souza / Joao Ivan Lopes / Joaquim I Mota Neto / José Albert Silva / Luciane Duarte Schuler / Luiz Carlos Medina / Marcelo Grillo Dini / Mário Mansur Filho / Maristela Menezes / Marta Lisane Wagner Dini / Nilo Machado Jr / Orlando Colhado / Oswaldo Quirino de Souza / Paulo Eromar Bersch / Paulo Ricardo Gazzola Zen / Pedro Paulo Wagner / Renato Bender Castro / Rosaura Liz Lerner / Rosilene Jara Reis / Susane Passos / Tanira de Freitas Pires Barros / Dois Doadores Anônimos

**ATM-1987:** Alina Macedo / Amir Nasr / Ana Zardin / Antônio Valdecir Luz Fávaro / Augusto Hax Niencheski / Bruno Wunsch / Celomar Streleow / Clarissa Castagno / Claudia Inez Berta Bittencourt / Deisi Pilotto Gomes / Eduardo Cury Remião / Elcio Marcos Zanardo / Elcio Zanardo / Elizabeth Guarienti / Flávia Silveira / Flávio Geraldo Vieira / Frederico Klein / Gerson Zernow / Giovani Soares / Gleci Liermann Franz / Guaspary Silveira Fortes / João Fidelis e Santo / Joao Henrique Classen / José Augusto Crespo Ribeiro / José Pedro Moreira / Luiz Fernando Miranda / Manoel Mariano da Rocha Neto / Marcelo Moojen Abuchaim / Márcio Dal Bo / Margareth Lucca / Maria de Fátima Cunha / Mário Streleow / Maristela Da Costa Sousa / Maud Parise / Miguel Archanjo Thezolin / Míriam L. S. Pinto / Miriam Willric / Nara Lúcia L Brizolara / Neisa Guterres de Freitas Gomes / Noris Barboza / Otávio Leite Gastal / Paulo Orlando Alves Monteiro / Ramon Fiori Halal / Renato Lucas / Ricardo Camargo / Roberto Rogério Fortes Ortiz / Ruth Bonow Theil / Sandra Al-Alam Lhullier / Sandro Mota Machado Da Silva / Silvia Souto Pereira / Tania Gobbi / Valkiria Fleck / Vítor Hugo da Silveira Ferrão / Waldomiro Kolosva

**ATM-1988:** Ana Claudia G. Fassa / Arílson da Silva Cardoso / Ezaltina Monteiro Panziera / Jefferson José Rodrigues Escobar / Sandra Cristina de Medeiros / Sílvia Scaletzky Huber / Veimar Zortea

**ATM-1989:** Breno Marzola / Bruno Luiz Schulz / Luciana de Oliveira Marques / Luís Antônio Benvegnú / Rosângela Santos Soares

**ATM-1990/1:** Adriane Reinhart / Ana Luft / Geraldo Salomão / Rogério Schoffel

**ATM-1990/2:** Alda Regina G. Mendes / Carmem A. Fontana / Fernando Gomes da Silva Neto / Guilherme Storer / Javier Enrique Brod Mendes / Jucelei S. Coelho / Juraci Almeida César / Kátia Pons Mendez / Lucinda Ignez Romeu Fernandes / Márcia Castilhos Puchalski / Mário Roberto S. Pinto / Paulo Henrique Da Rosa Gonzales / Roberto das Neves Duquia / Rose Meri Gonçalves Terra / Stella Maris Klueger

**ATM-1991/1:** Márcio Bergonsi Turra / Rubens Henrique Oleques Fernandes

**ATM-1991/2:** Cristina Pires Pereira / Daniel Leonardo Boessio / Dacia Wichrestiuk / Eduardo Brod Mendes / Ires H. B. Massaut / Márcia Elis Paranhos da Silva / Mariza F. G. Rosa / Valdir De Costa / Victor De Souza / Vilson Dalmina / Vitor Saalfeld

**ATM-1992/1:** Márcia Alves Potter / Rogério Fonseca Vituri

**ATM-1992/2:** Ione Maria Tauer / Lúcia Helena Schaun Ribeiro Ferrari / Luís Josino Brasil / Maria Carlota Borba Brum / Valéria Scur

**ATM-1993/1:** Sérgio Vieira

**ATM-1993/2:** Marco Finger

**ATM-1994/1:** Alan Pizzi / André Javier Lemos

**ATM-1994/2:** Berenice Scaletzky Knuth / Eliane Rozales Lopes / Jorge Luis Xavier Moshoutis / José Da Cunha Silveira / Julieta Carriconde Fripp / Leandro Antônio Gritti / Luana Oliveira / Luís M. Cabral / Rogério Bezerra / Silvia Ramos Hecktheuer / Tatiana Zambonato / Vânia Roman

**ATM-1995/1:** Adriana C. Souza Costa / Ciro de Oliveira Costa / Delfina Iveth Saez / Flávio Tsuyoshi Suto / Julliano Comel Basso / Lawrence de Luca Dias / Marcelo Pereira de Araújo / Marli Boniatti Colle / Samir Asad Nimer

**ATM-1995/2:** Ernani Peres Neto / Paula Alves Massaro / Rogério de B. Macedo

**ATM-1996/1:** Cíntia Medeiros

**ATM-1996/2:** Alvaro Louzada / Elton Silveira Galarz / Marcelo Amaral Piva

**ATM-1997/1:** Alecxander Augusto Vassoler / Alexandre D'ávila / Alexis Vasiluk Knebel / Ana Paula Mundel / Ary Carnieletto Jr / Fernanda Almeida / Fernando Arruda Ramos / Gandhi Botermund Galli / Jardel Karin S. Vergara / Luciana Tohmi da Silva / Luciane Prates / Luis Carlos Ferreira / Márcia Castro / Maria Laura Neme / Patrícia Larrosa Freire / Paulo Affonso Salgado Filho / Rita de Cássia Alves Lira / Rodrigo Lauffer / Sabina Bandeira Aleixo / Sandro de Mattos Dias / Simara Gorski do Amaral / Telmo Ribeiro Filho / Valéria Moreira / Vânia Fracalossi / Vilmar Dalbosco / Vitória Fernandes / Wladimir Ribeiro Duarte

**ATM-1997/2:** Carla Vitola Gonçalves / Daniele Kuhn / Eduardo Bauer Grohs / Eduardo Palma / Eliane Leni Eymael Rodriguez / Elisângela Silva Marini / Fábio Buchorn / Fábio Coelho Guarany / Fabrício Caron / Flávio Steinhorst / Gustavo Roxo / Helder Lúcio Ganacin / Karina de Oliveira Lima Migliorini / Marcelo André Rocha Ostrowski / Márcio Berenhauser D'elia / Márcio Diniz Borges / Maurício Moraes / Orseni José dos Reis dos Santos / Raul Alberto Valiente / Roberto Sato / Doador Anônimo

**ATM-1998/1:** Alessandra Elena Diehl B. Dos Reis / Cristina Andrightetti / Daniela Ferreira D'agostini Marin / Denise Winkler Simões Pires / Eduardo Soares Devens / Estela Regina Eidt / Fabiano Castro Albrecht / Gladis Helena Cercato Gomes / Jean Abreu Machado / Luís Fernando S. Rodrigues / Marcelo Duarte / Raquel Amaral Machado Lobato / Renan Barbosa / Rodrigo Bettin / Rovani José Rinaldi Camargo / Roxana Nunes Rosa / Sadi Roberto Menta / Sheyla Nicareta / Simone Minuzzi Catto Vaz / Tomy Fidler

**ATM-1998/2:** Adriana Elisa Wilk / Ana Cecília Medeiros Mano Azevedo / Aryadne Hautsch Oikawa / Cátila Testa Cavedon / Daniel Engel da Cunha / Darlan Correa Bento / Eduardo Mylius Pimentel / Fernando R. Roman / Gilmara Coelho Meine / Juliana Ferrari Rigo / Karen Morejon / Marcelo Sclowitz / Márcio Osório Guerreiro / Marcos Farias Vogt / Neusa Azzolini / Pedro Correa dos Santos

**ATM-1999/1:** Alfredo Slawski / Cíntia Carvalho / Cristiane Hallal da Silva / Dênis Valente / Deorgelis Rosso / Fábio Lemos Macedo / Hibanes dos Santos Rodrigues / João Ricardo da Rocha Bohrz / Lauren Miguens Wasielesky / Leandro Orlandini / Luciano Niemeyer Gomes / Marcelo Seabra Bernardi / Maria Amélia M. Mano / Melissa Toneli Nunes / Roseli Crestani Zenker / Saskia Costa De Boer / Sílvia Gabbi Trombini Turra / Viviani Fernandes

**ATM-1999/2:** Alessandra Silveira Teixeira / Ana Cláudia da Rosa Hise / Ana Guerda / Carlos Eduardo Magro / Carolina Ziebell / Caroline Costa / Daniela Fenker / Fabiano Donato Gonzales / Ivanete Minotto / Joanine Girardi Kettner / José Antonio Alan / Leila Cristina Sanchez Abdallah / Licínio Argeu Alcântara / Lisiane Nassere / Luciana Xavier / Melissa Peixoto Conti / Patrícia E. S. Cunha Carvalho / Sílvia Saueressig

**ATM-2000/1:** Alessandro Diniz / Alexandre Rodrigues Nunes / Antônio Augusto Fonseca / Auro Prochnau / Bartolome Diano / Cinthia Scherer / Clairton Tosetto / Cláudio Veroneze / Daniel Yutaka Yamaguchi / Eduardo Soares Bettin / Laura Sigaran Pio de Almeida / Luciano Barros Pires / Luciano Duro / Luiz Gustavo Silva de Lima / Marcelo Gonçalves / Márcia Teresinha Giacobe / Maria Cristine Igansi da Cunha / Melissa Barcellos Azevedo / Mirton César Fernandes Inda / Roberto Longarai Daher / Roberto Reinghantz da Cunha Filho / Rodrigo Bradacz / Scilla Correia Lima Silva / Scilla Lazzarotto

**ATM-2000/2:** Ana Amélia Oliveira Raupp / Ana Cristina Kraemer Moraes / Bianca Lamas Gervini / Cristiane Rios Petrarca / Juliana de Mattos Ulyssea / Michelle Cristina D. Nesello Schaefer / Patrícia Portantiolo Manzolli / Rafael Moura da Luz / Ricardo Haack / Roberto Baroni / Vitor Ben

**ATM-2001/1:** Henrique R. Isaacsson / Josiano Carlos Valério / Paulo Renato Stosch da Silva / Sérgio Ricardo Chemin Leopolski

**ATM-2001/2:** Beatris Ribeiro Barbosa / Cinthia Rodrigues Curi Hallal / Daniel Araújo / Eduardo Coelho Machado / Elisangela Boeno / Fabiano Bergamaschi / Fábio Eduardo Nunes Vieira / Fernando Silva / Flávio Lindemann / Gislaine Krolow Casanova / Gustavo Pereira Zerwes / Juliana Cunha Yamaguchi / Laura de Moraes Gomes / Luiz Henrique Campos da Motta / Marcelo Fernandes Capilheira / Marina Peres Bainy / Paulo Cesar Moschetta / Rafael Gomes Karam / Ricardo Bertolino da Silva / Ricardo Ribeiro Amin / Roberta Medeiros / Rodrigo Mendonça / Rostanda Marti Meireles / Valdir Jucoski / Vitor Félix Torres

**ATM-2002/1:** Adilson Teodoro / Andrea Angela Bazzo / Ângela Rodrigues Leston Nader / Carolina Deves / Cleverson Galvan / Daniel Ribeiro / Daniela Sallaberry / Gabriela Gastal / Leonardo Perez Zeni / Luciana Correa Argondizo / Lysandro Alsina Nader / Marcelo Britto / Mariana Carpina

**ATM-2002/2:** Cecília Fernandes Lorea / Débora Afonso Campello / Deivid Colombelli / Emilene Firpo Del Duca / Enrico Granzotto / Fábio Benedetti Rodrigues / Fernando Endler Carvalho / Gabrielle Scattolin Moreira / Leonardo Silveira Lucas / Luciana Frizon / Luciane Maria Alves Monteiro / Luiz Fabiano Gomes Gularte / Orlando Borges Neto / Otávio Hisse Gomes / Pedro Bandeira Aleixo / Ricardo Bainy / Tales Szuster Marçal / Tiago Daltoé / Vanúcia Aquino M. Serrano / Vinícius Borges Soares

**ATM-2003/1:** Adriano Santos / Daniele Lessa Cardoso / Danise Senna / Gustavo Luís Nunes Pretto / Kellen Chaves da Silva de Franceschi / Mara Rodrigues Alves

**ATM-2003/2:** Alice Donato Gonzales / Douglas Coltro / Eduardo Barros C. Bicca / Franciani Basso / Hélvio Rosseto / Homero Luis A. Gastal / Juliana Kratochvil / Pedro José Leva Júnior / Raquel Acosta Moncks Gabaldo

**ATM-2004/1:** Anderson Mussi / Andresa Borba / Bruno Gomes / Cristiane Marcele Pinz Camargo / Daniel Navarini / Eder Menegassi Martel / Fernanda Mendes / Flávia Correa Guerra / Guilherme Graça Cardoso / Guilherme Kruger / Ícaro S. Pedroso Oliveira / Ivana Gomes de Araújo e Castro Nascimento / Jeana Ben / Juliana Faggion / Juliana Lambrecht / Karen Iribarrem Nogueira / Leandro Kruel / Lígia Renuncio / Luís Cláudio Severo Nunes / Márcia Vargas / Maria Cristina Biersdorf Pretto / Melissa Pierobon / Miguel Roismann / Priscila Coelho Amaral / Renata Werthein / Ritele Hernandes da Silva / Tatiane Cogheto Rocha

**ATM-2004/2:** Anderson Machado / Mauro Sittoni Vaz / Ticiana Granzotto

**ATM-2005/1:** Eduardo Bertoldi

**ATM-2005/2:** Cristiane Neutzling / Giuliano Stefanello Bublitz / Roberto Coswig Fiss

**ATM-2006/1:** Ângelo André de Mello Dias / Everton Quadros Fiebig / Otávio Borio Dode / Patrícia Peres de Peres / Reginaldo Oenning / Rozana de Miranda Mendes / Thiago Quirino Tubone

**ATM-2006/2:** Alex Sandro Pedroso da Rosa / Ana Duarte Cardoso / Ana Lúcia Mello Fonseca / Augusto Nobre Kabke / Chen Ju Lin / Chiara Scaglioni Tessmer Gatto / Cíntia Vasques Cruz Heidemann / Cláudio Raphael Pilownic / Daniela Larentis / Eduardo Faria Leite / Fabio Trentin / Huei Ju Lin / Igor Ossanes Kaiser / Isabelle Maffei Guarenti / Laércio João Bazanella / Laura Garcia de Borba / Liana Guedes da Silva Palma / Lizie Taguchi / Lucas Mendes / Luciano de Brito / Luis Ernesto Viques Vargas / Luiza Vieira S. Magalhães / Michele Nunes Pinho / Otávio Costa Diaz / Patricia Marcon / Paulo José Irigon Pereira / Ricardo dos Santos Medeiros / Roberto Von Laer / Thiago Vernetti Ferreira / Vania Mota da Rosa Leite / Victor Manuel Brizida Garcia Neto

**ATM-2007/1:** Aline Camargo Fischer / Cibele Vargas da Silva / Débora Piva Scaccabarozzi / Eduardo Fagundes Cardoso / Eloísa Klein Lopes / Juliana Hardtke Teichert / Luiz Carlos Pereira Júnior / Luiz Fernando Longhi Cervantes / Rafael Bohns Blaas / Ricardo Sanches Pereira / Vanessa Schultz

**ATM-2007/2:** Cristiane Rockenbach / Cristiano Devenci Vendrame / Daniela Vasques da Conceição Fiss / Eleonora Pereira L. Zanini / Ivana Daros Coelho / Leonardo Silva Reges / Talita Martins

**ATM-2008/1:** Mateus Menegon

**ATM-2008/2:** Ivan N. Lüdtke

**ATM-2009/2:** Indira Dini Schwengber / Paula Teixeira Barbian

**ATM-2010/1:** Daniel Brandenburg

**ATM-2011/1:** Daniel Calheiros Batista / Felipe Matos dos Santos / Gustavo Rebelatto / Hélio Augusto Martins Ferreira Ribeiro / Jessiane Kunkel Marin / Luiz Carlos Nunes Junior / Nathália Janovik Eireli / Roberta Ximendes / Sílvia Cougo Madruga de Mello / Vanessa P. Fernandes / Vicente Garcia

**ATM-2011/2:** Adriane Bolzan / Nathália Tessele Barreto da Silva

**ATM-2012/1:** Daliana P. Paul lüdtke / Felipe Pereira Lima Marques / Mateus Germano Scaglioni Tessmer

**ATM-2013/2:** Nateli Borba Macas / Simone Redaelli

**ATM-2014/1:** Alfredo Renato Metzger / Anna Paula Moreira / Bruna Cantarelli Costa / Caroline Krein / Daniele Q. MOTTA / Diana Schack / Diego Selig / Eduardo Olivo da Luz / Eveline Bordignon / Fernanda Passeto / Gabriela Kruger da Costa / Gabriele Budke Tiecher / Gunther Marroni Nietiedt / Jane Elizabeth Malheiros / Janise Guedes Machado / Karoline Mallmann / Laís Ramalho Chaves Isobe / Lucas Baptista da Silva / Luciana Mello Gonçalves / Maico Alflen / Otávio Storch / Pablo Oliveira / Raul Florio Real / Renato Badia da Cruz / Stela Laner Batista / Thiago Fogaça / Vanessa Quadros Martins

**ATM-2014/2:** Alice Marques Real / Felipe Lanner Silveira

**ATM-2015/1:** Dany Taguchi

**ATM-2015/2:** Aloma Guinami Scabora / André Theobald / Erika Clarissa Euro Lima

**ATM-2016/1:** Andressa Daga / Ariane Giovanaz / Augusto Luiz Giongo / Camilla Dolinsky Macchi / Fernanda Pinheiro Frugeri / Gabriel Pinheiro Deves / Isabella Cristina Ragazzi Q. Cavalcante / Laura Drehmer / Laura Klein / Letícia Amici da Cunha / Marina Gasparotto Fernandes / Rafael Teruel Berto / Rebeca Lelo / Thiago Gaspar / Thiago Luiz Ribas da Silva / Tiago Alves da Silva

**ATM-2016/2:** Caroline Peneiras Miranda / William George Giusti Fischer

**ATM-2017/1:** Andréa de Vargas Tomelero / Bruno Roberto Padilha Machado / Carolina Alcoforado Abreu / Laís Marques Mota / Melinda Mallorquin Cabral / Nathália Galvagni Rodrigues / Thiago Filomena Lombardi

**ATM-2017/2:** Gustavo Gonçalves Terra / João Henrique Costa Calegari / Maria Carolina Malheiros de Souza

**ATM-2018/1:** Frederico Maciel / Rafaella de Lima Lorea / Thaís Souza Prata

**ATM-2019/1:** Carla Pastore / Giovana Paim / Luísa Barin Menezes

**ATM-2019/2:** Ana Paula Gouveia / Guilherme de Lima / Kim Pegorini Souza / Ricardo Schmidt

**ATM-2020/1:** Gabriela Giacomini / Lara Luz De Miranda Silva

**ATM-2020/2:** Ana Luiza Ceolin Polo / Jorge dos Santos Vales / Nathali Carmel Weiler Miralles / Patrícia Carrion Nogueira de Freitas / Thamires Morette Barbosa

**ATM-2021/2:** Lutero Regis Segalin Cassol

**ATM-2023/1:** Matheus Augusto Schulz

**ATM-2024/2:** Pedro Henrique Evangelista Martinez

## **AMIGOS DA LEIGA**

Adrienne Sassi / Althen Teixeira Filho / Antônio César Gonçalves Borges / Celene Longo / Christina Gurvitz / Elaine Tomasi / Felix Antônio Insauriaga Santos / Gessyka Oliveira / Gilberto de Lima Garcias / Jr Serviços / Leandro Reckers / Leda Ferreira Borges / Luciana Martins / Luiz Fernando Barbosa Barros / Marcos Renato dos Santos / Maria Aurora D. Chrestani / Maria Ester Sigaran Pio de Almeida / Maria Laura Vidal Carret / Paulo Abreu Barcellos / Paulo Salim / Rogério da Silva Linhares / Rosana Mendonça de Souza / Rosana Souza Van Der Laan / Silvia Elaine Cardoso Macedo / Simon Orlando Halpern / Sônia Leny C. Alt.



A escrita da história pressupõe, entre outros aspectos, a opção por caminhos a seguir, seja no campo teórico, seja no metodológico. Tal fato, por si só, antes de ser um problema, se reveste de potencial oportunidade para que outras narrativas sejam criadas, como, por exemplo, àquelas construídas a partir da oralidade.

No livro, Lorena Almeida Gill opta por narrar a história dos 60 anos da Leiga a partir do protagonismo de mulheres e homens que construíram a trajetória dessa importante escola médica de nosso país. De Naum Keiserman às primeiras médicas formadas pela Faculdade; de docentes, técnicos e acadêmicos à trajetória dos primeiros cotistas negros, quilombolas e indígenas. Da luta pela criação de uma faculdade leiga à histórica e, ainda atual, busca por um hospital próprio.

O fio narrativo da obra aborda particularidades na construção de uma Faculdade Médica no sul do sul do país que, em que pese sua posição geográfica, soube impor-se em diversos campos de atuação com contribuições universais à prática da Medicina.

Há outras formas de contar essa história? Certamente. Contudo, a escolha pela valorização das pessoas e seu papel na constituição da Leiga denota um olhar humano e singular para uma faculdade historicamente humanizada e preocupada em formar profissionais com uma visão humanizante da Medicina e da prática médica.

Paulo Koschier



**UFPEL**

REALIZAÇÃO



APOIO BRONZE

APOIO PRATA

**DR. FLÁVIO TSUYOSHI SUTO**

PATROCÍNIO DIAMANTE